

Este exemplar corresponde à redação final
da dissertação defendida por

NÉSTOR OSVALDO PERLONGHER

e aprovada pelo jurado julgador
CAMPINAS, 30 de JUNHO de 1986. *Mariza Corrêa*

O NEGÓCIO DO MICHÊ

Prostituição Viril em São Paulo

Dissertação de Mestrado em Antropologia Social
apresentada ao Departamento de Ciências Sociais
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação da Prof^a Dr^a Mariza Corrêa

Campinas, 1986

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

À Maria Tereza Araújo

AGRADECIMENTOS

A Mariza Corrêa, pela sua orientação; a Peter Fry, por seu apoio nos tramos iniciais da pesquisa; a Jorge Schwartz, por seu permanente estímulo; a Luiz Orlandi, Suely Rolnik, Maria Manuela Carneiro da Cunha, Luiz Eduardo Soares, Heloísa Pontes, por suas discussões do projeto; a Jorge Beloqui, João Silvério Trevisan, Eduardo José de Sena, Antonio Carlos de Faria, Lilliana Marta Fernández, Luizmar Evangelista, Veriano Terto e, sobretudo, a Pedro de Souza, por suas observações e sua indispensável colaboração na luta contra um persistente portunhol; a Edward McRae e Glauro Mattoso, por suas sugestões e materiais de pesquisa; a Pedro Nunes, Roberto Piva, Darcy Penteado, Zezé Melgar, por suas valiosas informações; a Monique Augras, Graciela Barbero e Sara Torres, por seus comentários críticos; aos michês e "entendidos" da noite paulistana, que me guiaram pelos labirintos do gueto; à CAPES e à FAPESP, por seus imprescindíveis financiamentos; a Angélica Campos Bastos e Sônia Regina Zan Guimarães, por sua datilografia e a Maria Eloisa Pires Tavares, por sua revisão final; a Isabel Carballo, pelo desenho do plano.

"Termina - empieza - alguna cosa.
Una experiencia se suelda con otra
pero no se confunde - fruto de un compromiso
particular; no repetir es la consigna
para seguir investigando donde el camino se interrumpe.
Otra siesta habrá de revelar
lo que otros escondieron o mostraron
pero no supimos describir; a veces sucedió
aunque no durara. Los signos multiplican
nunca cabal conocimiento impedido
por circunstancia dilatoria:
pocos años, poca plata.
Así Gatsby o Stahr contemplan la langosta
expuesta en la vitrina de un café."

ROBERTO ECHAVARRÉN, "Animalaccio"
(1985, p.59)

ÍNDICE

	PÁG.
INTRODUÇÃO	07
. Objeto	08
. A Pesquisa	18
. Perspectivas	31
PRIMEIRA PARTE - ETNOGRAFIA DAS MARGENS	
CAPÍTULO I - O GUETO E A BOCA	56
. A Região Moral	62
. A Boca do Lixo	66
. O Gueto Gay	70
CAPÍTULO II - TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO: O GUETO GAY PAULISTANO ENTRE 1959 E 1984	86
. Período 1959/1979	88
. Período 1979/1984	111
. Micropolítica do "Coming Out"	126
CAPÍTULO III - TERRITÓRIOS E POPULAÇÕES	133
. Os Pontos	134
. Os Gêneros	149
. Os Clientes	159
. Quadro Geral de Nomenclaturas Classificadorias	167
. A Variável Cor	173
. Quadros Gerais de Entrevistados	180

SEGUNDA PARTE - O NEGÓCIO

CAPÍTULO IV - DERIVAS E DEVIRES	195
1 - Sexo Nômade	197
. Nômade/Sedentário	197
. O Nomadismo Urbano	202
. A Reterritorialização Perversa	205
. A Deriva Homossexual	210
. A Estratégia da Paquera	217
. Apêndice - Cinemas, Banheiros	223
2 - Devir, Carreira ou Trajetória	228
. Histórias de Vida	229
CAPÍTULO V - AS TRANSAS	246
. O Dispositivo Libidinal	248
. O Discreto Encanto da Sodomia	252
. As Relações "Horizontais"	267
. Amor e Comércio	272
CAPÍTULO VI - O CONTRATO	281
. A Série de Idade	286
. A Série de Classe	290
. A Série de Raça	294
. A Série de Gênero	295
. A Violência do Contrato	298
O NEGÓCIO DO DESEJO	303
BIBLIOGRAFIA	314

INTRODUÇÃO

. OBJETO

Esta dissertação trata dos relacionamentos entre um tipo particular de prostituto - conhecido como michê na gíria do "mundo da noite" paulistana - e os seus clientes masculinos, num circuito espacial determinado: o "gueto gay" do centro da cidade de São Paulo.

O termo michê tem dois sentidos. Um alude ao ato mesmo de se prostituir, sejam quais forem os sujeitos desse contrato. Assim, fazer michê é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. Em alguns contextos - especialmente entre prostitutas e travestis - o termo pode ser aplicado também ao cliente.

Numa segunda acepção, o termo michê é usado para denominar uma espécie sui generis de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente.

A origem etimológica do termo é obscura. Aluizio Ramos Trinta, na sua tradução de A Sombra de Dionísio de Michel Maffesoli (1985, p.120) relaciona, baseado no Dictionnaire Historique des Argots Français de G. Esnault, micchette ("seio"), miches ("nádegas"), miche ("doença venérea"), michet ("o que paga o amor") e michetonner ("pagar o amor"). Monique Augras (1985, p.107) remete a origem do termo ao argot francês, onde até hoje designa "o homem que dá dinheiro a mulheres para conquistar-lhe os favores", significado semelhante ao recolhido pelo Novo Dicionário da Gíria Brasileira, de Manuel Viotti (1957). Para Augras, esta duplicidade do termo desvelaria certa indistinção básica do mecanismo da prostituição, onde "quem vende se iguala a quem compra".

Cunhamos a noção de prostituição viril para diferenciar esta variante de prestação de serviços sexuais em troca de uma re-

tribuição econômica, de outras formas vizinhas de prostituição homossexual, tanto da exercida pelo travesti - que "cobra al macho por su artificiosa representación de la femeneidad, a la que no le son ajenas las turbadoras urgencias del fetiche" (Perlongher, 1981b, p.68) -, quanto de outros dois gêneros francamente minoritários: o homossexual efeminado que vende seu corpo (chamado michê-bicha); e um tipo de transição, que parece estar emergindo ainda timidamente: o michê-gay.

Em princípio poder-se-ia falar de uma espécie de continuum da prostituição homossexual, que vai desde a "feminilidade" do travesti até a "masculinidade" do michê. Porém, considerar separadamente este último nas suas relações com clientes "homossexuais" (no sentido convencional do termo), além de se sustentar em diferenciações marcadas no plano empírico, permitirá ressaltar uma singular circunstância na qual a masculinidade - tida por "point obscur du discours", "réfèrent a partir duquel se dégagent les spécificités sexuelles" (Querouil, 1978, p.102) - vai ser posta à venda no mercado ruelleiro do sexo.

As diferenças manifestas entre ambos os gêneros "maiores" de prostitutas se explicitam nas descrições seguintes:

a) Descrição de um travesti

"O que mais me impressionou em Agatha foi o rosto - parecia um daqueles rostos que o cinema norte-americano fabrica centímetro por centímetro quadrado, até atingir a mais fria perfeição. Os cabelos louros lhe caíam em cascata até os ombros. A pele do colo era sedosa e bronzeada - os seios, grandes demais, eram vigorosamente eretos. Voltando ao rosto: os zígomas - as 'pommes', como ela chamava - repuxavam levemente os seus lábios, dando ao conjunto um ar atrevido que os olhos completavam - eram castanho-dourados" (Silva, 1981:4).

b) Descrição de um michê

Em Nossa Senhora das Flores, Genet descreve assim o encontro de Seck Gorgui com Divina (a "bicha" do relato), Seck precisava de dinheiro:

"Ele mantinha-se ereto, firme, se bem que um pouco caído para trás, imóvel e sólido na posição de um menino de sacola nas costas, lutando sobre os trêmulos joelhos para mijar contra o nada, ou na pose (...) Colosso de Rodos, que é a pose mais viril dos sentinelas: coxas abertas pousadas sobre botas, entre as quais, elevando-se quase até a boca, eles agarram com as mãos fechadas um fuzil baioneta." (Genet, 1983: 183) (ênfase adicional).

Para superar a distância entre travesti e michê, alguns autores recorrem à analogia. Tanto Fry/McRae (1983) quanto Ottoni (1981) coincidem em afirmar que "o michê é o travesti do homem, assim como o travesti o é da mulher". Rechy (1980), um prostituto memorioso, extrema este paralelo: "A bicha se protege envergando roupas de mulher; o halterofilista se veste de músculos - 'roupa de homem', afinal de contas". A analogia pode ser válida enquanto aponta que não há algo assim como uma "natureza" feminina ou masculina - tratar-se-ia de "construções". Mas sua pertinência vacila se se considerar que, enquanto o michê estaria, no melhor dos casos, exagerando as características socialmente atribuídas ao seu sexo biológico, a atitude do travesti, e da bicha efeminada em geral, implicaria um distanciamento, uma ruptura com os protótipos gestuais e comportamentais masculinos - configurando acaso uma espécie de "devenir mulher" (Guattari, 1981). Contrariamente, qualquer homem jovem poderia, eventualmente, fazer michê, sem precisar de um corte na aparência masculina "normal".⁽¹⁾ Curioso comércio, ou-

(1) Uma bicha entrevistada explica essa versatilidade:

"Na fábrica em que eu trabalho, os homens parecem todos muito machões, mas é claro que transam bicha. Afinal, eles passam muito pouco tempo do dia fazendo o papel de 'marido exemplar': trabalham oito ou dez horas, logo ficam

de os "normais" aparecem prostituindo-se para os "desviantes".

Se, como quer Paul Veyne (1982), cada prática "lança as objetivações que lhe correspondem e se fundamenta nas realidades do momento, quer dizer, nas objetivações das práticas vizinhas" (p.166), não se podem desconhecer certos mecanismos similares entre o negócio do michê e a prostituição de travestis e mulheres. No entanto, estudar autonomamente a prática da prostituição viril obriga a desfazer a costumeira associação entre a venda de favores corporais e a feminilidade. Associação que leva, por exemplo, o delegado Guido Fonseca (1982) a tratar exclusivamente de travestis ao se referir à prostituição masculina, na sua História da Prostituição em São Paulo - apesar de registrar o caso de cinco "pederastas ativos" fichados na polícia em 1923 (p.221). Bruckner e Finkielkraut (1979) interpretam: "Si la prostitución femenina se desarrolla entre mujeres, seguirían siendo las clientas las tratadas de putas, pues es evidente que lo que consideramos prostituido no es tanto el cuerpo vendido como el cuerpo penetrado. Sólo alcanzan esta abyección las mujeres, o, a falta de ellas, los enculados" (p.217).

Correlativamente, a prática da prostituição viril - muito menos institucionalizada do que a feminina - costuma carecer dos ares de fatalidade irreversível que impregnam miticamente a condição de prostituta. Os michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma. O fato de não abandonar a cadeia discursiva e gestual da normalidade, lhes possibilita esses recursos.

... bebendo no bar, logo a viagem até a casa (os trens da periferia são uma coisa fascinante, aí dá para ver como operários muito másculos acabam transando). Claro, quando eu me insinuo e os convido à minha casa, falam que só por dinheiro, só por uma nota... Mas eles não são necessariamente michês; só que qualquer macho pede dinheiro para dissimular o fato de estar transando com um outro homem."

Outra diferença destacável com a prostituição feminina é dada pela habitual ausência de proxenetas no meio dos rapazes de rua.⁽²⁾ Haveria, aliás, uma dissimilitude mais estrutural, que remete ao diferente status socialmente atribuído a "machos" e "fêmeas". Conseqüentemente, se no caso da prostituição feminina a "exploração" da mulher é explícita no discurso social dominante, no negócio do michê a superioridade sócio-econômica do cliente comprador pode aparecer, até certo ponto, "compensada" pela valorização do michê másculo em detrimento da inferiorização do cliente "bicha".

De modo global, o prostituto viril seria uma subespécie dentro de um tipo mais extenso: o macho ou bofe, um varão que sem abrir mão do protótipo másculo, nem necessariamente se prostituir, se relaciona sexualmente com "bichas" (ou seja, homossexuais efeminados).

Esse modelo de relacionamento sexual intermasculino é (como já mostrou Peter Fry, 1982) clássico no Brasil. Trata-se de um modelo "popular" ou "hierárquico" ("a bicha é a sola do sapato do macho", condensa perante Fry uma das suas vítimas), conforme o qual os parceiros se classificam pela sua posição no coito. Mas esse modelo "bicha/macho" está em concorrência com outro, "moderno" ou "igualitário", onde já não a bicha efeminada e "passiva se submete perante um bofe viril e "ativo", mas um sujeito assumido como "homossexual" (como os "entendidos" de Guimarães, 1977) se relaciona de igual para igual com outro homossexual - modelo "gay/gay".

Assim, a irrupção de um novo modelo classificatório (num processo que levantamos historicamente, através de uma análise das mudanças categoriais e territoriais no seio do gueto gay paulistano entre 1959 - data do trabalho pioneiro de Barbosa da Silva - e

(2) Não se registrou nenhum caso de "cafetão de michês" no gueto paulistano. No entanto, esse personagem apareceria, ainda em forma incipiente, na Cinelândia carioca.

1984), ao se deslocar e se superpor ao anterior, produz uma proliferação, confusão e acentuada mutabilidade/precariedade das categorias.

Essa oscilação atinge sua expressão categorial com a aparição, ainda incipiente, de um novo personagem: o michê gay - que, ainda que "assumindo" discursivamente sua condição de homossexual, não deixa de se prostituir para "coroas" (velhos) e "mariconas".

Em princípio, a análise vai se centrar no michê-macho ou michê-mesmo (não interessa se fingidamente ou não) nas suas relações com clientes masculinos. Novamente, os lugares categoriais não se apresentam como entidades fechadas e exclusivas, mas como pontos de um continuum, de uma rede circulatória. Assim, um michê - como os internos do Mettray geneteano ⁽³⁾ - poderá ser macho num contexto e bicha (ou gay) no outro; às vezes, a variação poderá acontecer no mesmo espaço. Conta um michê:

"Cheguei numa festa com um cliente que eu transava; aí tinha boys (bofes, michês) e mariconas. Mas eu bebi demais e comecei a desmunhecar, ter trejeiros femininos, virei bicha. Aí a bicha que estava comigo virou macho e começou a me disputar com os outros michês que queriam me comer".

Também pode acontecer que os michês tenham relações com mulheres, seja ou não por dinheiro. Na área da prostituição de rua que estudamos, a incidência da clientela feminina é insignificante. A respeito das relações "não-prostitutivas" dos michês, elas fogem

(3) No reformatório de Mettray pintado por Genet, os internos estavam divididos em "famílias" conforme a idade: cada "família" tinha um "irmão maior" que dominava, despótica e sexualmente, os menores. Mas este "irmão maior" podia ocupar um lugar de inferioridade na sua própria "família", assim: "los hermanos mayores de las familias C y D eran siempre garzón de un bravo de las familias A y B" (Genet, 1980. p.239).

do campo do nosso trabalho; não obstante, no capítulo dedicado às transas, nos referimos sumariamente a elas. Porém, essa heterossexualidade parece ser invocada muito mais vezes do que efetivamente praticada. Como os michês entrevistados "em profundidade" o revelam, gabar-se de heterossexualidade soma pontos perante os clientes, que, em grande parte, procuram rapazes que não sejam homossexuais.

Aqui nos encontramos com um primeiro paradoxo que vai marcar o negócio todo. Num apreciável número de casos, os rapazes que se prostituem não são ou não se consideram homossexuais; e esta recusa da homossexualidade vai de encontro à demanda dos clientes, os quais, como o grosso dos homossexuais mediterrâneos, segundo Pasolini:

"amam ou querem fazer amor com um heterossexual disposto a uma experiência homossexual, mas cuja heterossexualidade não seja em absoluto questionada. Ele deve ser 'macho' (donde a falta de hostilidade para com o heterossexual que aceita a relação sexual como simples experiência ou por interesse: com efeito, isso garante sua heterossexualidade)" (Pasolini, 1978, p.2).

Se este primeiro paradoxo pode ser pensado como uma maneira de legitimar a transgressão do interdito que desestimula as práticas homossexuais (com raciocínios do tipo: "Eu cobro para não passar por bicha"), a esta permanente contradição e instabilidade (já que nunca se sabe se os rapazes são ou não homossexuais, e isso constitui uma fonte de polêmicas, conflitos, gozos etc.), o negócio do michê soma uma outra peculiaridade, que faz referência à diferença de idades entre o prostituto e seu cliente. Em geral, a idade clássica para o exercício da profissão oscila entre os 15 e os 25 anos, enquanto os clientes costumam ter mais de 35 anos.

A minoridade econômica e sexual dos rapazes - observam Schêrer e Hocquenghem, 1977 - pode revestir episodicamente a forma de prostituição nas suas relações com varões adultos, sem que isso

se torne necessariamente institucional, declarado ou sistemático. Por outra parte, sendo a pedofilia socialmente desestimulada, os pederastas maduros não teriam às vezes outro recurso senão pagar para aceder a um objeto sexual "raro", preso numa constelação de instituições custodiais: o adolescente.

Esta depreciação erótica dos "coroas" não é privativa das relações de prostituição viril, mas - como já registrava Hooker (1973) no gueto gay de San Francisco - parece característica do que ela denomina o "mercado homossexual". Esse mercado homossexual está composto de massas de indivíduos à procura de um parceiro sexual ocasional e sem compromisso (programa de uma noite). O "encontro de estranhos com o fim essencial de fazer um acordo para engajar-se numa atividade sexual" ("paquera" ou cruising) constitui, no dizer de Hooker, "um dos modelos mais padronizados e característicos do mundo homossexual": ainda que seria também comum, achamos, às práticas extraconjugais e promíscuas em geral, próprias do "mundo da noite" - expressão de uso popular acaso preferível à de "mundo homossexual", que imagina o homossexualismo como um universo fechado e contrastivo.

O campo de circulações se urde em territórios mais ou menos circunscritos, cujos focos são tanto bares, boates, saunas, cinemas e outras opções de lazer consumista, como meros pontos de passagem e perambulação (praças, esquinas, ruas, banheiros, estações etc.). Park concebe a noção de "região moral" para referir-se às zonas de perdição e vício das grandes cidades (espécie de esgoto libidinal das megalópoles, condição residual que ecoa em alguns topônimos, como "Boca do Lixo").

O fato de que o "gueto" ou "mercado" homossexual esteja encravado no seio da "região moral" - isto é, em relações de contiguidade com outros "códigos-territórios" (Deleuze e Parnet, 1980, p.146) marginais, não apenas tem conseqüências em termos de "paisagem" urbana, mas também em termos de "passagem" relacional. É certo que os pontos de michês e bichas, e os pontos de prostitutas e cafetões, costumam estar sutilmente demarcados. Mas os mi

chês - com frequência lúmpens, desempregados, "desarraigados", sociais, que, como apontava Riess (1965) a respeito dos hustlers americanos, "consideram sua atividade como um substituto aceitável de outras formas de delinquência -, podem constituir uma espécie de ponte entre as marginalidades sexuais e criminais.

Essa proximidade com o crime se denota em certa disposição à violência confiscatória - ou predatória - que, porém, não se verifica em todos os casos. Essa violência pode ser constitutiva do protótipo de masculinidade encarnado pelo michê. Mas esses estouros podem surgir não apenas como reação perante "excessos" nas efusões libidinosas dos clientes, mas também se alimentarem de diferenças de status sócio-econômico, às vezes gritantes, entre o prostituto e o pederasta.

Como examinaremos mais detalhadamente, o quadro relacional que esboçamos faz referência, grosso modo, a pelo menos três grandes oposições binárias (Deleuze e Parnet, 1980), que sobreco-dificam o socius global. Essas oposições seriam:

- de idade (velho/jovem);
- de status sócio-econômico (rico/pobre, ou ainda "integrado"/marginalizado);
- de gênero sócio-sexual (masculino/feminino: bofe/bicha).

Em torno basicamente desses três grandes eixos vão se articular os atributos que se valorizam no negócio da prostituição viril.

Para poder reconhecer não somente os lugares ocupados pelos sujeitos na cerimônia do encontro, mas também situar a relação no entramado de um continuum "sexo-dinero" onde fluxos libidinais são convertidos a segmentos monetários, será preciso um dilatado percurso.

Em primeiro lugar, procurar-se-á situar o negócio num contexto histórico e geográfico, procedendo a uma "Etnografia das

Margens" (Capítulo I), na qual se monta um esquema histórico da evolução do "gueto gay" paulistano, tanto na sua face territorial quanto categorial, abrangendo os últimos 25 anos.

A seguir, uma etnografia dos territórios e populações envolvidos no circuito da prostituição viril. Incluem-se também um quadro geral de nomenclaturas classificatórias e um quadro geral de entrevistados michês, clientes e "entendidos", segregados segundo variáveis sociológicas.

Desenvolve-se depois uma tentativa de movimentar o quadro situacional, dividida em "Derivas" - transcrição e análise dos mecanismos de abordagem entre prostitutas e clientes, da perspectiva do nomadismo urbano - e "Devires", ou seja, as trajetórias existenciais de alguns prostitutas que poder-se-iam considerar como "modelares".

No Capítulo seguinte, "As Transas", introduz-se uma discussão mais teórica, "O Dispositivo Libidinal", que pretende fornecer subsídios para entender os deslocamentos de desejo no código da prostituição. Abordamos logo - sob o título de "O discreto encanto da sodomia" - uma temática mais etnográfica, tentando discutir a centralidade do coito anal e suas derivações, entre outras "técnicas corporais". No momento próximo, fala-se a respeito das relações "horizontais" dos michês (com outros michês, com malandros, com mulheres), para passar à análise de algumas relações mais prolongadas entre prostitutas e clientes, sob o paradigma "tio/sobrinho".

Aborda-se, então, à maneira de condensação, a distribuição dos atributos no contrato da prostituição viril, conforme um esquema experimental de três séries: de idade, de classe, de gênero, e uma quarta "oculta": raça.

Nas conclusões, procura-se basicamente extrair postulados teóricos relevantes para a questão, dando conta dos processos de desterritorialização e reterritorialização que marcam, neste

caso específico, a conversão econômico-libidinal, quanto das peculiares condições dessa troca, onde certo desmedurado impulso de perda - que faz lembrar as análises sobre o potlatch de Mauss e Bataille - se conduna com uma proliferante "paixão pelo código", permitindo ver como o desejo "investe" as regras sociais, ou é capturado por elas. Mostrar um caso singular onde intensidades pulsionais e normas sociais se agenciam, misturando-se quase que inextricavelmente, pode ser considerado a aspiração final da dissertação.

. A PESQUISA

Os dados foram tomados na área do centro da cidade de São Paulo, que configura uma espécie de "gueto gay" enclavado no seio da "região moral", e colhidos a partir de observações de campo realizadas entre março de 1982 e janeiro de 1985. A pesquisa não se pretende estatística - o infrequente recurso à aritmética tem apenas um valor indicativo. A investigação pode se definir como exploratória, descritiva e qualitativa.

O método utilizado para as observações concorda com essa caracterização da pesquisa. Primeiramente, procedeu-se à delimitação de um território (ver Planta, p.), privilegiando a prostituição de rua sobre as formas de prostituição em locais fechados (saunas, boates, bordéis, casas de massagens). Não obstante, se incluem alguns dados dessas variantes de prostituição a nível comparativo. Em segundo lugar, recorreu-se às técnicas antropológicas de "observação participante", cujas condições de utilização merecerão um tratamento especial. No que diz respeito ao universo da pesquisa, ele inclui os michês, seus clientes e uma categoria sui generis, os entendidos - ou seja, aqueles que ainda sem se envolverem diretamente no negócio participam das transações do mercado homossexual e conhecem os mecanismos da prostituição viril.

A pesquisa aspira a se enquadrar no campo da antropolo-

gia urbana que, filha do deslocamento dos antropólogos desorientados pelo fim da dominação colonial e a progressiva extinção dos objetos de estudo,⁽⁴⁾ deve respeitar as diferenças derivadas de uma abrupta mudança de contexto, da tribo primitiva à megalópole contemporânea.

Se a predileção pela observação de "microunidades relacionais" (Althabe, 1978) é própria da antropologia em geral, no caso das cidades a exigência de "unidade de lugar" ou território único deverá ser deixada de lado em benefício da plurilocalidade das "sociedades complexas", privilegiando os "espaços intermediários" da vida social, os percursos, trajetórias, devires da experiência cotidiana. Também não se poderá impor uma rígida exigência de homogeneidade do grupo observado, própria da "etnologia exótica", não se tentará detectar "unidades reais de funcionamento" (Piedelle e Delaunoy, 1978); a mesma noção de grupo verá diminuída no contexto urbano, sua importância, em favor das "microrredes" relacionais.⁽⁵⁾ Assim, a pesquisa antropológica no meio urbano centrar-se-á no nível micro; as relações interpessoais vão constituir, no dizer de Althabe, a "unidade local da etnologia urbana". Aliás, esse nível micro é o lugar onde se processa a interiorização da "reprodução das relações sociais", mas também pode funcionar como um lugar de resistência à ordem social dominante, onde se desenvolvem fenômenos irredutíveis a nível macro. Não haveria, entre ambos os níveis, uma relação de causalidade fixada com antecedência, mas uma dinâmica de tensão contínua. Correlativamente, não

(4) Essa filiação da antropologia é histórica e factual, e não pretende negar os esforços de alguns antropólogos por desvincularem a disciplina de seu objeto temporal, os outros, considerando-a por seu método de observação e abordagem, e não por seus objetos circunstanciais. É interessante a sugestão de Veyne (1982, p.142), no sentido de considerar a ciência social como disciplina auxiliar da história.

(5) Para uma visão da cidade como um "espace fluide", atravessado por "reseaux invisibles", ver Daghini, Giairo (1983) ("Babel-Métropole", Change International, nº 1, Paris, automne).

será pertinente considerar o campo empírico como um plano de constatação de hipóteses rigorosamente preestabelecidas, mas enquanto local de experimentação conceitual. Assim, as noções instrumentais tenderão a seguir os movimentos reais das práticas observadas, visando, se for preciso, flutuantes (como acontecerá, por exemplo, com a própria noção de "gueto homossexual").

No que diz respeito ao campo específico da antropologia brasileira, a pesquisa insere-se no projeto, ainda provisório, de uma "antropologia das relações sexuais" convocada por Fry (1982) ou, mais propriamente, na linha de pesquisas antropológicas sobre sexualidade, algumas de cujas contribuições serão mencionadas ao longo da exposição. ⁽⁶⁾ O enquadramento antropológico transparece na abordagem do fenômeno. Da mesma maneira que o antropólogo das sociedades "exóticas" procura conhecer e descrever - num momento, embora superável, inevitável - as "teorias nativas", nossa premissa é que certa "teoria espontânea" informa as relações locais entre prostitutas e clientes. Conseqüentemente, tentar-se-á detectar e identificar esses "teóricos", em detrimento de uma aproximação estatístico-quantitativa, cuja concreção é, aliás, muito problemática.

Modalidades de Abordagem

A primeira dificuldade que enfrenta um estudo sobre a prostituição viril passa, conforme Schärer e Hocquenghem (1977), pela clandestinidade em que tais relações se consumam. A afirma-

(6) Cito algumas: Regina Mazzariol (UNICAMP, 1976) estuda as prostitutas confinadas em Campinas; Carmen Guimarães (Museu Nacional, 1977), a constituição do "entendido" num grupo homossexual de classe média-alta; Renan S. de Freitas (IUPERJ, 1983), a "negociação de identidade" entre prostitutas e clientes num bordel mineiro; Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional, 1984), a "constituição de identidade" das grotas de programa cariocas; e Edward McRae (USP, 1985) pesquisa a "afirmação homossexual" do Grupo Somos de São Paulo.

ção de Schérer e Hocquenghem é de 1977; no ínterim, a prostituição masculina tem proliferado sob formas legais ou semilegais: casas de massagem, bordéis, saunas, serviços a domicílio etc., substituindo a rua como local único de recrutamento. Contudo, a chamada "baixa prostituição", que recorre à prática do trottoir, continua estando circundada de um véu de mistério. O primeiro trabalho do pesquisador será, então, planejar uma estratégia para fender essa penumbra.

Os estudos sociológicos sobre a questão ⁽⁷⁾ podem diferenciar-se conforme a estratégia de acesso escolhida. A abordagem institucional ou custodial - entrevistando prostitutas internados em reformatórios - está descartada por razões tanto políticas quanto técnicas. Pelas primeiras, prefere-se abordar os sujeitos em liberdade, no seu "habitat" natural. A possibilidade de entrevistá-los quando prisioneiros - completamente válida em se tratando de um estudo sobre adolescentes concentrados - desvela, por sinal, uma espécie de cordão umbilical que amarra a prostituição às formas mais engajadas de delinqüência ou "malandragem" em geral.

A opção de abordar os prostitutas nos seus locais de trabalho abre duas modalidades diversas, conforme o conhecimento entre as partes da relação tiver lugar em espaços "fechados" (saunas etc.) ou "abertos": esquinas, praças, bares, mictórios etc.

(7) Os estudos específicos sobre a questão não são numerosos. Entre os que abordam prostitutas recolhidos em centros correcionais, Riess (1965) entrevistou rapazes entre 12 e 17 anos de idade internados na Tennessee State Training (USA) e procura estabelecer as regras que regem o comércio; basicamente, predomínio do interesse econômico sobre a satisfação sexual, redução do contato da relação boca-pênis; distância afetiva; e não recorrer à violência enquanto a relação se mantenha conforme essas normas, que seriam impostas pelos "passivos de felator delinqüentes". Por sua parte, Schmidt - Releberg et alii (1975, citado por Schérer e Hocquenghem, 1977) entrevistam um grupo de 25 rapazes num centro de triagem de jovens prostitutas e delinqüentes de Hamburgo; como conclusão do estudo, sugerem uma discriminação da prostituição masculina, favorecendo a integração dos prostitutas no convívio homossexual, como forma de inserção na ordem social.

No segundo grupo, de abordagem livre, *Boys for Sale*, de Dennis Drew e Jonathan Drake (1969, *apud* Schérer e Hocquenghem, 1977) situa-se a meio ca-

Cada um desses espaços vai exigir formas diferenciadas de aproximação - tanto da parte do entrevistador quanto dos interessados na transação.

No caso dos prostitutas de sauna, bordel, casa de massagem, o acesso é facilitado por se tratar de um local fixo de trabalho: basta dirigir-se ao local para aí achar os prostitutas. Essa trivial facilidade choca-se, porém, com um obstáculo: o preço do ingresso ao local, ou de acesso ao próprio prostituto.

Por exemplo, no caso de algumas saunas, o usuário deve pagar uma taxa de ingresso e depois um preço extra pelos serviços do prostituto. A conta pode atingir por volta dos US\$ 20 na sauna Fragata (Pinheiros).

O acesso a prostitutas em bordéis depende do local: no descrito por Alves de Almeida (1984), conversa-se livremente com os rapazes antes de passar para o quarto. Mas, para entrevistar um prostituto carioca, Trevisan (nov., 1980) teve que fazer o trabalho no próprio quarto, corpo a corpo.

Também os serviços a domicílio devem ser pagos, independentemente do uso, segundo a experiência - com fins jornalísticos - de Agninaldo Silva (nov., 1980).

... minho entre a informação verificável e a extrapolação delirante, entrevistando 22 rapazes do gueto de New York, entre 12 e 19 anos de idade, e fornece uma imagem da prostituição dos rapazes mais ou menos filantrópica, não contraditória com a inserção familiar e social. Da sua parte, Hennig (1978) dá uma imagem fluente da "geographie da passage au masculin" que "les garçons de passe" haveriam inventado, reproduzindo entrevistas a prostitutas de ruas, travestis, sadomasoquistas, funcionários sociais e um cliente, as quais não são objeto de uma análise sistemática. A tese de Alves de Almeida, Michê (1984) é eminentemente descritiva, e classifica os prostitutas segundo o local de trabalho: casas de massagens, saunas, bordéis, ruas, boates, sendo, mais que um estudo analítico, uma espécie de "guia social", inspirado no Guia Gay do Grupo Outra Coisa (1982). Outros autores trabalham basicamente sobre fontes secundárias, como Simon Raven ("El Prostituto en Londres", 1965), Hoffman ("Male Prostitute", 1979), Weeks (1981) e o já citado "Sur la Prostitution des jeunes garçons" de Schärer e Hocquenghem (1977). Tanto estes quanto outros textos (literários, jornalísticos etc.) são citados ao longo da exposição.

Além do obstáculo representado pelo pagamento existe um segundo inconveniente, que é a seleção prévia à qual os rapazes são submetidos por parte dos administradores dos locais fechados de prostituição masculina, visando garantir as condições de segurança e qualidade vendidas ao cliente. O grau de rigor da seleção diminui nos locais onde o contrato é estabelecido diretamente entre o prostituto e o fregues (sauna Fragata, boates Wall Show e Val Improv, sauna Alterosas etc.) e aumenta nas casas de massagem e nas agências a domicílio. O objetivo da seleção é impedir que o rapaz agreda ou roube o cliente.

Restringindo a observação aos locais fechados, aliás, corre-se o risco de conceber uma imagem excessivamente bem-comportada dos prostitutos, em detrimento da sua proverbial periculosidade. Neste risco parece cair, em decorrência das próprias limitações do seu campo ou de sua escassa inserção no meio (ele se declara "heterossexual convicto"), Alves de Almeida, quem tende a dar um panorama excessivamente feliz da "vida fácil". Na mesma ilusão enveredam alguns artigos jornalísticos (Internacional, 1984; Veja, 1980), na medida em que outorgam uma atenção preferencial à alta prostituição e deixam num segundo plano a arriscada prostituição de rua. Esse risco agrava-se quando intervém a pretensão de dar uma imagem global da prostituição masculina em São Paulo.

Nesse caso, preferimos renunciar a essa pretensão totalizante, restringindo-nos a uma modalidade particular da prostituição viril: o michê de rua - ou seja, aquele que vende seus encantos em pontos - esquinas, bares de livre acesso, flipperamas, ruas etc. Embora o estudo abranja a área do Centro da Cidade de São Paulo, tem-se privilegiado alguns pontos de observação: as "áreas" de Ipiranga, São Luiz, Marquês de Itu e Largo do Arouche, e adjacências.

É verdade que, dado o clássico nomadismo dos michês de rua, eles costumam não se restringir a um único ponto, mas perambular de um local para o outro. Porém, a rua pode funcionar como o grande coletor das diferentes formas e gêneros da prostituição

viril: não é incomum, aliás, que prostitutas de sauna ou de boate, e prostitutas também na rua. Tais locais fechados ficaram fora da área preponderante de observação - a não ser eventuais referências comparativas. Para abrangê-los, seria necessário, talvez, um estudo específico, do tipo dos de Carlos Nelson F. dos Santos (1976).

Optou-se também por não levar em consideração os pontos de prostituição viril fora do centro "velho" da cidade, como os do Ibirapuera e Trianon (Av. Paulista).⁽⁸⁾ Uma eventual continuação da pesquisa poderia talvez incluí-los. Preferiu-se, no entanto, aprofundar o sistema de relações vigente nas bocas, subindo tradicional da marginalia e a prostituição. Essa escolha se relaciona com o interesse em ter acesso a prostitutas de estrato mais baixo, provindos geralmente das classes populares, e que são maioria na área, enquanto as áreas não-centrais costumam estar percorridas por prostitutas de estrato "meio".

. Inserção no Meio

A observação participante, recomendada classicamente pela antropologia, exige um grau considerável de interação e integração com o grupo estudado. Em alguns estudos recentes sobre grupos organizados de minorias - como o de Heloísa Pontes (1985) sobre feminismo e o de Edward McRae sobre grupos gays -, a observação chegou a uma intervenção ativa no seio do objeto da pesquisa. Este alto grau de participação tem sido legitimado por razões tanto metodológicas - porque permite estudar o grupo "desde dentro" - quanto diretamente políticas. Assim, os defensores da pesquisa participante propõem-se a contribuir no desenvolvimento e na organização do grupo com seu trabalho de pesquisa, compromisso que assume por vezes a forma de uma "devolução de informação".

(8) Já no fim da pesquisa de campo, observamos que alguns michês que perambulam na área do Trianon são às vezes os mesmos que se prostituem no "ponto" da Avenida São Luiz.

Ainda reconhecendo sua proibidade, este recurso não deixou de ser criticado pelos excessos nos quais se presta, que acarretam o risco de passar da "observação participante" à "participação militante", conforme adverte Durham (1985) - conotando eventuais repercussões no delicado campo da relação saber/poder (Foucault).

No caso dos prostitutas de rua, eles não costumam conformar, em geral, grupos organizados formalmente. O desejo de organizá-los politicamente não foi formulado mais que excepcionalmente, da perspectiva anarquista (JJ Fernandez, 1978), ou gay radical (Mieli, 1979); sabemos de tentativas de recrutamento de prostitutas por parte de grupos fascistas.⁽⁹⁾ A observação participante deverá, então, apelar a técnicas menos politizadas.

Uma das alternativas levada à prática por Vieira Arruda (1985) no seu trabalho sobre menores infratores, entre outros, consiste em se integrar total ou parcialmente às próprias gangues de jovens. O exemplo clássico é o estudo de Whyte (1965). Porém, os bandos informais de michês parecem carecer de um grau de consistência grupal comparável aos grupos de amigos de bairro. O tema será rediscutido mais adiante.

Há, aliás, uma outra dificuldade, que diz respeito às próprias condições de integração do pesquisador. No meu caso, tanto a idade - consideravelmente superior à média etária dos michês, que gira em torno dos 20 anos - como meu aspecto intelectual, atraíam uma aceitação ampla por parte das gangues informais.

(9) Em 1984, descobriu-se um grupo neonazista espanhol chamado "Edelweiss", vinculado a redes de prostituição masculina operando no Brasil, Honduras e Marrocos (Folha de S.Paulo, 06.12.84), que recrutava prostitutas para treiná-las militarmente; a preparação para o combate incluía práticas homossexuais (Frota Neto, Folha de S.Paulo, 01.12.84). Na pesquisa, detectou-se um prostituto carroça militante num grupo fascista brasileiro.

A solução veio quase que naturalmente: não há melhor maneira de estudar o trottoir do que fazendo trottoir. O trottoir é, por sinal, um fenômeno pouco estudado. Num dos escassos trabalhos sobre o tema, a assistente social Alvamar Meira (1957) aborda o trottoir de prostitutas paulistanas de uma perspectiva filantrópico-policial. Trabalhos sobre menores abandonados, aliás, têm-se realizado sob a cobertura de instituições religiosas. Cabe supor que os michês - pouco habituados à filantropia ambulante - mostrar-se-iam relutantes perante tais apresentações.

A estratégia adotada tem sido a de procurar uma interação sistemática e eficiente com as populações do "gueto gay" do centro da cidade. Esta foi facilitada tanto por experiências anteriores - meu trabalho sobre a prostituição masculina em Buenos Aires (Perlongher, 1981a) - quanto por fatores residenciais. Não necessitei - como Maria Dulce Gaspar, na sua pesquisa sobre "garotas de programa" cariocas - alugar um apartamento na área, já que residia na mesma zona de trottoir, a poucos quarteirões dos pontos principais da pesquisa.

1. Coleta de Dados

Esboçada grosso modo a estratégia, ficam por analisar as técnicas. Orientei-me a entrevistar três grandes grupos: michês, clientes e "entendidos". Por "entendidos" alude-se não somente a população homossexual "moderna" - no sentido utilizado por Fry e Guimarães -, mas se atribui um duplo sentido ao termo (pessoas que "sabem" do negócio). A categoria foi útil, também, para encarar alguns homossexuais reticentes a autoconsiderarem-se clientes, sob o expediente de contar - enquanto "entendidos" - histórias de "outros". A eles recorreu-se, aliás, para colher informação a respeito da história do gueto. Alguns desses "entendidos" tinham tomado parte do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, e tinham antecipadamente certa preocupação reflexiva sobre o assunto. Outros constituem uma espécie de "intelligentsia orgânica" do gueto.

Partindo dessas idéias gerais, as incursões se alternaram ao longo de quase três anos, com uma frequência de percurso dos locais de "pegacao" de duas ou três vezes por semana. Procedeu-se, por assim dizer, a uma espécie de implantação no gueto, procurando-se, a partir daí, percorrer e decifrar os seus labirintos.

Recorreu-se a três grandes modalidades de coleta de material empírico:

- observações livres, que consistiam na realização de itinerários de "pegacao", colhendo impressões, descrições, situações e cenas da maneira mais minuciosa possível;
- entrevistas itinerantes: no seio desses percursos, costumava encontrar com michês, clientes ou entendidos, com os quais tentava algum contato verbal. Registraram-se fundamentalmente as entrevistas itinerantes com michês. Sendo os contatos com "entendidos" muito mais numerosos, só se registraram aqueles significativos;
- entrevistas profundas: quando se conseguia prolongar o contato, entrevistava-se o sujeito, revelando a condição de pesquisadoras só depois de um lapso razoável de conversa (40 minutos como mínimo; as conversas podiam durar até quatro ou cinco horas). Noutras oportunidades, os contatos para entrevistas profundas foram feitos fora do circuito do trottoir, através dos "entendidos" e, em alguns casos, dos próprios prostitutas. Nesse caso, a condição de pesquisador era manifestada a priori.

Os contatos com "entendidos" não ofereceram grande número de dificuldades, a não ser a alegação de ignorância a respeito do negócio do michê, por vezes verossímil. A interação foi facilitada por certa proximidade existencial, já que eu mesmo costumava ficar nos bares gays entre um percurso e outro. Conheço muitas dessas pessoas por laços pessoais ou através do Círculo de Estudos do Grupo Somos (1982) e do Coletivo O Corpo (1983). O fato de ser um

pesquisador não chamava geralmente a atenção deste pessoal.

Diferente foi a relação com os prostitutas, que previ já no início carregada de dificuldades. Nos contatos itinerantes costumava ser tido - ainda sem propor-me a isso - como cliente potencial. Deixando correr essa confusão, adverti sua utilidade, já que isso permitia descobrir os mecanismos reais (e não meramente discursivos) do contato prévio à relação. Assim também, para estabelecer esses contatos, foi preciso seguir os "rituais da interação" próprios do meio. Isto é, ainda reconhecendo algum rapaz como michê, não era tecnicamente recomendável chegar até ele sem o ritual de olhares, gestos e deslocamentos que precede rotineiramente as conversas entre desconhecidos nos circuitos do trottoir homossexual.

A não-explicitação da condição de pesquisador foi decorrente então das próprias condições do meio. Os próprios michês preferiam, por vezes, ignorar esse detalhe, embora estivessem dispostos a falar. Assim, um michê com quem mantive uma relação contínua (julho 1982/setembro 1984) desaparecia cada vez que eu ameaçava gravar; porém, participou animadamente da discussão de alguns pontos da pesquisa, sabendo que suas declarações seriam reproduzidas "de cor". Um outro michê - contatado na rua - praticamente deixou de falar quando eu tirei caneta e papel pronto a registrar seu discurso (felizmente fez isso quando a conversa estava já muito adiantada e foi possível continuá-la). Não houve problemas, no entanto, para gravar uma entrevista com um prostituto enviado por um cliente. Um ex-michê também não opôs resistência à gravação, tendo realizado quatro sessões de conversa. Alguns desses longos depoimentos configuram de fato histórias de vida.

Embora a dificuldade de gravar as entrevistas com prostitutas possa incidir na fidelidade do material colhido, também não era recomendável percorrer os perigosos itinerários do michê provido de um gravador, que teria sido provavelmente confiscado.

Para entrevistar os clientes, recorri a contatos inter-

nos do próprio gueto. Como muitos desses clientes eram mais ou menos conhecidos, ou recomendados por contatos comuns, não eram previsíveis dificuldades para entrevistá-los. Embora alguns deles se arrependeram no momento da entrevista ou se recusaram a gravar. No final das contas, entrevistar os clientes acabou sendo até mais difícil do que aceder aos prostitutas. Esse inconveniente se expressa na amostra, já que as entrevistas com clientes são numericamente inferiores às entrevistas com michês. Boa parte da informação recusada foi recuperada sob o expediente de entrevistar clientes, aceitando-os enquanto "entendidos".

Todos esses esclarecimentos tendem a delimitar o campo empírico da pesquisa. Sua condição exploratória decorre, em parte, dessas circunstâncias. O fato de ter conseguido um grau considerável de inserção no mundo da noite, não elimina o risco de interferências subjetivas, que resultam dessas mesmas condições de inserção. Mencionei já a idade, que me situava em determinada faixa do mercado. Também minha qualidade de intelectual me "subguetizava" no ramo específico dos "professores". Por outra parte, minhas próprias condições econômicas me impediam grandes dispêndios - e o fato de não ter carro tornava problemática a aproximação a certo tipo de michês, adeptos exclusivamente à freguesia motorizada. Concretamente, resultava mais propício trabalhar em certas áreas. Não era pertinente, por exemplo, interromper a exibição de um prostituto perante o fluxo dos carros - como acontece sobretudo na São Luiz. Aliás, por razões de segurança, evitei por vezes os locais excessivamente perigosos - como os jardins da Praça da República ou da Praça Dom José Gaspar depois da meia-noite. Daí que alguns locais menos densos como "pontos" de michê, como o Largo do Arouche, mostraram-se, porém, pelas suas próprias características urbanísticas, mais apropriados para as entrevistas, por se tratar de um espaço de "repouso", onde os candidatos ficam sentados nos bancos.

A gravidade das distorções pode, contudo, se tornar mais tolerável levando em consideração as condições particulares da pesquisa. Estatisticamente falando, elas podem se detectar em cer-

ta prevalência dos entrevistados negro e de estrato baixo, no caso dos *miches*. No caso dos clientes, foi de fato mais fácil acessar aos transeantes que aos motorizados. Embora esta pesquisa não se pretenda "representativa", pode tranquilizar aos que desejem assim considerá-la, advertindo que ela tende a dar conta antes da "baixa" que da "média" prostituição viril. De alguma maneira, mantém-se certa equivalência - embora não-pontual - entre o tipo de clientes e o tipo de *miches* entrevistados. A maior amplitude da gama de entendidos pode funcionar, de fato, como uma espécie de controle.

Por último, me ocorre acentuar um certo caráter artesanal que a pesquisa antropológica costuma reivindicar para si - sobretudo nas suas polêmicas com os sociólogos. A antropologia, ciência do sutil, não tem as suas técnicas predeterminadas rigidamente: é necessário inventá-las cada vez, conforme as próprias características das populações estudadas.

Além do mais, cabe reconhecer a possibilidade de que o acaso tenha tido, nesta pesquisa, um peso superior ao que habitualmente tem em outras investigações, realizadas sobre comunidades fechadas ou de limites prefixados (como grupos ou bairros). Porém, o mundo da rua é, de certa maneira, o mundo do acaso - não de um acaso caótico, mas de um acaso orientado por módulos de consistência mais "frouxa" que os que regem nos espaços da casa ou do trabalho.

Não cabe considerar esta pesquisa como um estudo sobre uma "comunidade", nem sequer sobre um "grupo", mas como uma abordagem de certa prática e das populações nela envolvidas. O fato de que sua confecção compartilhe as imprevisibilidades (relativas) do *trottoir* não tira, achamos, valor às conclusões que se inferem; porém, as submete à marca dessa prática. Que um estudo sobre o real leve na sua construção as impressões desse mesmo real deveria, talvez, antes nos aliviar do que nos envergonhar.

. PERSPECTIVAS

A visibilização do homossexualismo - ou seja, o fato de torná-lo visível - é o espetáculo de nossa época. Como observa Ariès (1983, p.74), "o enfraquecimento da interdição da homossexualidade é um dos traços surpreendentes da atual situação moral das nossas sociedades ocidentais". A "saída das sombras" da homossexualidade (ou, como sugerem Bell & Weinberg (1979), das homossexualidades, em atenção à variedade de fenômenos que a enganosa homofonia do termo encobre) implica verdadeiros movimentos de massas que emergem de uma semiclandestinidadade "doentia" e evergonhada, tanto na forma de grupos organizados que reivindicam ruidosamente seus direitos, quanto no notório e visível aumento da presença de homossexuais manifestos nas ruas (ou melhor, em certas ruas) das grandes cidades do Ocidente, incluindo o Brasil. Simultaneamente, uma vasta comercialização da vida gay acionava tanto a aceitação relativa (a "tolerância repressiva" diria Marcuse, 1970) dos antigos sodomitas, quanto a recuperação, por parte do capital, do eventual potencial subversivo das perversões, enquanto encarnadoras da resistência libidinal à domesticação superegógica do "princípio de rendimento" (id). Ainda que parcialmente reciclada nos circuitos do capitalismo consumista, a festa gay parecia interminável. Foucault (1983) comenta como os homossexuais acabariam gozando, "por uma curiosa distorção" da estratégia do dispositivo de sexualidade, "de uma mayor libertad incluso que los heterossexuales en sus relaciones físicas" (p.24/25), desenvolvendo verdadeiros "laboratórios de experimentación sexual" (p.31).

O panorama está mudando abruptamente com a irrupção da AIDS - cujo efeito no circuito do "gueto gay" paulistano escapa, por razões cronológicas, aos limites da pesquisa.⁽¹⁰⁾ Um novo

(10) A pesquisa de campo acaba em janeiro de 1985, e a campanha da AIDS começou a se sentir com força no gueto paulista a partir de março desse ano. O efeito do pânico foi um esvaziamento geral, especialmente do gueto da Marquês (Iver Nogueira de Sá, Folha de S.Paulo, 04/08/85). Aliás, a polícia aproveitou

terrorismo, de inspiração médica, consegue esvaziar o rebulico dos guetos, e ameaça reconduzir os homossexuais a um novo feudo "patológico". Contudo, a visualização, longe de ter diminuído ou retrocedido, parece ter até aumentado, na medida em que os mais secretos detalhes do antigo "pecado nefando" acabariam ganhando a luz pública, pelo show dos shocks das mídias. Aliás, as enunciações desta campanha não parecem ter-se dirigido tanto no sentido de uma extirpação, mas de uma normatização e "conjugalização" dos homossexualismos, aconselhando, por precaução sanitária, reduzir o número de parceiros e de variantes sexuais.

No que diz respeito especificamente à prostituição dos rapazes, essa visibilização tem resultados ambíguos. De um lado, parece notar-se um visível aumento das gangues de jovens que ganham a rua a procura de um cliente homossexual. (11) Não há, porém, dados estatísticos que confirmem essa evidência. No caso do Brasil, a prostituição viril continua rodeada de certa auréola de mistério que parece constitutiva da prática - diferentemente da prostituição dos travestis, publicamente celebrada. Tampouco os grupos de homossexuais organizados têm abundado em reflexões sobre a questão da prostituição masculina, e isso se explica: tanto o michê masculino como o travesti "fêmea" constituem espantalhos com os quais as ideologias da igualdade sexual prefeririam não se enfrentar. (12)

... tou a desertificação do clássico ponto de michês da Avenida São Luiz para "limpá-lo". A movimentação parece ter-se reavivado a partir de novembro de 1985, coincidentemente com os eflúvios do verão, mas sem recuperar os níveis anteriores. Sobre o dispositivo da AIDS, ver Perlongher, 1985a.

- (11) O michê é um personagem internacional: hustler nos Estados Unidos, chaperô na Espanha, taxiboy em Buenos Aires etc. Sua presença é registrada por diversas reportagens: entre outros, Abraham e Dulmers (1982) em Amsterdam; Henning (1983) em Paris. "Gigoló a l'Est" (Gay Pied n.º 39, Junho 1982) trata da prostituição masculina na Hungria. No Brasil, Lampião dedicou um número especial (maio de 1980) ao tema, além de artigos dispersos.
- (12) Ambos fenômenos parecem contraditórios. Não obstante, segundo detecta Cardin (1984) na Espanha e parece também acontecer no Brasil, a nova visibilidade homossexual conduziu a uma popularização dos protótipos mais associados à feminilidade, ou seja, ao modelo "clássico" de relações intermasculinas, enquanto os grupos homossexuais organizados escolhem outro paradigma mais "igualitário".

Correlativamente a esse relativo silenciamento, os dados históricos são também escassos. Fenômenos análogos à prostituição masculina parecem ter sido frequentes na Antiguidade. Reigis, na sua Historia Sexual de la Humanidad (1961), pinta assim a atmosfera de desenfreamento imperante na Roma pagã: "Los gladiadores, favoritos de las matronas, se entregaban en público, al igual que los spadone alquilados, a las más proseras orgías. En la vía Sacra o vía Apia no había más que adultos; en los bosquecillos olímpicos o en los baños públicos se encontraban también niños de ambos sexos, entendidos en todos los refinamientos sexuales. Al templo Venus Adversa llegaban los aficionados a placeres antinaturales" (p.81). Porém, não se pretende aqui traçar uma espécie de arqueologia da prostituição masculina no Ocidente, em parte porque, como adverte Paul Veyne, as similitudes entre esses fenômenos e a prostituição contemporânea não devem ser exageradas: "Prostituição (...) é uma palavra demasiado forte, visto que, em Roma, os instrumentos sexuais, mulheres ou rapazes, eram de tal forma considerados instrumentos passivos que se oferecia claramente dinheiro a essas pequenas criaturas (...); fazer a corte consistia em oferecer uma soma" (Veyne, 1985a, p.44).

Só a partir do grande corte histórico que, na História da Sexualidade (T.I), Foucault traça entre os Séculos XVII e XIX, é que se poderia começar a falar, mais propriamente, de prostituição homossexual masculina. Henning (1978) registra, por volta de 1870, o surgimento de uma singular nomenclatura: "prostitueês" e comenta: "le mot évidemment inusité à l'époque) recouvre, en fait, quelque chose de très hétérogène: (...) des petits vagabonds, des maîtres-chanteurs et leurs appâts, des coquettes de la galerie d'Orléans ou des joyeux succubes des Tuileries" (p.15). Não obstante, o campo semântico do termo privilegiava os atributos passivos e feminídeos e marginalizava os futuros miches: "le petit tapin, c'est le sans-nom" (id). Similar privilégio nos travestis, é concedido, no caso do Brasil, pelo cronista Pires de Almeida, nas suas dantescas descrições do Rio de Janeiro orgiástico do final do Século XIX; registra-se, porém, o caso de um coronel que "atacava pelas costas" seus soldados (citado por Fry, 1982).

O fato de se tratar de um fenômeno ainda pouco estudado justifica, do ponto de vista da ampliação das fronteiras do saber social, uma pesquisa sobre o tema. Se bem que o tratamento da prostituição viril não é inteiramente novo no campo acadêmico brasileiro - há duas teses recentes: *Michê* de Sérgio Alves de Almeida (1984) e *Reis e Rainhas no Desterro*, de Regina Maria Erdman (1981) - não é senão até uma data relativamente próxima - os últimos 10 ou 20 anos - que se tem aberto possibilidades objetivas de que temática semelhante pudesse ser abordada de uma ótica diferente à delinqüencial. Assim, Riess, em 1961, pôde tratar a prostituição masculina como uma "delincuencia sexual... que implica una desviación de las prescripciones normativas de la sociedad norteamericana", ao lado de outras práticas tais como "relaciones heterosexuales prematrimoniales, pederastia y fellatio" (Riess, 1965, p.305), a partir de uma pesquisa realizada com menores delinqüentes internados num centro de recuperação.

O olhar sociológico não somente não vacila em qualificar os sujeitos conforme a lei social, mas ele mesmo se converte em regulamentador e prescritivo, como parte de um vasto dispositivo de recuperação e controle que define as ciências sociais enquanto "máquina abstrata de sobrecodificação" (Deleuze e Parnet, 1980), que aspira a entrar em conexão preferencial com o poder do Estado. Essa cumplicidade com as instituições dominantes não é exclusiva dos estudos sobre prostituição e homossexualismo - que resultam porém particularmente sobrecarregados pelo fato de se tratarem de "desvios paradigmáticos" que põem em questão não apenas o plano simbólico da lei moral genérica, mas as próprias uniões sexuais dos corpos. Já a própria Sociologia Urbana da Escola de Chicago (década de 20) colocava-se a serviço de uma empresa geral de esquadriñamento das populações citadinas.

A vocação normativizadora desta Escola deixava porém reservado um espaço, no território urbano, para que essas relações desviantes - homossexualismo, prostituição etc. - se consumassem: era a chamada "região moral". Assim, Park (1973, p.65) propunha-se a "entender as forças que em toda cidade grande tendem a desenvolver

esses ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões e ideais vagos e reprimidos se emancipam da ordem moral dominante" - onde os "instintos e apetites, incontrolados e indisciplinados", os "impulsos selvagens", reprimidos ou sublimados na ordem urbana da normalidade, encontrariam vazão.

Dizíamos que a sociologia clássica tende a reconhecer esses impulsos "descontrolados" com o intuito, precisamente, de controlá-los. Essas acusações soam ultrapassadas, uma vez que potentes transformações no plano do saber social tenderiam a espantar e "desmascarar" os preconceitos, às vezes pelo recurso à relativização. As pesquisas sociais sobre o delicado tema das relações sexuais contemporâneas não apenas têm padecido - e acompanhado - a força dessas transformações, mas ajudaram em considerável medida a implementá-las. No caso específico da homossexualidade, sua "saída das sombras" - passando da ilegalidade a certa legitimação política e social, às vezes mais retórica do que real - viu-se em respeitável grau precedida, e até impulsionada, por investigações produzidas na área da ciência social. O exemplo, talvez mais eloquente deste decisivo deslocamento está dado pelo Relatório Kinsey, que vai revolucionar - ao revelar sua realidade estatística - as visões predominantes sobre a homossexualidade, e cuja contribuição às teses de liberação homossexual é clara (ver, por exemplo, Guerin, 1956). Desde territórios vizinhos, outros cientistas sociais contribuíam para retirar da sociologia seu estigma de disciplina "colaboracionista". Já Wainwright Churchill (1969) questionava a homofobia ocidental, e Weinberg (1973) lançava o paradigma do "homossexual feliz". Da sua parte, Becker (1971) anunciava sua disposição a alinhar-se, enquanto a objetividade e neutralidade científica dão respeito, no bando dos marginalizados e desviantes - marginalizados e homossexuais, entre outros.

Como conclui Monique Augras (Augras et alii, 1982), é difícil manter a objetividade quando se trata de homossexualismo. Às vezes, os posicionamentos desejantes se travestem de enunciados ideológicos, tanto críticos e "libertadores", quanto prescritivos e conservadores. Esse caráter "micropolítico" assumido quase

que instantaneamente pelos discursos sobre a homossexualidade, se diz respeito à inexistência de uma teoria constituída no campo das relações sexuais (Veyne, 1985b, p.47), deve se entender no quadro de uma intensa sobrecodificação (proliferação de discursos e de microdispositivos de saber/poder que determinam, no dizer de Deleuze, complexos "códigos-territórios"). Tal explosão discursiva está no âmago da instauração de um dispositivo de sexualidade, que vem deslocar e se superpor a um outro anterior, o dispositivo de aliança (Foucault, 1979). O corpo individual - e já não os vínculos de sangue e terra - se converte num eixo económico, objeto de atribuição de um valor na sociedade burguesa. Se o corpo do indivíduo é o sujeito da vida social, será objeto dos saberes analisá-lo e desdobrá-lo, percorrer suas articulações e impressões, registrar (traduzir) seus desejos e suas perversões. Máquina de sobrecodificação que trabalha - diriam Deleuze e Guattari, 1980 - no plano da expressão, mas que não deixa de cravar suas garras na superfície de inscrição dos corpos (o plano do conteúdo, mélange dos corpos, das suas ações e paixões), da maneira de dispor certo "regime sexual", um "agenciamento" que articula enunciações e encontros, prescrições e gozos. (13)

A medicina desempenha, de certa forma, um papel de vanguarda na instauração desse dispositivo. A passagem da sodomia (peccado nefando que condenava a quem desperdiçava seu esperma por canais ingratos à reprodução de súditos para Deus e seus testas de-ferros terrenos) à homossexualidade (termo recém-inventado por um médico húngaro, Benckert, em 1869, substituindo ao mais poético de "uranismo"), (14) corresponde com o deslocamento do poder sobre o corpo da teologia para a medicina e seus aliados psiconociais, que elaboram detalhados catálogos sobre todas as pervers-

(13) Para um desenvolvimento da questão, ver "O Dispositivo Libidinal", no Capítulo "As Transas".

(14) Para um histórico do processo de "saída das sombras" da homossexualidade, ver Lauritsen e Thorstad (1977); Hocquenghem (1979).

sões possíveis e imagináveis, tentando descrevê-las, analisá-las e sobretudo, classificá-las, encaixando a diversidade de práticas libertinas ⁽¹⁵⁾ nos nichos de um Panóptico perverso.

"Psiquiatrização do prazer perverso", "proliferação e fixação das perversões sexuais": os enunciados de Foucault impedem ver o processo de saturação das uniões homoeróticas de uma face meramente repressiva; tratava-se, melhor, de um florescimento estratégico, que visava às vezes à metáfora da "correção", à construção de certos operadores de "identité disciplinaire" (Foucault), que funcionariam, já não como encastramentos despóticos, à imagem e semelhança do Déspota (ou de Deus), mas como uma espécie de indicadores semióticos múltiplos e pontuais, uma vasta e complexa rede de códigos, que orientaria e daria sentido às circulações dos sujeitos pelo emaranhado dos corpos na sociedade contemporânea (a multidão, como quer Benjamin leitor de Baudelaire, como modelo e forma da modernidade).

Circulação do sujeito e de seu desejo por um entramado de códigos locais ("microdispositivos moleculares estratégicos", no dizer de Baudrillard, 1979) que deslocam - ou pelo menos velam - a fixitude da lei. Certa ubiquidade da regra tornará problemática a aplicação de noções como a do "desvio" que mascara, segundo adverte Guimarães (1977, p.138), "a estrutura da relação de poder-saber-prazer". Modelo "flutuante" (como o da psicanálise criticada por Deleuze, 1980, p.7), que não aponta a livrar o sujeito que deriva aos deboches da libertinagem, mas o insta a encontrar sua verdade (sua identidade ou sua condição, sua personalidade ou

(15) Cardin (1984) salienta o "caráter puramente transicional del libertino, que vendría a ser la actualización momentánea del 'tipo' Ancien Régime do sodomita, en una época de cambio cultural" (p.22). Tipo transicional que "daría pronto lugar a una disociación básica: la del libertino heterossexual, por un lado, situada del lado de lo socialmente reconocido, y la del perverso homosexual, sita del lado de lo prohibido". Este "dimorfismo básico" - continua Cardin, p.23 - "se vería rodeado de una constelación de perversiones menores (voyeuristas, sadomasoquistas, corrófilos, fetichistas etc.) ambivalentes con respecto a la escisión socio-sexual básica, y aceptables según el doble eje de su perversidad intrínseca".

sua essência, segundo as encodings no texto. A unidade sexual - o nível explícito do desejo - vai ser o local de articulação dos dispositivos de poder/saber. O fluxo dos corpos "livres" (com a liberdade dos corpos proletários), aquilo que os enlaca e encaixa uns aos outros, vai ser superfície de inscrição e registro de coordenadas institucionais.

Contudo, os corpos, às vezes, fogem. Esse movimento de fuga - característico, como quer Deleuze, da dinâmica social - pode se encarnar também sob a forma de uma "resistência", unido - ou submetido nela. Dir-se-ia que as maquinacões do poder produzem ruídos, chios no corpo social, zonas de atrito e instabilidade, que podem se configurar ao mesmo tempo como "pontos de fuga" da estrutura social e enquanto pontos de fixação e sutura dessa mesma ordem. Nesse vaivém entre a lei e o desejo, entre a hipercodificação microscópica e as micromobilizações pulsionais que tornam encorregadia, viscosa, sua tradução aos signos "comunicativos" (Lyotard), é que a prática da prostituição homossexual contemporânea merece ser situada.

Prostituição homossexual: a construção é em si mesma enganosa, já que encobre uma variedade de relacionamentos que resistem sua submissão a uma categoria homogênea. Não obstante, sua imprecisão tem relação com certo véu de mistério que ronda essas obscuras transações, de maneira nenhuma transparentes. Esse halo de penumbra e sordidez que rodeia a "prostitution des jeunes garçons" - como Schérer e Hocquenghem (1977) escolhem denominá-la, abrangendo a prostituição infantil - derivaria, segundo eles, de um triplo interdito: um, que faz referência à venalidade e é extensivo historicamente à prostituição no seu conjunto; dois, que desestimula ainda majoritariamente a relação homossexual; e um terceiro, talvez o mais explicitamente predominante, que penaliza as relações entre menores e adultos. Esse interdito não devem

ser pensados como uma mera proibição, ⁽¹⁶⁾ mas também enquanto indicadores do "objeto da cobiça" (Bataille), da mesma forma que o estigma, explicitamente excludente, pode ser pensado "do avesso", enquanto operador de intensidades libidinais. Assim, no episódio da prostituição dos rapazes, contradições e interdições sociais são "atualizadas", no dizer de Paul Veyne (1982). Não são "transgredidas" apenas barreiras de idade, mas também de classe: já Weeks (1981) registrava a fascinação dos homossexuais da alta classe média da Inglaterra de 1900 por parceiros rudes e viris da classe mais baixa, nos que procuravam achar, pelo recurso monetário, a autêntica masculinidade, um macho "animal man". É essa procura pelo macho "não-homossexual" que vai constituir tanto o rasgo distintivo do negócio (a prostituição viril), quanto o foco de uma infinidade de querelas, ambigüidades e discussões, que não somente vão "enriquecer" a consumação libidinal, mas também vão transcender a intimidade dos quartos para alimentar uma polêmica "micropolítica" sobre a própria homossexualidade em questão. Finalmente, trata-se ou não de "homossexualidade"?

Essa polêmica está, de alguma maneira, no cerne da proposta de "antropologia das relações sexuais", lançada modernamente no Brasil por Peter Fry (1982), e remete a certa tensão - novamente - entre o nível das designações socialmente estatuídas e o plano das práticas concretas. Fry pergunta-se até que ponto é legítimo, na Belém do Pará de 1980, aplicar a categoria de "homossexual" para definir os homens que se deitavam com outros homens, quando esta classificação retórica era alheia aos próprios oficiais (excluído um pequeno setor gay da classe média ilustra-

(16) Para Foucault os interditos não seriam só repressivos, mas também positivos: "As proibições existem, são numerosas e fortes. Mas (...) partem de uma economia complexa em que existem ao lado de incitações, de manifestações, de valorizações. São sempre interditos que são enfatizados" (Foucault, 1979, p.230).

da). Fry resolve argutamente esse impasse, mostrando a superposição entre dois sistemas contíguos de nominação e valorização das práticas sexuais intermasculinas, que resumimos sumariamente: o primeiro, tradicional, "popular" e "hierárquico", que classifica os parceiros conforme a posição ocupada (ou pelo menos prescrita) no ato sexual em ativo (macho ou hote) e passivo (bicha). Essa disposição não é privativa do Brasil: Carrier (1977) reconhece sua vigência em diferentes sociedades (México, Grécia, Turquia etc.). Lacey (1979) a considera um traço prototípico do "machismo latino-americano" e estaria inscrita grosso modo no chamado "sistema mediterrâneo" de relações entre os sexos idealizado por Pitt Rivers (1979). Precisamente Carrier procura comparar esse sistema com outros, ⁽¹⁷⁾ vigente já entre os gays da classe média americana, e detecta nesta comparação uma tensão de classe, já que o chamado "modelo popular" vai predominar entre os rapazes pobres dos subúrbios norte-americanos. No avanço desse segundo sistema "igualitário", lê-se o influxo das modelizações personológicas do Primeiro Mundo, como a expansão ao campo dos comportamentos homoeróticos de certa cruzada democrática, encarnado no plano social mais vasto pela difusão do feminismo. Reconhecer esse choque de códigos conflitantes é certamente legítimo. ⁽¹⁸⁾ Porém, algumas formulações podem deixar aberta a porta para o fantasma do evolucionismo, que suporia uma espécie de transição para um estágio mais fraterno -

(17) Esta superposição de modelos poder-se-ia atribuir, conforme Oliven (1985, p.53), ao fato de que em países como o Brasil "existe um capitalismo tardio e dependente, onde o 'tradicional' se articula com o moderno e nos quais o desenvolvimento se dá sob forma desigual e combinada".

(18) A divisão das relações intermasculinas em dois modelos - um "popular" ou "hierárquico" e outro, "moderno" ou "igualitário", permite um alto grau de formalização do "choque de códigos" patente no cenário homossexual paulistano. Porém, nem sempre as consequências da irrupção do novo modelo, sobretudo do ponto de vista do "conteúdo de classe" da sua imposição, são extraídas radicalmente. No decorrer do trabalho, usa-se o esquema de Peter Fry, salientando porém a "resistência das sexualidades populares" e a complexificação barroca das categorias resultante dessa miscção.

menos despótico - de relacionamento. Esse procedimento é sugerido, por exemplo, quando se transforma a relação "bicha-bicha" do modelo "clássico" (que seria, estigmatizada como "lésbica", a "verdadeiramente" desviante) como antecedente fundante da relação gay-gay paradigmática do sistema moderno. Se processos desse tipo podem eventualmente ser registrados em campo - ao lado de uma multiplicidade de trajetórias e "devires" discursivos -, considerá-la como uma simples transição acarreta o risco de secundarizar o que seria, acaso, um dos seus traços mais significativos: uma espécie de mutação na consciência, que leva os homossexuais militantes a sair da clandestinidade ("out of closets") e passar a afirmar a assunção de uma identidade homossexual.

Quando se trata de identidade homossexual, a questão do michê-másculo (rapaz que, prototipicamente, recusa autoqualificar-se como homossexual, residindo nessa recusa, demandada pelos clientes, boa parte do seu encanto) torna-se particularmente delicada. Weeks detecta nesse excitante jogo de denegações e permissões certa "crise de identidade": "For the young man who prostituted, the choice were affectively between retaining a conventional self concept (...) or accepting a homosexual identity with all its attendant dangers in a hostile society" (1981, p.130). Da sua parte, baseado nas regras de prescrição de conduta dos hustlers de Riess e na autobiografia de Rechy (1964), Hoffman (1979) propõe distinguir duas classes de prostitutas, do ponto de vista do auto-reconhecimento da sua homossexualidade; entre aqueles que se recusam, "the belief they are not homosexuals by having sex which is facilitated psychologically by an exchange of money" (p.279). Mas "the versatility and ambivalence (...) and the blending of prostitution and affection" que caracterizam o hustler fazem Hoffman desistir da possibilidade de aplicar um estereótipo único.

Ainda que a dificuldade de estabelecer uma identidade do prostituto viril seja bem reconhecida, fica a dúvida sobre o sentido da tentativa. Por que pensar a questão da perspectiva da

"identidade homossexual", quando essa identidade não somente costuma ser atrelada na sua mesma formulação aos oficiais do negócio, mas aparece muitas vezes sendo explicitamente renegada? Não caberia suspeitar, nessa tentativa, de certa vocação "imperialista" da própria noção de identidade, manifesta na expansão acrítica da noção, nascida dos estudos étnicos, "a outros grupos ou categorias sociais (que) implica a diluição desse campo (de investigação) pela diluição de sua dimensão contrastiva concreta", passando a identidade "a ser concebida como uma propriedade do grupo, projetada na pessoa"? (Durham, 1985, p.17) Caberia, nesse sentido, recorrer a Soares, quando detecta a persistência, sob as análises voltadas para a apreensão das identidades sociais, da "idéia de que há um locus essencial, um ego elementar, um papel matriz, pelo qual se expressa a verdadeira, mais radical, profunda e permanente identidade" (1984, p.12). Demanda de essencialidade que transparece na procura de uma "imagem coerente do self" que se propõe, por exemplo, Gaspar (1984, p.96) na sua pesquisa sobre Garotas de Programa cariocas. Os riscos de trabalhar com a noção de identidade no campo da prostituição viril não são apenas teóricos, mas empíricos: Guimarães (1977) enfrenta essas dificuldades quando procura, na sua tese sobre "entendidos" da classe média do Rio de Janeiro, definir a "identidade sócio-sexual" do michê. Aberto o paradoxo, o michê caracterizar-se-ia, num momento, pelo fato de ser "tido como heterossexual" (p.87) - ainda que sua prática concreta, na instância da prostituição, seja tecnicamente homossexual -; e, num segundo momento, vai ressaltar "o significado simbólico" (p.109) outorgado à sua condição de insertor no intercuro anal - fato que não lhe impediria, eventualmente e em troca, às vezes de uma retribuição maior, mudar de posição no seio da relação concreta.

Recorrendo - como recomenda a antropologia - aos próprios interessados, pareceria que essa "crise de identidade" (19)

(19) Erdman (1981, p.55) recolhe um enunciado cômico dessa "crise de identidade": "ataque um dia de machismo e outro dia de fêmea".

não aponta, necessariamente, no sentido de sua resolução (numa afirmação coerentemente homossexual, heterossexual ou, no caso extremo, bissexual), mas de sua dissolução: "Quando eu vou transar com um cliente - enuncia um michê entrevistado - eu não sou eu; eu sou a fantasia do cliente", recomendando "ficar mentalmente em branco" para captar esse fantasia e "trabalhar" o corpo do outro. Num outro caso, encurrulado pelas investidas de um cliente irritado, que lhe joga na cara sua suposta "bichice" profunda (manifestada na homenagem do ânus que o rapaz, em troca de uma acidentada sustentação, lhe entrega), o jovem michê de "A Desforra" (Damata, 1975) estoura: "Porra! Estou ficando maluco... Já não sei mais o que porra sou... Se sou homem ou sou veado ou que porra sou".

"Eu não sou eu", "eu não sei o que sou", "eu não sou o que sou": impasses da prática desejanse caído do imperativo da identificação, que desvela, na cena sórdida e trivial pintada por Damata te freqüente nos labirintos do meio o conteúdo micropolítico da operação de atribuição de identidade. De alguma maneira na irada reação do dentista homossexual de "A Desforra" ("É macho coisíssima nenhuma! Você sabe perfeitamente que é tão homossexual como qualquer um de nós! Chega de bancar o macho!") ecoam as ressonâncias da retórica igualitária, que vai diagramar a anulação das diferenças da subsunção a um modelo homogeneizante que procede, como observa Pollak (1983), a uma rígida determinação da identidade homossexual. (20)

Aliás, a premissa da identidade, da "imagem coerente do self", (21) parece resultar antes um pressuposto a priori do obser

(20) Os inconvenientes de uma noção fixa de identidade homossexual são apontados por Fry (in: "Ser ou não ser homossexual, eis a questão", Folhetim, 10/01/82b), quem prefere falar de alguém que "transa homem" ou que "é gay homossexual", a falar que alguém é homossexual.

(21) A demanda de coerência transparece em outras concepções menos "intimistas" da identidade. Assim, "se entre uma ocasião e outra um indivíduo não pode ser reconhecido como uma mesma pessoa, nenhuma identidade social poderia ser construída" (Cardoso de Oliveira, 1976, p.5). A identidade social en-

vador, que um fenômeno empiricamente registrável. Essa premissa não somente afasta do campo estudado as fugas, contradições, incoerências, desejos dos sujeitos - conjugando-os sob o imperativo da sujeição a uma coerência preestabelecida -, mas tende a se transformar numa espécie de "obstáculo epistemológico": levado por essas noções, o observador tenderá a se deter nos meandros da atribuição de identidade, talvez em detrimento das práticas concretas.

A discussão sobre a identidade transcende o limitado campo das relações homossexuais, para se estender à ciência social em seu conjunto. Assim, Benoist reconhece o risco corrido pelo conceito de identidade de ser "el tejedor de un espacio único y de sustituir homeomorfías difíciles por una identidad un tanto excesivamente congruente: efecto del logos que reprimiría una topología salvaje" (1981, p.361) e critica uma "actitud homogeneizante que suprime las diferencias y la diversidad cultural y las reabsorbe en el seno de una identidad de tipo transcendental o kantiano, sea materialista o espiritualista, (que) tiene como corolario un obstáculo metodológico que hace estragos en el ejercicio de la investigación", pelo recurso de "no dejar subsistir las diferencias cada una de por sí, sino en determinarlas a partir de lo que le es más familiar al antropólogo" (id., p.15). Reparos análogos são formulados a respeito da identidade étnica, por Maria Manuela Carneiro da Cunha, para quem a identidade não é, em último termo, mais que um a priori metodológico, "condição de inteligibilidade, de coerência, de homogeneidade" (Carneiro da Cunha, 1985, p.209).

... volve, conforme essa abordagem, a noção de grupo social. Tanto a versatilidade do *michê* quando a fraxidação das redes relacionais entre as gangues tornariam difícil de achar (e de atribuir) essa coerência na "representação de si", que, enquanto "corpo coerente de imagens, idéias (...) que provê os participantes de uma orientação coerente e total", da que fala Erikson, não se distinguiria da ideologia (id., p.38). A identidade seria, afinal, uma espécie de "ideologia étnica" (id., p.48).

Mas é no campo concreto das homossexualidades contemporâneas que talvez se possam explorar com mais nitidez os pressupostos político-sexuais desse suposto metodológico. Com essa área das relações sexuais contemporâneas está em pleno processo de mutação vertiginosa (complicada agora pela irrupção da AIDS), não cabe senão arriscar hipóteses de trabalho bastante provisórias. A idéia é que a construção da "identidade homossexual" só pode ser entendida da perspectiva do chamado "modelo igualitário", do qual é uma das suas pontas de lança. Esse processo não implicaria somente um desvelamento das paixões "reprimidas" e condenadas à penumbra ao longo dos séculos (clandestinidade que imprime sua marca em muitas das práticas atuais, como no mecanismo do *trottoir*), mas acarretaria uma espécie de tradução, como se as antigas paixões pudessem, graças à versatilidade fundamental do desejo humano, ser vertidas em novos moldes. Operativo de "modernização" que, após um certo estágio de festividade difusa, rapidamente recuperado pelo consumismo das modas e a indústria do lazer, parece proceder a uma redistribuição dos enlaces homoeróticos, reagrupando seus cultores nas novas casinhas da identidade e, o que é mais grave, condenando os praticantes das velhas modalidades, as "homossexualidades populares", a uma crescente marginalização que pode conduzir, como adverte Pasolini (1978), a um recrudescimento da intolerância popular a respeito da nova homossexualidade "branqueada", beneficiária da tolerância burguesa. (22)

(22) Escreve Pasolini:

"São as elites cultivadas e portanto tolerantes podem, talvez, já que não são afetadas, liberar-se do 'tabu' que atinge a homossexualidade. Em compensação, as massas estão destinadas a acentuar ainda mais sua fobia bíblica, caso a tenham; se, pelo contrário, não a têm (como em Roma, na Itália meridional, na Sicília, nos países árabes) estão prontas a 'abjurar' sua tolerância popular e tradicional para adotar a intolerância das massas formalmente evoluídas dos países burgueses gratificados pela tolerância" (Pasolini, 1978, p.21).

No caso do Brasil, o processo de deslocamento do modelo hierárquico para o modelo igualitário é particularmente complexo. Uma série de circunstâncias pode contribuir relativamente a explicar certa extraordinária vitalidade dos padrões populares que chama a atenção dos observadores estrangeiros (Da Matta, 1983, p.36/37). Assim, o ativista gay americano Allen Young (1973) surpreende-se perante a insistência dos homossexuais cariocas de se tratarem entre eles em feminino, se apropriando do epíteto vernacular de bicha. A frágil, fagaz e minoritária implantação dos grupos de "afirmação homossexual" (que apenas existiram significativamente entre 1972 e 1982, com erráticas exceções como o Grupo Gay da Bahia), apesar de sua rápida reciclagem nos registros dos mídia e nas moedas cotidianas do gueto, seu fracasso relativo pode talvez entender-se como consequência da resistente manutenção do programa tipo "bicha escandalosa/bofe viril", que os ativistas homossexuais viam-se, pelo menos no primeiro momento, conclamados a espantar, enquanto era visto, do horizonte da nova identidade assumida, como uma paródia ou "reprodução ampliada" dos papéis do heterossexualismo oficial. Protótipo "crepuscular", que suporta ser pensado enquanto limite último da sexualidade normal: numa sociedade onde o poder institucional se apresenta como masculino, caberia se perguntar se essa ritualização abrupta e rígida de certo simulacro de "heterossexualidade" grotesca e exaltada na cerimônia do enlace entre a "ultramacheza" e a "hiperbichície", não estaria sendo, em último grau, a cena real a que alude, como referente, a representação feminino/masculino "verdadeira" que aparenta reproduzir; ou, dito de outra maneira, se as ritualizações dos encontros intermasculinos não poderiam estar sendo o "modelo" virtual que modula - numa vertigem de espelhos - a representação (a cena representativa) de heterossexualismo que é exaltado oficialmente como modelo de sexualidade convencional, isto é, familiar. Daí que alguns travestis consigam ser "mais mulheres do que as mulheres" - como Roberta Close, proclamada "modelo de mulher nacional" em 1984 -, e alguns michês "mais másculos" do que os homens heterossexuais.

Os labirintos desses relacionamentos são conhecidos,

através, por exemplo, dos romances de Genet e o ensaio de Sartre (1967). Mas este modelo desejanste está praticamente deslocado, nos países do Primeiro Mundo, pelo modelo gay. No caso do Brasil, a supervivência desse modelo "hierárquico" remonta também a certa circunstância histórica: não somente a prática homossexual enquanto tal não está explicitamente penalizada no Brasil (ainda que costuma ser reprimida apelando a enfemismos como "atentado ao pudor", "vadiagem" etc.), mas tampouco teria havido um período de repressão policial sistemática e radical, parecida à padecida por outros países, como os da Europa Ocidental (a perseguição genocida do nazismo e a manutenção, às vezes melhorada, das leis anti-homossexuais após a Liberação), Estados Unidos (o período do maccarthysmo, da década de 50, quando chegaram a introduzir câmaras e policiais maquiados nos banheiros públicos para flagrar os invertidos, condenados a longas penas), Argentina (onde a montagem de um dispositivo específico de perseguição nos homossexuais vai-se aperfeiçoando a partir de 1946 e desencadeia-se com fúria eufórica de "extirpação" na ditadura militar de 1976/83) etc. A inexistência de um período prolongado de campanhas de erradicação, não desmente a ocorrência de periódicos atropelos e blitz massivas, que parecem apontar mais a uma distribuição e controle das populações homossexuais das "regiões morais", do que a uma erradicação efetiva. Mas, talvez não seja este suposto liberalismo o que explica a tolerância, mas o inverso: uma espécie de cumplicidade subterrânea, secreta e elástica, que ocultava na penumbra do silenciamento os demônios de uma paixão consentida. O texto de Trevisan, Devassos no Paraíso (1986) - uma magistral e pioneira exploração da história do homossexualismo brasileiro - parece apontar nesse sentido, sugerindo em certo "gosto barroco pelo excesso" (p.237) a clave desta lubricidade ambivalente. Uma hipótese mais questionável, à luz dos modernos estudos históricos - a presença de um vasto contingente de população negra, cujos laços familiares, devido à concentração de massas masculinas, ter-se-iam debilitado, e cujos cultos exaltam a sensualidade corporal -, é aventurada por Lacey (1979) para explicar esta discreta condescendência para os amores entre homens. Seja como for, o certo é que, diferentemente do acontecido em outras partes, onde o "gay liberation" sucedeu a um período

de dura repressão que contribuiu a socavar "a sólida cultura das bichas dos portos mediterrâneos" e equivalentes, que Hocquenghem (1980) reencontra em Barcelona, no caso do Brasil a irrupção do novo modelo classificatório gay/gay acontece quando o sistema de relacionamentos populares ou "arcaicos" gozava de plena vitalidade, isto é, funcionava com vigor. Imagem de ocupação que antecede à chegada da moda gay, com sua artificial e afetada e que aparece, por exemplo, na Lúbrica Recife da década de 60 explorada por Tullio Carella em Orgia (1968).

Do singular agenciamento dos dois modelos, pode emergir a imiscção e proliferação de códigos classificatórios que caracteriza a cena rueira dos guetos homossexuais brasileiros.

Essa questão retomar-se-á a propósito do gueto. Procuremos contornar uma problema "político". Se é certo que a noção (substantiva) de "identidade homossexual" é própria de um dos bandos em jogo, em detrimento da "resistência das homossexualidades populares" - da qual a "explosão dos travestis" (Perlongher, 1985b), feita "por baixo" do discurso liberacionista igualitário, é sua expressão talvez mais veemente -, qual poderá ser a pertinência de aplicar a noção de identidade como mero recurso formal? Para esse procedimento há, aliás, um primeiro obstáculo. A proliferação de categorias não é algo metafórico, mas desata uma espécie de furor barroco pelo código que torna complexo passar a considerar as heterogêneas nomenclaturas classificatórias enquanto meros operadores de identidade. Para complicar as coisas, essas codificações superpostas se acoplam a certas localizações territoriais diferenciadas no espaço do gueto, de maneira que os sujeitos podem até mudar de nomenclatura ao mudar de "ponto". Será preciso trabalhar, então, com uma multiplicidade de denominações e códigos indicadores, que parecem significar antes tensões relacionais (e pulsionais) entre pólos ou "posições desejantes" numa rede topológica, do que identidades totalizantes individualmente construídas.

A idéia de identidade, que define os sujeitos pela representação que eles mesmo fazem da prática sexual que realizam, ou por certo recorte privilegiado que o observador faz dessa prática, justapomos a idéia de territorialidade.⁽²³⁾ Daí, o "nome" dos agentes num sistema classificatório-relacional vai exprimir o lugar que ocupam numa rede mais ou menos fluída de circulações e intercâmbios. Os sujeitos se deslocam intermitentemente nesses spatium continuum e são passíveis de permanecer na mesma posição a respeito dos outros, ou ainda de mudar de posição. Essa nomenclatura classificatória - que tem alguma coisa de provisória, de mutável - alude a certa freqüência de circulação: o grau de fixação dos agentes a um "ponto" (um gênero, uma postura, uma "representação", mas também uma adscrição territorial) será determinante para estabelecer seus lugares no sistema de trocas. Para dar um exemplo aproximado, os personagens paradigmáticos (michê profissional, bicha-de-todos-os-dias) significariam pontos de rigidez ou engrossamento da rede circulatória; os frequentadores eventuais, momentos de fluência ou afrouxamento dessas redes. Sistema de redes "alargadas" (Lafont, 1983) ou "ramificadas" (Wellman e Leighton, 1981), será multifacético e fragmentário: não interessará tanto a identidade, construída representativamente por e para o sujeito individual, mas os lugares (as interseções) do código que se atualizam em cada contato. Sistema de redes que indicia outras mobili-

(23) Precisar a noção de "territorialidade" é complexo. Donzelot (1976), comentando o Antiédipo, exprime essas dificuldades: "Esta noção é, para nós, a mais rica e mais nova da obra, mas embora se compreenda que dá conta de imensas coisas, que permite saltar as diferenças entre o infra e o super-estrutural, entre o marginal e o essencial, é preciso reconhecer que ela é mal e muito raramente explicitada"; tenta então abordá-la com referência ao código. Guattari (CERFI, 1975, p.142) entende o código como uma "inscription territorialisée", distinguindo dois elementos no dispositivo territorial: uma "sobrecodificação" (surcodage, código de códigos) e uma "axiomática", que rege as relações, passagens e traduções entre e através da rede de códigos. A fórmula "código-território" exprime justamente essa relação entre o código e o território definido por seu funcionamento. As redes de código "capturariam" os sujeitos que se deslocam, classificando-os segundo uma retórica, cuja sintaxe corresponderia à axiomatização dos fluxos. No entanto, o dispositivo territorial agiria canalizando os fluxos, mas ao mesmo tempo veiculando-os. A questão será novamente abordada na análise do Quadro de Nomenclaturas Classificatórias e no capítulo sobre "Derivas".

zações, conexões e conjugações de fluxos: fluxos de corpos e de dinheiro, fluxos desejantes e sociais etc. Um território, sugere Guattari, não é mais que um nó de fluxos; um corte nesse território terá que estar atento às intensidades que os animam. Deslocamentos molares, da ordem dos macrocódigos sociais, mas também mobilizações moleculares, no nível das sensações dos corpos.

Lugar demarcado para a cerimônia de um desejo, a homossexualidade configura uma "territorialidade perversa", um "paraíso artificial": os perversos querem "terras vírgens, más realmente exóticas, famílias más artificiais, sociedades más secretas que dibujan e instituyen a lo largo del muro, en los lugares de perversión" (Deleuze e Guattari, 1974, p.140/141). Essa territorialidade não é porém completamente autônoma, mas está fortemente ligada ao meio "marginal" em geral, como saldo da tradição de semi-clandestinidade que a emancipação igualitária procura retificar. Os pontos de passagem entre a homossexualidade e o crime são, como retornaremos com mais detenimento, caudalosos. O michê parece atuar precisamente como operador de uma dessas pontes entre o meio marginal e o meio especificamente homossexual. Barel (1982) adverte a dificuldade de estabelecer algo assim como uma "identidade" ou "personalidade marginal" - como queria Park (24) - comum a todos os transfugas, já que o que caracteriza os marginais de toda

(24) A noção de "personalidade marginal" foi concebida por Park em 1928 e é um antecedente da moderna "identidade desviante". Quijano (1973) assinala os problemas que acarreta a identidade do marginal: "... los marginales encuentran un espacio cultural desestructurado y dependiente, y ... encuentran por este hecho dificultades permanentes en la elaboración de una identidad sociocultural autónoma y autogenerada (...) Además, la situación económica de los marginales impediría que se organice una personalidad social inclusiva mal integrada" (p.165). Segundo Stonequist - citado por Perelman (1977 - p.132) -, "o marginal provavelmente exibirá uma 'dupla personalidade' e possuirá uma 'dupla consciência'". Mas a própria noção de marginalidade seria modernamente rejeitada. Quijano (1978) insta a substituí-la pela remissão a determinantes sócio-econômicos. Perelman critica sua larga heterogeneidade, na qual pode residir, no entanto - se retirarmos da noção de marginalidade a auréola recuperadora e corretiva que é a sua marca de origem - sua principal vantagem, já que permite englobar uma multiplicidade de fugas (e segregações) da ordem social.

espécie são justamente suas fugas, suas saídas da normalidade. No entanto, no caso dos prostitutas, esta marginalidade não vai determinar-se somente por coordenadas libidinais (espécie de "muratha táctil" que diz respeito à distribuição social das perversões - Perlongher, 1986, p.170) -, mas também por coordenadas económico-sociais. Fugitivos ou expulsos da ordem da família e do trabalho, (Perlongher, 1981a), muitos rapazes vêm-se "arrastados" à prostituição nem só por extravagâncias eróticas quanto por imperativos de sobrevivência. Onde acaba a necessidade e começa a vontade (ou o desejo "inconsciente") é difícil de determinar no plano psicológico individual. No "agenciamento coletivo" que se atualiza no negócio, esses tensores - afeto e interesse, acaso e cálculo - costumam mostrar-se inextricavelmente ligados. Em todo caso, a miséria, filha da desigualdade social, é vista como desencadeante do processo de prostituição: arroja o rapaz pobre, desprotegido e desprovido de meios de subsistência, às bocas vorazes dos pederastas, que o "imaginário" social veste com o vestido de cauda da luxúria e a opulência.

Se se aceitar que a prostituição viril é um episódio do desejo, também conceder-se-á, como quer Peter Fry (1982), certa sexualização do social: "a sexualidade é construída... de acordo às contradições da sociedade como um todo". Trata-se do desejo do rico pelo pobre ("tesão pela miséria", diz um entrevistado), do adulto pelo jovem, da bicha fêmea pelo miche masculino. No entanto, a sexualidade não somente "expressa" normas sociais (do tipo "hierarquia/igualdade"), mas as agencia, faz funcionar as pequenas máquinas intercorporais, os microdispositivos de uma economia libidinal, nos interstícios da ordem social. O que chamamos de sexualidade seriam, afinal, micropoderes locais, segmentários, microscópicos, que marcam a articulação das codificações diretamente sobre o corpo e seus prazeres. O que conta são: "as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues e imperceptíveis que sejam..." O dispositivo de sexualidade - diferentemente do dispositivo de aliança - que repousa na

transmissão das riquezas - "se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal" (Foucault, 1982, p.95).

A proposta desta tese sobre homossexualidade e prostituição será procurar vislumbrar algumas dessas articulações numerosas e sutis que ligam o desejo à economia e à ordem social.

Como corolário desta dilatada introdução, cabe pontualizar algumas peculiaridades da inscrição deste estudo no quadro da investigação antropológica atual.

Em primeiro lugar, esta dissertação não trata exatamente de um grupo social determinado (os prostitutas viris) - em cujo caso tender-se-ia, talvez mais propriamente, a falar de identidade grupal ou individual, com os problemas que isso acarreta -, mas de certa prática social e das microrredes relacionais que na sua execução se entretecem. Esta prática se consoma num "código-território" de limites difusos, que abrange, por um lado, linhas de deriva territorial pelos labirintos do gueto; por outro, malhas de códigos que classificam e orientam a troca dos corpos envolvidos. Este envolvimento direto dos corpos, próprio da prostituição, faz com que o caráter desejante que o negócio assume, se revele talvez mais claramente. Isso convida a outra espécie de salto, que transcende o nível das representações discursivas (o plano da expressão) para se referir ao nível dos corpos, suas ações e paixões (o plano do conteúdo) e, nesse sentido, pensar o fenômeno da prostituição viril da perspectiva da conversão, tanto categorial quanto monetária, de intensidades libidinais, que neste caso específico de comércio carnal se efetua.

Para apreender as condições e os mecanismos dessa troca, sem reificar os indivíduos envolvidos numa identidade cristalizada, ter-se-á que proceder a uma multiplicidade de enfoques simultâneos, que levem em consideração a variedade de interesses e desejos em

jogo. Daí que certo acuso mais ou menos nomade possa fazer parte da própria observação; optou-se, como recomenda Benjamin, por "não perder" nas "cidades da noite". Nomadismo que, aliás, segue de perto o próprio das redes do negócio.

A opção pela territorialidade em detrimento da identidade coloca em cena certa "fragmentação" ou "segmentariedade" do sujeito urbano já assinalada pelos clássicos da Escola de Chicago - da chamada Sociologia Urbana, que haverá que recuperar liberando-a do seu ranço moralista - e cuja "arqueologia" é em certo modo esboçada por Deleuze e Guattari (1980, p.255), que a remetem à noção de segmentariedade elaborada por Evans Pritchard em seu clássico estudo sobre os Neur (1978).

Assim, em vez de considerar os sujeitos enquanto unidades totais, ver-se-á, conforme esta perspectiva, que eles estariam fragmentados por diversas segmentariedades. Assim, haveria uma segmentariedade binária, da ordem do molar - que cinde os sujeitos segundo oposições de sexo (homem/mulher), de idade (jovem/velho), de classe (burguês/proletário) etc.

Simultaneamente, outra ordem de segmentos - que é preferível chamar de fluxos - moleculares, que fazem referência ao desejo - considerado não como uma "energia pulsional indiferenciada", mas como resultante "de uma montagem elaborada, de um engineering de altas interações: toda uma segmentariedade flexível que trata de energias moleculares" (Deleuze e Guattari, 1980, p.262, tradução: Suely Rolnik) - sacodem disruptivamente o corpo social. Movimentos de desterritorialização e reterritorialização operarão complexas "transduções" entre esta diversidade de planos.

Este processo não afeta apenas os envolvidos nesta discreta observação, mas as próprias condições de inserção do observador mergulham nele. Neste ponto a orientação será menos a de fixar-se nos pontos de reterritorialização e paralisia (as "coerentes" identidades), e mais a de se abrir aos pontos de fuga e desterritorialização, explorando as linhas de mutação e suas vicissitudes.

O estudo pretende, então, mapear esse emaranhado de paixões e códigos que agitam e mobilizam o "território existencial" (Guattari, 1980), desta forma de prostituição homossexual. A própria escritura poder-se-á ver arrastada, por vezes, por esse mesmo fluxo emaranhado. Para suportar essa tortuosa literalidade, convém invocar uma frase de Cortázar, que o Prof. Luiz Orlando costumava citar nas suas aulas: "Al que te dije, le gusta la simultaneidad".

PRIMEIRA PARTE

. ETNOGRAFIA DAS MARGENS

CAPÍTULO I - O GUETO E A BOCA

SUMMER 77

(ao Gustavo)

Atarantado pelos automóveis,
meus olhos são varados pelo neon
de gosto minhas doses de cinismos nos
baleões molhados pelo vácuo.

As mariconas fustigam meu corpo com
olhares sôrdidos, cada olhada fere
fundo e cria crostas que se
endurecem; até a noite acabar estes
olhares super postos me tornarão
imune. Avenida São Luís e seus anjos
turvos, super-marketing de pupilas
frenéticas, sob as árvores o poder
acariocia e intumescce caralhos
lânguidos.

Hã pelos corpos em fila uma náusea
imprecisa, eu vejo uma sinfonia de
cusparadas e aprendo acordes
sombrios com os quais devo ornar
minhas pernas molidas num
blue-jeans rasgado.

Meu camarada uns passos à frente
negocia sua boca de estátua grega
perfumada por conhaque e baforadas
com um pederasta untuoso que pilota
uma reluzente máquina.

Nós viemos do subúrbio numa
progressão eufônica, bebemos várias
cachaças & nossos corações
acossados pela média preferem a
auto-corrosão, mas é assim que a
cidade nos gosta.

Eu vejo funcionários públicos
levemente maquiados.

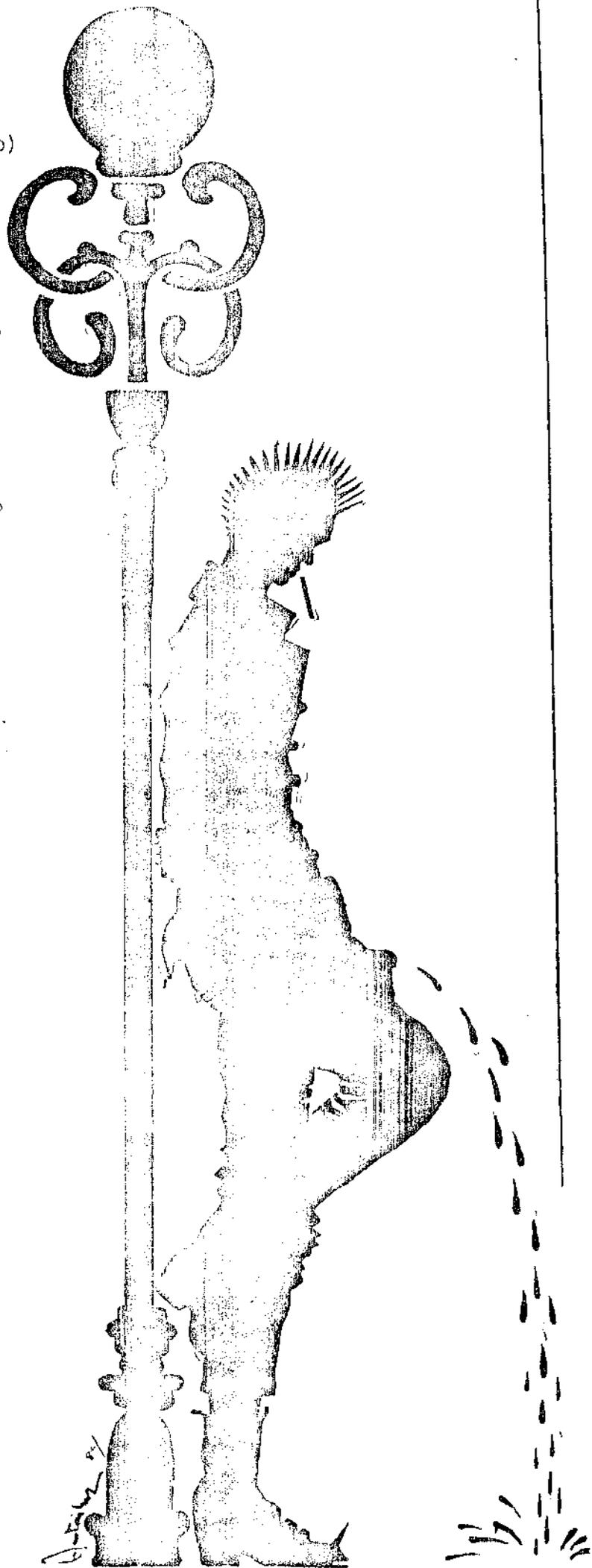
Eu vejo policiais que me tolfem os
passos com ameaça de sevícias.

Eu vejo as bichinhas evoluírem
num frenesi azeitado por
anfetaminas e um desespero
dissimulado.

As mariconas não as buscam, por
isso elas exorcizam a noite com
gritos e vêm nos outros rapazes
um "frisson" de inesistentes
limousines.

O poder pelas esquinas gargalha.
Atarantado pelo sono, embarco
rápido num carro.

Logo mais, de madrugada ejacularei
catarro, voltarei no ônibus com
meu amigo, adentraremos em
silêncio o subúrbio sabendo que
algo em nós foi destruído.



R

Reproduz-se xerograficamente o texto de E., com o desenho que acompanha su edição original (E., 1984).

"Prostituição homossexual", "prostituição viril", "negócio do michê", "prostituição dos rapazes": a prática social que estas denominações pretendem enquadrar é ainda imprecisamente conhecida; e a variedade de denominações possíveis, os recortes alternativos que cada uma delas traça, é um reflexo dessa imprecisão.

Essas operações não se consumam no vazio, mas num locus social no qual cada corpo luz suas tatuagens. Lugar social que é também um lugar discursivo: multiplicidade de discursos que referem e encarnam o real desde óticas diferentes, vacilando entre a literatura e o saber, entre a alucinação e a objetividade, entre a imediatez do verbal e o estranhamento da escritura.

O texto transcrito - publicado em O Corpo, um boletim gay paulista de circulação restrita e aperiódica (seis números com uma tiragem de 1 000 exemplares entre 1981 e 1984) - soma às suas virtudes literárias uma qualidade cara ao etnógrafo: trata-se de uma "crônica poética" das circulações homossexuais no "mundo da noite" paulista, escrita desde dentro desse mundo.

O narrador (F.) e seu colega são identificados, veladamente, como prostitutas ("michês"): "Meu camarada uns passos à frente negocia sua boca de estátua grega ... com um pederasta untuoso que pilota uma reluzente máquina". O próprio narrador, fustigado pelos "olhares sórdidos" das "mariconas" acaba lhe imitando: "atarantado pelo sono, embarco ríspido num carro". A referência geográfica é reconhecível: Avenida São Luiz, um dos "pontos" de prostituição de rapazes do centro da cidade de São Paulo. A dimensão horária também é explicitada: ambos os rapazes vêm do subúrbio para passar a noite no centro, e voltarão, pela madrugada, de ônibus ao bairro - "sabendo que algo em nós foi destroçado".

F. e seu amigo exaltam - "anjos turvos" - sua condição de 'rapazes masculinos', cujos "corpos em fila" são objeto do desejo dos "pederastas", referidos também como "mariconas" (homossexuais maduros), "bichinhas" (efeminados jovens, cujo contato as mariconas eludem), "funcionários públicos levemente maquiados".

Vemos assim, num universo de sujeitos anatomicamente masculinos à procura de um parceiro sexual do mesmo sexo, delinear-se agrupações em base, pelo menos, a duas séries de atributos: uma de gênero (mais masculino/menos masculino); outra de idade (mais jovem/menos jovem). Insinua-se uma terceira série que faria referência ao status económico: o pederasta motorizado opõe-se ao rapaz pobre, vestido com um "blue jean rasgado" (atributo indumentário que pode denotar também uma acentuação da masculinidade).

A paranóia impregna o "clima" do relato: "vejo policiais que me totem os passos com ameaças de sevícias". Todo o conjunto - definido como um "supermarketing de pupilas frenéticas" - tem um ranço entre sórdido e sombrio, denotado por alusões ao álcool e às drogas: "degusto minhas doses de cinismo nos balcões molhados pelo vácuo": "vejo as bichinhas evoluírem num frenesi azeitado por anfetaminas e um desespero dissimulado"; "... numa progressão eufórica, bebemos várias cachacas e nossos corações acossados pela média preferem a autocorrosão". A própria prática é retratada acerbadamente: "cada olhada fere fundo e cria crostas que se endurecem"; "... pelos corpos em fila uma náusea imprecisa"; "... uma sinfonia de cusparadas"; "... acordes sombrios". O poder - cuja natureza é difusa - "pelas esquinas gargalha", "acarícia e intumesce caralhos languídos". O contexto urbano acentua a sensação de sufoco e pesadelo: "atarantado pelos automóveis, meus olhos são varados pelo neon".

Poética, a visão de E. não pretende ser senão inteiramente subjetiva. Funcionando como uma condensação abrupta, ela nos introduz de cheio ao "ambiente" em que as práticas de prostituição que pretendemos abordar consumam-se.

Observação livre

Uma "observação livre" de outro dos pontos de prostituição dos rapazes - a esquina da São João e Ipiranga, contíguo ao anterior - permitirá ampliar o panorama condensado por E.

Uma massa de jovens, entre os 15 e os 28 anos de idade, pobremente vestidos, ainda que convencionalmente atraentes, olhar ladinho e sorriso atrevido, se espalham pelo amplo saguão do cinema Ipiranga, o 'bowling' e o histórico café Jeca contíguos. Sua postura ressalta a masculinidade: alguns levam a mão à entreperna para destacar a protuberância genital. No meio da massa humana que vai de um lado para o outro, entre as luzes da publicidade e os barulhos dos carros, o conjunto delimita-se como uma multidão apinhada.

Mas muitos dos que conformam essa multidão são identificáveis à primeira vista para o "entendido" da noite: putas, travestis e todas as outras tipologias da homossexualidade masculina: "bichas" (efeminados), "mariconas" ou "tias" (efeminados maduros de mais de 55 anos), "gays" (sinônimo moderno de homossexual que abrange àquelles que não são ostensivamente feminóides), "bofes" - rapazes que sem necessariamente autoconsiderarem-se homossexuais, ou ainda gabando-se de não sê-lo, consentem em "transar" com bichas; quando essa transa se consuma por dinheiro, o prostituto é conhecido como "michê", "cowboy" ou simplesmente "boy", como eles preferem ser chamados.

Por esta área do centro da cidade circula uma multiplicidade de pessoas que por vezes nada tem a ver com o comércio homossexual; podem até ignorá-lo. Há frequentemente grupos de amigos (preponderantemente masculinos) que se reúnem para beber. Ao redor, toda a "corte dos milagres" da noite paulista: infinidade de mendigos em todas suas variedades, bêbados, malucos, marginais em geral - de vez em quando acontece uma "trombada".

A presença policial é ostensiva. Frequentemente policiais fardados ou à paisana irrompem repentinamente, brandindo armas ou cassetetes, com a conseguinte dispersão pânica. Mas, passada a ameaça policial, a cena reestrutura-se.

Esta cena tem alguma coisa de carnavalesco, no sentido de Bakhtin. As classes sociais misturam-se numa diversidade heteróclita: "bichas" mais maduras, vestidas com casacos de couro e jeans caros, acossam às vezes desde os seus carros, a garotinhos humildes,

saídos dos estratos sociais mais baixos. A diferença entre ambos os bandos é brumosa. Pode-se aplicar ao local o que Antonio Chrysóstomo diz acerca da Galeria Alaska - outro ponto de prostituição masculina, no Rio de Janeiro:

"Não há propriamente lados entre uns e outros. Apenas para efeitos de narração, podemos dizer que a escala entre homossexuais vai do folclore bravio das bichas marginalizadas que usam roupas de mulher, nem sempre caracterizadas como verdadeiros travestis, compondo, neste caso, tipos híbridos entre homem e mulher, aos viados distintos, indivíduos bem postos, quando não magnificamente situados na escala social, componentes da base econômica e social sobre a qual se movimenta este meio" (Chrysóstomo, 1978, p.2).

A aproximação entre uns e outros, naquilo que parece inicialmente uma grande confusão, não é geralmente direta: estabelece-se a partir de um jogo de deslocamentos, piscares, olhares, alusões, pequenos gestos quase imperceptíveis para um estranho, através dos quais se trocam sutis sinais de periculosidade, de riqueza e poder, de libidinosidade, de inteligência. Não mencionamos estes preâmbulos barrocos, mais do que para nos deter num aspecto: num locus de contornos aparentemente difusos e fugidios, toda uma sucessão de demandas e ofertas sexuais articulam-se. Essas articulações aparecem como casuais, 'livres' ou arbitrárias. Ao conhecê-las mais de perto, percebe-se que, sem perder a qualidade do acaso, essas interações estavam percorridas por redes, mais ou menos implícitas, de signos codificados.

Neste momento, a "observação livre" - que "consiste em estudar las situaciones de la vida real sin apelar a medidas e instrumentos de precisión y sin controlar la exactitud de los fenómenos estudiados" (Madras, 1972, p.194), dá passagem à "descrição densa": uma etnografia cujo objeto é apreender "uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, são percebidos, produzidos e interpretados, e sem os quais eles de fato não existiriam". Portanto, fazer a etnografia será "tentar ler (no sentido de

'construir uma leitura') um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamentos modelados" (Geertz, 1978, p.18/20).

Como praticar essa "etnografia densa" que recomenda Geertz? Numa visão superficial, a cena rucira de um dos "pontos" de frequência homossexual do mundo da noite paulista, apresenta-se como caótica, mas extremadamente rica e complexa no que respeita às interações, circulações e trocas entre os sujeitos. Tentar-se-á ver como essa territorialidade tem sido pensada pelas ciências sociais.

. A REGIÃO MORAL

A constância de certas populações em agruparem suas perambulações à procura de sexo, diversões, prazeres e outros vícios próximos à ilegalidade, em áreas especializadas das megalópoles, mereceu um status particular na Sociologia Urbana com a aplicação da categoria da "região moral".

"É inevitável - raciocina Park - que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão ... devam de tempo em tempo se encontrar nos mesmos lugares". A população dessas áreas - que nem necessariamente reside, mas apenas perambula pelo local - "tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos" (Park, 1973, p.64).

A noção de "região moral" repousa numa concepção que divide o espaço urbano em círculos concêntricos: uma faixa residencial, outra industrial e o centro - que serve ao mesmo tempo como ponto de concentração administrativa e comercial, e como lugar de reunião das populações ambulantes que "soltam", ali, seus impulsos reprimidos pela civilização (id., p.65).

Mas, conforme a concepção da Escola de Chicago, não apenas a região moral, mas a urbe moderna na sua totalidade, configuraria uma forma de organização social particularmente proclive a favorecer as tendências à desorganização, à desestruturação e à anomia no sentido de Durkheim. (1)

Inspirado em Max Weber, Wirth considera que o aumento do número de habitantes acarreta per se uma modificação no caráter das relações sociais; sobrevém uma "segmentação das relações humanas" (Wirth, 1973, p.101), que explicaria o "caráter 'esquizóide'" da personalidade urbana. Ainda que interatuem face a face, os cidadãos encontram-se uns aos outros em papéis "bastante segmentários"; os contatos devêm impessoais, transitórios, superficiais.

Escreve Wirth:

"O indivíduo se torna membro de grupos bastante divergentes, cada um dos quais funciona somente com referência a um segmento da sua personalidade" (id., p.105).

Esses grupos, tangenciais uns a respeito dos outros, entrecortam-se entre si. A cidade, mosaico de mundos sociais, fragmenta também o sujeito; produz-se "um processo de despersonalização". Assim, "a cidade como comunidade decompõe-se numa série de relações segmentárias tenues, sobrepostas a uma base territorial com um centro definido, mas sem uma periferia definida" (id., p.111).

Oliven (1980) resume os efeitos que a urbe causaria nos mais variados aspectos da vida social: "papéis sociais altamente fragmentários, predominância dos contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimentos sociais,

(1) Para uma abordagem da anomia em Durkheim e seus desenvolvimentos posteriores, ver Marshall, 1973. Sob outra perspectiva, Deleuze e Guattari (1980, p.290) sustentam a sugestão de Duvignaud: os fenômenos anômicos que atravessam a sociedade não seriam degradações da ordem social, mas "dynamismes irréductibles traçant des lignes de fuite".

afrouxamento dos laços familiares e competição individual..." (Olivien, 1980, p.30).

As análises da Escola de Chicago têm sido acerbamente criticadas: empiricamente, pôde se observar que os laços primários - sobretudo nas populações migrantes latino-americanas - tinham tendência a sobreviver, coexistir ou se adaptar às condições sociais impostas pelo meio urbano. De um modo geral, os cientistas sociais brasileiros optaram antes por uma "antropologia nas cidades" do que por uma "antropologia das cidades" (Durnham, 1984).

Justificando essa postura, Velho e Machado explicitam: "Estamos preocupados em estudar situações que ocorrem nas cidades sem que tenhamos, forçosamente, de explicá-las pelo fato de estarem ocorrendo naquele quadro especial. Estaremos fazendo uma ciência social nas cidades e não da cidade" (Velho e Machado, 1977, p.71).

Esta crítica à Sociologia Urbana parece se relacionar com certa escolha de objetos desenvolvida pela Antropologia quando passa das análises clássicas sobre populações primitivas às sociedades complexas urbanas. Assim, as pesquisas antropológicas tenderam a se restringir "às camadas menos favorecidas da população" (Durnham e Cardoso, 1975, p.54). Seguindo as oposições colocadas por Da Matta (1985a), poderia se dizer que os estudos sociais urbanos têm privilegiado o bairro sobre o centro, a casa sobre a rua, o mundo do dia sobre o mundo da noite.

Esta última diade dia/noite nos resulta particularmente significativa. Seguindo o esquema concêntrico da Escola de Chicago, o centro - local do poder e do dinheiro durante o dia - tornar-se-ia local de vício durante a noite: passaria a ser tomado por certa marginalidade "boêmia", que ocuparia as "margens" sociais da cidade. Assim, a "margem" (num sentido sociológico) volta-se sobre o centro (num sentido ecológico).

As delimitações não são sempre precisas. Em princípio, para Park, "cada vizinhança, sob as influências que tendem a distribuir

e segregar as populações citadinas, podem assumir o caráter de uma 'região moral' " (Park, 1973, p.64).

Modernamente, a tendência à descentralização urbana leva também a espalhar os lugares de diversão e lazer, especializando crescentemente o antigo centro urbano em atividades de gestão e administração (Castells, 1972, p.182). Porém, o mesmo Castells adverte "la persistencia de cierta especialización de la zona centro en lo referente a los espectáculos de tipo único y, notoriamente, en lo relativo a la llamada 'vida nocturna' " (idem).

Se, por um lado, a caracterização do centro "en tanto que núcleo lúdico, concentración de lugares de entretenimiento, diversificación y ocio, asiento espacial de las 'luces de la ciudad' " (idem, p.171), costuma fugir dos limites da sociologia para se converter num gênero literário intermediário entre o lirismo e a ficção-científica, simbolicamente, concede Castells, "lo que caracteriza al centro es menos tal o cual tipo determinado de espectáculo, de museo e de paisaje que la posibilidad de lo imprevisto, la opción consumista y la variedad de la vida social" (idem, p.185).

O centro da cidade, lugar privilegiado de intercâmbios (Castells), ponto de saturação semiológica (Lefebvre, 1978), é também o local da aventura, do acaso, da extravagância, das fugas. Fluxos de populações, fluxos do desejo: a predileção dos sujeitos à procura de parceiros sexuais do mesmo sexo pelas ruas do centro, detecta Alves de Almeida (1984), "não parece ser casual".

Num trabalho pioneiro sobre o homossexualismo em São Paulo, Barbosa da Silva (1959) explica assim esta preferência: "A diminuição das sanções, a concentração de grupos masculinos para a procura de prazeres sexuais ou de lazer, são basicamente fatores que servem de catalizadores de grupos homossexuais" (Barbosa da Silva, 1959, p.354).

O "dispositivo de sexualidade" (Foucault) não se detém em conferir à homossexualidade uma demografia - uma base populacional.

Instaura também uma territorialidade geográfica: "Para a agência dos indivíduos como grupo existe também a necessidade do aparecimento de uma base espacial" (Barbosa da Silva, op. cit., p.351).

Esta base espacial - cujos limites veremos mais adiante - está dentro da "área de desorganização" - a "região moral" de Park. A contiguidade entre homossexualismo e delinquência (colocada já por Hocquenghem, 1980) fundamenta-se num plano empírico, tanto espacial quanto historicamente. Assim, já em 1959, "dados de observação mostram que se superpõem nessa área, atividades classificadas como índices para a caracterização de áreas de desorganização, como casas de cômodo, prostituição, apartamentos pequenos, concentração de bares, dancings, cinemas, boites, criminalidade, vadiagem, homossexualismo, boêmios" (Barbosa da Silva, op. cit., p.353).

. A BOCA DO LIXO

Já em 1944 Lucila Hermann caracterizava "a deterioração moral" do antigo centro paulista. A mobilidade material própria da área, cujos habitantes não se sentiam sujeitos a ela por laços familiares nem econômicos, "acompanha e intensifica uma grande mobilidade moral", que determina "uma mentalidade propensa à aceitação rápida das inovações e uma fixação mínima dos tabus, convenções, códigos de moral comum". "Apenas as meretrizes - concedia Hermann (1947, p. 31/33) - encontram aí afinidade e centro profissional; (mas) constantemente controladas pela polícia de costumes, são frequentemente obrigadas a se mudarem para outras zonas impostas pelas autoridades."

Em 1954, a zona de prostituição confinada, caracterizada pela existência legítima de bordéis sob controle governamental, é fechada por decreto das autoridades. A antiga zona centrava-se nas ruas Itaboca, Aimorés e suas travessas, abrigando milhares de prostitutas oficialmente registradas. Não apenas havia prostitutas na área: habitualmente, as áreas de prostituição são focos aglutinadores do chamado "submundo da noite".

Inicialmente resistida - até com pichações nos muros, do tipo: "Fulano (nome do policial responsável pela operação), reabra a zona, sua mãe já voltou para casa" (citada por Moraes Joanides, 1977, p.21) - , a medida oficial acabou gerando a abertura de uma outra área, conhecida como "Boca do Lixo".

O delinqüente Hiroito dá uma visão "microscópica" do processo. Assim, desabrigadas pelo fechamento dos bordéis,

"... o grosso, quantitativamente falando, das despejadas ... solucionaram seus problemas de abrigo indo morar naqueles hotelecos e casas-de-cômodos, que sempre proliferaram no bairro dos Campos Elíseos, nas cercanias das Estações Ferroviárias da Luz e Sorocabana, e que são presença obrigatória nas imediações de toda cidade grande" (Moraes Joanides, 1977, p.22).

A modalidade de prostituição modifica-se: das casas fechadas se passa ao trottoir. Assim o define (proto-foucaulteanamente) uma assistente social da época:

"O trottoir é a forma de prostituição em que a mulher se oferece publicamente. Da calçada - símbolo do seu métier - até os bares, desenvolve a meretriz seu triste mister, a espera de 'fregueses' que concorrem para a manutenção da sua existência decaída e, mais além, para a reprodução dos parasitas sociais, que vivem do aviltante comércio" (Meira, 1957, p.30).

Uma nova zona, com seus códigos, atividades e populações próprias, se estabelece, intermediária entre a delinqüência e o "ilegalismo" (por usar a expressão de Foucault, 1976).

Conta Hiroito:

"Com o fechamento da chamada 'zona', a prostituição, 'desoficializada', foi se fixando no bairro dos Campos Elíseos,

onde, em curto espaço de tempo, apossava-se territorialmente de toda a área circunscrita pelas ruas e avenidas Timbiras, São João (Praça Júlio Mesquita), Barão de Limeira, Duque de Caxias, Largo General Osório e Rua dos Protestantes, no que veio a constituir a famigerada 'Boca do Lixo', o 'Quadrilátero do Pecado' ". (Moraes Joanides, *idem*, p.15)

Até inícios do ano 1959, a Boca constituía um local relativamente tolerado. A intervenção policial era estentórea, e restringia-se a propiciar um clima de sossego na área:

"Apenas nas sextas-feiras é que o 01 e o 39 Distrito Policial saíam às ruas da Boca, em caravana com aqueles enormes carros de presos percebíveis a quilômetros de distância, para recolher aos xadrezes, até a segunda-feira, de preferência as mulheres mais baderneiras, os tipos mais arruaceiros, visando com isso propiciar um sábado e domingo - dias em que o pedaço iria ferver em sua movimentação - mais pacíficos e ordeiros, com menos ocorrências policiais" (*idem*, p.15)

Mas o desencadeamento da repressão policial, através de sucessivas blitz (Operação Arrastão, Pente Fino etc.), geraria o desabamento da Boca, resistido no início com novos deslocamentos de prostitutas e sua corte de marginais, primeiramente para a Avenida São João e ambos os lados da Duque de Caxias, depois para o Largo do Arouche (área, como veremos, muito significativa para o gueto homossexual), e a Rua Rego Freitas, no que passaria a ser conhecido como a "Boca do Luxo".

. Tipologia nativa da Boca: a codificação perversa

Hiroito divide os "desajustados sociais" (*sic*) em dois grandes grupos - malandros e vadios - e uma subespécie: os boêmios.

O grupo dos malandros inclui a "todos aqueles cuja conduta é essencialmente criminosa, tipificada e punida por lei": assaltos, roubos, tráficos, batedores de carteiras etc.

Os vadios constituem "algo assim como o corpo assessorial da malandragem, o seu staff: são indivíduos que ganham a vida através do cometimento de ações que não chegam a ferir a letra da lei, ou, se ferindo, é apenas de leve". Incluem-se aqui as prostitutas, os pasadores de droga, os cafetões.

Os boêmios - que depois viriam a ser os transviados - são aqueles frequentadores do "submundo" que têm, na sua vida "normal", ocupações lícitas, ou são seduzidos por prostitutas. Aqui incluem-se, aliás, "os soldados, cabos e sargentos da Polícia Militar, os ex-integrantes da extinta Polícia Marítima, os repórteres policiais, os investigadores e escrivões de polícia, e até alguns delegados que tiveram ou ainda têm os seus 'casos' com 'mulheres da vida' ou com donas de apartamentos ou casas de lenocínio" (Moraes Joanides, op. cit., p.51).

Mais abaixo, estariam os "proletários" - recém-vindos à zona, nos degraus inferiores - e os "otários" ou "trabalhadores", simplesmente vítimas da ação delitiva.

Esta classificação não interessa em si mesma (inclusive, pelo fato de não ser o tema central do estudo). Pode ainda sobrepor-se a outras realizadas pelos próprios nativos - origem donde procede seu valor. Mas serve como índice do que poderíamos chamar a "paixão classificatória" dos participantes dos submundos marginais. Ainda que vagamente, proporciona uma idéia do estatuto de um modelo classificatório "marginal" e de sua construção.

Tal perspectiva é, sobretudo, relevante aos efeitos da dinâmica estrutura-antiestrutura, colocada por Turner (1974). Assinala que o que está fora da legalidade não "carece" de leis, não é orgiástico, caótico, desenfreado.

Haveria uma passagem limiar em que o sujeito "sai" da normalidade e "entra" na área ilegal ou semilegal. As condições de penetração e fixação nesse território são diversas; e muitas delas não impossibilitam uma eventual volta à vida normal - são as conhecidas "escapadas".

Um exemplo é o caso do próprio Hiroito. A origem da sua carreira delitativa - a falsa acusação de assassinio do pai - parece confirmar a letra da "carreira desviante" de Becker (1971).

Em "Boca do Lixo, uma permanente preocupação com a auto-justificação impregna o depoimento do criminoso. Essa preocupação tem a ver com a apresentação perante a lei e a norma - remete à noção goffmaniana de estigma (Goffman, 1975).

Mas lembre-se a idéia - de inspiração freudiana - de Park a respeito da 'liberação dos instintos' favorecida pela "região moral" - e de cuja necessidade era ela mesma um produto. Concedamos que o ingresso de um sujeito "normal" no "mundo da noite" pode ser acidental. Mas o seu aprofundamento solta, por assim dizer, impulsos comumente desestimulados no universo normal. A prática da promiscuidade - ou ainda a contigüidade com essa prática - marca, no nível especificamente sexual, a ligação entre as diferentes transgressões. Mas essa transgressão é, ela mesma, ordenada.

Assim, aquilo que desde o código "normal" (doméstico, conjugal) seria visto como uma liberação caótica das pulsões, no código marginal se "reterritorializa" em novas classificações que tendem a controlar (ou a sujeitar) esses impulsos. Nova recodificação territorializante que abre aquilo que no universo "normal" está fechado, mas fecha logo o que abre.

. O GUETO GAY

A noção de "região moral" da Escola de Chicago, ainda que pertinente, revela-se excessivamente ampla para descrever as redes

de sinalização e inclusão categorial das populações "homossexualistas".⁽²⁾ Levine (1979), baseando-se numa longa lista de usos do termo - que inclui entre outros a Altman, Humphreys e Wainberg and Williams - propõe legitimar a noção "gay ghetto" para denominar essas populações unidas pelas suas preferências e cerimônias eróticas.

Levine parte do clássico The Ghetto, de Wirth, 1928 (1969), e tenta estabelecer em que medida as condições definidas pela Escola de Chicago - cujos sociólogos "aplicaram a expressão a vizinhanças habitadas por judeus, poloneses, negros e italianos" - se adaptam aos bairros de predomínio homossexual de Boston, New York, Chicago, San Francisco e Los Angeles.⁽³⁾

Esses requisitos são:

- a) Institutional Concentration: através do traçado de detalhadas plantas, Levine mostra "the existence of gay institutional concentrations in areas of each city" (p.191). Estas instituições são basicamente comerciais: lojas, saunas, bares, boates, mas abrangem desde bancos e agências de turismo até "cruising areas".

(2) Goffman defende a aplicação do termo 'homossexualista' em substituição do ambíguo 'homossexual':
 "O termo 'homossexual' é, geralmente, usado em referência a alguém que se engaja em práticas homossexuais abertas com um membro do seu mesmo sexo, sendo essa prática chamada de 'homossexualismo'. (...) Observe-se que um indivíduo pode conservar a filiação no mundo homossexual sem se engajar em práticas homossexuais, assim como pode explorar o homossexual pela venda de favores sexuais sem participar social e espiritualmente da comunidade (...). Se o termo 'homossexual' é usado em referência a alguém que se engaja num tipo particular de ato sexual, então é necessário um termo como 'homossexualista' para designar alguém que participa de um tipo particular de comunidade desviante" (Goffman, 1975, p.154). Carlos Nelson F. dos Santos segue o conselho de Goffman no seu trabalho sobre saunas gays (1976).

(3) Castells (1984, p.139) refere-se criticamente à tentativa de Levine: "But whatever coincidence there may be between the characteristics of the ghetto, as defined the Chicago School and the gay experience of spatial organization, the argument is a purely formal one and, in any event, misleading. Instead, gay leaders tend to speak of 'liberated zones', and there is a major theoretical difference between the two notions, the difference being that gay territories, unlike ghettos, are deliberately constructed by gay people". Castells põe o acento nos aspectos políticos da ocupação espacial gay, sem prestar especial atenção às definições internas de identidade.

- b) Culture Area: Levine determina "the culture of an area by examining the cultural traits that appear within" (p.191). Observa que "these homosexual culture areas are typified by an extraordinarily high concentration of gays and their culture traits". Assim, "large number of gay men are present in the street, while women and children are conspicuously absent". Aliás, "gay language is widely used in these places"; desfilam aí as variantes da moda gay, especialmente na sua versão "butch": "working man, lower-class tough, military man and athlete" (p.193). Conseqüentemente, há um considerável aumento da tolerância para as formas manifestas de comportamento homossexual, em oposição ao puritanismo cínico da sociedade global. Estes fatores explicam a preferência dos gays por essas áreas.
- c) Social Isolation: obrigados por preconceitos e discriminações amplamente difundidas no corpo social, os gays tendem a se isolar e se agrupar entre si. Em alguns casos, "their interaction with heterosexuals was restricted to their job or sporadic family visits. Aside from this, social relations were confined mainly to other homosexual" (p.196).
- d) Residential Concentration: apesar das dificuldades representadas pela não-inclusão da categoria gay nos censos domiciliares, Levine detecta uma tendência dos homossexuais a concentrarem suas residências nas áreas de "cultura gay": "The gay concentration in all these areas is so extensive that entire blocks and buildings are inhabited exclusively by gays, many of whom own of the buildings in which they live" (p.199).

Levine conclui afirmando a validade da noção de gay ghetto "as a sociological construct", e especula a respeito do desenvolvimento eventual destas áreas:

"A growing acceptance of homosexuality in the more liberal part of the country signifies that gays can now practice an openly life-style without fear of penalization. Once out of the closet, gays may be drawn to the partially developed ghettos, to be near other like them and the places of gay life, increasing the number of gay residents in such districts". (p.201)

Pode-se falar de um ghetto gay em São Paulo?

No caso de São Paulo, o processo de diferenciação do chamado "ghetto gay" no seio da "região moral" não parece estar tão avançado quanto nos Estados Unidos.

Os requisitos colocados por Wirth para definir "ghetto" não se cumprem na sua totalidade na área do centro da cidade de São Paulo delimitada para nosso estudo. Porém, alguns deles estão parcialmente presentes.

Assim, a denominada "institutional concentration" limita-se à concentração e exploração de locais de lazer: bares, saunas, boates e pontos de "pegação". À diferença das megalópoles do norte, a área gay superpõe-se com outras "concentrações institucionais", principalmente de prostitutas.

Também se realizam em forma relativa os outros dois requisitos, "culture area" e "social isolation". A respeito deste último, pode-se pensar que a maior tolerância não se limita às manifestações públicas de homossexualismo, mas abrange as diversas variantes da sexualidade "desviante". De outra parte, o grau de densidade das manifestações subculturais parece estar relacionado com o predomínio de sistemas classificatórios distintos. Por exemplo, a área da Marquês de Itú é a mais estritamente gay - e a presença de mulheres, esporádica. Pelo contrário, na área mais 'popular' da Ipiranga, a proliferação de gestos, indumentárias e gírias prototipicamente "entendidas", pode suportar a intrusão de homens e mulheres "heterossexuais", ainda que em franca inferioridade numérica. Nas duas áreas, esta hegemonia "homossexualista" só se verifica em horários noturnos.

O quarto requisito - "residential concentration" - não parece realizar-se, pelo menos no seu sentido estrito. A população da área parece continuar tendo, a grosso modo, as características de "desintegração" registradas por Hermann em 1944. A escassez de trabalhos sobre o centro da cidade na área da antropologia urbana di-

ficulta comprovar completamente esta inferência. Gouvêa et alii (1983) enfrentam essa dificuldade recorrendo a estudos produzidos na área da geografia: Helena Cohn Cordeiro (1980) define a zona como "área de depreciação urbana"; segundo Silva (1983), o centro vê-se afetado "pela passagem da metrópole ampliada simples para metrópole ampliada complexa", vivida pela cidade de São Paulo entre 1955 e 1970.⁽⁴⁾

Gouvêa et alii (ob. cit.) dão conta também das dificuldades para definir com precisão os limites da 'Boca', que "sofrem uma expansão territorial muito significativa desde 1955 até hoje" (p.13/14) e observam:

"De um lado, está o modo peculiar pelo qual a Boca se constituiu e se consolidou ao longo dos anos como um espaço segregado. De outro, a liberalização dos costumes e o relaxamento da moral fazem surgir e crescer enormemente a presença de outros tipos sociais, isto é, o nascimento e a expansão da prostituição masculina, que vem ocupar o espaço aberto que é a Boca" (p.25, Primeiro Relatório).

É a profissão de pessoas adeptas às formas 'marginais' de sexualidade e/ou sobrevivência que favorece a relativa permissibilidade a respeito das condutas publicamente homossexuais. Essa tolerância pode ter estimulado a instalação residencial das populações ligadas ao mercado homossexual, sob uma ampla variedade de estilos; é comum encontrar prédios ou "cortiços" habitados por diferentes tipos de lumpens (prostitutas, travestis, delinquentes etc.), coexistindo não raramente com famílias trabalhadoras ou ainda, no mesmo quarteirão, com famílias de classe média.

(4) Explicando o deslocamento do centro urbano para a Av. Paulista, Sant'Anna (1984, p.7) sublinha "a perda de qualidade do Centro Histórico tradicional", manifestada, entre outros sinais, pelas "sucessivas 'degenerações' da paisagem constatada pela deteriorização das edificações, como também dos espaços públicos".

De uma maneira geral, o modo de agrupação das populações na área do centro de São Paulo parece corresponder à clássica "região moral" - cuja tendência à dispersão previra já o próprio Park e descrevera Castells. No caso de São Paulo, esta expansão da "região moral" tem a ver com a aparição de focos de "vida noturna" em outras áreas da cidade. Isto se exprime também nas "instituições" especificamente gays, que vão paulatinamente se deslocando para bairros residenciais de classe média ou média alta, como os Jardins, Pinheiros, Vila Madalena etc.

Cabe, aliás, registrar certa tendência (ainda incipiente) à instalação de homossexuais ostensivos em áreas da "classe média liberal", onde haveria certa tolerância para comportamentos gays mais ou menos manifestos. Em 1984, por exemplo, abriu-se uma "casa de chá" destinada explicitamente à "elite gay" no bairro de Moema. Porém, esse êxodo molecular de "homossexuais assumidos" pode não ir especificamente na direção de constituir "gay ghettos" à moda americana. No momento, esses gays de classe média, parecem justapor aos traços da sua "subcultura" peculiar outros próprios do setor sócio-econômico ao qual se acoplam.

De outro lado, a pertinência de aplicar a noção de "região moral" à área de circulação sexual do centro urbano sustenta-se em uso recente, como o de Gaspar (1984) - que aponta a delinear uma "geografia do sexo" de Copacabana - e o de Velho (1975), na sua radiografia de um prédio desse mesmo bairro carioca. Porém, Velho se declara a favor de uma "antropologia na cidade", e contra uma "antropologia da cidade", donde aquela noção procede.

A polêmica "na"/"da" é retomada a propósito da análise de Levine. O ponto de partida de Levine é, para dizê-lo nestes termos, "da". Levine (p.183, op. cit.) opõe a concepção espacial - "ecológica" - de Wirth e Park, às outras interpretações da noção de ghetto, que restringem a aplicação do termo a comunidades compostas de minorias étnicas e raciais. Dito de uma maneira técnica, Park e Wirth colocam o acento na territorialidade-espacialidade; seus críticos, mais próximos à sociologia na cidade, salientam como determinante a

idéia de comunidade-identidade.⁽⁵⁾

O curioso é que a análise de Levine, partindo de perspectivas "espaciais", chega a conclusões, por assim dizer, "comunitárias". Em momento nenhum Levine coloca em questão que a chamada "identidade homossexual" não seja motivo para a agrupação territorial destes sujeitos, que optam por realizar um "gay way of life". Noutros termos, Levine participa da "naturalização" da "identidade homossexual" questionada - como veremos - por Pollack.

Haveria, então, um duplo movimento. De um lado, a preferência dos homossexuais por perambularem na "região moral", teria sido historicamente a resposta à marginalização a que a sociedade global os condena. Eles teriam encontrado aí um "ponto de fuga" para os seus desejos "reprimidos" pela moral social.

Para dizê-lo em termos de Deleuze e Guattari, a população "homossexualista" ter-se-ia "desterritorializado" sobre a "região moral" (espécie de esgoto libidinal das urbes, condição residual que ecoa no mesmo topônimo: "Boca do Lixo"), para reterritorializar-se numa "territorialidade perversa", marcada pela adesão a lugares de encontro, argots e códigos comuns.

(5) Wellman e Leighton (1981) fazem um desenvolvimento desta diferença entre os que colocam o acento na espacialidade ("la communauté perdue", caracterizada por "réseaux lâches" de relações interpessoais), e os que salientam a persistência dos vínculos comunitários ("la communauté protégée", caracterizada por "réseaux protégés" de relações), e incluem um terceiro modelo de análise: "la communauté émancipée", de "réseaux ramifiés" que independem da sujeição aos limites do bairro ou da vizinhança, sendo "... réseaux faiblement soudés, aux limites imprécises sont mal équipés structurellement pour le contrôle social interne" (p.125). Em compensação, "des reseaux emancipes ramifies sont bien structurés pour l'acquisition de ressources supplémentaires a travers de un grande nombre de connexions extérieures directes et indirectes" (p.126). Os relacionamentos entre as populações do gueto poderiam talvez ser pensados através deste modelo de redes ramificadas.

Mas já a constituição dos "gays ghettos" americanos como uma população estável, agenciaria um ponto de reversão da tensão desterritorialização/reterritorialização.

O surgimento dos gay ghettos à moda americana - com sua concentração territorial e sua identidade totalizante - exprimiria um reforço - uma mutação de sentido - desse processo de reterritorialização: as massas flutuantes são substituídas por populações localmente fixadas. Concomitantemente, as populações dos ghettos gays começam a deixar de serem "marginais" e quebram seus vínculos de contiguidade com as outras populações da "região moral". De fato, no caso de San Francisco - talvez a cidade onde o peso político e demográfico da "lavender community" seja mais intenso - a pressão expansiva do ghetto gay tende a deslocar as populações negras que habitavam originariamente esses bairros, entrando frequentemente em conflito violento com elas.

Voltando à análise de Levine, esse deslocamento "teórico" da perspectiva territorial para a perspectiva comunitária pode se assentar na evolução histórica do homossexualismo americano, num processo percebido, entre outros, por Marshall (1981).⁽⁶⁾

Ghetto x Boca

Num interessante artigo, Pollack (1983) relaciona "o fato de a homossexualidade ter abandonado (nas últimas décadas) a sombra do domínio do não dito" com o desenvolvimento de populações homossexuais social (e até politicamente) legitimadas.

(6) Condensa Plummer (1981, p.55): "Ghettoized and reified, the 'homosexual remains firmly under control in 'liberated capitalism'."

"Na visão psiquiátrica dominante, a classificação da homossexualidade entre as perversões (...) manteve toda sua força até os anos 60. A decisão que a Associação Psiquiátrica Americana tomou em 1974 no sentido de deixar de considerar a homossexualidade como uma perturbação mental (mental disease) é um ato simbólico que marca a alteração das relações de força entre as diferentes teorias da sexualidade. Mas esta alteração operou-se em favor de uma visão que, também ela, naturalizou o fenómeno homossexual" (p.51).

Um dos efeitos desta "naturalização" parece ter sido o progressivo deslocamento do protótipo caricatural da "bicha louca", pelo paradigma de uma "identidade gay" redefinida pelos militantes homossexuais "libertando-a da imagem que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem efeminado, na pior, uma mulher falhada". Como reação contra esse estereótipo, continua Pollack, "o homem 'superviril' ou 'macho' tornou-se ideal: cabelos curtos, bigodes ou barba, corpo musculado".⁽⁷⁾

Assim:

"enquanto o tema da emancipação dos heterossexuais está, muitas vezes, ligado à indiferenciação dos papéis masculino e feminino, a emancipação homossexual passa atualmente por uma fase de definição muito restrita da identidade sexual". (p.64)

(7) Seymour Kleinberg interpreta assim esta "insensível busca da masculinidade": "Antigamente, a duplicidade das vidas escondidas encontrava alívio no comportamento efeminado excessivo e caricato: agora, a supressão ou negação do problema moral implicado na escolha é muito mais nociva". Assim, "a masculinidade é a única verdadeira virtude: os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico; não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redonda exclusivamente da glamurizada força física". (Kleinberg, 1979, p.8/9) (...)

A tendência à "ghettificação" - no sentido de concentração cultural e residencial - implicaria então certa proclividade à homogeneização, orientada à "afirmação de uma identidade homossexual", que regimenta, modela e disciplina os gestos, os corpos, os discursos.⁽⁸⁾ Acontece, segundo Pollack, que "o aparecimento no seio do meio homossexual de uma imagem viril em oposição à imagem efeminada" está na raiz da instauração de uma "identidade homossexual". Esse mesmo processo - "que chega até a organização econômica, política e espacial" - está na base da constituição dos gay ghettos conceituados por Levine.

No caso do Brasil urbano, a inexistência de um processo de agrupação residencial da população homossexual no sentido clássico da noção de ghetto, corresponde-se com um desenvolvimento ainda não monopólico das formas de "homogeneização" dessas populações em benefício do "gay macho" - como acontece nas cidades americanas. Embora essa tendência à uniformização se expresse no Brasil - na sua versão política, sob o modelo da "bicha ativista" de Mott (1982), por exemplo -, a homogeneidade androginizante parece ainda longe de ser obtida e a própria dispersão classificatória dos "Dez viados" baianos

... Segundo ele, a consequência prática deste quadro seria a progressiva impotência registrável nas saunas gays. Por sua parte, Blachford (1981) vê neste fenômeno de "masculinization of the gay world" a permanência da dominação masculina própria da ordem social global, na subcultura gay. A partir de 1970, "new masculine style (...) has become the dominant mode of expression in the sub-culture. The new 'homosexual role' now prohibit or certainly limited effeminacy" (p.188). Isso se traduz em expressões discriminatórias do tipo: "I'm gay, but you're queer". Assim, "effeminate homosexuals are going to be stigmatized by the more 'normal' homosexuals" (p.189).

(8) Patrício Bisso pinta uma divertida descrição do ghetto gay da Rua Castro, em San Francisco:

"Nos últimos anos parecem ter-se estabelecido no universo gay três modelos, modelos estes que devem ser seguidos à risca, sob pena de serem condenadas à terrível lei do ombro frio (a lei do ombro frio consiste em que, se você entrar num lugar e não estiver vestido igual ao resto, todas instantaneamente se viram de costas e, de repente, você se sente no meio de um iceberg de ombros de gelo). Os três modelinhos para esta temporada são: a) lenhadora; b) pesadona; c) bonitinha (segue a descrição). Agora, não pensem que nem entre elas se misturam, não, não. Por exemplo, se uma c) bonitinha entrar num bar cheio de b) pesadonas, não dá outra: pimba, lá vem o tal de ombro frio. As únicas que circulam livremente pelos dois ambientes parecem ser as a) lenhadoras" (Bisso, 1984).

exprime este multimorfismo das homossexualidades brasileiras. Ver-se-á mais detalhadamente o desenvolvimento paulistano do complexo processo de imiscção entre modelos classificatórios "hierárquicos" e "igualitários". Fry, que idealiza essa oposição, tende a vislumbrar um avanço do modelo "gay-igualitário" como efeito do maior peso das classes médias urbanas democráticas na vida social brasileira.

Porém, esse progressivo deslocamento das formas "populares" de representação dos generos homossexuais, não parece proceder de uma forma linear. Pelo contrário, certa "resistência da (bicha) louca" - similar à encontrada por Hocquenghem⁽⁹⁾ em Barcelona - parece agir como um fator não-desprezível no retardamento da homogeneização identificatória gay.

Assim, episódios "pitorescos" como a popularização do travesti Roberta Close,⁽¹⁰⁾ no nível de consumo de massas, estariam exprimindo, apesar de sua óbvia reapropriação capitalista, uma crescen-

(9) Na sua descrição da área de circulação homossexual de Barcelona, Hocquenghem (1980) pinta um ambiente carnavalesco parecido ao brasileiro: "Não existem homossexuais em Barcelona (...). O que se vê são os militantes da frente homossexual catalã, vestidos de jeans, barbudos, e que acham os travestis 'apolíticos' (...). Mas na rua ... só se vêem mariconas, machos ambíguos, gigólos abertos, militares e turistas". Hocquenghem constata "...uma resistência da 'louca latina', tradicionalmente detentora de uma cultura vigorosa e solidamente enraizada nos cais dos grandes portos mediterrâneos e que se opõem ao modelo anglo-saxão de responsabilidade e de afetação liberada" (p.138).

(10) Num entrevista inaugural, concedida à Revista Close - da qual procede seu apelido -, Roberta Close, numa conversa com outros travestis, participa da defesa reivindicatória da classe. Simone é a mais veemente: "Eu sou travesti e sou prostituta. Não estou nessa porque eu queria, mas porque essa foi a única forma que encontrei para ser aquilo que sempre quis ser, isto é, mulher de amor. Quem vai dar emprego para um travesti? Ninguém. Há uma terrível discriminação nesse aspecto, que as autoridades não se importam. Os travestis estão no pé do pé da pirâmide das minorias segregadas" (seguem diversas reivindicações específicas). Roberta Close explica: "Às vezes certos homens não saem com a gente por medo ou preconceito. Mas eles só tem medo ou é preconceituoso se estiver com um amigo ou a namorada. Fora disso, as coisas acontecem (...). Cada um tem o direito de ser aquilo que melhor lhe convém, e isso deve ser respeitado" (Close, 1981).

te pressão de uma população de travestis também crescente. Essa "explosão" do travesti brasileiro parece indicar, entre outras coisas, que o coming-out da década de 70, dirigido pela vanguarda gay, não beneficiou somente as "bichas ativistas" de Mott (1982) nem aos "entendidos" de Guimarães (1977), mas também às denotadas "falsas mulheres" - diferenciar-se das quais constituíra, paradoxalmente, um dos primeiros objetivos dos gays "conscientizados".⁽¹¹⁾

Nas "regiões morais" brasileiras, essa resistência da "bicha louca" costuma assumir arestas cortantes. É a força de navalha - adverte Gaspar (1984) - que os travestis despejaram às prostitutas dos "pontos" da Av. Atlântica no Rio de Janeiro - contíguos ao "ghetto gay" da Galeria Alaska e a "Bolsa de Valores" do narcisismo praieiro. A contiguidade e superposição entre pontos de travestis e áreas de "gays modernos" tem expressão também no caso de São Paulo.

Cabe - num esquema provisório - comparar dois quadros situacionais diferentes:

- a) No caso do gay ghetto americano, a territorialidade perversa vira também residencial; suas instituições não são locais de lazer - como eram, segundo registrara Hooker, no San Francisco da década de 50 -, mas também posições econômicas e políticas. Conforme delimitam-se com mais clareza seus contornos geográficos, a identidade gay assume contornos cada vez mais totalizantes. A tendência do ghetto, especula Levine, parece ser à expansão.

(11) Não seria pertinente aplicar aos modos de relacionamento homossexual vigentes nas urbes brasileiras moldes categoriais fabricados nas metrópoles do Primeiro Mundo. Ploegmakers e Perruchot (1982) atribuem a essa defasagem o fracasso dos grupos de "afirmação homossexual" brasileiros, cuja preocupação por se diferenciar dos travestis e estabelecer um paradigma de "identidade gay" choça com certa "tentation hédoniste ... si dense qu'on le sent vibrer dans l'aire". Notam que "dans le centre de Rio, des mots comme 'guei' ou 'homossexual' ne servent pas que de mots de passe menant à des pratiques multiformes" (p. 16/17).

Escreve um dos protagonistas do movimento gay brasileiro:

"O homossexual deve lutar para existir e se fazer respeitar na integridade física, moral e psicológica que lhe é natural (...) sem se autodiscriminar ou afirmar-se em hierarquias ou classes, sejam travestis, michês, bichas-loucas, bichas mais-ou-menos-loucas..., bichas-intelectuais etc., etc." (Penteado, 1980).

b) No caso das hocas paulistanas, o território é antes um ponto de fluxo e de ambulacão do que um local de residência fixa; nele, os gays coexistem, literal e espacialmente, com outros tipos de marginais, "sexuais" ou não. Apesar de certa tendência à instalação habitacional por parte dos modernos gays (que, porém, parecem preferir áreas mais de classe média), essas moradias costumam ter a marca da fugacidade: hotéis, pensões, pequenos apartamentos alugados, característica da "região moral".

Esta dissidência revela-se também no plano semântico. Ghetto associa-se às comunidades minoritárias e alastra uma forte carga de "nacionalismo". Boca é um lugar de emissão de fluxos, que se associa ("Boca de fumo", "Boca de ouro" etc.) a qualquer forma de "ilegalismo" não exclusivamente homossexual. Alguns pontos de emissão podem ser também pontos de fixação na rede circulatória: trata-se dos pontos de travestis, de michês, de prostitutas etc.

Porém, a irrupção do novo modelo classificatório gay/gay incidiu também na incorporação - ainda que minoritária - do termo ghetto da parte dos próprios sujeitos envolvidos na transação para referirem-se, em primeiro lugar, às áreas "exclusivamente" gays (isto é, onde não tinha "bofes" nem "travestis") e, de um modo geral, a toda a área de perambulação homossexual do centro paulistano.

É neste último sentido - despojando-a das conotações "residenciais" de Levine e reapropriando-a conforme o uso local - que utilizar-se-á a noção de ghetto (ou gueto, na grafia brasileira) para aludir às áreas de circulação homossexual onde funciona o negócio do michê.

Uso da noção de "gueto gay" na nossa pesquisa

Os reparos que provocam a aplicação literal do conceito de gay ghetto de Levine, com sua carga de homogeneização, tem a ver não

parente com a operação de modelização que esse contrabando ideológico poderia eventualmente acarretar, mas também com dissimilaridades reais entre as populações homossexuais norte-americanas ou "metropolitanas", de um lado, e as brasileiras ou até latino-americanas em geral, do outro.

A existência pura e simples de um gueto gay paulistano nas condições definidas por Levine, não pode ser sustentada, bem como não estamos em condições de levantar indícios suficientes de uma próxima constituição (ainda que poder-se-ia especular, que a própria lógica do modelo gay-gay possa avançar nessa direção).

Não obstante, considerando-a na sua face puramente descritiva e não-conceitual, a palavra ghetto tem a vantagem de ter sido incorporada ao linguajar de alguns setores do meio homossexual local.

O uso do termo traz outro benefício, que é possibilitar certa distinção (espacial e "subculturalmente" verificável) entre os "pontos" de encontro homossexual e as restantes populações da Boca. Essa diferenciação parece ser, no caso de São Paulo, anterior à própria constituição de uma vanguarda gay "assumida", como a descrição da "base espacial do grupo homossexual" de Barbosa da Silva (1959) o indica.

O acento no uso do termo vai repousar, então, nas populações masculinas que fazem o intercâmbio de prestações sócio-sexuais numa área frouxamente delimitada.

Este acento nas populações pode permitir, de passagem, abranger um segundo movimento de espacialização. Se o requisito de "concentração residencial" não se verifica numa medida significativa, cabe pressumir que o deslocamento da "casa" ao "centro" implicará "micromigrações" das massas envolvidas - às quais os michês, que costumam morar nas periferias, nos parecem particularmente sensíveis. Essa circunstância poderá acentuar, intuimos, certa predisposição à normalização característica da "deriva" homossexual em geral, exar-

cebada entre os michês de rua.

De outro lado, este modo sui generis de instanciação e circulação da população do gueto homossexual - expressão usada aqui no sentido que a partir de agora lhe outorgaremos -, pode favorecer a aparição de "subguetos" ou de pequenas áreas (como bares, estações etc.) de concentração de adeptos às práticas homossexuais em diferentes pontos da cidade, mais ou menos próximos às residências das "bichas". Um "entendido" entrevistado faz referência a esse processo:

"No final dos anos 50, tinha um grupo de bichas 'grã-finas' que reuniam-se numa casa de Cantareira, todos moravam mais ou menos aí por perto. Elas costumavam sair para fazer pegação no bairro operário próximo mais populoso que era Santana. Tam todas numa pizzaria que ficava na rua principal de Santana sábado à noite. De fato os rapazes que frequentavam o pedaço sabiam que podiam encontrar bichas aí. A transação era exclusivamente sexual, nada de engajamentos afetivos. No domingo as bichas contavam-se o que tinha acontecido na véspera. Dava para fazer até várias pegações numa noite. De fato, pegação tinha - e acho que tem - na cidade toda."

(D., entrevistado por Edward MacRae, 1985) (12)

Ao pensar o termo gueto gay, então, nos estaremos referindo, de um modo geral, aos sujeitos envolvidos no sistema de trocas do "mercado homossexual" (Hooker) e aos locais onde as atividades relacionadas com sua prática sexual (e geralmente também existencial) se exercitarem com frequência consuetudinária. Nosso uso da expressão ghetto vai abranger, em primeira instância, a área estudada - mas seu campo de ressonância poder-se-á estender conforme o deslocamento das populações que o constituem.

(12) Edward MacRae - que realizou uma pesquisa sobre o Grupo Somos - teve a gentileza de facilitar-nos o acesso a esta entrevista.

Esta noção de ghetto,⁽¹³⁾ ao contrário da enunciada por Levine, não poderá ter limites geográficos nem "étnicos" demasiadamente precisos. Ela deverá flutuar e se nomadizar,⁽¹⁴⁾ acompanhando os movimentos reais das redes relacionais que aspira significar.

(13) Cuvêa et alii propõem pensar a Boca do Lixo/luxo como um "universo em movimento":

"Desta forma, a idéia de uniformidade dá lugar à concepção de um conjunto de relações que se atualiza constantemente: cada nova ida à Boca pode contribuir para ampliar a apreensão deste 'espaço fluido' " (1983, p.11, Segundo Relatório).

Tanto eles quanto MacRae (1983) consentem - embora sem uma discussão conceitual específica - num uso da noção de "gueto gay" similar ao elaborado aqui.

(14) Deleuze e Guattari, no "Traité de Nomadologie" (1980), opõem a localização, própria do espaço nômade, à delimitação característica do espaço sedentário: "Le nomade, l'espace nomade, est localisé, non pas délimité". De uma parte, "le nomade a un territoire, il suit des trajets coutumiers, il va d'un point à un autre, il n'ignore pas les points". Mas esta perambulação entre pontos não é princípio, mas consequência da deriva nômade. "... Même si les points déterminent les trajets, ils sont strictement subordonnés aux trajets qu'ils déterminent, à l'inverse de ce qui se passe chez le sédentaire" (p.471). Uma ciência que pretenda dar conta desses deslocamentos deverá ser ela mesma nômade, constituir um "Pensamento Nômade" (Deleuze, 1985).

CAPÍTULO II - TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO:

O GUETO GAY PAULISTANO ENTRE 1959 e 1984

Visão de São Paulo à Noite

Poema Antropófago sob Narcótico

(Fragmento)

Maldoror em taças de maré alta
na rua São Luiz o meu coração mastiga um trecho de minha vida
a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com sua gíria
feroz na plena alegria das praças, meninas esfarrapadas
definitivamente fantásticas
há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu amigo
a lua não se apóia em nada
eu não me apóio em nada.

Roberto Piva (1963, p.35)

A tarefa de proceder a um reconhecimento especial e topológico das redes relacionais da prostituição viril - ou seja, de mapear o "código-território" - não pode se restringir à situação presente, sob pena de não compreender as rápidas e microscópicas transformações que vêm se operando na distribuição e rotulações das populações envolvidas. A necessidade de apelar a uma tentativa de esquematização da história do "território homossexual" - cujo aprofundamento mereceria ser objeto de uma pesquisa específica -, vê-se, no caso do Brasil urbano, aguçada pela circunstância de estar-se operando um processo de deslocamento e imiscção de "modelos classificatórios", cujos efeitos são passíveis de serem registrados percorrendo, a partir de depoimentos e outros materiais, o período 1959/1984.

A primeira parte desta história foi reconstruída com base em depoimentos; para a recriação do período mais próximo (1979/1984) recorreu-se basicamente a materiais jornalísticos e observação direta.

. PERÍODO 1959/1979

. O Gueto Homossexual em 1959

Salientou-se já o caráter pioneiro do trabalho de Barbosa da Silva - cuja tese de mestrado em Sociologia, defendida na USP no início da década de 60, foi misteriosamente "arquivada" e nunca mais apareceu. ⁽¹⁾ Resta, porém, um paper. Nele, Barbosa da Silva nos dá os limites de território ocupado pelo que ele chama

(1) Ver Prandi, Reginaldo: "Homossexualismo, duas teses acadêmicas". In: Lampião, ano I, nº 11, abril 1979, p.17.

de "grupo homossexual" no seio da "região moral" paulista:

"A região principal, que tem resistido durante muito tempo como ponto de encontro de grande parte do grupo homossexual de São Paulo, pode ser caracterizada por um grande T, formado pela confluência das Avenidas São João e Ipiranga, que teria seus limites mais gerais entre os pontos do cinema Oasis, Art-Palácio e início da Rua São Luís. A vida de rua encontra alguns focos principais entre os quais podem ser mencionados: imediações do café Mocambo (Rua dos Timbiras), do bar do Jeca (esquina da Avenida São João com Avenida Ipiranga), o passeio de todo o quarteirão formado pela Avenida São João, Ipiranga, Praça da República, e rua dos Timbiras, Avenida São João desde o cine Oasis até o Art-Palácio (lado ímpar), Praça Dom José Gaspar (principalmente diante dos bares aí localizados), toda a Praça da República, Largo Paissandu, Rua São Luís (principalmente diante dos bares), Praça da Sé, Praça Clóvis de Bevilacqua, Praça João Mendes, Praça Ramos de Azevedo (em frente à loja Mappin Stores), à tarde Rua Barão de Itapetininga, e os bares República, Nicky Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremeirie, Brahma, Baiúca, os cinemas Art-Palácio (principalmente segundas-feiras), Oasis, Marabá (principalmente quartas-feiras), Cairo, Pedro II, Cinemundi, Santa Helena, banheiros públicos (principalmente os das Praças da República, Arouche, Paissandu, Ramos de Azevedo e dos cinemas e bares citados), estações de ônibus intermunicipais, estações de estrada de ferro e quartéis" (Barbosa da Silva, 1959, p.352).

Nota-se, em primeiro lugar, uma superposição parcial com alguns pontos de diversão de prostitutas e delinquentes, assinalados por Hiroito. Homossexuais e marginais compartilhavam, por exemplo, o cinema Oasis, que Moraes Joanides (1978, p.79) inclui no "campo de entretenimento social 'submundano'". Mas Hiroito não faz menção desta obscura convergência; anota, porém, que "o Restau

rante Papai, da Júlio Mesquita, sempre gozou da preferência das lésbicas" (idem, p.78). Infelizmente, as lésbicas ficam fora da análise de Barbosa da Silva. Ele, se bem situa o território homossexual dentro da "área de desorganização", não está preocupado, aparentemente, com precisar os contatos entre as marginalidades. Interessa-se, antes, por "determinar ... os indivíduos que fazem parte da categoria social homossexual".

Conforme o "critério sexo", os divide em:

homossexual passivo;

homossexual duplo;

homossexual ativo.

Os passivos "são aqueles que durante o ato sexual desempenham papéis sexuais que podem, no contexto da relação, ser assimilados aos da parceira feminina". Estes homossexuais dividem-se, pela sua vez, em duas "espécies": em primeiro lugar, "aqueles que não só representam durante o ato sexual o papel passivo como também em outras situações têm a preocupação de demonstrar um comportamento construído segundo estereótipos e padrões de personagem feminina (travesti)"; em segundo lugar, "aqueles que só desempenham papéis femininos durante o ato sexual, mas que em outras situações da vida, externam o maior número possível de atitudes tidas como 'masculinas'".

Os homossexuais duplos, continua Barbosa da Silva, "são aqueles que desempenham no ato sexual tanto o papel feminino quanto o masculino; comportam-se, em geral, segundo padrões de comportamento 'masculinos'".

Por último, os homossexuais ativos "são aqueles que só representam papéis masculinos nas relações sexuais; podem ser considerados, na totalidade, subjetiva e externamente, como 'masculinos'" (p.356/357).

Apesar dessa detalhada classificação, quando Barbosa da Silva aprofunda na noção de "grupo homossexual", exclui os "ati-

vos", para referir-se só aos "passivos". Faz isso em se referindo às virtudes socializadoras do "grupo homossexual":

"É no grupo que os homossexuais se iniciam e são classificados, perdem as suas inibições de viver e mostrar-se como homossexuais, aprendem a desfilar, usar roupas femininas, e meios de atração e defesa do parceiro sexual. Em suma: ele representa para o homossexual, um ponto de apoio psicossocial e moral; oferece-lhe segurança, maior conforto, perspectivas de ter uma vida organizada com centros de interesses e valores próprios. Se ele não explica, totalmente, a diferenciação da personalidade do homossexual no plano biopsicológico, é a agência sócio-cultural, por excelência, que seleciona, regula e orienta os ideais de vida do homossexual passivo" (sic) (p.360).

Como pode se entender essa restrição de Barbosa da Silva ao "homossexual passivo" no agenciamento do "grupo homossexual"? Provavelmente, os "ativos" e "duplos" - ainda que incluídos na classificação de homossexuais -, não seriam sujeitos do grupo homossexual na medida em que suas "atitudes masculinas" os confundiriam com os varões heterossexuais. A exclusão praticada pelo autor é coerente então com os seus postulados iniciais, que apontavam a estabelecer uma diferenciação taxativa entre "homossexuais" e "heterossexuais":

"A definição do homossexual, portanto, implica... uma pluralidade de pessoas que são reconhecíveis através de seu caráter e podem ser estudados como uma unidade social (...). A explicitação da categoria levantada serve imediatamente para indicar o tipo de indivíduos que dela participam e que dela são excluídos pois divide o grupo social global em duas semipopulações exclusivas: a dos heterossexuais e a dos homossexuais" (p.359, ênfase adicional).

A restrição de Barbosa da Silva não somente é ilustrati-

va dos riscos a que conduz a partir de uma visão "exclusiva" do "grupo homossexual" como "categoria social". É, num outro sentido, até premonitória: antecipa - pode se pensar - as modernas elucubrações acerca da "identidade homossexual" que somente haveriam de se consolidar depois do "gay liberation" (1969). Mas, a diferença da identidade "gay" - que vai se constituir predominantemente em torno do personagem que Barbosa da Silva chama de "homossexual duplo" -, o protótipo escolhido era, na época, o "passivo".

A articulação entre o "saber social" e o "dispositivo de sexualidade" é já conhecida. No Brasil, Fry mostrou alguns dos episódios dessa liaison (Fry, 1982, p.87/116). O relativamente inovador, no caso de Barbosa da Silva, é que ele não se está colocando numa perspectiva "repressiva", senão que destaca as virtudes socializadoras do grupo homossexual, e até parece sugerir certas veias identificatórias. A escolha do homossexual passivo pareceria estar relacionada, por sinal, com a predominância, na época, do "modelo classificatório" da homossexualidade masculina que Fry denomina "popular" ou "hierárquico", cujo paradigma é a relação bicha (passivo)/macho (ativo).

Como o mesmo Fry indica, a esse modelo "hierárquico" vai se superpor um outro modelo mais moderno, "igualitário" (gay/gay). Como se processa, no gueto homossexual do centro de São Paulo, essa passagem?

. História do Gueto - 1959/1979

Para ter uma visão global da história do gueto gay paulista, desde a descrição de Barbosa da Silva até a década de 80, recorreremos ao depoimento de Clóvis. Clóvis se define como "gay", tem 42 anos (ainda que costuma revelar menos), trabalha como supervisor em pesquisa de mercado, e frequenta sistematicamente o "mundo da noite" paulista desde os primórdios da década de 60. Seu depoimento contribui para uma reconstrução tentativa da "história dos pedacos", referida também às modificações nas vigências das

categorias classificatórias bicha/bofo/gay, às variações com relação ao michê, e a ligação do "mundo gay" com a chamada marginália em geral.

Contatei Clóvis já no início da minha pesquisa preliminar (1982). Habitualmente ele passa as noites num bar gay (conhecido como "Bar da Celeste", nome da sua proprietária), situado na Rua Marquês de Itu, quase esquina com a Rua Rego Freitas. Várias vezes falei com ele a respeito da pesquisa. Considerei-o ideal para um depoimento sobre a história do gueto por se tratar de uma pessoa que, além de frequentá-lo permanentemente, faz um quarto de século, tem certa predisposição etnográfica, produto de sua experiência como pesquisador de mercado. Clóvis é também um rapaz consideravelmente informado, e militou no Grupo Somos até aproximadamente 1982.

A versão original da gravação reproduzia perguntas e respostas; para facilitar a sua leitura, a reestruturamos sob a forma de um depoimento mais ou menos linear, pautado por subtítulos.

Além da entrevista de Clóvis, intercalam-se outros depoimentos e materiais que, basicamente, coincidem com a esquematização daquele.

Os entrevistados citados são:

DANY, artista plástico e escritor, da classe média alta, 58 anos, branco, entendido.

ROLANDO, escritor, da classe média, 53 anos, branco, entendido.

Há mais de 50 anos que eles frequentam as redes de perambulação homossexual; porém, não contam fazê-lo com a persistência e consequência de Clóvis.

Incluem-se, também, trechos de um pouco difundido arti-

go de Antônio Bivar, "O Paraíso Gay, São Paulo, é claro", Revista Especial, fevereiro de 1980. Bivar foi um protagonista direto dos fatos.

Depoimento de Clóvis - 1960/65

Um pouco antes da década de 60, eu morava em Santos com minha família. Eu pegava o trem Santos/Jundiaí, que não tinha tanta fiscalização com relação aos menores, então preferia ir com uns amigos passear pelo grande centro. Vínhamos a São Paulo de trem. Isso era por volta de 1959. Eu tinha um grande fascínio pelo mundo gay, queria saber como era, onde é que estava. Chegava à cidade escutando: é na Rua São Luiz, na esquina da Ipiranga com São João. Assediava esses lugares, existia o fascínio de um adolescente para com locais frequentados por pessoas adultas.

Nessa época eu ainda não podia me definir como homossexual. Não tinha consciência como tenho hoje. Tinha uns 14 ou 15 anos. No início frequentava a Rua São Luiz. Ainda não existia a Galeria Metrôpole, mas no lugar onde ela está agora já existiam dois bares frequentados por pessoas homossexuais, Barbazul e Arpege. O Barbazul era mais refinado, pessoas mais convencionais, de terno e gravata, e o Arpege era mais boteco, não tinha mesinhas como o Barbazul, era um bar de balcão. Continuando pela Rua São Luiz, onde agora é a Praça Dom José Gaspar, ainda não tinha calçadão, mas já estavam outros dois bares gays: La Cremmerie (que ainda existe, mas conhecido como Leco, pela publicidade do leite), e o Pari Bar, que desapareceu por volta de 1983.

A indumentária da época era terno e gravata, mesmo entre os gays. O Pari Bar era mais sofisticado. La Cremmerie era intermediário: também tinha mesas mas era frequentado por pessoas mais jovens e era permitido não usar terno e gravata.

Continuando, do outro lado da rua, havia um bar, bem popular, chamado Turist - este tinha uma freqüência misturada entre gays e pessoal de teatro. Tinha um outro bar frequentado pela classe teatral: o Nicky Bar, com piano, ficava ao lado do TBC, na Major Diogo. Fora desse circuito, nas imediações da Ipiranga e São João, já existia, nessa mesma esquina, o Jeca, muito frequentado; e um café, chamado Mocambo, muito sofisticado, detrás do cinema Metro, perto da Avenida São João. Também tinha o Brahma (São João esquina Ipiranga, frente ao Jeca), um local mais boêmio. Tinha casas de chá como a Vienense, que ainda existe, na Barão de Itapetininga, frequentada por casos, no começo da noite, final da tarde. Havia também marginais; São Paulo já era uma cidade grande. O ponto dos michês era no cinema Ipiranga, do lado do Jeca, se estendendo pela Avenida São João até a galeria do cinema Olido. Havia então uma postura de distinção entre as pessoas, na paquera.

A transa em geral era de mariconas com machos. Havia uma mentalidade de vanguarda, mais imposta pelo pessoal de teatro, de gay transar com gay, mas era muito criticada, chamada "quebra-louca", muito mal vista; dizia-se que era coisa dessas "bichas-loucas", paranóicas, intelectuais, que estavam propondo esse modelo de bicha transar bicha.

A diferença entre a bicha e o macho era muito mais nítida do que agora, falava-se em termos de bicha e bofe, não se usavam muito essas classificações como homossexual, nem ativo/passivo. Também entre as lésbicas a diferença lady/sapatona era muito rígida.

Depois, já na primeira metade da década de 60, a coisa começou a ficar mais diluída, num processo muito lento que ainda não está totalmente definido. No início esse modelo de mentalidade progressista propunha a quebra desses esquemas, mas era uma minoria. Nessa época o homossexual tinha esses valores ativo/passivo muito incorporados, a coisa se dissipou com o tempo. Hoje em dia tem mil caminhos, muitas possibilidades de transa e paquera, uma explosão das possibilidades.

(DANY: "Até meados dos anos 50, a Vila Buarque não era parte do gueto homossexual, era um local mais de boates, strip-tease... O pessoal gay não se misturava. Os michês estavam quase todos do lado da Av. São João com Ipiranga, até o quarteirão da 24 de Maio. Não chegava à Barão de Itapetininga. A pegação era muito fácil na porta dos cinemas Ipiranga e Marabá.")

Segue Clóvis - Repressão Policial

Já na época tinham-se notícias de repressão policial. Determinados lugares muito assediados por homossexuais, cuja homossexualidade era muito nítida, evidente, imediatamente sofriam assédio, repressão da polícia. Os policiais apareciam, pediam documentos, e produziam uma dissipação, uma saída, um êxodo do gueto. Principalmente na Av. São Luiz, no começo dos anos 60, lembro do assédio da polícia e a conseqüente dispersão. A coisa já estava muito aflorada.

Porém, os lugares não só mudavam por causa da repressão, mas também por causa da moda. Um pouquinho de cada coisa, o gay tem um pouco de se enjoar do lugar, gosta da novidade. Havendo o pretexto e o incômodo da repressão, era uma coisa que acionava mais essa mudança.

Boca do Lixo

Na época havia a Boca do Lixo, que começava na esquina da São João e Ipiranga, e estendia-se do outro lado da São João. Eu não cheguei a frequentar essa área. Apenas conheci um barzinho, boêmio, do outro lado da São João, justo em frente ao Jeca e, no Largo do Paissandu, o Ponto Chic, que era um lugar muito do mundo da noite, frequentado por boêmios mas também por gays, essas misturas da noite onde os gays se incorporavam.

A contigüidade com o mundo marginal sempre existiu. Mas

eu não tenho notícias de que as bichas estivessem integradas ao mundo autônomo da prostituição (que era isso a Boca do Lixo até fins da década de 60). Estavam contíguos mas não se misturavam. Muito perto um do outro, mas acho que nunca houve mistura dessas duas marginalidades.

Travesti era muito raro na época, pelo menos nas ruas. Geralmente se limitavam aos teatros, às boates. Eles eram tão discretos que passavam despercebidos.

As boates gays demoram em aparecer, eu só as conheci na metade da década de 60. Na época anterior, a postura de homossexual era muito comedida, muito elegante. Tinha um bar, na Praça Roosevelt, por volta de 1960/65, chamado João Sebastião Bar. Também na Praça Roosevelt (que então era uma espécie de Largo, um estacionamento, ainda não estava construído o Minhocão), uma outra confeitaria, a Baiúca, também transada por entendidos da classe média intelectualizada e de teatro.

(ROLANDO: "Nã década de 60 os meninos, quando cobravam, era mais para jantar, essa coisa toda. Meninos muito afetivos, que criavam uma relação até duradoura. Muitas vezes bem do su búrbio ou da classe mais baixa. Pessoas de certa sensibilidade, queriam sempre estar em dia com determinados filmes ou discos, para poder levar um papel com o pessoal homossexual da época que era muito intelectualizado. Atualmente, com a sociedade de massas, os garotos perderam sua gíria criativa. Hoje só querem uma moto e grunhem: 'Legal, tudo bem'.

Nos anos 60 não era um gueto homogêneo, tinha pessoas diversificadas, não tinham essa cara de sociedade anônima que têm hoje. Noites com mais de 1 000 pessoas de todas as idades. Agora o centro se espalhou."

"Naquela época, entre os mesmos homossexuais, a coisa se

dividia entre as bichas (efeminadas) e os fanchonas (viris). (2)
 Lembro de um pessoal que frequentava o bar Arpege e que fazia
 ponto em frente do cinema Ipiranga, que não era esse lixo que
 é agora. Um dia estava tendo um desfile de adolescentes na
 Avenida São João. Dois fanchonas (desses que procuravam garo-
 tos para comer - o termo ainda se usa na linguagem patibular,
 Oswald de Andrade já o empregava) falavam um para o outro:
 'olha como nós somos criminosos, olha essa juventude, o que
 nós fazemos', era um jeito de dizer que os meninos eram gosto-
 sos sem sentir culpa: tinham que se tratar primeiro de corrup-
 tores. Esse universo da compra/venda é um universo da culpa.")

Clóvis - 1965/1970

Na segunda metade da década de 60, há um grande aconteci-
 mento, que é a inauguração da Galeria Metrôpole. Ela foi cons-
 truída como um espaço arquitetônico, urbanístico. Mas já quan-
 do estava em obra as bichas já falavam: "vamos invadir esse
 espaço, vai ser nosso, vai ser uma bicharada toda nessa gale-
 ria".

Na época, os grupos de bichas eram mais sólidos, não tão
 fracos quanto agora. Frequentava-se muito os apartamentos. De
 tanto em tanto dava-se uma saída à calçada, Rua São Luiz, Ga-
 leria Metrôpole. Havia mais interação entre as pessoas, visi-
 tavam-se as casas, organizavam brincadeiras.

O michê já era uma constante da época, mas muito menos
 do que hoje. Existiam uns boyzinhos que faturavam, ou tenta-
 vam faturar. A mesma postura machista que hoje, mas em muito

(2) O termo fanchona, segundo parece, deixou de ser usado entre os homossexuais masculinos, passando a denominar a lésbica "masculinizada". Com o sentido de "homossexual ativo", o termo se conserva na gíria carcerária, ver Ramalho, Mundo do Crime (1979).

menor quantidade. Não existia a violência de hoje, em termos de assalto, roubo.

Nessa época começa a aparecer o termo "entendido", usado pela vanguarda teatral, para amenizar. Foi tipo 64/65; hoje quase não se usa, foi substituído por "gay".

Repressão

O golpe militar de 64 demora em se fazer sentir no pedaço; 1966/67 foi o auge da Galeria Metrôpole. A revolução de 64 não surtiu efeito imediato entre as pessoas, só a partir do AI-5, em 69.

Aí houve um grande momento de blitz maciça. Na Galeria Metrôpole foram fechadas as suas três portas, e em camburões e ônibus levavam preso todo mundo. Isso conseguiu diminuir a frequência, e a Galeria Metrôpole caiu no declínio.

Até então a paquera era sobretudo caminhante. A paquera motorizada no circuito (onde agora é o calçadão) que apodava-se "Autorama", aparece só nos anos 70. Até então era uma badalação incrível, mas a pé, nas imediações da Galeria Metrôpole.

Não havia hotéis específicos para gays como tem agora. Transava-se em hotéis improvisados, também frequentados por heterossexuais. Hotéis mais baratos sempre permitiam hospedar dois caras por uma noite, às vezes passava-se o final de semana. Na Rua 7 de Abril, lembro, havia um hotelzinho chamado São Sebastião, a gente ia com muita discrição e ficava hospedada com um cara.

(ROLANDO: "Galeria Metrôpole na década de 60: os garotos ficavam andando pela cidade. Tinha noites 500, 600 garotos que te chamavam, não queriam grana, queriam transar.

Os anos 60 foram muito livres, entre 60 e 68. Bandos e bandos que ficavam perambulando ou encostados nos carros. Quando Sartre veio no Brasil ficava a noite toda tomando whisky na Galeria. Tinha uma vivência de garotos que perambulavam por aí. Agora são garotos que ficam na beira da calçada para pegar carro. Sô pega de carro. Garoto de subúrbio com fetiche da Rua Augusta, que aceitam os valores da classe média como algo inquestionável. Nos anos 60 a maioria não era assim. Falava com garotos, era mais livre, mais aberto. Isso correspondia incluso com uma maior rigidez da família. Muitas pessoas na época eram expulsas de casa e não ficavam amargas, entendiam que a verdade estava com eles. Quantos meninos moraram já na minha casa. Atualmente isso é impossível, porque eles roubam.")

(BIVAR: "1967: o ponto quente da vida gay paulistana era a Galeria Metrôpole. Cheia de bares, boates, inferninhos, flipperamas, galerias, livrarias, escadas rolantes etc., a Galeria misturava não só o mundo gay, mas também intelectuais, artistas, poetas, encucados, suicidas, prostitutas, gigolôs, cafetinas, músicos, e mais a bossa nova, o jazz, o rock, a tropicália, a psicodêlia, o álcool, as drogas e, é claro, a polícia. Enfim, misturava tudo e todos, de Chico Buarque a Sílvia Pinel, todo mundo deu, nem que en passant, uma geral pela galeria, onde o 'Barroquinho' de Zilco Ribeiro era o ponto chic."

(...)

"Apesar de que antes de 1967, num tempo careta, já caía de existir travesti, bichas irremediavelmente pintosas, hermafroditas etc., a tônica gay, antes de 1967, era enrustida e não-assumida. Era uma sociedade secreta, entendida."

(...)

"A Galeria Metrôpole teve seu apogeu e declínio em 68, por ocasião da visita da Rainha Elizabeth ao Brasil, quando a polícia, para 'limpar a cidade das suas criaturas indesejáveis', prendeu meio mundo e instalou o 'grilo', como se a Rainha a qualquer momento resolvesse irromper pela galeria.

Logo veio o AI-5."
Bivar, 1980, p.26.)

Clóvis - 1970/80

A Galeria Metr pole sobreviveu um pouco, especialmente sua periferia, a Avenida São Luiz. As pessoas ficavam com medo de ir lá, porque a galeria era uma verdadeira ratoeira: a polícia fechava as três bocas e o pessoal não tinha por onde fugir. Assim mesmo sobreviveu até que fizeram o calcador, e tiraram a circula o de carros pela porta que d  na Praça Dom José Gaspar, fica restrita s    Avenida São Luiz. Atualmente   ponto s  de michês.

O chamado Autorama foi uma extensão da galeria, até as imedia es do Teatro Municipal, onde rodava pessoal de carro. Já na época a ideologia gay era mais aceita, pintavam paqueras gay/gay a p . Pintavam transas em qualquer parte, mais concentradas no centro.

Mas a extensão do circuito da paquera gay aos Jardins vai se dar muito depois, já no final dos anos 70, com a expansão das boates. Uma das primeiras a sair do microcentro e ir para a Augusta foi a Saloom.

As boates foram uma grande novidade da época. Já no final dos anos 60 (68 ou 69) lembro de uma, na Ladeira da Memória, chamada Nighting... No início, a capa cultural, os "entendidos" e o pessoal do teatro, fizeram uma grande resistência às boates,   música rock, ao Roberto Carlos. Eles transavam jazz e bossa nova e curtiam lugares para ouvir música. Era a elite versus o populacho.

Essa transforma o do mundo gay no que ele   agora foi aos poucos. Mas não houve (eu acho) tanto um crescimento da quantidade de "entendidos" (gays, diz-se hoje) quanto uma maior dispersão. Agora dá para encontrar gay em qualquer par-

te, antes era sobretudo no centro. Lembro que o volume de homossexuais que havia era enorme mesmo, a polícia levava quantidades enormes de pessoas nas suas blitz.

Finalmente, esvaziada a Galeria Metr pole, sobreveio o auge da Nestor Pestana. Nos anos 70 houve o movimento hippie, underground, que foi absorvido pelos gays. A Nestor Pestana era um local absorvido pelos gays sem ser de características exclusivamente gays. Era um local assediado pelo pessoal que fumava, transava LSD, ia maquiado com batom verde, purpurina no cabelo. Aí veio uma grande repressão, mas parece que estava dirigida mais contra o tráfico de drogas, o tóxico, o desbunde. Procuravam tóxico nas pessoas e com essa escusa foram perturbando o pessoal homossexual e esvaziando o local.

Na Nestor Pestana tinha o Eduardo, mais um bar que não lembro o nome, e o pedaço continuava na Augusta, com uma padaria chamado Poncho, pouco depois do restaurante Piolim. Havia muito desbunde, pessoal do teatro com penas na cabeça, depois os gays tomaram conta.

Aí já aparece claramente o gay como personagem. Isso aconteceu por volta de 1974. Foi um questionamento dos valores burgueses, um cansaço do convencional. O pessoal procurou atividades alternativas: artesanato, artes. Isso foi antes de que aparecesse o movimento gay propriamente dito. Na verdade, estava tudo misturado, o movimento era contestatório, o gay pegava carona. Havia um ponto particular de reunião desse pessoal, gay-contestatório, que era na Rua Nestor Pestana.

Já existia independentemente, como um outro foco, o Largo do Arouche, também começando a ser gay. E outros lugares, como uma grande churrascaria de 'entendidos' na Rua Rego Freitas.

Durante toda a época se mant m uma diferença de classe muito clara; todos esses locais: Nestor Pestana, Largo do

Arouche, eram curtidos por pessoal da classe média. Continuava o tempo todo existindo o foco mais pobre, mais Túmpen, da Avenida Ipiranga e São João e a Praça da República.

O importante era que na época quem dava as diretrizes no mundo gay da classe média era a vanguarda teatral, mais intelectualizada. Eles acabariam impondo o padrão gay/gay.

Já no início da década de 70 esse padrão bicha/bofe começa a se enfraquecer, perante a ideologia que começaram a propagar os teatrólogos. Nos anos 60 a bicha era mulher, e o bofe era o homem. Logo nos anos 70 esse esquema veio a ser questionado.

Mas essa ideologia gay/gay foi logo incorporada, como está sendo incorporada agora a moda gay-macho. O que sumiu com a generalização da moda gay foi essa tendência intelectualizante, culturizante, essa preocupação dos primeiros entendidos pela distinção, pelo sensível. Isso sumiu e deu passagem à banalidade, à frivolidade, ao anti-intelectualismo.

Agora, vejamos o que acontece com a massa dos gays. Saem da Galeria Metrôpole, fugindo da polícia, e vão parar na Nestor Pestana. Daí vem uma nova perseguição policial, e então confluem para o Largo do Arouche e expandem-se pela Vieira de Carvalho. Esse processo tem seu apogeu no final dos anos 70, 78 e 79, justo antes das blitz do Richetti, que foram em 1980.

Gay, Macho e Michê

Essa mudança de bicha/bofe para gay/macho foi bastante radical. Antes, uma grande parte das bichas procuravam ser mais mulheres para atrair os machos. Hoje, os garotos pensam que para atrair caras não-efeminados, eles devem ser mais másculos para conseguir pessoas mais másculas. Então o gay/macho procuraria ser mais machão, não para atrair o pessoal muito bicha, senão para seduzir o mais metido a machão também.

Isso produz um efeito muito criticável, que não coincide com minha postura. Há uma preocupação tão grande dos gays por transarem com um parceiro de aparência máscula, que se um cara desmanhecar ou se for muito mulher, não tem praticamente chance de trepar nesses ambientes gays.

Essa situação é curiosa, a gente poderia se perguntar que é o que acontece quando o michê tem que transar com uma bicha de aparência bem machuda. Eu acho que os michês incorporaram inconscientemente um padrão rentável para eles. Eles parecem mais másculos que o mais heterossexual dos homens, os michês são quase caricatos na sua masculinidade. Descobriram que sendo assim têm mais chance de se comercializarem. Descobriram esse segredo quase inconscientemente, pois não são pessoas brilhantes. Esse tipo ultramásculo é muito apreciado, o michê pode faturar mais sendo desse jeito.

Mas esse negócio do michê tem a ver também com a idade. Eles são só meninos de menos de 20 anos, geralmente 17, 18, 23 no máximo. Sempre houve uma supervalorização da juventude, é uma coisa que se mantém desde que eu me lembro.

As pessoas mais idosas, devido a essa supervalorização da juventude, têm dificuldades para transar. Bichas mais idosas, não têm, às vezes, outra opção do que pagar para dar uma trepada com um parceiro jovem. Então os michês com esse recurso da juventude usufruem da relação, se prestam para essa relação interesseira com bichas mais velhas.

Depois há um outro elemento. Eu falei que geralmente os pontos dos gays estão separados (ainda que muito próximos) dos pontos de putas e delinquentes, que esses sim, estão pelo geral juntos. Mas acontece que o michê é muitas vezes malandro, faz uma espécie de ponte entre ambas as marginais, porque é ele mesmo um marginal. Aqui aparece uma relação entre homossexualidade e delinqüência.

O michê que faz o gênero mais marginal às vezes atrai as bichas. Observei isso em amigos que se fascinam pelo tenebroso. Inclusive, um amigo meu pressintiu assalto, extorsão, antes disso ocorrer, mas a situação o estava excitando. Ele se deixou levar pela excitação e acabou logicamente sendo roubado. O pior era que meu amigo já era consciente que isso ia acontecer antes da coisa ocorrer mesmo, plenamente consciente. Existe certo fascínio pela violência, pelo perigo.

Há locais muito perigosos, como os banheiros públicos: neles geralmente tem pessoas de pau duro se masturbando. Aí pode acontecer qualquer coisa, desde assaltos até blitz policial; os principais são na Praça da Sé e no Largo do Paissandu. Aí tem michê e não-michê, mas também tem caras que vão diretamente com a intenção prévia de roubar as bichas. O mesmo pode acontecer nos banheiros dos cinemas, especialmente nos mais populares - como o Art-Palácio e o Palácio do Cinema (o primeiro na Avenida São João e o segundo na Rio Branco).

Agora, a violência, consequência da crise, está fazendo acabar com o gueto. Na medida que os homossexuais estão com mais medo da violência, ficam medrosos e isso prejudica seriamente a laboriosa classe dos michês. Porém, há também um crescimento da quantidade de michês, como resultado da própria crise, que produz desemprego.

O panorama atual do gueto é um pouco confuso. Por um lado, supõe-se que o gay não vai bem com essa afirmação de macheza que o michê faz. Por outro lado, o mesmo gay continua procurando um parceiro de aparência masculina, e esse papel são os michês os que o melhor o representam. Depois, tem outra coisa: caras que começam transando como michês para descobrir que gostam de transar com homem, uma maneira do rapaz se iniciar na transa é fazendo michê até se decidir a assumir.

Geralmente esse processo é rápido. Dos garotos que che-

gam ao centro para se prostituir, alguns permanecem como michês, outros viram gays. Mas, atualmente, é uma colcha de retalhos, acho que não dá para encontrar muitos denominadores comuns, nítidos, claros. Há uma grande confusão, um monte de terminologias, como:

- tia: bicha-velha, é um termo já antigo;
- mariconas: é um termo mais novo, dos últimos dez anos, quer dizer também bicha-velha, mas às vezes, tem o sentido de "enrustida";
- bicha-boy: é o rapaz que é bicha no centro, à noite, quando está no pedaço desmunheca, mas durante o dia, no bairro, é homem, até curte namorada e tudo;
- bicha-baby: são essas bichinhas que se prostituem ante mariconas mais velhas, bichas bem juvenzinhas e bem 'loucas';
- michê-gay: esse que se assume como gay, mas que igualmente cobra aos caras mais velhos, não tem problema na cama, faz qualquer coisa. Não é muito comum e, geralmente, tem que ocultar que é michê ante seus amigos gays e seu namorado, se é que tem; é um gênero muitas vezes mais provisório.

Além, tem outros termos, que vão se criando. Além do mais, ninguém usa esses termos muito claramente. (Fim do depoimento)

Observações

Não pretendemos tomar ao pé da letra os depoimentos registrados. Seu valor consiste em dar uma idéia esquemática de algumas transformações acontecidas nos últimos 25 anos no gueto homossexual do centro de São Paulo. Uma história pontual dessas mo-

dificuldades escapam aos limites da pesquisa. Em particular, o período 1972/80 será analisado em detalhe.

A história do grupo contada profundamente por Clávis se desenvolve em vários planos simultâneos; inclusive, preferi nos respeitar certa assistemática espontânea da exposição para manter essa sensação de simultaneidade.

Nesta primeira análise, identifica-se dois grandes níveis:

- territorial: refere-se aos deslocamentos espaciais, devidos à intervenção policial, à moda, à lógica do microcapitalismo dos bares gays etc.;
- categoriais: troca deslocamentos no nível dos grupos e de classificações instrumentados pelos nativos e nos movimentos decorrentes dessas modificações.

Os dois níveis interpenetram-se: em grande parte, as divisões espaciais têm sentido em função das divisões categoriais. A adscrição a sistemas de valores sociais invocada como legitimação das escolhas - do tipo "gay é a elite culta" - parece ser, de modo geral, interna aos próprios modelos. Assim, os gays identificam-se manifestamente com certa "classe média intelectualizada"; as bichas e bofes, desse ponto de vista, ficariam do lado do "populacho".

Nível Territorial

No central, o território demarcado por Barbosa da Silva parece ter-se mantido. Especialmente, o "grande T" de 1959 parece ter-se expandido para ambos os lados da Avenida Ipiranga e seu alongamento imaginário em direção ao Bixiga. O núcleo Avenida São João e Avenida Ipiranga/Rua São Luiz/Praça da República sofre um

primeiro acréscimo com o apogeu da Galeria Metr pole. Devastada esta, primeiro pela interven o policial e finalmente pela construn o do calad o - que afasta o movimento dos carros em torno da Praa Dom José Gaspar -, o território especificamente "gay/gay" (então sob a orienta o da "vanguarda teatral") desloca-se para a Rua Nestor Pestana. Aí os "entendidos" compartilhariam o espaa com os novos marginais urbanos da década de 70 - "hippies", "rockeiros", "maconheiros" etc. -; - colusão que atualmente se mant m, sobretudo na área do Bixiga. Com as novas opera es policiais, os gays passam a se concentrar - nas adjacências do Largo do Arouche - lembremos que essa área, assim como a Rua Rego Freitas e imedia es, fazia parte da chamada "Boca do Luxo", segundo o depoimento de Hiroito - já na década de 60. Haveria que esperar a ocorrência da "Operac o Richetti" (1980) para que o Largo do Arouche fosse "limpo" - isto  , vai se produzir nesse ano o desbaratamento do Largo do Arouche como ponto focal do gueto, o que não significa a interrup o total da paquera menos bulicosa.

Pode se perceber que as interven es policiais parecem se dirigir antes a certa redistribui o e controle das popula es marginais, do que a uma "extirpa o" total da "região moral" diferentemente a do procedimento aplicado em Cuba (Almendros, 1984) e na Argentina (Perlongher, 1983).

Um outro elemento significativo   a relativa persistência dos padrões "tradicionais" (bicha/bofo) nos locais mais "antigos" - como o bar Jeca, a Praa da República, a Avenida Ipiranga entre a Avenida São José e a Rua 7 de Abril. Apenas um dos locais incluídos na descri o de Barbosa da Silva (a Avenida São Luiz)   literalmente tomado pelos "vanguardistas" gays. No resto, a "nova onda" prefere se incorporar, ao que parece, a locais não-especificamente de "bichas e bofes", mas frequentados pelo "pessoal do teatro".

Esse desejo de diferencia o dos "entendidos" a respeito das "bichas", procede também no nível espacial, "criando" novos focos de concentra o. Essa tendência pode estar na raiz da dis-

persão e espalhamento dos pontos gays, que se desencadeia a partir da década de 70, e está já consideravelmente estendido, fundamentalmente em direcção aos Jardins (bairros de classe média alta). Isto se deixa relacionar com a descentralização dos locais de lazer, já assinalada por Castells, e com o paulatino processo de deterioração e "lumpenização" dos antigos centros urbanos.

Percebe-se, assim mesmo, uma permanente rotatividade dos locais, não apenas devido à repressão policial, mas também às medidas, ao "desejo de variedade" e a processos internos do microcapitalismo do lazer consumista. Um processo similar era registrado nas áreas gays de San Francisco (USA), onde, observa Hooker (1973): "embora os bares isolados são relativamente instáveis, o sistema de bares é relativamente estável".

Nível Categorical

A história do gueto permite ver como o sistema "igualitário gay/gay" passa a se desenvolver com pretensões hegemónicas, entrando em conflito com as "homossexualidades populares". Esses processos - que não corresponde analisar acriticamente, como fruto de uma simples "evolução" - são moleculares, microscópicos; neles parecem intervir uma multiplicidade de variáveis. Por um lado, a instauração e posterior hegemonia do gay - premissa ainda hipotética - aparece mais ou menos ligada, desde o início, a certas conotações político-ideológicas, que extravasam o mero campo das práticas sexuais para "pegar carona" nos movimentos contestatórios e progressistas. Essa conotação, depois de um momento de apoteose (o furor do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, 1979/80), parece ter-se diluído. Mas, se se examinam declarações como as do ex-Secretário de Segurança do Governo do Estado de São Paulo, Manuel Pedro Pimentel (Folha de S.Paulo, 24/03/85, p.20, entrevista a M. Santayana) - quando crítica os clientes de travestis pelo fato de não assumirem "sua condição adotando falsa postura viril" - pode-se suspeitar que essa política poderia estar sendo, até certo pon-

to, assumida por setores da máquina estatal.

Além disso, pode-se perceber um claro conteúdo de "classe" na imposição do modelo "gay". Os seus "cruzados" (por roubar a expressão de Becker) encarnam manifestamente a adesão a valores das classes médias intelectualizadas (sobretudo no plano especificamente cultural). Essa "micropolítica" (Guattari, 1981) tem a peculiaridade de que recruta aos sujeitos para certa crença na "distinção" - e de fato, na ascensão social - não no campo explicitamente político-econômico, mas a partir da promessa de gozos corporais, sentimentais, amorosos. Seu proceder é então característico do "dispositivo de sexualidade" conceitualizado por Foucault. Hipoteticamente, essa adesão aos esquemas propalados pela "elite intelectual" poderia remeter também ao crescente poder desse "setor de classe", fundamentalmente dos universitários. Como poder-se-á ver mais claramente na história mais atual do gueto, há um notório crescimento da "indústria de consumo" homossexual que favoreceria objetivamente essa expansão do modelo gay.

. Gay, Macho, Michê

O que mais chama a atenção é o que poderíamos chamar de "inversão lógica". Assim, enquanto no modelo bicha/bofe, a bicha, supostamente, procurava ser cada vez mais feminina para atrair o macho (aprendiam a "desfilarem e usar roupas femininas" no grupo homossexual, dizia B. da Silva), no novo modelo "gay/gay" os homossexuais procurariam ser mais masculinos para seduzir amantes ainda mais masculinos.

Este paradoxo tem a ver com as "leis do mercado" e é, portanto, imediatamente relevante para nosso enfoque. Merece, no entanto, arriscar uma reflexão: se na lógica do sistema "hierárquico" a submissão da bicha perante o bofe era manifesta e aberta, no novo sistema, que se ufana de "igualitário", essa submissão é formalmente criticada. Porém, ela não parece implicar uma "defe-

nestração revolucionária" do macho. Parece certo que os extremos "caricatos" da macheza são desestimulados. Mas, pode-se perguntar, não tratar-se-ia, na verdade, de uma espécie de "interiorização" do protótipo masculino? Isto é: já não procurar-se-ia submeter-se perante o machão, mas "produzir" em si mesmo certo modelo "gay" que passaria, entre outras coisas, por uma recusa de "bichice" e por uma defesa - ainda que retórica - de certa pretensão de masculinidade.

Ao que parece, esta autoprodução de virilidade não parece ter tido resultados práticos tão felizes quanto os propalados; assim, a persistência do protótipo hipermasculino entre os michês, que Clóvis reconhece, parece marcar os limites desta curiosa reversão. "La inversión de la inversión", proclamaríamos com Cadillac, o travesti de Cobra (Sarduy, 1974, p.99), que se opera, não para virar mulher, mas para se converter em macho.

De passagem, poderia pensar-se numa curiosa trajetória: da discreta "reivindicação" do "homossexual passivo" (com seus modos femininos e seu gosto pelos desfiles) destilada quase que sorrateiramente por Barbosa da Silva em 1959, à defesa da "virilidade gay" que alguns dos descendentes contemporâneos dos épicos "entendidos" da vanguarda dos anos 70 pareceriam conchamados a assumir. Esta discussão é retomada no final deste capítulo (Micropolítica do "Coming-out").

. PERÍODO 1979/81

0. "Desbunde" Gay

Os ecos do desencadeamento do chamado "desbunde" gay ressoam como uma música: Trevisan (1985) dá conta da influência dessas modulações no coming-out dos homossexuais brasileiros, pautada por nomes ainda vigentes: entre outros, Ney Matogrosso - cujo "rea

cionário chic" é lançado em 1968 -, Caetano Veloso e Gilberto Gil, e os Dzi Croquettes com sua androginia de combate (ver Lobert, 1979).

No que diz respeito à expansão do gueto, o "desbunde" gay rugiu com vigor em 1979, seguindo o compasso da abertura. Este massivo "out of closets" (saí do armário!) tem um epicentro: o Largo do Arouche - cujo processo de ocupação homossexual já vimos.

Antônio Bivar (1979) pinta um vívido quadro do "visual" do Largo do Arouche, "onde - especialmente se for sábado à noite - a efervescência era total":

"Do lado direito (entrando pela Vieira de Carvalho) ficam os bares com mesinhas na calçada. O décor lembra um pouco todos os cais do mundo, no seu passé: a iluminação é luz negra e o som é de discoteque. A clientela é ruidosa e mistura todos os sexos, tendências e idades, beirando a faixa dos 8 aos 80 anos. Do lado esquerdo do Largo, na ampla calçada em frente à tradicional floricultura, uma ala mais jovem e bastante avant-garde reúne-se em grupos na calçada, nos balcões dos bares e lanchonetes, e riem, discutem, fofocam... (Gilson - que é do Amazonas e expert em computadores - conta, numa roda de amigos, do 'trabalho' que fez para a Pomba Gira...) São animados, modernos, são a new wave gay de São Paulo: dos vários estilos de cortes de cabelo a um ou outro brinco na orelha, aos modelinhos (foram os primeiros a vestir pantufas no verão e anoraks na meia-estação) (p.27).

Se bem o que mais chamava a atenção era a emergência da new wave gay, o Largo do Arouche constituía um espaço consideravelmente democrático. Os gays tendiam a instalar-se nos bares situados em frente à praça do Largo (com árvores e um fervente banheiro público no meio), na continuação das Ruas Bento Freitas e Vieira de Carvalho. O extremo da praça para a Rua Rego Freitas era mais

Frequentado por travestis; às vezes, se misturavam prostitutas. Outro foco de travestis e bichas populares se insinuava na Rua da Vitória, onde ainda hoje sobrevive um bar (Tio Perez), frequentado por homossexuais maduros de classes populares, em boa parte migrantes nordestinos.

Mas a praça era um campo comum para a heteróclita gama de homossexualidades da época - que se confunde com a atual. Continuemos com a descrição nativa:

"1980: O Universo gay hoje é vasto e povoado por tipos que vão desde o travesti radical (...) ao gay macho, que é o extremo oposto. O gay macho rejeita, hoje, a velha e neurótica superidentificação com as mulheres (...). Hoje, os modelos de identificação são os macho-men. Em poucos anos passaram da escravidão à feminilidade que nunca alcançaram, a uma masculinidade que, eles sabem, jamais alcançarão".

(...)

"Os machos e os travestis são os dois extremos que iluminam o vasto centro gay. Tem: as tias, os garotos e as meninas que vêm dos bairros e subúrbios em busca de alguma 'grana' ou de um pouco dos reflexos das luzes da cidade; as "bichas loucas" de todas as idades que fazem o gênero jeune fille; os que estão à caça do verdadeiro amor; os que só acreditam no dinheiro etc., e os mutantes (como a deliciosa Sharon Tate que nasceu 'Aderbal' e já passou por várias encarnações até chegar a 'Sharon')".

O mesmo Bivar vê assim o "perímetro gay", "onde pulsa o coração da coisa":

"Da Rua Major Sertório, com o trottoir de travestis (...), passamos pela 'Boca do Luxo' (império das mundanas) e saímos para a Avenida Ipiranga. Uma volta pela Avenida São Luiz - outrora elegante e arborizada, hoje passarela

de gay quiet quality - um passeio pelos calçadões e um look na esquina do pecado que é o cruzamento das Avenidas Ipiranga e São João (os mais sofisticados que não querem - mas não conseguem deixar de - dar uma passada, nem que rapidinha, por lá, já inventaram até um nome para o vício: 'a síndrome da esquina'). Desse ponto crucial, o turista sobe um pouco e evita - ou atravessa - a Praça da República (onde costumam acontecer assaltos e até crimes, e onde impera o baixo gay), e chega à bonita Avenida Vieira de Carvalho, cheia de edifícios arte-déco e quartel-general do gay 'macho' e do gay 'executivo', enfim, do gay aparentemente sério: todos usam bigodes (símbolo de classe, status e masculinidade) e vestem-se com um apuro que beira o conservador, de tão discreto." (...)(p.27)

A efervescência nas ruas teria também seu correspondente político: resultante da confluência da "vanguarda teatral" com os intelectuais e os universitários gays, e com uma vasta rede de relações entre os "entendidos" do gueto em geral, a militância gay paulistana - após várias tentativas descontínuas - conseguiu organizar o "Grupo Somos de Afirmação Homossexual" (ver McRae, 1985).

O Grupo Somos expressava politicamente as demandas de "liberação" dos gays. Sua difusão deu-se através de um processo já registrado, por exemplo, quando da constituição da Frente de Liberação Homossexual argentina: independentemente de ter permanecido ou não no grupo, uma parte considerável da população homossexual do gueto paulista acabou passando pelas suas reuniões.

Os atrativos da participação extravasavam o político, para beirar o clássico encontro gay - do tipo dos "grupos de passivos" recuperados por Barbosa da Silva em 1959 - onde o papo entre conhecidos é animado pela possibilidade de conhecer "pessoas novas". Além desse estímulo - que se dá bem com certa homogeneidade endogâmica suposta no "modelo gay" -, o Somos oferecia para o recém-chegado uma espécie de "ritual de iniciação", que era a

passagem pelos "grupos de reconhecimento" (de afirmação ou de identificação), onde se procurava, em termos gerais, alentar a "assunção" homossexual das pessoas e ajudá-las na "conscientização" da sua condição existencial.

Nos seus primórdios, os grupos gays brasileiros se orientaram a diferenciar-se dos travestis, libertando-se da imagem degradada e folclórica do homossexual efeminado, festejado só no Carnaval. Este enunciado parece fazer parte do arcabouço ideológico do movimento;⁽⁵⁾ porém, o ingresso de travestis e bichas pintosas foi estimulado, sem muitos resultados: a participação de travestis, quando aconteceu, foi minoritária e geralmente passageira.

De fato, os militantes gays - com variantes consideráveis, que iam dos discretos viris quase enrustidos até prototravestis, passando por universitários barbudos - tenderam a se recrutarem entre os "entendidos" da vasta "classe média", e não entre os travestis nem as bichas pobres mais pintosas; porém, quando o grupo inicia sua decadência (1981), passa por uma aguda fase de lumpenização. Mas, no início, a adesão genérica à "moda gay" ostentava-se especialmente na vitrine do Largo do Arouche: a turma dos gays mais ou menos ligados com o Grupo Somos que frequentava o Largo, costumava agrupar-se na porta do Bar 77 (Largo do Arouche, 77).

(5) Diz um membro do grupo Somos, numa mesa redonda:

"... o próprio homossexual está muito pouco esclarecido a respeito da sua homossexualidade, tanto assim que reproduz na prática os padrões heterossexuais, caricaturando as funções de atividade e passividade, por exemplo. Existe sempre aquela bicha 'pintosa', 'desmunhecada', à procura do seu 'bofe', isto é, aquele que vai exercer o papel masculino na relação. Isto é muito falso, pois não tem nada a ver com a homossexualidade em si" (Mantega, 1979, p.144).

O Largo do Arouche: Um Ponto Sensível

Pelo menos desde a década de 50, o Largo do Arouche está mais ou menos integrado à Boca do Lixo. Por volta de 1957, a perambulação homossexual não era - com as condições de maior discrição da época - excepcional no Largo.

No final das contas, o Largo do Arouche parece constituir uma espécie de "corredor polonês", por onde se faz a passagem da primitiva Boca do Lixo à mais atual Boca do Luxo. Esse fato pode explicar o trottoir de travestis e prostitutas, como também a afluência de "garotos" e "tias" do subúrbio.

Mas a atualização explosiva do Largo não parece provir tanto das populações "populares" da área, quando da conexão com a área mais sofisticada e "burguesa": a Avenida Vieira de Carvalho. Esta avenida funcionou, segundo inferimos, como uma espécie de barreira de contenção da expansão da Boca para a área da Consolação. Reflexos desse movimento de avanço da Boca sobre a avenida chic podem-se ler ligeiramente no público da "Caneca de Lata", reduto de homossexuais maduros parentes pobres dos sofisticados gays da Caneca de Prata, situada exatamente do outro lado da calçada. Na Rua Aurora há ainda um escuro "inferninho" gay, frequentado por um público da classe mais baixa, o mesmo que invade os cinemas de pegação da Avenida Rio Branco (como o Palácio do Cinema).

O Largo do Arouche é, então, um ponto particularmente sensível do centro da cidade, na medida em que está - como a Praça Roosevelt - circundado de prédios residenciais da classe média, com alguns restaurantes de luxo. Desta vizinhança provirá, em boa medida, o apoio social com que contou a operação policial de "limpeza" da área conhecida como "Operação Richetti".

A "Operação Limpeza"

O paraíso pintado por Bivar no verão de 1980 marca o ponto culminante da explosão gay no centro da cidade, que foi praticamente ocupado por massas de bichas, gays, travestis, marginais, bofes, prostitutas etc.

No início a resistência não passou de queixas anônimas e rotineiras violências policiais, sobretudo contra travestis. O artigo de Bivar é de fevereiro. Já em abril o Estado de S. Paulo desatava uma barulhenta campanha, chamando a lutar contra o perigo dos travestis.

Em 01/04/80 o Delegado da Seccional Sul da Polícia, Paulo Boncrístiano, propunha confinar os travestis numa zona da cidade:

"Serão alguns quarteirões, depois de determinada hora da noite, quando o comércio já fechou e estão abertos somente os bares e os inferninhos. Em São Paulo já temos o lugar, as chamadas 'Boca de Luxo e Lixo', proximidades da Avenida Rio Branco, bairro de Santa Ufigênia, e Rua Amarral Gurgel, baixos do elevado Costa e Silva" (ESP, 01/04/80).

De sua parte, o Coronel da PM Sidney Gimenez Palácios (futuro deputado estadual pelo PTB) prometia:

"As rondas policiais recolherão os travestis e na triagem os primários serão liberados e aconselhados a frequentar somente determinadas ruas, o mesmo ocorrendo com os enquadrados em crime de vadiagem" (id.).

Este enquadramento era provisório, "enquanto a lei não puder ser modificada, sujeitando o homossexualismo a outras penalidades", advertia Darcy Penteado (Lampião, maio de 1980). Outro

integrante desse jornal, João Silvério Trevisan, e protagonista direto dos acontecimentos, conta:

"Tal plano pretende juntar as forças da polícia civil e militar (verdadeira facanha, considerando as rivalidades entre ambas) para, entre outras coisas, tirar os travestis dos bairros residenciais, reforçar a Delegacia de Vadiagem e destinar um prédio (o desativado presídio do Hipódromo) para abrigar especialmente homossexuais. No fim de maio, é transferido para a Terceira Seccional (Centro) um delegado que se vangloria de ter, na década passada, expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos. Nome do personagem: José Wilson Richetti" (Trevisan, Lampião, julho de 1980).

A operação desata-se com intensidade em meados de maio de 1980, com o apoio estratégico de comerciantes e vizinhos da área: "centenas de cartas e telegramas de apoio e, pelo menos, 60 abaixo-assinados com cerca de duas mil assinaturas de comerciantes e moradores do Centro da cidade", noticia a Folha de S. Paulo, 17/05/80, e enumera:

"Um abaixo-assinado com 200 assinaturas, por exemplo, veio dos moradores das Ruas Santa Ifigênia, Aurora, Triunfo e Vitória. Outra, com 90 assinaturas, do edifício Santa Elisa, no Largo do Arouche, 109. Um terceiro com 70 assinaturas, dos moradores da Rua Vieira de Carvalho, 197".

Os moradores não se limitavam a protestos passivos: costumavam até jogar sacolas de excrementos e garrafas contra os gays do Largo. No entanto, a polícia apelava a recursos mais efetivos:

"Nas semanas iniciais, as investidas da polícia ocorreram de forma maciça, simultaneamente em diferentes regiões do centro, em horários díspares que variavam das quadro da tarde às quatro da madrugada, inclusive arran-

cando gente de dentro de taxis. Depois, pretextando insuficiência de efetivos policiais, a Operação Limpeza entrou num ritmo menos maciço, agora mais rotineiro. De tal modo que os carros de chapa fria ou camburões rondam sistematicamente o centro ou estacionam em pontos-chave como o Largo do Arouche, levando quem não tiver carteira profissional assinada. 'Precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas', declara Richetti (Trevisan, julho de 1980).

Os métodos para limpar a área de indesejáveis foram extremamente contundentes:

"... o próprio Richetti... esmurra as costas ou a cabeça das mulheres que deixam a prisão... Um travesti relata como Richetti ... abriu uma gaveta e fechou-a violentamente, prendendo seus seios... Na esquina da Rego Freitas com Major Sertório, investigadores tentam tirar a dentadura de um travesti, para recolher a gilete aí escondida. Como ele jura aos berros que seus dentes são naturais, é espancado e tipo por mentiroso" (id.).

As detenções são arbitrárias; os habeas-corpus preventivos que algumas prostitutas tinham obtido da justiça são rasgados...

"Nos bares do Largo do Arouche, os investigadores já chegam gritando: 'Quem for viado pode ir entrando no camburão'" (id.).

Só numa semana, 1 500 pessoas foram detidas, sendo indiciadas apenas 0,8%. Richetti declara que só cessará a violência se os comerciantes do bairro o solicitarem. Pouco depois, um panfleto distribuído na cidade censura "os maus representantes do povo", que "defendem prostitutas, homossexuais, lésbicas, trombadinhas e outros desocupados"; a atriz Ruth Escobar é acusada de fazer apologia do delito.

Mas a reação das vítimas não demora em se manifestar.

Após a prisão de um sociólogo do CEBRAP, o Comitê Brasileiro de Anistia entra em ação. O Jurista Hélio Bicudo abre processo contra o Delegado Richetti e o secretário de segurança. Ambos são convocados para depor diante da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Estadual. Por outra parte, os grupos homossexuais, negros e feministas, com apoio de estudantes e trotskistas, se mobilizam e convocam um ato público de protesto, no dia 13/06/80.

"Cerca de 500 prostitutas, homossexuais e estudantes saíram em passeata pela Avenida São João, num protesto pelas prisões de que estão sendo vítimas por policiais do 5º Distrito e exigiram o afastamento do Delegado Wilson Richetti",

notícia a Folha de S. Paulo (14/06/80), e contin...

"O protesto começou com um ato público nas escadarias do Teatro Municipal (...). Por volta das 19h30m, apesar da garoa, os manifestantes decidiram sair em passeata pela Avenida São João, com faixas exigindo o fim da violência policial."

Marchando pela Avenida São João, os manifestantes ingressaram no Edifício Século XX (tradicional bordel) e desembocaram no Largo do Arouche. As palavras de ordem: "ADA ADA ADA RICHETTI É DESPEITADA", "A B X LIBERTEM OS TRAVESTIS". A mais repetida foi a introduzida pelas feministas: "SOMOS TODAS PUTAS".

"Algumas das prostitutas - informa a Folha de S. Paulo - apareceram nas janelas e gritavam junto com os manifestantes: 'nosso mal é a repressão'".

Porém, quando a passeata estaciona no "Largo proibido" ao grito de "O AROUCHE É NOSSO", relata Trevisan:

"Vários estabelecimentos amplamente sustentados pelas bichas começam a baixar as portas, inclusive o famigerado Caneca de Prata, cuja clientela de viados classe-média, entre incrédula e divertida, espia as primas pobres, através do vidro."

A passeata dissolve-se na Boca do Luxo (Rua Major Bertó-rio), "em meio a um ligeiro alvoroço de alarme falso" (Trevisan, art. cit.).

A partir daí a operação entra num ritmo menos veemente. Não obstante, o "modus vivendi" da área modifica-se substancialmente, já que a polícia não se retira completamente do pedaço. Conta um michê veterano, Patrício, de 35 anos:

"Antes, na época do Autorama, era mais lindo, mais solto. Não tinha repressão policial, documento eu só andava com um na mão e só. Hoje, ando com quilos de documentos e ainda assim... A polícia entrou com tudo em 80, com a operação Richetti, e logo ficou, você nunca sabe quando vai aparecer, fica fora de uma área muito tempo e depois pin-ta com tudo e detém a todo mundo. Enche o saco, leva, pe-de muita coisa, documentos..."

Num desses recrudescimentos surpresivos, a polícia ataca o bunker das lésbicas paulistas, em 15 de novembro de 1980. Informa Lampião (dez., 1980):

"... os policiais invadiram os bares Cachação, Ferro's e Bixiguinha, e as mulheres que aí estavam, incluindo as que possuíam carteira profissional assinada, foram todas detidas, debaixo do seguinte argumento: 'É tudo sapatão'".

Um panfleto dos grupos Terra Maria, Ação Lésbico-Feminis-ta e Bros denuncia:

"... foi constatado que os policiais recebiam dinheiro

para libertarem as pessoas, sendo que aquelas que não possuíam, lá permaneciam."

Saldo de Operação

Os objetivos da "Operação Limpeza", do ponto de vista policial, estavam claros: propunha-se "limpar" - ainda que não "extirpar" - as Bocas da cidade. Embora o aumento da criminalidade (sobretudo trombadinhas) foi invocado como excusa para as operações (quando é um lugar comum que o trombadinha some enquanto dura a ação repressiva, para reaparecer apenas quando a polícia vai embora), era explícito que os inimigos principais eram os travestis e, em segundo lugar, as prostitutas.

Num balanço da operação, em fevereiro de 1982, Richetti ameaça: "os rondões continuam; os travestis e as prostitutas devem saber disso" (FSP, 03/02/82). E insiste: "os travestis devem ser presos"; "a lei deve punir os travestis".

Porém Richetti diferencia duas formas de prostituição: a chamada "alta prostituição", feita de carro ou em locais fechados, "que não causa clamor público", e o trottoir ou paredão, contra o qual investe: "O que choca é a mulher no 'paredão', com saínia, saias abertas, provocando casais, não respeitando os homens".

Também diferencia o travesti do homossexual: "O homossexual não cria problemas. Ele é uma pessoa humilde, recatada, cordata e avergonhada. Ele não se expõe" (id.).

O argumento é retomado, um ano depois, pelo primeiro Secretário de Segurança do Governo Montoro, Manoel José Pimentel, que declara:

"... você tem que distinguir o homossexual do travesti. O homossexual é um ser pacato - mas o travesti é uma es-

pécie de subcultura dentro do homossexualismo (...) Homossexuais que trabalham, levam sua vida normal. Os travestis são um grupo reduzido, isso explica por que agem com extrema violência. E para complicar as coisas, segundo estou sabendo agora, pelas informações de policiais experientados, grande parte dos clientes dos travestis procura o elemento masculino que neles há, não o feminino. São homossexuais envergonhados, não assumidos que dissimulam sua condição adotando falsa postura viril (...). Geralmente, os clientes dos travestis são de boa posição, como executivos. O travesti fica dono do segredo deles. Estes não são propriamente problemas policiais, mas sociais, que de repente se transformam em problemas policiais" (Entrevista a Mauro Santayana, Folha de S.Paulo, 24/03/83, p.20; ênfase adicional).

É interessante salientar como o próprio Secretário de Segurança toma o discurso gay para legitimar a repressão contra os travestis, denunciando o "enrustimento" dos seus amantes. Desenvolvendo o pensamento de Richetti, Pimentel - que deseja "uma polícia gay para lidar com os gays" - enuncia, diria Foucault, certa "verdade do sexo", que, à diferença da antiga, não passa pela imposição da heterossexualidade genital obrigatória, mas pela assunção (correta) de uma condição, neste caso homossexual. No tribunal desta verdade manifesta (que evita o "segredo" dos enredos mentirosos), o travesti é culpado de um duplo engano: por um lado, se faz passar por mulher, sendo anatomicamente homem; não contente com isso, ainda mentindo sua genitalidade, ele não executa o papel de mulher passiva que propala, mas o papel de penetrador ativo que sua aparência desmente.

Tanta "inversión en la inversión" (como em Cobra de Sarduy) pode ser irritante. No mesmo dia do "quebra-quebra", abril 1983, Pimentel recebeu os integrantes dos grupos gays - "sua única alegria daquele dia", conforme declarou à Veja dias depois. Durante o encontro, conta um dos participantes, rodou uma frase, referida à homossexualidade não-assumida dos policiais que agridem

travestis. Pimentel haveria respondido que os policiais não podiam resistir ao desejo de agressão que os travestis lhes provocavam. À luz dessa constatação pode interpretar-se que quer dizer que "problemas sociais se transformam em problemas policiais".

Mudanças na Distribuição Territorial

A operação Richetti teve como saldo mudanças na distribuição dos espaços do "gueto gay" e das "bocas" em geral.

O resultado mais eloquente da "Limpeza" foi a supressão do Largo do Arouche como ponto focal de concentração das populações homossexuais. Os gays foram acantonados na Rua Marquês de Itu, entre Rua Bento Freitas e Rua Rego Freitas, na porta da boate Homo Sapiens. No pedaço - literalmente denominado de "gueto gay" pelos seus frequentadores - perambulava uma população exclusivamente gay, sem travestis, michês estridentes nem bichas pobres e pintosas do estilo São João e Ipiranga.

Nesse deslocamento dos gays para a porta dos bares - já que a estreita Rua Marquês de Itu carece de um espaço errático como o do Largo - se delata uma rotina prática policial que consiste, quando nas blitz, em deter as "bichas" que estão na calçada, sem atrapalhar as que estão no balcão consumindo, segundo a fórmula: "Bicha na rua não pode; bicha no bar, pode" (Grossman, 1983). Pode-se suspeitar de algum tipo de "caixinha" sob esta referência policial pelo microcapitalismo do lazer gay, muitas vezes controlado pela máfia ou pela própria polícia, como é comum noutros países latino-americanos (por exemplo, Argentina).

Haveria também uma trama especificamente burocrática por trás da "Limpeza". Já a "carta aberta à população", distribuída no ato gay-negro-feminista de 13/06/80, denunciava:

"... por trás de uma falsa defesa da moral pública estão

escondidas finalidades carreiristas, uma vez que a verdadeira criminalidade continua às soltas pelas ruas da cidade."

Na entrevista citada, Richetti reconhecia "desinteligências" com o então Secretário de Segurança, Erasmo Dias.

Expansão das Bocas e Espalhamento da Criminalidade

O fenômeno parece repetir-se. Já Hiroito advertia que tal tinha sido o resultado do esmagamento do território autônomo do crime, a Boca do Lixo. Quando da morte do "último malandro", "Quinzinho", o chefe dos investigadores do 39 DP, João Batista Magalhães, se entristece: "Já não fazem mais malandros como antes. A arte foi substituída pela violência" (Pessoa Ferreira, Folha de S. Paulo, 11/04/84).

De fato, se o objetivo público da operação foi "diminuir a criminalidade no centro da cidade", esta não cessou de se incrementar desde então, a julgar pelas próprias invocações policiais. Segundo parece, a destruição das formas grupais de solidariedade territorial (neste caso entre as populações do gueto e das bocas em geral) favorecia o surgimento, junto com circunstâncias de outro tipo, de delinqüências "des-regradas", de nexos mais frouxos e potencialmente mais perigosas - desterritorialização da delinqüência que teria a ver com a explosão fora de controle de certa violência difusa espalhada na capilaridade do sistema social, e que vai desembocar no dizer de Virilio (1976, p.61), na extensão da "improvisation criminelle".

Por outra parte, a massa de travestis, se expulsa das imediações do Arouche (salvo eventuais incursões), não diminui seu empuxe. O investigador Edson Gemignini nota que as prostitutas estão sumindo das ruas e que "noventa por cento dos que ainda fazem trottoir são travestis".

"A prostituição - conclui Pessoa Ferreira - é a única atividade em que o amadorismo desbancou os profissionais."

. MICROPOLÍTICA DO "COMING-OUT"

O desbunde gay, equivalente brasileiro do coming-out americano, aparece encabeçado pela "vanguarda intelectualizada" dos modernos "entendidos", cujo surgimento e evolução rastreamos na reconstrução esquemática da história do gueto 1959/84.

O desbunde - versão gay da abertura - parece deter seu fluxo ascendente de "ocupação de espaços" (segundo a terminologia de Sonos) a partir da Operação Richetti, e se cristaliza progressivamente de março de 1982 em diante.

As transformações mais próximas serão absorvidas pelo difuso "presente" da nossa pesquisa, que abrange o período março de 1982/janeiro de 1985, com esporádicas incursões a partir de 1979, e imprecisos flash-backs para o tempo da memória dos nativos. O processo coincide com uma expansão dos pontos gays às áreas de classe média e média alta dos Jardins, caindo fora do nosso campo de análise.

O interessante é que este fluxo ascendente, policitamente encabeçado pela vanguarda gay - que tinha sua imprensa (Lampião) e seus grupos militantes -, não somente favoreceu a expansão do modelo de "homossexual assumido" que alguns dos seus integrantes (antes em "reuniões de reconhecimento" do que em declarações públicas) fantasiavam: diferenciar-se dos travestis. A própria lógica do impulso de "liberação" arrastou consigo uma intermitente - ainda que contraditória - solidariedade a respeito dos travestis, das prostitutas e demais marginalizados e oprimidos. Independentemente das vacilações dos seus integrantes - que não eram majoritariamente travestis, mas gays -, o certo é que a invasão e ocupação dos espaços do centro pelos travestis faz coincidir seu esplendor com

o momento de auge do Grupo Somos (1979), tal como a brilhante descrição de Bivar ilustra.

O discurso policial, quando ressalta a diferenciação entre "homossexuais normais" e "travestis marginais", tenta mobilizar uma escansão constitutiva do processo mesmo do coming-out e que se manifesta num princípio: a cisão de classe entre os adeptos ao "modelo popular" e os entusiastas do "modelo moderno".

Lembremos do vaticínio de Pollak:

"A ideologia da frente comum de todos os oprimidos, que procura demonstrar o interesse que todos os minoritários de uma sociedade têm em unir-se, pode reduzir-se a nada em consequência da concorrência (...). A isto vem juntar-se o fato de que a solidariedade, nascida na clandestinidade, será mais difícil de aceitar num grupo socialmente mais aceite. Na primeira etapa, a comercialização em torno da homossexualidade contribui para aumentar a sua visibilidade social e indiretamente para a coesão do grupo. Contudo, a longo prazo, vai contribuir para fazer ressaltar as divisões sociais que atravessam o meio, por exemplo, diferenciando os circuitos de engate de tempos livres consoante o estatuto social e o nível económico. O sentimento de um destino comum, que junta os homossexuais para lá das barreiras que separam as classes sociais, terá tendência a desaparecer" (Pollak, 1983, p.66).

No caso de São Paulo, esta cisão social - que é também uma dissidência enquanto os gêneros sexuais que remete diretamente ao gozo e a "verdade" do sexo - foi energeticamente estimulada por uma intervenção policial massiva e precisa, que operava também a exclusão e segregação dos travestis e prostitutas e certa "tolerância" - embora retórica - para com o consumismo gay, visando a um saldo até económico: os gays consomem nos bares, enquanto que travestis e prostitutas levam o dinheiro dos clientes, diria um observador local. É a articulação de uma demanda desejan-te "gay-gay" da

classe média com uma demanda econômica de "consumo" (um consumo mais suntuário e fixo que o dos pedaços mais "populares", como o Jeca) que garante, de um ponto de vista estrutural, a relativa tolerância do circuito. No caso do gueto gay da Marquês, porém, produzem-se esporádicas blitz que atacam - indiscriminadamente ou não - gays, michês, bichas, travestis e outras faunas do local. Uma das operações mais ressoantes - com camburões, no melhor estilo Richetti - aconteceu na Rua Marquês de Itu no sábado seguinte ao Carnaval de 1984, que atingiu níveis "excessivos" de loucura. Contudo, estas irrupções não costumam ter a sistematicidade nem a violência despertada dos ataques contra os travestis; operações específicas contra os michês são também rotineiras, embora mais tênues e discretas. (4)

No conjunto, pode-se recolher certa tendência à comercialização crescente da perambulação homossexual, tanto no seu aspecto de fixação nos bares, boates, saunas etc., progressivamente diferenciadas enquanto a acesso social, quanto no seu sentido mais amplo de "calculização" ou "mercantilização" das transações em geral, que diz respeito à nova convertibilidade dos atributos eróticos postos em atualização pela "modelização" gay.

Esse lado econômico do assunto justifica deter-se tanto na reconstrução de um histórico no qual o michê, fiel a sua proverbial discreção, apenas aparece. Mas parece deduzível que qualquer modificação nos termos da troca lhe dirá respeito. No contexto, se dá a progressiva mercantilização do gueto gay, também sentida por McRae (1983).

(4) O estreito vínculo entre michês e malandros faz que os primeiros estejam expostos à repressão policial explicitamente dirigida contra delinquentes comuns. No discurso policial, a distância entre michês e travestis é tênue: "Por natureza - explica o delegado Celso Chagas, entrevistado por Assis Angelo, 1985 - os travestis são mais violentos em seus atos. Mas tanto um como o outro praticam assaltos, agridem suas vítimas e, principalmente, os dois são chegados à prática do 'conto do suadouro'. É um pessoal perigoso".

No caso do gueto paulista, a profundidade do abismo social brasileiro, progressivamente agravado, fez com que o processo de diferenciação social entre as populações homossexuais da área, de alguma maneira preexistente, não tivesse que aguardar muito a lógica do consumo para se manifestar. Já que o "interesse de classe" que anima o "novo desejo" da vanguarda entendida é legível desde os primeiros trechos.

Por sinal, a irrupção dos rondões de Richetti tem a ver com circunstâncias mais gerais, políticas e econômicas, que não é o caso analisar exaustivamente aqui. Sob o pano de fundo da "fechadura" que se avizinhava para conter os excessos da "abertura", rutila o episódio histórico da visita do Papa polonês. Lembremos que a grande blitz contra a Galeria Metrôpole, em 1968, foi justificada em nome da visita da Rainha da Inglaterra. Parece que as autoridades também temeram que Sua Santidade tentasse dar uma voltinha pelas Bocas.

Por outra parte, a crise da recessão e o final do milagre contribuíram para aumentar as desigualdades de classe, assim como a periculosidade dos lumpens e desempregados. A crise, porém, vai produzir efeitos singulares nos negócios do gueto. Veja-se este depoimento, recolhido por Sérgio Alves de Almeida (1984) da boca de um maduro industrial gay, no sofisticado Caneca de Prata:

"Sabe, uma recessão econômica vai ser ótima. Você já imaginou o que vai pintar de garoto legal na praça? Escriturário, operário, tá todo mundo indo prá rua, sendo despedido; não há emprego para ninguém, o jeito é se virar como michê. A viadagem tem que aproveitar a chance, viver a crise."

Como último elemento desta somera análise, cabe chamar a atenção sobre a "resistência" dos homossexualismos populares. Esta se expressa tanto no plano territorial - de fato, o foco "popular" da São João e Ipiranga/Praça da República foi o que mais vigorosamente sobreviveu no último quarto de século - quanto nos sucessi-

vos deslocamentos das populações pobres do gueto sobre as áreas douradas dos gays de classe média, processo que se pode percorrer no caso do "gueto gay" da Marquês de Itu. (5)

Esta área, hegemônica no início por "galãs presos em seus próprios bigodes, substituindo os equívocos casos de monas escandalosas e bofes deslumbrantes" (Grossman, 1983), não demorou em ser invadida por massas de bichinhas providas das periferias. Elas trouxeram atrás de si os seus primos, os travestis e os michês "baixos", sem isso implicar, contudo, um despejo dos gays. A "lumpenização" do pedaço - no contexto da deterioração geral do centro da cidade - parece coincidir com um processo dúbio, uma espécie de "gayzação" das bichinhas e garotos de periferia, que passam rapidamente a imitar os tiques, as roupas e os gestos dos gays de classe média. Destarte, o acesso à modelização gay pode dar a ilusão de um ascenso social, expressado em termos de prestígio, mas geralmente sem rêditos financeiros reais. Não obstante, a expectativa de obter melhoras econômicas e sociais a partir de encontros homossexuais, não deixa de estar presente no negócio todo.

Esta onipresença da questão econômica pode ter ido contra as ilusões liberacionistas dos gays, exprimidas assim por um entrevistado:

"A luta homossexual criou uma liberação, que liberou a cabeça e o corpo do homossexual, mesmo desses que não assumem mas usufruem. Os locais de encontro são mais fáceis. Muitos que antes procuravam michês hoje vão às saunas, aos bares, e não usam mais o michê. O movimento gay

(5) A lumpenização não afeta só os entendidos da classe média: também a boemia "saiu do centro", reporta a Folha de S. Paulo ("Mesas na calçada atraem os novos boêmios", 09/02/85), fazendo também referência ao esvaziamento do tradicional bar Redondo (Avenida Consolação com Ipiranga) - antigamente local de reunião de "personalidades do teatro" - e dos barzinhos com mesas na calçada do Largo do Arouche. Os novos boêmios procuram, segundo a reportagem, barzinhos de Pinheiros e os Jardins para seus conciliábulos.

liberou-nos do uso do michê. O michê talvez esteja em crise' (Dany, 58).

Um outro "entendido" discrepa do prognóstico de Dany:

"Eu acho que o que o movimento gay não liberou foi esse preconceito de idade, uma das coisas mais fortes que justificam e sustentam o michê. Tem um gênero novo, o michê gay, que não tem problemas de se assumir, se baseia na idade. São jovens ou com aspecto de jovens e viris sem serem sempre machistas. A maioria dos massagistas por telefone são gays que estão fazendo uma ficção de machão. Estamos no meio da cultura da juventude: importa a masculinidade, mas também importa a idade" (Waldemar, 34).

De fato, o coming-out paulista não parece ter produzido necessariamente uma diminuição da prostituição masculina, mas até um aumento e expansão dela.

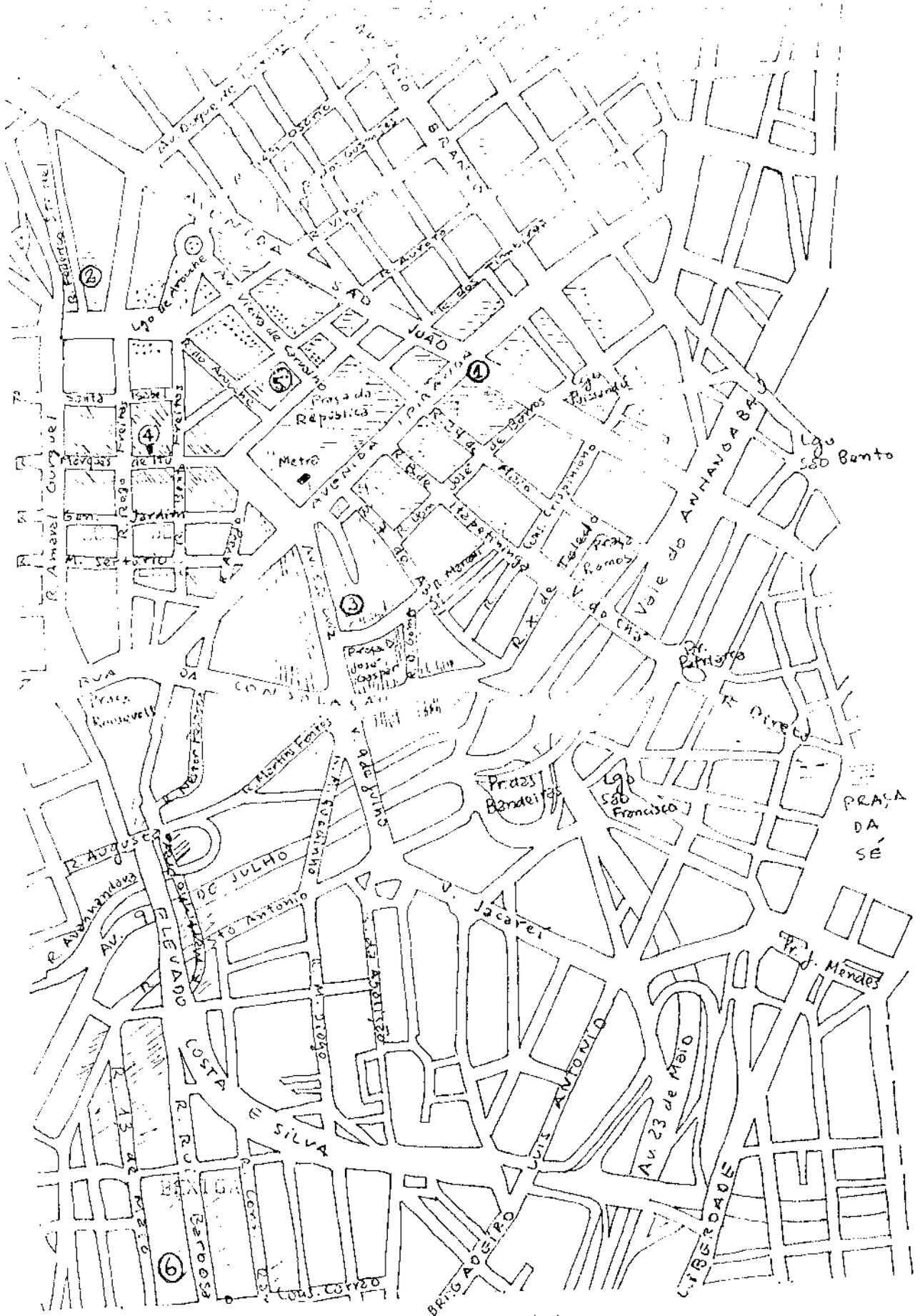
O que se percebe é também uma crescente legitimação da "michetagem" entre setores mais largos da juventude, que tem a ver com a expansão geral da tolerância relativa da homossexualidade. Na medida que esse tabu tende a atenuar seu rigor, o interesse pela prática homossexual - relaxadas as antigas barreiras de segregação generalizada - se estende entre os rapazes. Nesse caso a existência de um mercado de prostituição que privilegia os mais jovens, se conecta com necessidades materiais concretas dos rapazes, geralmente desprovidos de meios de subsistência autônomos. A prostituição revela-se assim como uma espécie de "rito de passagem" (Van Gennep, 1978) ou de iniciação sexual dos adolescentes, que atende não somente a suas carências sexuais mas também econômicas. Desejo e interesse parecem marchar juntos.

O negócio do michê situa-se na intersecção de uma multiplicidade de coordenadas sociais. O interesse homossexual dos jovens pobres não diz respeito apenas ao plano do desejo, mas também à crescente pauperização - e correlativa lumpenização - dos

adolescentes da classe baixa, principais vítimas do desemprego. Este processo enche de bandos de jovens as ruas das grandes cidades brasileiras. O desemprego propicia a perambulação; o quase que inevitável encontro com os homossexuais ã deriva, ã procura de um garoto jovem e rude, dá lugar a um peculiar contrato, no qual uma "ajuda" outorgada ao rapaz pelo cliente, serve também de exutório para veicular a consumação sexual, atenuando os reparos "morais" em nome da compensação monetária.

Chama a atenção que o protótipo mais másculo de michê parece ter mantido seu primomínio no mercado desde pelo menos a década de 50, apesar da recente emergência do michê-gay, conhecido como "monokô" na gíria afro do meio. A diferença mais importante entre o período atual e o anterior pode residir na incorporação desordenada de oficiantes circunstanciais no circuito do negócio, passível de ser lido como um "sintoma embrionario del estallide del ghetto" (Perlongher, 1981b) e que tende a tornar mais difuso o comércio e indiscerníveis suas fronteiras. Essa expansão não é exclusiva do Brasil, onde pode estar acontecendo algo similar ao detectado por Lafont (1985) na França, onde "dá-se até o caso de os irmãos mais novos dos que desciam ã praceta ou ã saída das boates gays para "depenarem uma bicha", ganham hoje uns cobres prostituindo-se com a mesma ausência de má consciência e escrúpulos" (p.170).

CAPÍTULO III - TERRITÓRIOS E POPULAÇÕES



- Área Ipiranga
- Área Marechal
- Área São Luís
- Sub-Área Largo do Amador
- Sub-Área Brás

- (1) São João
- (2) Rua Vel. Imaróviro
- (3) Largo de Antônio
- (4) Largo de São João
- (5) Largo de Paulo
- (6) Largo de João

O percurso da história do gueto gay procurou dar uma imagem global, sem privilegiar a transação objeto do nosso estudo. Uma visão atual do gueto, no entanto, girará em torno dos pontos de michê, dando conta do fluxo global das populações do gueto que se distribuem territorialmente no plano transcrito.

. OS PONTOS

Pode dividir-se o centro da cidade em três áreas - que também denominam, conforme ver-se-á, três tipos de michês segundo seus pontos: Área Ipiranga, Área São Luiz, Área Marquês.

Há também uma subárea estratégica, cujo grau de densidade circulatória é menor, embora persistente, e que tem características próprias: o largo do Arouche.

1. Área Ipiranga

A área Ipiranga tem dois grandes pontos focais: a) a esquina da São João e Ipiranga e b) a Praça da República.

O eixo central de circulação é a Avenida Ipiranga entre São João e São Luiz, com extensão pela Avenida São João até o Largo do Paissandu, circundado de cinemas de pegação (Art-Palácio, Paissandu, Ouro, Olido etc.) e com um mictório público "de transa" no meio.

A área é transitada por uma população homossexual majoritariamente "popular" (em termos de Fry/McRae). Vincula-se com outros dois 'pedaços' ainda mais "populares": a Av. Rio Branco, que se interna na Boca e cujo nó é o Palácio do Cinema (ali, michês e travestis dividem territorialmente no banheiro do cinema os favores

de um público lúmpen-proletário). O cinema, lembremos, era já frequentado pelos marginais da Boca na década de 50. Equivale ao cinema Iris do Rio de Janeiro.

Seguindo pelos calçadões, a área do Ipiranga se liga com os concorridos banheiros da Praça da Sé (intenso ponto de badalação "popular" até a inauguração do Metrô, pelo menos, e que entrou em decadência desde então), onde se pratica um tipo de pegação de mic-tório - às vezes remunerada - similar ao Central do Rio.⁽¹⁾ A densidade homossexual é, porém, notoriamente menor do que nos pontos centrais, São João e Ipiranga, e Praça da República. Esboçar-se-á uma sumária revisão deles.

. São João e Ipiranga

A esquina da São João e Ipiranga constitui, como vimos, um ponto privilegiado de contatos homossexuais, pelo menos desde a década de 50, conformando simultaneamente uma das 'pontas quentes' da Boca do Lixo, e um dos extremos do gueto "entendido". Na "observação livre" (Capítulo I) entreviu-se sua paisagem humana.

O eixo de referência é o bar Jeca, na esquina da São João e Ipiranga, com saída para ambas as ruas. Continuando pela calçada da Av. Ipiranga, o Flipperama e o Cinema Ipiranga são pontos fortes de aglomeração de michês, estilo "paredão". O "paredão" prolonga-se nos vastos saguões do cinema e continua até a esquina com Rua Barão de Itapetininga em direção à Avenida São Luís.

(1) Para uma descrição dos locais de perambulação homossexual no Rio de Janeiro, ver Guimarães (1984).

Na Avenida São João esquina com R. J. de Barros, a Galeria do cinema Ofido é também um ponto de perambulação de "entendidos", que constituiu (entre 1978/82, aproximadamente) um local de encontro de "bichas-baby" (um tipo adolescente de michês-bichas, em geral office-boys que se prostituem).

Amantes do sexo impessoal - e eventualmente michês - fazem ponto nos cinemas da área; no caso da sala do andar térreo do cinema Art Palácio um frequentador percebeu que os corredores estavam escorregadios de esperma, tal a quantidade e urgência dos coitos.

. Praça da República

Eduardo Dantas pinta assim o movimento vespertino da Praça da República:

"Elas chegam quase sempre em turma. Duas ou três, às vezes mais até em cada grupo, de mãos dadas algumas. De bairros distantes. Se a noite estiver quente, serão mais de mil curtindo a madrugada. E passeiam, cumprimentando as amigas, mexendo com os bofes, recebendo gracejos de alguns que ficam parados em cima das pontes sobre o lago artificial onde fatalmente se é admirado, medido, curtido. Os olhares se cruzam. Das pontes vai-se até a região central da praça, onde fazem limite o parque infantil (que só funciona durante o dia), o coreto (igualzinho ao das cidades do interior) e uma árvore que se presume centenária. Novos flertes acontecem na passagem em frente aos bancos de cimento das diversas ruas que saem dessa zona central" (Dantas, 1979).

O mesmo cronista dá conta das variantes sócio-econômicas da "paquera":

"O relacionamento pessoal na praça é carregado de tensão e medo por diversos motivos. O mais importante de todos é o preconceito de classe e social (são fatores interligados, não?). Os entendidos mais pobres, ou seja, os negros, imigrantes recém-chegados de outros estados, operários da construção civil, só contam com a Praça da República para suavizar a solidão da cidade grande (...). Aparentemente só há bofes e bichas na praça, embora a credibilidade dessa permanência de papéis num contato mais profundo seja discutível.

"Essa pobreza - continua Dantas - ... leva a outra consequência: o michê (...). O fato é que esses elementos não têm realmente mais do que três ou quatro cruzeiros no bolso, o suficiente para pagar o ônibus de volta às suas casas, nos bairros do subúrbio. Isso não quer dizer, no entanto, que a transação se dê sempre no nível de dinheiro: a maioria das bichas garante que nunca pagaram um centavo" (id.).

Um parágrafo especial merece o populoso banheiro da Praça da República. Até 1982 estava situado no vértice da praça mais próximo à esquina da São João e Ipiranga. Com a inauguração da estação República do Metrô - que vai originar uma verdadeira invasão de entendidos da periferia -, o banheiro é deslocado para a esquina sobre a rua Joaquim Gustavo. Não obstante, a tradicional masturbação coletiva de homens à procura de outros homens nos corredores arborificados que circundavam o banheiro clausurado, continua até hoje pelas noites, deixando a manhã impregnada de cheiros característicos - como diria Oliverio Girondo: "un olor a sexo que desmaya".

Este sexo promíscuo em público - não necessariamente tabelado - oferece altos encantos, especialmente para aqueles que não querem ou não podem se integrar nas regras mais "personalizadas" da ordem gay. O estilo é, correlativamente, mais perigoso - tanto pelos assaltos quanto pela irrupção da polícia e a conseqüente fuga dos perversos. A periculosidade estende-se a toda a zona arborificada

da praça: os 'entendidos' supõem que aquele que se internar nos corredores interiores da praça sabe já o que arrisca...

A chegada do Metrô introduziu certa "fronteira de classes" na famigerada Praça: a área nova construída sobre o Metrô, em redor da ex-Escola Caetano de Campos (atual dependência da Secretaria de Educação), bem iluminada, espaçosa e com bancos instalados, costuma ser freqüentada por um pessoal mais "transado", que faz ponto na Marquês de Itú. Este extremo da Praça integra o corredor de circulação que une as duas outras áreas, S. Luiz e Marques de Itú, cujos freqüentadores se gabam de "nunca pisar na praça".

Embora o engate homossexual seja predominantemente noturno, há também certa perambulação no dia, especialmente sábados e domingos pela tarde, onde afluem operários da periferia, que se prostituem ocasionalmente.

As características sócio-culturais da população da Praça da República podem se estender a toda a Área Ipiranga, com variantes a respeito do grau de periculosidade e à circulação de "estranhos" (não-adeptos ao mercado homossexual).

Em geral, os pontos da área Ipiranga são freqüentados por michês do estrato mais baixo. Eles se distribuem nos "paredões" e flippers da Avenida Ipiranga, ou rondam os tenebrosos caminhos da Praça da República. O grau de violência parece crescer enquanto a origem social desce: o saguão do Cinema Ipiranga é chamado pelos entendidos de "chave de cadeia" - porque se relacionar com algum dos marginais da área acarreta encontros com a polícia. Simultaneamente à confusão entre michê e marginal, a proliferação de tipos sociais é multiforme: os michês-machos compartilham as calçadas com travestis e michês-bichas - assim como prostitutas, cafetões, malandros em geral ... - não existindo fronteiras muito bem demarcadas entre uns e outros.

Aliás, a área toda é antes um espaço de circulação do que de fixação. Inclusive a exposição costumeira dos prostitutas se faz

no meio de uma corrente contínua de transeuntes dos mais variados tipos. A rotatividade nos bares da zona - como o histórico Jeca - parece consideravelmente maior do que a registrada nos bares especificamente gays da Marquês.

. São Luiz

A área São Luiz, cujo epicentro é a praça Dom José Gaspar, estende-se pela Av. São Luiz até Ipiranga, R. 7 de Abril e adjacências. Tem instalado recentemente uma nova cabeceira, na porta do moderno Donkin Donuts (Ipiranga esquina com R. 7 de Abril), cujos proprietários recorreram ao serviço de seguranças para afugentar os michês, que costumavam até deixar a roupa aos cuidados das balconistas do local.

A área sofreu modificações importantes, tanto pela repressão policial quanto pela supressão do "Autorama", segundo já vimos. Na atualidade é um ponto quase exclusivamente de michês. Uma porção destes exibem seus atrativos à beira das calçadas, atentos para o ir-e-vir dos carros; de vez em quando um dos michês se aproxima de algum carro, cujo motorista tenha feito para ele um sinal quase imperceptível, um olhar carregado e espesso de desejo. Estatuído o contrato, cliente e michê partem juntos para o sexo. Amantes desta prostituição "de carona" se distribuem por todo o perímetro da Praça, pelas Avenidas São Luiz e Consolação.

Outros michês preferem perambular pelas veredas interiores da Praça, cujo grau de periculosidade aumenta junto às paredes dos fundos da Biblioteca Municipal, usadas como mictório improvisado: a fruição dá vazão tanto ao exibicionismo genital quanto à vontade de confiscação.

No local são frequentes os assaltos. Os mesmos michês se queixam:

"Eu já fui roubado três vezes, duas por fregueses. Quando acontece, não dá para sair correndo e pegar o cara. Fico na espera de um dia ele voltar, às vezes acontece, mas é difícil",

diz Márcio, 25 anos, desempregado, ponto fixo na Av. São Luiz, entrevistado pela Revista Internacional (nº 14, 1984).

O status social dos michês da São Luiz passa por ser ligeiramente mais alto do que seus colegas da Ipiranga. Isto se verifica (ver Quadro 1) na relativa predominância de michês brancos sobre michês negros ou pardos, com um look indumentário mais próximo ao dos michês da Marquês - que podem ser os mesmos, já que o ir-e-vir entre as duas áreas é constante.

Esta 'vontade de distinção' a respeito dos seus parentes pobres da Ipiranga expressa-se também na distribuição espacial dos diferentes gêneros homossexuais: enquanto que os bofes da Ipiranga estão misturados com todos os estilos, no pedaço da São Luiz há uma diferenciação espacial bastante rija entre michê-macho e michê-bicha:

"O pedaço da São Luiz se caracterizou como um espaço exclusivo de michês. Lá se aparecer uma pessoa alheia ao negócio da prostituição, é recriminado. Só o fato do carinha ficar aí, já supõe que está se prostituindo. Os michês se conhecem entre si e para uma pessoa ingressar nesse meio tem que ser apresentada por outro, fazer amizade, porque senão vai ter problemas" (Péricles).

Essa exclusividade da prostituição se reproduz na divisão dos espaços da praça por gêneros: o michê-macho e o michê-bicha.

Diz um michê-macho:

"No pedaço da São Luiz tem uma diferenciação do espaço muito marcada. Do lado da rua, na porta da Galeria Metrôpole, ficam os michês-bichas, dando bandeira, fazendo

escândalo. Os michês-machos preferem ficar do lado de dentro da Praça, paranóicos, sérios, muito discretos" (Francis).

A divisão entre michês-machos e michês-bichas é taxativa:

"Há uma necessidade de se distinguir. Os michês-bichas se relacionam mais com travestis, que os protegem. Incluso os michês-machos não agridem elas, não são porque consideram que estão na mesma batalha, mas porque essas bichas costumam ter a proteção de algum travesti. E o travesti é bem pesado, nem michê nem malandro gostam de mexer com ele, porque travesti é violento mesmo, assim ele ganha respeito. São poucos os michês-bichas em relação aos michês-machos. E os travestis dão cobertura à sua fragilidade." (Péricles).

Esta "conexão forte" entre michê-bicha e travesti, se complementa com outra, que é a conexão michê-macho/malandro. A força dessas alianças se expressa nas celas, onde todos eles podem ser recolhidos. Conta o "entendido" Péricles:

"Quando os michês-bichas vão presos, preferem numa cela estar com travestis do que ficar com os malandros, porque correm o risco de serem estuprados. O michê-macho fica com os malandros, dificilmente será estuprado numa cela porque ele está fazendo aquele jogo de macho imposto tradicionalmente ao homem. Vai sair na porrada, ele sangra e apanha mas não dá o cu - ainda se desmanchar, continua fazendo a representação máscula."

Nos espaços delimitados tenuamente nos calçadões, o relacionamento entre michê-machos e michês-bichas é diplomático:

"Não dá briga não. Só cumprimento, às vezes. Tem muita questão gestual: o michê cumprimenta dando a mão de um jeito próprio que nem o malandro; enquanto o michê-bicha, quan-

do vai cumprimentar o outro já dá um beijinho ... Então os machos procuram manter o distanciamento, fazem questão de mantê-lo, para não incorporar nenhum toque de feminilidade. Mas é um relacionamento legal" (id.).

Também é "legal" o convívio entre michês e malandros:

"Entre michê e malandro o convívio é legal, porque tem coisa em comum. O malandro ele rouba, está na sua função. Para os malandros, os michês estão numa outra função, que é a batalha. Tem em comum a dificuldade financeira, econômica, que eles compartilham, não ter onde dormir, precisar às vezes de uma maricona que pague um jantar ou de ter um amigo. Há um bom relacionamento, embora os espaços estejam territorialmente delimitados" (id.).

Estes traços relacionais são comuns a todo o campo da prostituição viril. Porém, como a Av. São Luiz é um local exclusivo de michês, eles podem aparecer aí mais marcados.

. Marquês de Itu

Enquanto a circulação homossexual nas outras áreas é bem mais antiga, a ocupação gay da R. Marques de Itu entre a Bento Freitas e a Av. Amaral Gurgel é relativamente recente. Ela deriva, segundo vimos, da "limpeza" do Largo do Arouche. O rondão policial empurra os gays - no início mais ou menos diferenciados das "bichas pintosas" - contra a porta da boate Homo Sapiens. Uma sucessão de barzinhos não tardam em devir redutos gays, adquirindo no código de comunicação interna do local o nome das suas patroas: "Buraco da Lourdes" (R. Marquês de Itu, 155) e "Buraco da Celeste" (nº 211). Com a chegada dos gays novos barzinhos vão-se abrindo, constituindo uma série de locais de pouso e repouso quase ininterrupta; outros, vão 'virando' gays, como a inédita padaria 'entendida' da esquina com a R. Rego Freitas. Tem também o sofisticado

"Chopp Escuro" (R. Marquês de Itu, 252).

Sextas e sábados pela noite a massa humana aí concentrada constitui a maior aglomeração do centro da cidade. Ainda que a Av. Ipiranga possa ter uma maior circulação, a quantidade de homossexuais estacionados na calçada (ou circulando em lentos carros) costuma ser maior no gueto da Marquês.

Esse caráter gay 'distinto' que a Marquês pretendeu atingir, começou a se desmoronar com a chegada do Metrô, trazendo miríades de bichinhos decididas a entrar na "orgia" gay. Esta imiscção produz um efeito curioso: por um lado, o predomínio da classe média no local - que se expressava com toda clareza durante 1982 - vai perdendo força: aos poucos alguns gays mais distinguidos migram, em boa parte para a calçada do Village (R. Rui Barbosa, 254, Bexiga), que tenta em vão se constituir como um gueto alternativo e de classe média. Mas também alguns entendidos da periferia vão adotando as maneiras pequeno-burguesas dos 'gays puros', imitando-os nos gestos e nas roupas. Aliás, michês e travestis, inicialmente excluídos da festa, invadem o paraíso da Marquês. A quantidade de travestis acrescenta-se nos dias de festa: normalmente, eles abundam na esquina com a R. Rego Freitas. Diversamente, os michês constituem verdadeiros focos fixos: um deles no Flipper Play (Marquês de Itu, 198); o outro, numa boate relativamente recente (inaugurada em 1983), que tenta assimilar o público (tradicionalmente lúmpen-popular) do Val Improv: Wall Show. Nesta boate os michês ingressam de graça e recrutam aí seus clientes, com certo compromisso com a casa no relativo a questões de segurança (já que são admitidos só michês 'conhecidos'; a condição de não "sujar" o local). Além desse serviço de acompanhantes pagos, a casa costuma oferecer concursos de boys que ficam nus para o público escolher o mais atrativo - título que, de passagem, inflacionará os apetites financeiros do efebo. Um detalhe segredo: como os rapazes precisam exhibir o pênis semi-creto para aumentar a possibilidade de sucesso, recorrem às felações da freguesia, por trás das bambalinas, para obtê-lo. Similares competições foram oferecidas por uma boate já fechada, Man's Country, situada na R. Santa Isabel esquina com a R. Rego Freitas.

Comparação entre os pontos

Traçar um panorama completo do negócio do michê é complexo: a diferenciação territorial implica também diversos "tipos" de prostitutos.

"Com relação aos michês a coisa vira de acordo a cada pedaço. Os michês têm sua demarcação do espaço, ainda que fiquem 'zoando' para lá e para cá, mas cada um tem seu ponto certo, disso eles próprios têm consciência" (Périclesi).

Conforme a própria classificação dos nativos, o michê da Marquês conformaria o estrato médio da prostituição viril, enquanto que o michê da São Luiz o estrato médio baixo e o michê do Ipiranga o estrato baixo. Estas diferenciações por estrato remetem a divisão de classes sociais, mas não podem ser confundidos inteiramente com ela. Estas classificações não são conceituais, mas instrumentais: recriam aquelas usadas pelos próprios membros do gueto para autoqualificar-se e qualificar os outros.

Acontece, aliás, que aqueles que ingressam nos mecanismos do negócio da prostituição vão entrar num sistema de classificação relativamente autônomo, que vai superpor suas próprias divisões categoriais às emanadas da sociedade "normal". A origem de classe, então, não vai necessariamente se corresponder com o local ocupado pelo sujeito na escala de estratos da noite.

As variações entre origem de classe e estrato do 'mundo da noite', podem ser espetaculares no caso das prostitutas: não é incomum que moças provindas da classe média alta se degradem e passem a se situar nos degraus inferiores do ofício. Se bem as alternativas sejam variadas, o certo é que, de um modo geral, o status sócio-econômico "adscripto" da sociedade "normal", não se transmite automaticamente ao "código-território" da prostituição, mas é reinterpretado e traduzido em termos da própria lógica situacional

do campo. No caso específico dos michês, o desejo de degradação pode não aparecer manifesto. Pelo contrário:

"Para um michê é muito importante a roupa, a indumentária. Se ele for uma pessoa mais transada com relação aos demais, ele se destaca. Se ele tiver uma linguagem mais elaborada, pode atrair clientes mais opulentos. Acho que é diferente no caso da prostituta, porque o homem heterossexual vai procurar uma quanto mais escrachada ela estiver, mais ele está a fim" (Péricles).

Isso não impede que o michê mais "baixo", de jeitos mais rudes, goze de um encanto especial, que depende do "desejo do cliente"

"Depende do desejo do cliente, alguns tem preferência ou identificação com o tipo de michê mais embrutecido, aquela coisa máscula e rude. Porém, esse baixo michê, para o cliente que tem grana, não é apresentável em sociedade, ele não vai poder desfilar pelas boates com um michê do Ipiranga" (G.).

Em compensação, o 'baixo michê' pode ter uma clientela diversificada, de encontros efêmeros, embora menos generosos mais abundantes, tanto no pagamento quanto no acesso aos paraísos concentracionários do lazer caro.

Temos, então, que as diferenças de classe originárias se reinterpretem e subsumem em diferenças de pontos, que são também diferenças quanto ao estilo, ao gênero, ao tipo de clientela, ao preço etc.

Um dado importante para determinar sua adscrição a estrato, é o grau de nomadização do rapaz: se ele tem onde morar, ou deve achar amparo nos seus eventuais parceiros. Isto também vai ter relação com o grau de fixação ao ponto e, conseqüentemente, com a consistência dos laços grupais entre os prostitutas do local:

"O pessoal da Marques tem mais vínculo com boates, ou são michês que circulam mas que têm uma posição já mais definida, economicamente; são pessoas que saem das suas casas e vêm para o Centro. Enquanto que na Ipiranga e na São Luiz muitos dos michês não têm onde dormir, ficam ao léu" (id.).

No entanto, a relação particular que se estabelece entre os michês de boate reforça a consistência grupal:

"Os michês do Wall estão muito ligados entre si. O pessoal que ronda a porta é integrado ao pessoal que entra na boate, e se trair ou roubar um cliente fica feio, os outros podem até pagar uma pessoa para dar um pau nele. Isto é assim porque se supõe que os michês de boate não roubam, não fazem sujeiras, senão podem ser expulsos da boate, ficar sem fonte de trabalho. A relação entre eles, sem deixar de estar sujeita ao imprevisível, é um pouquinho mais consistente. No entanto, entre os michês de Ipiranga o relacionamento só se faz mais forte quanto têm o roubo em comum entre eles. Quando o negócio é roubo, porém, a amizade pouco importa. A relação é frouxa, muito frouxa. Se foi preso ou levou facada, os outros esquecem, acham até normal" (id.).

Conexão com a malandragem

Se o grau de consistência grupal dos michês parece aumentar conforme o estrato sócio-econômico, também a delinqüência aparece ligada à questão social:

"O roubo freqüentemente ocorre na S. Luiz, na Ipiranga ou se pegar um michê avulso no bar da Celeste, por exemplo. Um michê de Wall Show de Val Improvesso em princípio não vai roubar o cliente. Eles oferecem uma maior segurança;

a gerência da casa assegura ao cliente: "aqui o pessoal não tem babados". Na Ipiranga ou na S. Luiz o roubo é muito mais fácil, há um caos total, ninguém conhece ninguém. O carinha rouba na Praça e ninguém mais encontra. No entanto, na boate é um pessoal mais conhecido e fixo" (Péricles).

Haveria uma maior ligação dos michês de estrato mais baixo com os rituais de delinquência:

"Na S. Luiz e na Ipiranga, há uma identificação maior do miche com o malandro, eles têm até uma gíria comum. Inquantto que o miche da Marquês é um boy mais transado, procura se diferenciar do marginal, mesmo que mantendo essa representação máscula comum a todos eles" (id.).

A conexão com a malandragem expressa-se em termos de periculosidade. O michê do Ipiranga, pelo fato de ser mais pobre, é tido por mais perigoso:

"O miche do Ipiranga está mais discriminado do que os outros, porque é uma pessoa mais zangada, está envolvida em babados, cobra uma taxa inferior em relação aos michês de outros pontos. O pessoal da Marquês dá umas de limpo, enquanto que os michês da S. Luiz procuram não se envolver em babados com o pessoal da Ipiranga, que tem fama de ladrão" (id.).

A periculosidade traduz-se em termos de violência:

"A violência está muito presente, tanto na Marquês como na São Luiz, mas é pior na Ipiranga. No caso dos michês da Marquês, é um espago que eles batalharam e procuram mantê-lo. Na Ipiranga tem mais pessoas batendo carteira e passado fumo, a polícia age mais intensamente."

A paranóia é mais forte na Praça da República, o "buraco negado" do gueto; ninguém assume que frequenta o local:

"A praça da República tem michês envolvidos com roubo. Os clientes têm medo de chegar, a não ser o cliente mais alvorado, corajoso, disposto a correr um risco. Para o mesmo michê que curte a Praça é legal negar. Se ele encontrar o cliente num local que não a Praça, ele diz: 'Não, não frequento Ipiranga, Praça da República eu nunca fui lá' " (Péricles).

Contigüidade das Bocas

Subdividido em tres grandes áreas, o território homossexual no seu conjunto parece funcionar como uma espécie de colchão entre duas áreas já tradicionais da marginalia central: a Boca do Luxo e a Boca do Lixo.

Há também superposição e contigüidade territorial com os travestis, que fazem trottoir estridente na Rua General Jardim, se misturam às prostitutas da Rego Freitas (onde funciona, perto da Av. Consolação, um bordel de travestis) e invadem as adjacências do Hotel Hilton na avenida Ipiranga.

O gueto prolonga-se, no entanto, em duas direções básicas: para o extremo de São João e Ipiranga entra em conexão com as áreas mais "populares" da Boca do Lixo. Saindo da Avenida São Luiz esquina com Ipiranga, prolonga-se raleadamente pela Praça Roosevelt (considerada ponto de 'paquera' adolescente) e conecta-se com o gueto lésbico das ruas Martinho Prado e Santo Antonio (Restaurante Ferro's, Boate Cabeção, Bar Canapé e Poesia) entre outros: é um dos raros locais de "pegacão" lésbica de 'rua'.

Mais adiante, os gays confundem-se com os malucos de Bexiga, uma das cujas avançadas tradicionais ainda é o bar Redondo (na

esquina da Consolação com Ipiranga). Até 1980 o bar Bexiguinha era um ponto de encontro de gays malucos, misturados com "maconheiros" em geral. O blitz Richetti também azotou o Bexiga.

Posteriormente, uma sauna e boate gay de classe média (Pantéon) sobreviveu até 1983. Não há no momento nenhum local especificamente gay, ainda que a presença de gays é corriqueira nas noites de sexta e sábado sobretudo. Uma grande massa de público entre intelectual e punk-marginal se amontona nas calçadas, enquanto uma miríade de carros se engarrafam nas ruas. Bexiga poderia ser pensado como um "gueto maluco", do qual alguns gays também fazem parte. ⁽²⁾

OS GÊNEROS

A classificação dos michês conforme os seus pontos desvela o baseamento sócio-econômico subsumido na divisão territorial, na correspondência: Ipiranga: estrato baixo; São Luiz: estrato médio baixo; Marquês: estrato médio.

Cabe destacar que estas atribuições são sempre tentativas, assinalando antes arquétipos ou modelos do que sujeitos reais; estes costumam oscilar muitas vezes entre ponto e ponto, recebendo até qualificações diferentes segundo o seu lugar de exibição. Pontos de "fixitude" funcionam como eixos de distribuição, tanto populacional como retórico ou semântico das redes circulatórias por onde perambulam os sujeitos.

Sobre essa distribuição básica por territorialidade, acrescentam-se outras que, a grosso modo, fazem referência a pelo menos três tipos de variantes ou séries: gênero, idade, classe.

(2) Para mais dados sobre os locais do gueto, ver Guia Gay de São Paulo, Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista, SP, 1981.

Agora, as nomenclaturas nativas que outorgam gênero aos sujeitos singulares (neste caso os michês) costumam condensar de maneiras arbitrárias estas serialidades. Assim, uma categoria nativa como "okô-odara" (provinda da macumba), quer significar um rapaz bonito, 'transado', mas, por contigüidade, pode se associar à figura do michê-gay. Isto é, sobre o mesmo sujeito podem agir nomenclaturas que se referem a módulos classificatórios diferentes, cindidos por discriminações diversas. No caso do termo afro okô-odara - que revela a influência do candomblé entre os homossexuais "populares" -, ele remete sobretudo a atributos de idade e beleza. Pela sua parte, o termo moderno michê-gay faz alusão a certa 'consciência' da prática sexual: o rapaz que, sem necessariamente se efeminar, pode assumir sua inclinação homossexual e, conseqüentemente, orientar seu desejo para parceiros mais "gays" - isto é, não 'pin-tosos' e até mais jovens.

A proliferação categorial - nomenclaturas que se deslizam e entrecrocaram, incrustam-se e misturam-se entre si - pode expressar vários fenômenos. Em primeiro lugar, ele tem a ver com o choque entre dois modelos classificatórios, um igualitário (gay/gay) e o outro hierárquico (bicha/macho). Mas, por outra parte, essa proliferação expressaria também o multiformismo das condutas e das representações, fazendo pensar antes numa "carnavalização" à Bakhtine, do que numa "construção da identidade" da minoria desviante.

O fenômeno apresenta-se como barroco no sentido estrito da palavra: por um lado, uma proliferação de significantes que capturam o 'movimento pulsional' sob uma multiplicidade de perspectivas,⁽⁵⁾ sofisticando as codificações e fazendo cada vez mais escuro, hermético, obsessivo, o sistema. Simultaneamente, a prolifera-

(5) Esta superposição de códigos proliferantes poderia ser análoga à "incomposibilidad de figuras simultáneas", e conseqüente "entierro de la identidad", que Loytard (1979, p.20/21) observa na "teátrica pagã"; havia, na religião da Baixa Roma do Baixo Império, uma proliferação de divindades: "Para cada conexión un nombre divino, para cada grito, intensidad y acometida, un dios pequeño (...) que no sirve exactamente para nada, pero que es un nombre de tránsito de emociones ...". (idem, p.18). Isto se liga à concepção da representação como um "dispositivo energético", tratada no capítulo "As Transas".

cão no nível dos códigos/significantes possibilita, na sua indecível superposição, a emergência de múltiplos "pontos de fuga" libidinal, "hiância" dos significantes que se entrecrocavam (ver Sarduy, 1972). Digamos que o sujeito, na passagem - difusa e borradiça - de um critério de classificação - que é basicamente um módulo de atribuição de valor no mercado sexual - para outro, poderia "fugir" relativamente na transição de um aparelho de captura mais "tradicional" para outro mais "moderno", ou até vice-versa, com mais facilidade do que se estiver sob o império de um único sistema signifiante despótico. Por sinal, o sistema "popular" oferecia já, na época do seu predomínio, um leque bastante amplo de opções para categorizar sócio-existencialmente o sujeito do gueto.

A proliferação e confusão de categorias classificatórias não é, aliás, um fenômeno estático nem caótico: ela pode se ler, micropoliticamente, como um campo de forças, resultante - no nível do retórico - da irrupção de um modelo mais moderno de classe média "democrática" e da resistência dos modelos sexuais "populares".

Esta leitura seria insuficiente sem notar não somente a expansão do modelo gay atualmente predominante, mas também os componentes diretamente econômicos desse avanço. Simplificadamente, diria-se que o aparente progresso dos gays está intimamente ligado com o desenvolvimento de uma indústria de lazer especificamente dirigida a esse público. Este 'desejo de consumo' e de ascensão social vai impulsar certa tendência à "prostituição generalizada" - isto é, a crescente valorização do parceiro em termos da ascensão social que significaria o acesso aos "paraísos concentracionários" do gasto mais ou menos dispendioso.

A progressiva "calculização" (Pollack, 1983) contribui para atualizar a "convertibilidade" das categorias, já que os prostitutos vão-se valorizar com relação a ambos os modelos classificatórios vigentes no gueto. As variações fazem referência a uma dilatada série de circunstâncias.

Antes do que tentar construir um modelo classificatório - ao mesmo tempo descritivo e prescritivo - em base aos fragmentos dos vigentes, é mais pertinente percorrer as várias nomenclaturas, organizando tenuemente sua apresentação. Embora estas nomenclaturas obedecem a um entrelaçamento de sistemas classificatórios diferentes, tratamos de articulá-las nem tanto com base em sua "história", quanto atendendo a seu funcionamento fatural. Nesse sentido, pode-se perceber que certas tensões parecem percorrer o conjunto de sistemas de classificações e trocas:

1. Em primeiro lugar, uma tensão de classe, cujas manifestações nos pontos entrevimos.
2. Além, uma tensão masculino/feminino. Esta aparece explicitamente no modelo bicha/bofe e subsumidamente no modelo gay. Mas nos dois casos é legível uma preocupação a respeito da representação da masculinidade e da feminilidade.
3. Uma tensão referida à idade, que também articular-se-ia de maneira diferente em cada um dos modelos. Para o modelo popular, a diferença de idade entre os parceiros seria uma condição normal e quase que lógica da transação (assim aparece, por exemplo, em Genet). O modelo gay, da sua parte, propulsaria as relações entre parceiros da mesma idade. Como no caso do gênero, é perceptível que a preocupação pela condição etária está presente em ambos os sistemas.
4. Outro tensor faz referência à cor dos sujeitos. Este quesito está velado nas retóricas classificatórias, do mesmo modo que o preconceito racial aparece mascarado na sociedade brasileira em geral. A divisão racial costuma superior-se e misturar-se com a divisão de classes. Há um predomínio de sujeitos negros ou "pardos" (mestiços, mulatos) nas áreas "populares", como Av. Ipiranga.
5. A estes tensores básicos se acrescentam outras segregações, que têm a ver com o grau de profissionalidade do prostituto; com características físicas ou corporais; com locais de origem etc.;

e finalmente com molecularidades específicas do nível do desejo ou do acaso, que impregnam e mobilizam todo o quadro relacional.

Tentar-se-á percorrer someramente alguns destes itens, reproduzindo as nomenclaturas e definições dos próprios entrevistados.

A. Michê-macho, michê-bicha, michê-gay

Vistas já as alternâncias da relação entre michês-machos e michês-bichas na divisão territorial do ponto da Avenida São Luiz, cabe recapitular sobre algumas características do tipo majoritário e mais corriqueiro de michê, chamado michê-macho, michê-mesmo ou simplesmente bofe (termo este último usado respectivamente pelos entendidos para denominar rapazes não manifestamente homossexuais, mas que participam ou podem participar eventualmente em transas com outros homens, mantendo sua macheza).

Haveria uma tendência à polarização das posições sexuais nos pólos "masculino"/"feminino":

"Em geral, as relações são entre pessoas que ocupam pólos. Uma pessoa que tem dado mais 'bandeira', mais aberta, mais feminina, tende a procurar o pólo oposto, uma pessoa mais máscula. Pode ter algum caso no qual os dois sejam femininos, mas a gente diz que não luta espadas, não luta espadim, não dá certo. A tendência do feminino é procurar o masculino, e do masculino procurar o feminino - ainda que num grau menor. De fato, no gueto, é difícil o macho procurar a bicha-pintosa, a não ser que seja um michê que se quer afirmar como homem e então busca travesti ou mulher. Via de regra, os michês tendem a preferir uma pessoa ligeiramente masculina, que não dá bandeira, que não seja muito evidente ou escandalosa, com que é mais fácil circular sem chamar a atenção. Mas podem se sentir atraídos realmente por uma bicha feminina os que gostam de agirem como machos" (Péricles).

O michê-macho compartilha com o michê-gay o recurso à masculinidade, se bem no último caso a virilidade é expressa de forma menos estridente. Se a diferenciação entre michê-macho e michê-bicha é transparente, os limites entre michês-bichas e michês-gays são confusos, e às vezes até subjetivos. Os dois gêneros não-machos, por outra parte, são ostensivamente minoritários.

O michê-gay é um gênero ainda muito novo:

"É um novo tipo de michê, o michê-entendido, que está surgindo, embora o michê mais másculo não admita. O michê-gay, ou okô-odara, é um michê que tem uma aparência, um corpo muito bonito, às vezes procura até explorar o parceiro sem necessariamente transar, ou transando o menos possível. Como quanto mais ele se vende, mais ele se desgasta, procura conservar seu corpo transando só o imprescindível. É fundamentalmente uma transa de cabeça, alguns destes caras se consideram michês e outros não. Ocorre que é tanta a carência dos entendidos mais maduros, que eles estão afins de ter uma companhia. Aí o michê-gay se coloca para a pessoa fingindo afeto e começa a usufruir da solidão do outro, para tirar direito uma série de coisas, como moradia, comida, grana etc..." (Pêricles).

O michê-gay, aliás, é um personagem infrequente na área. Em geral ele não "faz avenida", mas prefere frequentar locais sofisticados, prontos para "acompanhar" o cliente, que em ocasiões sequer se considera como tal.

"Na Ipiranga e S. Luiz, ele pode ir de lança, para fazer alguma conexão com os outros michês, que sempre é interessante para eles." Os locais mais frequentados pelo okô-odara são o "Chopp-Escuro" e "Dunkin Donnuts".

Outras nomenclaturas

Michê-malandro: "Pode roubar o cliente ou estar fazendo avenida com a intenção de roubar, aí dá um ganho". Também chamado "boy das tretas" ou "boy dos babados". Os malandros chamam "boy decente" este tipo de michê.

Michê-maluco ou roqueiro: "Frequenta o Bexiga. Pode não ter uma prática sistemática. Enquanto pinta transa ele pede alguma coisa em troca; porém não está muito caracterizado que viva daquilo. Pode aceitar uma retribuição em fumo de parte de algum cliente maluco".

Boy panqueca: Entre os michês, especialmente os mais populares, costuma haver um grande preconceito a respeito do ato de "dar" - isto é, ser receptor anal na relação sexual.

"Porém, alguns desses machões pode chegar a se virar, então passa a ser um boy panqueca, cuja companhia é recusada, pois é desprestigian- te para os outros michês. Michê que dá, cobra o dobro, mas deve permanecer segredo".

Também chamado de "michê-gilete".

Boy cuzão: "É aquele que não topa briga, que não reage às agressões verbais".

Boy modelito: "É aquele que preserva um pouco o corpo, procura uma maricona ou um travesti para fazer caso e ser sustentado. São boys mais transados, que diferem ligeiramente do michê comum".

Okô-mati: "Um rapaz sem atrativo visual, feio, que não tem nada a ver, que não levanta ninguém. O termo é usado respectivamente por travestis e bichas".

Okô, mona, monokô: Derivadas do nagô. Okô: macho; mona: bicha; monokô: tipo intermediário.

B. Nomenclaturas que aludem a diferenças de idade

Há uma diferença básica entre michê jovem - menos de 20 anos - e os michês velhos - mais de 20 anos. Registram-se só as nomenclaturas classificatórias em que estas diferenças se denotam.

Oré, termo de raiz afro, é usado para denominar o menino de 11 a 14 anos que se prostitui: (a palavra é mais usada por travestis).

"Conheço um oré, que é um michê muito jovem. Ele tem onze anos e frequenta o flipper da Vilanova. Sempre faz questão de vir me cumprimentar, como se afirmando como um 'adulto'. Encontrei esse pivete na Marquês de Itu, até na Ipiranga. Já é da avenida, já faz a noite. O dia que um cliente se interessar por ele, os outros michês lhe aconselham: 'tem que cobrar uma nota, não andar dando de presente a bunda para qualquer um que isso é que se valoriza mais'. Ele toma as dicas do pessoal mais experiente" (Péricles).

O grau imediatamente superior de idade corresponde, vagamente, à denominação, ambígua e ampla, de garoto. O termo costuma ser aplicado ao rapaz muito jovem (15, 16 anos) que chega ao centro com vontade de transar com homossexuais, mas sem experiência no negócio. Como são muito jovens, não fazem um gênero muito definido, ainda que comumente se considerem "machos".

O termo tem uma conotação "popular": denota a predisposição dos garotos de periferia para transar com bichas durante a adolescência, disposição mais ou menos tolerada pelo "grupo de idade". Esta inclinação se ancora numa justificação econômica: para transar com mulher, o garoto - geralmente desempregado e pobre - precisa de dinheiro. Transando com bicha-velha, no entanto, ele pode até ganhar algum dinheiro. (Baseado no depoimento de Edivaldo). Em certos casos, o ingresso ao mercado da prostituição pode estar precedido de relacionamentos homossexuais não-prostitutivos.

Os garotos que entram numa espécie de "devir mulher", efeminando-se progressivamente, passam por diversas transições, não muito claramente nomeadas nos discursos de gênero. Da de cima para baixo, que acabou deixando a prostituição e se assumindo como gay, Graciliano, 25 - narra sua experiência como bicha-baby:

"Bicha-baby é uma bichinha jovem e pintosa que cobra para as mariconas que vão de carro por aí, bichas velhas, gays ou enrustidas. Essas bichas jovens que se prostituem são diferentes do travesti ou do michê, mais perto do michê-gay, um pouco efeminado. Eu participava de um grupinho que fazia ponto (por volta de 1980) na galeria do Cinema Olido, e era um pessoal bem solto, que não fazia problema de comer ou de dar. Muitos éramos office-boys da área. Éramos uns 10 carinhas, entre 16 e 17 anos. Se alguém pintar, o carinha ia transar e depois voltava. Todo mundo sabia que a gente ia por grana. Mas tínhamos o nosso público. Nas boates tinha muita maricona que gostava de transar com meninos efeminados. Alguns pediam para a gente vestir calcinha de mulher, um barato. Um michê-macho relutaria em botar calcinha."

Segundo vemos, a bicha-baby seria uma versão precoce do michê-bicha.

C. Diferenciação por grau de profissionalismo

Nem todos os michês convertem a prostituição na sua fonte principal de subsistência. Alguns moram com as famílias (é o caso de Graciliano), outros trabalham e exercem a prostituição ocasionalmente.

Os chamados michês profissionais costumam fazer expedientes intensivos de trottoir, começando às 6 ou 7 da tarde e indo deitar - às vezes na casa de alguma "bicha" - às 4 ou 5 da madrugada. En-

tre transa e transa, eles perambulam pela cidade ou curtem a companhia de outros michês e marginais.

Os michês ocasionais são aqueles rapazes que se prostituem circunstancialmente, às vezes como forma de vazão sexual, como os rapazes pobres que invadem a Praça da República os finais de semana.

Uma diferenciação taxativa entre michê profissional e michê eventual é dificultada pelo fato de que o desejo de abandonar a profissão e conseguir um emprego é frequentemente invocado - ainda que retoricamente - por todos os michês. Há um contexto geral de desemprego que afeta fortemente a população jovem, e que pode tornar verossímel a justificação clássica:

"Eu faço isto (transar com homem) porque preciso de dinheiro, e agora estou precisando porque estou desempregado."

Diz Péricles:

"Eles estão sempre aconselhando para as outras pessoas entrar na batalha do emprego, vivem falando do emprego - com exceção do michê-malandro. Quando um arrumou serviço, vem se gabando: 'Olha meu, eu sai dessa vida, arrumei uma maricona e estou trabalhando'. Mas seus empregos são geralmente efêmeros, e eles retornam à avenida."

Esta instabilidade de fundo faz aparecer figuras ambíguas, como o semi-michê, isto é, o rapaz que, embora estando à procura de um cliente homossexual, pode aceitar uma transa "de graça" com algum "entendido". Ou, inversamente, aquele que não costuma ter relações homossexuais e "faz uma exceção" em troca de um pagamento.

De fato, uma quantidade considerável de rapazes acabam passando, ainda que episodicamente, por episódios de prostituição. Ronaldo, um gay negro de 20 anos, conta:

"Eu não estava a fim, o cara era gordo e velho e eu tinha 16 anos só. Tive a idéia de pedir dinheiro. Ele aceitou e fomos num motel. Bebi, tentando me excitar, mas só consegui passar mal. Quase não houve transa, mas o cara pagou legal e fomos embora".

A figura do "semi-michê" tem a ver com a indiscernibilidade geral do negócio. É uma nomenclatura mais "situacional" do que "identificatória", aplicando-se àqueles rapazes que se prostituem ou não dependendo dos atrativos do cliente.

OS CLIENTES

Ao tratar dos diferentes tipos de michês, houve constante referência à outra parte da relação: o cliente homossexual.

Se se pode pensar que qualquer homem jovem e convencionalmente atraente está em condições de rentabilizar seu corpo entregando-se à prostituição, cabe inferir que o avesso pode ser até mais verossímil, isto é, qualquer sujeito tido por homossexual é visto como um cliente em potencial pelo bloco dos machos, só pelo fato de ser "bicha".

Por outra parte, os machos que se separam dos outros machos para entregar-se a uma prostituição mais ou menos consuetudinária, "elaboram", por assim dizer, um conjunto difuso de racionalizações sobre o negócio, que pode até conformar certa "subcultura" específica. Isso não parece acontecer no caso dos clientes, os quais costumam tomar a subcultura genérica dos homossexuais manifestos.

Não é pertinente, então, falar de uma classificação particular dos clientes diferente à do gueto gay em geral. Isto é, não parece funcionar na retórica territorial uma categorização especial para os clientes. Antes, algumas categorias do gueto parecem mais proclives a fornecer clientes para os prostitutas.

De um modo geral, as categorias vigentes no meio homossexual para qualificar os outros e autoqualificar-se foram já enunciadas. Tentar-se-á agora registrar como aparecem, no discurso do gueto, diferentes nomenclaturas aplicáveis aos clientes.

Da mesma maneira que procedemos a respeito dos michês, organizamos essas nomenclaturas em torno de alguns tensores básicos: sistematicidade no recurso aos prostitutas; nomenclaturas que qualificam segundo status sócio-econômico, gênero e idade; e, por último, uma tipologia 'sentimental' fornecida por um michê imaginativo.

Clientes eventuais e habituais

A distinção entre clientes habituais de prostitutas e clientes eventuais não é fácil de estabelecer. Por um lado, uma quantidade considerável de homossexuais do gueto utiliza às vezes os serviços de prostitutas, pagando o michê ou concertando algum tipo de retribuição (como janta ou moradia). Neste último caso a condição de prostituição pode ficar encoberta.

Mas ainda aqueles que costumam recorrer aos amantes profissionais, fazem questão, na grande maioria dos casos, de manter certa discrição sobre o assunto, revelando-o apenas para seu círculo de amizades mais íntimas. Este pudor se liga, por um lado, ao cone de sombra que ainda pesa sobre as práticas homossexuais em geral. Relacionada com esta repressão social, medra a figura do "cliente enrustido" - ou seja, aquele que não é manifestamente homossexual na sua vida social ou familiar, tendo em alguns casos mulher e filhos. Este gênero tem sido particularmente difícil, dada sua relutância de incluir nas entrevistas da pesquisa.

Na "microcultura" gay, é considerado desprestigiante o fato de pagar um michê. Especialmente os jovens gays da Marquês, acreditam que o fato de pagar um michê expressa a decadência do entendido em termos de valor erótico: como seu corpo tem-se desvalorizado (em termos do mercado sexual), precisaria compensar essa

perda de valor de troca com um pagamento em dinheiro. Esta crença, fartamente divulgada, se sustenta no fato de que a maioria dos clientes é velho (mais de 35 anos) - aqueles que não conseguiriam com quem transar e veriam-se obrigados a recorrer à prostituição.

Mas alguns outros elementos vão complicar essas regras básicas de cálculo: a começar, o desejo do cliente - que mencionamos para explicar a preferência de alguns entendidos pelos michês sujos e mal-vestidos da Ipiranga. Esse desejo vai se articular, na experiência de vida do sujeito, frequentemente sob a forma do desejo do masculino, com raciocínios do tipo: "Eu sou mulher e fraca, e preciso de um homem forte e másculo" (um cliente). Como vimos, os michês-machos fazem questão de garantir essa certidão de masculinidade.

O fato do "negócio do michê" estar movimentando molecularidades desejantes muito delicadas e complexas, não impede que o relacionamento com prostitutas seja, de um modo geral, estigmatizado pelos gays e entendidos do gueto. Pesa sobre o negócio certa mácula de indignidade. Gays representativos aduzem, sobretudo, que a prostituição é basicamente um mecanismo de exploração do homossexual, proclive a assumir arestas criminosas.

O estigma pesa sobre os próprios clientes, que costumam se envergonhar e viver com indissimulável culpa suas aventuras tabeladas. Há, no entanto, outros clientes (minoritários) que assumem abertamente sua condição. Os limites entre uma e outra atitude são difusos, pois, como diz o entrevistado Rolando, "o universo da prostituição masculina é o universo da culpa".

Fenomenicamente, os nativos tendem a classificar os clientes de michês em torno de três grandes eixos:

1. Status sócio-econômico: É particularmente relevante, porque mede a capacidade do "entendido" de retribuir os serviços dos prostitutas. Os próprios prostitutas diferenciam os clientes entre pobres e não-pobres, abrindo um ramo particular para os "professores".

O experiente miche Genildo queixa-se dos clientes pobres, quando de sua micineno nos micetórios da Central do Rio:

"Tinha 13, 14 anos, entrei para mijar no banheiro da Central e um cara viu e falou: 'Agora é que estão chegando os de pinto grande'; acabou me levando na sua casa, onde também comi a mulher dele. Mas eram umas viagens intermináveis, bem na periferia. Esse pessoal da Central é tão pobre que não tem grana nem para hospedaria, e te levam nas suas casas, tão longe que a gente perde a noite toda por um trocado miserável nuns quartinhos de merda. Deu-se uma onda de polícia muito forte, e passei para a Cinelândia, onde é melhor, esse pessoal da classe média paga mesmo, não tem papo, e se a gente satisfazer eles, eles voltam e procuram" (Genildo).

O cliente pobre é chamado também de "maricona tumbada". Em compensação, os clientes "ricos" - que procuram impressionar o rapaz com a demonstração do seu poder econômico - são pejorativamente denominados pelos michês do gueto, recebendo os qualificativos de:

maricona fodida: "O cliente que dispõe de muito dinheiro ou carro; mas também se denomina assim pejorativamente o cliente de classe inferior que não dispõe de dinheiro para pagar o boy".

maricona podre: "Cliente idoso que desagrada ou esnoba a alguns boys com dinheiro ou carro. Pode ser também um cliente que está sempre acompanhado de rapazes cobrindo toda consumação. Em geral, aplica-se ao cliente que faz questão de mostrar que com dinheiro compra qualquer rapaz, até mesmo os que explicitamente não vão com sua cara e rejeitam ele".⁽⁴⁾

(4) Um caso de um cliente (negro) que persegue o michê brandindo o seu poder econômico, no conto de Gasparino Damata: "Módulo lunar pouco feliz" (1975).

As tribulações do cliente "executivo" - um dos protótipos da prostituição em geral, que se aplica com certa liberalidade a quem for que trabalhe e esteja bem pago, englobando, às vezes, industriais, comerciários, burocratas etc. -, cuja mesma riqueza é objeto da cobiça dos marginais, estando em ocasiões sujeitos a ameaças e chantagens, não parecem ser diferentes as angústias dos seus colegas do mesmo status que transam com travestis. Tanto num caso como no outro, a experiência homossexual à beira da sociedade (mascarada ou não) pode servir como uma espécie de "ponto de fuga" que põe em contato o sujeito burguês com os fascinantes perigos da promiscuidade marginal. Esta 'condição desejante' - desejo de perigo, de marginalidade - pode tornar os clientes em geral passíveis de roubo e violência.

O Professor

Antes do que um tipo definido, o entendido tido como "professor" - universitário, intelectual, artista etc. - configuraria um 'ramo' do negócio. Esta caracterização é ambígua e faz referência a certo jeito de ser que não encontra lugar nas divisões por gênero. Para um jovem "entendido", o filho de santo Edivaldo, "intelectual é uma categoria a parte do mercado".

A diferença com o cliente "executivo" é tênue, na medida em que tanto um como o outro se representam como "ricos" - dispendo de dinheiro. Mas, enquanto o chamado "executivo" procuraria impressionar com seu poder econômico, o "professor" deslumbraria o rapaz com seu brilho discursivo.

O "papo" teria certa eficácia na hora das contas:

"Estava na cidade, vi aquele menino, olhos negros, cabelo cacheadinho, lindo, e falei prá ele: 'tem dois punhais de prata dentro dos olhos'. Até hoje ele lembra da frase.

Cada vez que me visita a repete. Ele é michê mesmo, transa com turistas americanos no Rio e ganha muito dólar por noite, mas comigo a transação não é por dinheiro: ele gosta do papo, da curtição. Até fez questão uma vez de me pagar o jantar" (Rolando).⁽⁵⁾

Pela sua parte, os boys que curtem este gênero têm especial apreço pelo verniz cultural que podem adquirir com o relacionamento. Um jovem gay (não-michê) condensa este interesse: "Dinheiro no bolso e cultura na cabeça" (Ronaldo).

1 - Gêneros

As nomenclaturas de gênero discriminam por grau de efeminação. Vulgarmente, alguém que pagar um michê vai ser considerado automaticamente bicha. Fora do repúdio que aflora no uso pejorativo deste termo, ele aplica-se propriamente àqueles homossexuais com trejeitos femininos, cujo extremo é a bicha-pintosa e seu limite o travesti.

Mas há também um outro tipo de cliente que, longe de feminilizar-se, encarna representações prototipicamente masculinas, assimilando-se à persistente figura do "bufarrón" cantado por Quevedo. Esse tipo de "homossexual ativo" (na classificação de Barbosa da Silva) era também conhecido como "fanchona" - cujas inquietações iluminou o depoimento de Rolando (Cap. II). Mas o "fanchona" parece ter-se extinto no meio homossexual de hoje. Algumas denominações são reservadas, porém, para este tipo de homossexual:

(5) Um outro michê, Francis, situa no seu relacionamento com "professores" sua iniciação tanto sexual quanto literária: "Eu tinha uns 14 ou 15 anos, com uns colegas da escola frequentávamos o apartamento de dois entendidos, professores, muito malucos: tinha sexo, álcool, maconha, quanto quiser, mas também tinha muito livro, muita poesia. Um deles me lia Artaud, Genet, Rimbaud ... Imagina para a cabeça de um garotinho, isso foi uma revolução, bem subversivo mesmo".

Francis o chama de "machudo":

"São esses caras que chegam muito másculos, com o papo, 'a gente é igual, tudo homem, eu sei que os michês dizem que comem mas todos acabam dando'. São paranóicos, duros. Então a gente tem que ser ainda mais duro. Como eu falava que eu não dava de jeito nenhum e ele insistiu, pintou violência mesmo"

Este cliente "machudo" pode se assimilar também à figura do "enrustido", característico cliente de travesti, segundo denúncia Pimentel. É aquele que mantendo uma representação pública familiar e heterossexual, dá vazão a sua inclinação pelos rapazes de aspecto másculo, recorrendo à prostituição como maneira de manter a clandestinidade da promiscuidade descompromissada.

3. Idade

Maricona e tia denominam o homossexual de mais de 35 anos, o coroa, grupo etário onde se recruta a maior parte dos clientes. Ambos termos são usados quase que indistintamente, mas com um leve matiz diferencial: enquanto tia designa genericamente a bicha velha, maricona tem também uma conotação de "enrustido", além da sua carga estigmatizante para os homossexuais maduros em geral.

O caso da bichinha jovem (na faixa dos 20/25 anos) que paga um michê é excepcional:

"Pode acontecer que uma bichinha jovem ganhe um dinheiro, ou seja dia de pagamento, ela quer se dar um gosto e em vez de gastar na boate, pode escolher um michê atraente e pagar para ele" (Zé Mauro).

O desejo pode passar por cima dos preconceitos venais:

"Eu habitualmente não pago, mas se pintar algum carinha gostoso que só transa cobrando, e eu estiver com grana, tudo bem. O que importa é o tesão".(Teodoro)

. Uma tipologia sentimental

O prostituto Francis propõe uma classificação singular dos clientes segundo sua experiência subjetiva:

O cliente piedoso: "Compassivo, aparece com um discurso do tipo: 'você tem que deixar essa vida, tem que transar por amor porque vai se arruinar". Dá todo tipo de conselhos, acreditando que assim a gente não vai cobrar ou vai cobrar menos. Ou vai ter compaixão do seu jeito de bonzinho para não arrebentar ele. Embora a gente pegue o relógio dele, o cara não reage, continua dando umas de mártir".

O cliente depressivo: "São terríveis, caras que estão acabados, querendo se suicidar, choram, embebedam-se, provocam nojo e lástima. Um caso: o cara gemia, choramingava, podia ter roubado tudo, mas senti pena".

O namorado: "Ficam apaixonados pela gente, perseguem, querem morar junto, prometem tudo. Insuportáveis. Um deles não me deixava faturar, enchia o saco no pedaço, como eu nem ligava ameaçou-me de morte, tive que sair um tempo do pedaço porque era séria a coisa, ele estava maluco e era capaz de fazê-lo".

QUADROS GERAIS DE ENTREVISTADOS

QUADRO GERAL DE NOMENCLATURAS CLASSIFICATÓRIAS

I. Por Género

+ Masculino ←				→ + Feminino
	Boy Laranja	Taxi Boy		
	MICHÊ-MACHO	Boy Modelito		TRAVESTI
	Okô	MICHÊ-COMILÃO		MICHÊ-BICHA
	Okô-mati	Boy Panqueta		
	BOFE	Machinha	Monokô	
		Michê-Gilete	Okô-odara	
		Seminichê		
		Enrustido		
	(fanchona)	Cliente Machado.	Gay	Marica
		"comilão"	Gay Macho	Bicha Bicha Pintosa
		homossexual ativo	ENTENDIDO	Mona
		"homossexual duplo"		homossexual passivo

II. Por Idade

+ Jovem ←				→ + Velho
PROSTITUTOS	Orê	Michê Jovem		Michê-Velho
	Garoto			
	Boy	Bicha-Baby		
NÃO-PROSTITUTOS		Bichinha Jovem		
			Corea	TIOS
			Tia	Maricona
				Bicha-Velha

III. Por Estrato Social

+ ← BAIXO			→ + ALTO
PROSTITUTOS	Michê da Ipiranga	Michê da São Lui-	Michê da Marquês
	Baixo Michê		
	Michê-malandro		
	boy das tretas	Michê maluco	Michê de luxo
NÃO-PROSTITUTOS	boy dos babados	Gay-Maluco	
	Maricona Tumbada	"Professor"	"Executivo"
	Bicha-pobre/Cliente Pobre		Maricona Podre Maricona Foida

O quadro apresenta um total de 56 nomenclaturas classificatórias registradas nos discursos do gueto. Experimentalmente, agrupam-se essas nomenclaturas conforme tensores ou pólos relacionais de Gênero (mais masculino/mais feminino), de Idade (mais jovem/mais velho), de Estrato Social (mais alto/mais baixo). Essas nomenclaturas se superpõem em vários sentidos. Algumas vezes, como no caso de "boy panqueca" e "michê gilete", trata-se de sinônimos, aplicados indistintamente ao mesmo sujeito. Outras vezes, sobre o mesmo sujeito recaem classificações que correspondem a modelos categoriais diferenciados (como é o caso de "michê gay" e "okô odara", onde o primeiro termo corresponde à gíria "gay" de classe média, e o segundo exprime a influência lexical do candomblé entre as homossexualidades "populares" do sistema "hierárquico"; o mesmo acontece com a superposição "bicha"/"homossexual passivo"). Há ainda outra superposição: o mesmo sujeito pode receber nomenclaturas díspares, mas que fazem referência a tensores de diferente plano. Assim, o "garoto" (termo que faz referência ao tensor "idade") pode ser simultaneamente um "michê macho", se classificado conforme o tensor "gênero". Da mesma maneira, um sujeito classificado como "professor" (em referência ao tensor "estrato social") poderá ser nominado como "entendido", se categorizado com relação ao gênero. Estas sucessivas superposições dão uma idéia da complexidade e instabilidade do conjunto. Aliás, as adscrições nominatórias variam conforme o lugar. O mesmo sujeito considerado "gay" no ponto da Marquês de Itu, poderá ser chamado de "bicha" ou "mona" no ponto da Ipiranga. Não se trata apenas de mudança na denominação: o mesmo sujeito pode ele mesmo mudar de "gênero" segundo seus objetivos ou expectativas: por exemplo, o mesmo rapaz tido por "okô" na Ipiranga, poder-se-ia eventualmente manifestar enquanto "michê-gay" na Marquês de Itu.

Resume-se seguidamente a distribuição por "gênero". "Mais masculino"/"mais feminino", indicam tensores relacionais, que ordenam distribuições de nomenclaturas no sentido horizontal. Na parte superior do quadro agrupam-se as nomenclaturas habitualmente atribuídas aos prostitutas; na parte inferior, as atribuídas aos "não-prostitutos", incluindo clientes, "entendidos" e também "machos" que

transam homossexualmente sem retribuição econômica. Neste último caso, a linha de separação é bastante precária, como o indica a figura do "semimichê", que pode cobrar ou não dependendo da situação.

No extremo "mais masculino", situamos, entre os prostitutas, as nomenclaturas "michê-macho" e seu equivalente afro, "okô"; na mesma linha, "okô-mati" faz particular referência ao rapaz "feio" - da mesma maneira que seu contrário da mesma matriz, "okô odara", alude a um rapaz bonito e "bem transado". Já o termo mais popular (ainda que aplicado pelos clientes e "entendidos" e não pelos rapazes mais másculos) de "bofe" ocupa um lugar limítrofe entre "prostitutos" e "não-prostitutos", já que não necessariamente comercializa sua virilidade, a qual faz questão de afirmar. Dentre os prostitutas, uma proliferação de denominações alude a rapazes menos intransigentes na manutenção da moral masculina; certa comicidade ridiculariza esses deslizos - a ironia transparece em termos como "boy panqueca" e "michê gilete". O "laranja" é simplesmente o "bobo", que acaba cedendo às demandas ativas dos clientes, enquanto "comilão" satiriza os rapazes que mais se afirmariam como másculos quanto mais fracos face à tentação da passividade (os verdadeiramente másculos, supõe-se, prescindiriam dessa insistência encobridora). À medida que se aproximam do pólo "mais feminino", os rapazes suportam outras ironias, como "boy modelito" (aquele que se arruma demais) e "mãezinhas" (termo que também denomina o passivo nas transações entre presidirários). "Taxi-boy" é um termo um pouco excêntrico, geralmente aplicado a rapazes aptos para "todo serviço", que marcam suas entrevistas pelo telefone. Poderia equivaler, na largueza de seus hábitos, ao "michê-gay" dos itinerários de ruas. Mas a aparência já levemente masculina, ou pelo menos andrógina, que esta nomenclatura do sistema "moderno e igualitário" prescreve, dilui-se por inteiro no "michê-bicha", até desaparecer na radicalidade feminizante do "travesti".

Os efeminados que se prostituem são, neste campo, minoritários; a maioria pertence ao bando dos "não-prostitutos", onde "bicha" é a nomenclatura mais paradigmática e conhecida, superada

em feminilidade pela "bicha pintosa" e compartilhando o mesmo campo semântico com designações como "mona" (termo afro) ou "marica" (portunholismo menos difundido). Uma denominação já decadente é usada (por exemplo, pelo sociólogo Barbosa da Silva) para segregar estas tipologias sexuais: "homossexual passivo".

Para reconhecer aquele que podia se desempenhar alternativamente como ativo e como passivo, Barbosa da Silva cunhava uma expressão hoje completamente fora de uso: "homossexual duplo"; essa peculiaridade vai ser exprimida pelo termo "entendido" e mais modernamente pelo anglicismo "gay". Próximo ao campo do antigo "homossexual ativo" aparece modernamente o paradigma do "gay macho" - radical em sua representação máscula, mas flexível nas suas práticas sexuais. No sistema mais clássico, esse "gay macho" confundir-se-ia a simples vista com o "enrustido", para quem a manutenção do estereótipo viril não deriva explicitamente de uma assunção consciente, mas do temor que se descubram suas inclinações homocróticas. Nesse ambíguo terreno, os prostitutas másculos costumam designar como "cliente machudo" ou "comilão" os seus parceiros não-efeminados. Circulava na década de 60, um outro termo destinado aos pederastas ávidos por possuir rapazes: "fanchona", hoje reservado às lésbicas e aos presidiários que se desempenham sexualmente como "ativos".

As distribuições por idade e por estrato social são menos numerosas e mais simples, e podem ser reconstruídas recorrendo à explicação preliminar ao quadro. Novamente, elas se dividem entre "prostitutos" e "não-prostitutos". Chama a atenção a categoria de "tio" - um homem tão idoso quanto a "tia", mas que, diferentemente desta, mantém sua postura masculina. "Tio" é, aliás, o sinônimo moderno mais próximo do antigo "fanchona".

Cabe ler o esquema transcrito como uma rede de sinais, por cuja trama transitam os sujeitos, não enquanto identidades individualizadas, definidas, "conscientes", mas como sujeitos à deriva, na multiplicidade dos fluxos desejantes, na instantaneidade e acaso dos encontros.

No entanto, os pólos relacionais não são "lugares vazios" - como num árido esquema estruturalista -, mas estão ocupados por sujeitos concretos. Dessa maneira, os diversos pólos e categorias funcionariam como pontos de reterritorialização na fixação a um gênero ou a uma postura determinada; fixação que manifestar-se-á na adscrição categorial e, correlativamente, na aparência gestual e discursiva, indícios de um desempenho sexual esperado ou proclamado.

Pode acontecer, ainda, que os sujeitos "ocupem" sucessivamente diversos lugares do código, isto é, se desloquem mais ou menos intermitentemente pelas várias casinhas classificatórias, mudando de classificação conforme o local e a situação. Freqüentemente, é um mesmo sujeito que vai assumindo e recebendo várias nomenclaturas classificatórias em diferentes momentos do seu deslocamento. Poder-se-ia falar, então, de um deslocamento do sujeito pelas redes do código.

Se configura assim um complexo "código-território" (Deleuze), dado pelos códigos e suas superfícies de inscrição em zonas do corpo social. Territorialidade entendida não apenas no espaço físico - ainda que este também seja importante, já que delimita as difusas fronteiras do gueto -, mas no próprio espaço do código.

. A VARIÁVEL COR

As discriminações de cor costumam aparecer soterradas e mascaradas nos rituais sociais brasileiros. O negócio do michê não é uma exceção neste "pudor", que foi delicado descortinar.

A discriminação por cor perpassa todas as outras classificações e divisões, e funciona tanto entre michês como entre clientes e "entendidos" em geral.⁽⁶⁾

Como no resto da sociedade, ser negro é um fator de inferiorização no gueto gay paulistano. Este 'racismo homossexual' tem sido vasculhado pela pesquisa do grupo gay baiano Adê Dudu (1981) sobre relações inter-raciais, e chama a atenção dos observadores estrangeiros. Young (1975) registra a vigência de um padrão de beleza branco e europeu entre os entendidos cariocas. Altman (1980) repara como a cena gay brasileira "... is stratified along class lines and money", estando o corte racial misturado com o corte de classe.

Em São Paulo, algumas das formas deste racismo contravêm até as leis formais. Sabe-se de negros barrados na porta de boates (266 West, na R. Marquês de Itu, 266) e de saunas gays (Champion Clube, Largo do Arouche, 336). Neste último caso, a discriminação é ela mesma "seletiva": se permite o ingresso de alguns negros mais "transados", para afastar a suspeita de racismo, e se impede de entrar os restantes. O método seria trivial nas saunas de San Francisco (USA).

Muitas vezes, a sua exclusão não precisa ser direta, já que o preço do ingresso a boates e saunas mais refinadas costuma

(6) Um aprofundamento das relações raciais no campo do homossexualismo extravasa os limites desta pesquisa. Esse conflito racial é registrado só descritivamente. Cabe salientar, aliás, que o racismo, embora incida permanentemente nos relacionamentos entre os sujeitos do gueto paulistano, está longe de se constituir num impedimento para as relações sexuais inter-raciais, as quais acontecem costumeiramente.

se encarregar de afastar a maioria dos negros - que, por sinal, são os mais pobres.

Michês e "entendidos" negros compartilham, aliás, a preferência policial. Assim, enquanto gays de classe média não costumam ser importunados pela polícia - a não ser quando das grandes blitz -, os negros em geral não gozam dessa tolerância.

No que diz respeito exclusivamente ao negócio do michê, o preconceito não impede que boa parte dos prostitutas sejam negros ou não-brancos (mestiços, mulatos, genericamente chamados de pardos). O predomínio cromático costuma ser dissimulado recorrendo a redefinições sui generis das categorias raciais, considerando a pardos ou "morenos claros" (definição farto abundante nos classificados amorosos gays) como 'brancos'. Com esse procedimento, alguns "entendidos" calculavam uma proporção de 70% de brancos, reservando o quesito de "negros" só para africanos puros ou mulatos escuros. Os próprios destinatários "pardos" costumavam fruir desse esclarecimento.

Porém, um entendido muito chegado aos michês, consente:

"A rejeição contra o negro é muito forte no mundo dos michês. Eles falam abertamente para um michê negro; eu aprecio você porque é um negro mais claro, diferente, chegado..." (Pêricles).

Em compensação, os michês negros se gabam de encantos especiais. Este encanto parece provir, do ponto de vista dos homossexuais brancos, da associação entre negritude e animalidade, herança da escravidão que negava a humanidade do africano e o destinava exclusivamente ao trabalho braçal. Um depoimento recolhido por Adê Dudu (1981), dá conta deste dilatado preconceito:

"Existe um folclore segundo o qual os negros são mais viris, mais potentes, dão mais no 'couro'; é o mito do negro forte, machão, violento e que possui o pênis com proporções gigantescas, que se cultivava muito, também entre os

homossexuais. É muito comum a gente ouvir homossexuais dizerem que transaram com um 'negão', ou 'um nego do pau deste tamanho' " (p.8).

Aliás, o fato de os negros ocuparem posições sócio-econômicas mais baixas, - o que explicaria a predominância de negros e "pardos" na baixa prostituição - predispõe os negros a "se entregarem a relações amorosas com homossexuais brancos, em troca de um pagamento" (id., p.12). No limite, machos negros podem se prostituir para com entendidos brancos, mas se recusando a se relacionar sexualmente com outros negros.

No entanto, há uma clientela considerável (ainda que não majoritária) especializada em garotos negros. Isso faz com que o fato de ser negro não diminua necessariamente a tarifa. Segundo Péricles:

"Os michês negros costumam ser negros muito bonitos, alguns na Marquês são até modelos, muito mais bonitos do que o comum. Um físico transado, interessante. Há toda uma tradição de que negro é mais potente, mais sensual, mais macho, é mito mas ainda tem bichas que acreditam e curtem, sobretudo estrangeiras".

A incidência negra do michê se manifesta no nível semântico; regem termos de raiz afro, provindos do candomblé ou da umbanda. Os cultos afro-brasileiros parecem ter, aliás, uma presença constante no gueto. Um filho de santo que frequenta o gueto conta:

"Tem até pais de santo que saem, pegam garoto e leva ele morar no terreiro, vira ogan, participa no culto. Ogã é muitas vezes um pouco malandro, se transa com bicha quer grana..." (Edivaldo).

Malandros e michês, aliás, manteriam certo respeito para com o pessoal do candomblé, carregado de poderes sagrados.

. O Sul loiro

O racismo imperante no meio homossexual paulista, exacerbado no campo dos michês, transparece também nos "lugares míticos", fantasiados pelos rapazes nos seus delírios nomádicos. Embora haja uma circulação de boys muito intensa entre São Paulo e Rio, classicamente o paradigma de michê paulista, para os "entendidos" e gays, seria mais assimilável ao do gaúcho: ele é imaginado branco e loiro.

De fato, os michês loiros (gaúchos, argentinos, paulistas etc.) são altamente valorizados na praça, especialmente pelos clientes de classe média alta; um deles confessa:

"Transe com qualquer um, não tenho uma preferência definida, só não transe com negros nem com japoneses" (Justo, 31).

A identificação com os dourados loiros do Sul mobiliza alguns michês. Por exemplo, Francis - em companhia de um michê gaúcho - empreende uma viagem "no trecho" - isto é, "pegando carona" nas rodovias, até Porto Alegre, esperando "explorar alguma mariconal". Um dos encantos de Porto Alegre, argumentava-se, seria o fato de ser uma cidade predominantemente branca.

. O cliente negro

Se os michês negros conseguem reverter nos fatos a discriminação, a situação dos clientes negros parece mais desafortunada. O preconceito aparece com força na boca do michê paulista protagonista de um conto de Damata (1975):

"Não gostava de crioulo, preferia mil vezes passar fome e não ter onde dormir do que fazer programa com crioulo (...) Dinheiro de crioulo para ele não valia nada, era papel su-

jo de merda (...) Não fazia programa com Pelé e nem com filho da puta do crioulo nenhum, para ele bastou ser crioulo para não prestar" (p.23/24).

No pedaço da Marquês a discriminação é muito forte:

"Se aparecer um branco com um carro caro, os michês brigam por sair com o cara e às vezes seu fascínio pelo luxo é tão grande que esquecem de cobrar. Mas se vier um negro com o mesmo modelo de carro, eles dizem: 'Olha essa maricona podre, negro com carro querendo esnobar'. Só aceita um negro muito rico, se tiver muita grama". (Péricles)

A discriminação expressa-se também sob forma conjugais. Pode se dar o caso de um michê branco aceitar um "caso" com uma bicha negra, para ganhar comida, moradia etc., mas se recusando a transar. Essas são, segundo Péricles, "sacanagens das quais os michês se orgulham".

Quadro I
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE PROSTITUÍDOS
SEGUNDO "COR"

Dia: 22/12/1984

LOCAL	HORA	C O R				TOTAL ÁREA
		Branco	Pardo	Negro	Japonês	
São Luiz	10:50/11:50	25	8	10	-	43
Ipiranga	11:50/12:00	50	24	28	-	82
São Luiz	12:00/12:50	22	2	-	2	26
Marquês de Itu	12:50/1:00	20	15	10	-	45
TOTAL REGISTRADO		97	49	48	2	196
%		48,5%	25%	24,5%	1%	100%

Entrevistados	X Área	%
TOTAL	196	100
Ipiranga	82	41,8
São Luiz	69	35,2
Marquês	45	23

Observações

A avaliação transcrita deve se tomar como um dado meramente ilustrativo e não estatístico. A contagem foi feita em companhia de um entendido, com o fim de testar nossa própria observação sobre a distribuição racial dos michês com as avaliações (mais brancas) de alguns "entendidos".

A chave dessa confusão pode ser a seguinte: entre "branco" e "negro" se estende uma multiplicidade de tons, cuja classificação é problemática. Alguns entrevistados tendiam a considerar os chamados "pardos" - isto é, mestiços e mulatos claros - como "brancos".

O quadro mostra uma predominância de negros na Área Ipiranga. Esta área foi coberta só parcialmente, já que o interior da Praça da República foi considerado arriscado demais para o registro. Na mesma esquina na S. João com Ipiranga, a presença de dois entendidos anotando misteriosamente algo, chamou a atenção de alguns sujeitos, provocando olhares de suspeita.

Segundo vemos, os negros parecem se retirar da Av. São Luiz antes da meia-noite, havendo depois dessa hora uma marcada predominância de brancos no local. Isto pode ter relação com o caráter "bandedeiro" da prostituição motorizada da São Luiz, evidente para o patrulhagem policial, que pode descarregar sua irritação sobre os menos claros.

O predomínio de brancos não se registra com tanta força na Rua Marquês de Itu. Isto pode se dever não somente à deterioração do local, mas também pela presença de fortes contingentes de michês negros na porta da boate Wall Show.

A breve amostragem permitiu, aliás, detetar a alta rotatividade dos prostitutas. Assim, rapazes achados originariamente na S. Luiz, foram vistos mais tarde perambulando pela Marquês de Itu ou pelas imediações do Dunkin Donuts (Av. Ipiranga com R. 7 de Abril).

. QUADROS GERAIS DE ENTREVISTADOS

Quadro II

GERAL DE MICHES ENTREVISTADOS

Nº	NOME	DATA	IDADE	LOCAL	TIPO ENTREV.	TIPO MICHÉ		COR	OCUPAÇÃO	ORIGEM
						M/E/G	ESTRATO			
1	André	7/83	17	São Luiz	It.	M	M	Negro	Estudante	São Paulo
2	Roberto	7/83	19	Ipiranga	It.	M	B	Negro	Nenhuma	Bahia
3	Francis	Jul/82 Set/84	23	São Luiz	Prof.	M	B	Branco	Marceneiro Desempregado	São Paulo
4	Rodrigo	12/84	23	P. Rca.	It.	M	B	Negro	Nenhuma	Minas Gerais
5	Genildo	5/84	25	Vieira de Carr.	Prof.	M	MB	Negro	Guichê de Met- cald	Rio de Janeiro
6	Fábio	5/82	23	São Luiz	It.	M	M	Branco	Nenhuma	R. Grande do Sul
7	Waldir	5/83	16	Ipiranga	It.	M	B	Pardo	Nenhuma	Bahia
8	Graciliano	10/83	23	Clido	Prof.	G	M	Pardo	Escrutinário	São Paulo
9	Patrício	7/83	33	São Luiz	Prof.	M	M	Branco	Modelo Eventual	Goiás
10	Paulo	20/82	19	Aracaju	It.	M	MB	Pardo	Arquivista	São Paulo
11	Adilson	9/84	18	P. Rca.	It.	M	B	Negro	Nenhuma	Pernambuco
12	Alberto	9/84	19	Marquês	It.	M	M	Branco	Nenhuma	R. de Janeiro
13	Joilson	9/84	22	Ipiranga	It.	M	B	Negro	Camelô	S. Paulo
14	Milton	8/84	20	Aracaju	It.	M	MB	Negro	Motorista Desempregado	R. de Janeiro
15	Oswaldo	11/84	15	Marquês	It.	M	B	Branco	Nenhuma	S. Paulo

16	Miguel	5/83	15	Arouche	It.	M	B	Pardo	Pedreiro	S. Paulo
17	Barbosa	11/84	11	Marquês	It.	M	B	Branco	Nenhuma	S. Paulo
18	Luiz	5/84	21	Marquês	Prof.	G	M	Branco	Office-boy Desempregado	S. Paulo (Interior)
19	Wilson	6/84	13	P. Rca.	It.	G	MB	Pardo	Cocineiro Desempregado	Minas Gerais
20	Ademir	8/83	20	P. Rca	It.	M	B	Negro	Operários s/ qualificação	Bahia
21	Biejo	4/82	36	S. Luiz	It.	G	M	Branco	Escriturário	Argentina
22	Américo	6/84	20	S. Luiz	Prof.	M	MB	Pardo	Nenhuma	Pernambuco
23	Jackson	10/84	18	S. Luiz	Prof.	B	MB	Pardo	Nenhuma	Bahia
24	Marcos	4/83	13	Ipiranga	It.	M	B	Branco	Office-boy Desempregado	M. Gerais
25	Renato	9/83	19	P. Rca.	It.	M	B	Negro	Op. Desempregado	Sta. Catarina
26	Alvaro	12/84	24	P. Rca.	It.	M	B	Pardo	Op. Desempregado	Paraná
27	Sérgio	12/84	20	Arouche	It.	M	M	Pardo	Segurança de Banco	São Paulo
28	Juan Carlos	7/83	21	Marquês	It.	G	M	Branco	Nenhuma	Argentina
29	Walter	7/84	16	Bexiga	It.	G	MB	Branco	Nenhuma	São Paulo
30	Fernando	10/84	21	S. Luiz	It.	M	M	Branco	Office-boy	São Paulo

SIGLAS:

It.: Itinerante

M/B/G: Macho, Bicha, Gay (Gênero)

B/MB/M/MA: Baixo, Médio Baixo, Médio, Médio Alto (Estrato)

Prof.: Profunda

II b - Subquadros

ENTREVISTADOS MICHÊS1 - Idade

Anos	Total	%
13	1	
14	2	
	3	10
15	-	
16	2	
17	1	
18	3	
19	5	
20	3	
	14	46,7
21	3	
22	1	
23	4	
24	1	
25	1	
	10	33,3
26	1	
...		
35	1	
36	1	
	3	10

Até 20 (michê jovem) = 56,7%

Michês menores de 18 anos = 42,8%

Idade Média = 20,7%

Mais de 20 (michê velho) = 43,3%

Quadro 11 b - continuação

2 - Cor

			Contagem de rua
Branco	12	40%	49,5%
Pardo	9	30%	25,0%
Negro	9	30%	24,5%
	30		

3 - Gênero

Macho =	23	76,7%
Gay =	6	20,0%
Bicha =	1	3,3%

4 - Tipo de Entrevista

Profunda =	7	23,4%
Itinerantes =	23	76,6%

Percentagem de entrevistas sobre total de cômputo de rua = 15,3%.

5 - Estrato

Meio =	10	33,3%
Meio-baixo =	7	25,3%
Baixo =	13	45,3%

Quadro II b - continuação

6 - Pontos

			% Quadro de Cor
São Luiz	8	26,7%	35,2
Marquês	5		
Bexiga	1	20,0%	23,0
Arouche	4		
Vieira de Carvalho	1	16,7%	não considerado
Ipiranga	4		
Praça da República	6		
Olido	1	36,7%	41,8%

7 - Origem

São Paulo (capital)	11	
São Paulo (interior)	1	40,0%
MG	3	
RJ	3	
GO	1	
BA	4	43,3%
PE	2	
PR	1	
RS	1	10,0%
Santa Catarina	1	
Argentina	2	6,6%

Quadro III

QUADRO GERAL DOS ENTREVISTADOS - CLIENTES E ENTENDIDOS

Nº	NOME	DATA	IDADE	LOCAL	TIPO ENTREV.	ESTRATO	COR	Ocupação	ORIGEM	OBSERVAÇÕES
1	Edivaldo	04/52	20	Ipiranga	Prof.	B	Paró	Filho de Santo Artesão	S. Paulo	Não-cliente
2	Ronaldo	05/54	20	Marquês	It.	MB	Negro	Escriturário	M. Gerais	Fez nichô uma vez
3	Leonardo	10/53	37	Ipiranga	Prof.	M	Branco	Gerente de Banco	S. Paulo (Int.)	Cliente
4	Silvio	10/54	39	V. de Carvalho	It.	MA	Branco	Dono de loja	S. Paulo (Int.)	Cliente
5	Vadinho	02/54	33	Marquês	It.	MB	Negro	Corretor	S. Paulo	Cliente
6	Ernesto	08/53	38	Marquês	Prof.	M	Branco	Comerciante	Argent.	Cliente
7	Clóvis	05/53	41	Marquês	Prof.	M	Branco	Pesquisador de Mercado	S. Paulo	Não-cliente
8	Dany	11/54	58	Arsesche	Prof.	MA	Branco	Artista plástico	S. Paulo	Deixou de frequentar o Centro
9	Rolando	12/54	55	S. Luiz	Prof.	M	Branco	Escritor	S. Paulo	Cliente
10	Justo	10/52	51	S. Luiz	Prof.	MA	Branco	Executivo	S. Paulo (Int.)	Cliente
11	Péricles	12/54	25	Marquês	Prof.	MB	Paró	Estudante	Paraná	"Amigo" de Nichês
12	Jo Mauro	05/52	22	Ipiranga	Prof.	MB	Branco	Técnico Químico	S. Paulo	Cliente eventual
13	Teodoro	05/52	22	S. Luiz	It.	MB	Paró	Escriturário	S. Paulo	Cliente eventual
14	Josué	07/54	49	S. Luiz	Prof.	MA	Branco	Professor	S. Paulo	Cliente
15	Waldemar	06/54	55	Ipiranga	Prof.	MB	Branco	Estudante	R. G. Sul	Cliente
16	Caetano	10/53	58	Ipiranga	Prof.	M	Branco	Escriturário	S. Paulo	Cliente
17	Bernardo	07/53	36	Marquês	It.	M	Branco	Professor	Argentina	Cliente muito eventual

Quadro III b

SUBQUADROS ENTREVISTADOS CLIENTES1 - Idade

Idade	Não-Cliente	Cliente (inclui eventuais)	
20/24	2	2	- de 35
25/29		1	41,2%
30/34		2	
35/39	1	5	+ de 35
40/45	1	1	58,8%
+ de 45		2	
TOTAL	4	13	17

1/2 Idade

Geral: 34.8

1/2 Idade

Clientes: 36.5

2 - Cor

Branco =	12	70,6%
Pardo =	5	17,6%
Negro =	2	11,8%

3 - Gênero

Não registrado

4 - Tipo de Entrevista

Profunda	12	70,6%
Itinerantes	5	29,4%

Subquadros III b - continuação

5 - Estrato

Baixo	1	5,8%
Meio Baixo	6	35,3%
Meio	6	35,3%
Meio Alto	4	23,5%

6 - Pontos

S. Luiz	4	23,5%
Marquês	6	35,3%
Arouche/V. de Carvalho	2	11,8%
Ipiranga	5	29,4%

7 - Origem

São Paulo (capital e interior)	11	64,7%
Minas Gerais	1	5,8%
Pará	1	5,8%
Rio Grande do Sul	1	5,8%
Argentina	2	11,8%

Observações

O Quadro I expressa as entrevistas registradas com michês. A maioria delas são itinerantes - ou seja, tomadas ao acaso no gueto. Para realizar algumas, recorreu-se a redes de contatos.

No Quadro II, de entrevistas a clientes e "entendidos", as entrevistas foram realizadas de forma mais seletiva, isto é, procurando determinados tipos de "entendidos" e clientes conforme sua relação com os prostitutas. Partindo de um grau de inserção no meio dos "entendidos", muitas conversas informais não foram sequer registradas - o que diminui o número das entrevistas itinerantes e aumenta a quantidade de entrevistas profundas, isto é, planificadas segundo um contato prévio. A amostra de clientes pode ter se ressentido da dificuldade em aceder aos clientes no próprio ponto de contato, especialmente os motorizados. Alguns desses clientes, aliás, não necessariamente estão integrados às redes relacionais dos entendidos do centro.

Nenhuma de ambas as amostras se pretende representativa do universo populacional no seu conjunto, mas apenas descritiva do próprio universo da pesquisa. Porém, pode se conceder que a amostra de michês, pelo fato de ter sido feita majoritariamente ao acaso, guarda um grau de verossimilhança mais fiel a respeito do real. No entanto, a amostra dos clientes só pode se considerar estrategicamente a respeito do universo dos michês, e não inteiramente representativa quantitativamente - mas sim qualitativamente - do universo de clientes e "entendidos".

As Variáveis

. Nome

O nome que o prostituto costuma dar para o cliente e para

os outros boys é normalmente fictício. Um entendido explica este mascaramento:

"Um dos fios condutores do negócio é sempre mentir o nome; se meu nome for Pedro, que é comum, por que ser Pedro se pode ser Walter, ou Wagner, ou então Washington. Quanto mais floreada a coisa para cativar o cliente, melhor"

Na nossa listagem remedamos esse recurso, mudando o nome dos entrevistados reconhecíveis e respeitando nos demais casos o nome de guerra do gueto.

. Data

Nas entrevistas itinerantes, indica-se mês e ano do contato. Quando há mais de uma entrevista, escolhe-se uma data aproximada.

. Idade

Compartilha com o nome os privilégios da fantasia. Em geral, os michês recomendam mentir a idade, aumentando-a se o rapaz for menor de 18 anos, e diminuindo-a quando é maior de 25. Em geral, respeitamos as idades reportadas pelos entrevistados, a não ser em casos de discrepância muito evidentes.

A respeito da amostra de clientes e "entendidos", cabe dizer que ela pode refletir uma idade talvez mais baixa que a média dos clientes habituais. Isto se deve tanto à inclusão dos não-clientes quanto à inclusão dos casos eventuais de clientes "jovens", um tanto excêntricos fenomenicamente.

Pode se perceber, não obstante, uma considerável diferença de idade entre michê - média 20.7 - e entendidos - 34.8, que ascende a 36.5 considerando só os clientes.

Aplicando mais fielmente as categorias próprias do gueto, diríamos que há 56.7% de michês jovens (menos de 20 anos) versus 43.3% de "velhos" (mais de 20 anos). Os clientes dividem-se entre 41.2% de "jovens" (menos de 35 anos) e 58.8% de "coroas" (que superam essa idade, e que calculamos ligeiramente mais elevado na prática do negócio). Entre os michês, 42.8% têm menos de 18 anos.

Cor

A categoria negro abrange também "mulato escuro". A categoria pardo inclui mulato claro, mestiço e outras oscilações inter-raciais. Respeita os modos gerais de atribuição de cor no gueto.

A amostra de michês pode ter levemente aumentada a proporção de entrevistados negros. A diferença não é muito relevante, dadas as condições precárias da observação. Porém essa diferença também reflete o privilégio outorgado na pesquisa ao baixo-michê.

A amostra de clientes é consideravelmente mais clara do que a amostra de prostitutas: 70.6% de "entendidos brancos" versus 40% de michês dessa cor (que sobe a 49.5% na contagem de rua). Estas proporções serão retraduzidas em termos de estrato social.

5. Gênero

Embora os michês masculinos sejam realmente majoritários, a alta proporção da amostra indicia a predisposição a orientar funda-

mentalmente a pesquisa no sentido de estudar as variedades viris da prostituição. Não se pretende, então, absolutamente representativa da distribuição real do gueto.

No caso dos clientes e "entendidos", preferiu-se omitir essa variante, tendo em conta que eles mesmos variam de auto-identificação (o mesmo sujeito pode se dizer tanto bicha quanto gay). Nossos entrevistados "não-prostitutos" se recrutam entre a vasta de "entendidos" mais ou menos "assumidos", não sendo possível entrevistar em profundidade clientes "enrustidos" ('heterossexuais').

4. Tipo de Entrevista

Já abordada na introdução destes comentários.

5. Estrato

Os estratos de michês e clientes não são precisamente equivalentes. Enquanto entre os michês o estrato é considerado interiormente com relação ao próprio universo dos michês, sendo então quase que por definição mais baixo que o universo dos clientes, este último reflete nas suas agrupações por estrato mais de perto as divisões sociais gerais.

Contudo, a diferença sócio-econômica é apreciável; enquanto 43.3% dos michês são de "estrato baixo", 60% dos clientes se situam nos estratos "médio" e "médio-alto".

As normas de atribuição do estrato seguem as convencionalmente seguidas no gueto.

As ocupações dos clientes, aliás, mostram 4 deles assimiláveis grosso modo a figura do "professor", e outros 6 mais perto do protótipo de "executivo".

6. Pontos/Locais

No caso das entrevistas itinerantes, indica-se o local do contato. Quando se trata de entrevistas profundas ou obtidas por redes indiretas, se indica o local mais freqüente de perambulação.

A variável é mais confiável no caso dos michês, não sendo severas as diferenças com a contagem de rua, na qual não se considerou o ponto largo do Arouche, menos denso porém mais favorável para os contatos.

No caso dos clientes e "entendidos", a preferência pela Marquês de Itu se explica porque esta rua constitui o gueto gay por excelência e é ponto corriqueiro de aglomerações de "entendidos" com fins erótico-sociais. Para suas "paqueras", estes entendidos costumam se distribuir pelos diferentes pontos do gueto.

7. Origem

Percebe-se uma prevalência de paulistas entre os clientes e entendidos. Entre os michês, no entanto, os procedentes dos estados do Norte (incluindo Rio de Janeiro e Minas Gerais) superam aos naturais de São Paulo. Nas duas amostras aparece uma pequena proporção de sulistas e argentinos.

SEGUNDA PARTE

O NEGÓCIO

"Você bem sabe
Eu sou um rapaz de bem
e a minha onda
é do vai e vem...
Pois com as pessoas
que eu bem tratar
em qualquer dia
posse me arrumar
(vé se mora).
No meu trabalho intelectual
é o trabalho a pior moral
não sendo a minha apresentação
e meu dinheiro é só de arrumação
.....
Se a luz do sol
vem me trazer calor
a luz da lua vem me trazer amor
Tudo de graça
Para que eu quero trabalhar"

Johny Alf, "Rapaz de Bem" (*)

(*) Roberto Piva teve a gentileza de facilitar a letra desta canção, entoada por um dos criadores da Bossa Nova, Johny Alf, na década de 60, O tema está incluído no Álbum MPB, da Abril, 1979.

CAPÍTULO IV - DERIVAS E DERIVADAS

Nos trechos anteriores procurou-se montar uma espécie de "cartografia" da prostituição viril no centro da cidade de São Paulo, com o objetivo de:

- Marcar os territórios, os pontos de contato, as redes de circulação, os fluxos de concentração e dissipação da massa ligada ao mercado homossexual.
- Levantar a história e até a arqueologia dessa territorialidade, dando conta dos deslocamentos das populações e das mutações no nível do código categorial.
- Registrar, com uma minúcia por vezes exaustiva, os jogos cruzados da atribuição de categorias - que são, finalmente, atribuições de valores com vistas à escolha do parceiro sexual (sexo de uma noíte), objetivo manifesto das circulações homossexuais na área.

Tentou-se uma descrição literal do fenômeno, aproximando-se ao que Matza denomina "perspectiva naturalista", que "representa el intento de dar una descripción precisa y fiel de los fenómenos tal como se producen, en lugar de describirlos o explicarlos para corrigirlos, reformarlos o erradicarlos (la perspectiva correccional)" (apud Taylor, Walton e Young, 1975, p.190). Essa descrição pontual pretende, aliás, não substituir o real por um modelo pre-determinado, não esmagar a flexibilidade e vitalidade dos campos sociais concretos pela sujeição a um sistema conceitual preestabelecido.

Uma vez esboçada essa cartografia da prostituição viril, tender-se-á pôr em movimento esse quadro relacional, ou seja, vislumbrar os modos de circulação dos sujeitos que trocam prestações sócio-sexuais no mercado homossexual.

1 - SEXO NÔMADE. NÔMADE/SEDENTÁRIO

Esse "pôr em movimento" do quadro relacional deverá percorrer os modos reais de circulação e contato dos sujeitos que o recorte específico desta pesquisa condensa em "prostitutos", "clientes" e "entendidos", termo este último bastante ambíguo que pode abranger a massa de passeantes noturnos.

O movimento clássico de procura do parceiro sexual, no "gueto gay" paulistano, passa pela perambulação dos envolvidos no tráfico homossexual entre os "pontos", alternando com longos estacionamentos nos bares gays ou qualquer outro lugar passível de tornar-se ponto de encontro com um candidato a parceiro sexual. O fim explícito (ainda que não inevitável) da circulação é a obtenção de um "amante de uma noite", geralmente anônimo, para a consumação de um ato sexual, muitas vezes irrepetível.

É interessante salientar que este desejo manifesto de sexo, que funciona como uma espécie de motor de todo o negócio, alimenta também interações sociais não-orientadas necessariamente à "dessublimação" sexual (Marcuse, 1979), mas que resultam na constituição de vínculos sociais sui generis de diversos graus (lembrese, por exemplo, da "virtude socializadora" que Barbosa da Silva atribuíra aos grupos de "homossexuais passivos" da década de 50); vínculos estes que coexistem com outros modos de "socialização" (segundo Zaluar, 1985) ou "sociabilidade", tidos como "normais" ou "sedentários": laços familiares, conjugais, de vizinhança, de trabalho etc.

Nesse sentido, a intencionalidade manifesta do desejo sexual que mobiliza o meio homossexual (num grau de intensidade comparável ao meio da prostituição heterossexual feminina), funciona como alicerce para o estabelecimento de redes de sociabilidade

"alternativas" em relação à cultura oficial, "marginais" ou "desviantes" em relação à norma social global, "nômades" em relação à sedentariedade da família conjugal.

A co-existência destes dois modos de sociabilidade (um, "nômade" e "marginal", o outro "sedentário" e "normal") pode ser desenvolvida em vários planos de análise.

Em primeiro lugar, essa contigüidade expressa-se territorialmente na própria convivência, na "região moral" das Bocas paulistanas, de populações fixas, familiares, com massas ambulantes envolvidas nos trânsitos do "mundo da noite". O trabalho de Gouvea et alii (1984) mostra como se distribuem, no mesmo espaço, sociabilidades diferenciadas. Há, inclusive, certo acordo relativo no que respeita à diferenciação e demarcação dos territórios de donas-de-casa e prostitutas. Já Hiroito (1978) descreve os pactos de cortesia que regiam as relações "amigáveis" dos malandros com algumas famílias "decentes" de comerciantes da Boca. A co-existência funciona em grande parte graças a sutis demarcações, que definem vias de trânsito e circulação pela Zona, por onde as famílias correm menores riscos de serem "importunadas". Esta obrigada tolerância mútua não exclui periódicos confrontos, que podem assumir a forma de tentativas de expulsão dos "marginais" (travestis, prostitutas, homossexuais etc.) por parte dos vizinhos da área, vítimas também de frequentes ataques.

Num segundo plano, cabe perguntar como essa difusa fronteira territorial entre os "guetos" e as "famílias" pode se refletir no próprio nível das normas. Tem sido difundida a idéia de que os "grupos desviantes" desenvolvem sistemas de normas autônomos e opostos aos da sociedade normal. Esta interpretação foi levantada sobretudo pelos sociólogos da conduta desviada. Do interior do mesmo campo, Matza rebate esta consideração. Não haveria uma "subcultura delictiva" de valores "inversos a los valores aceptados por la sociedad respetable", mas "una subcultura a la delincuencia que existe en forma subterránea en la sociedad normal" (apud Taylor, Walton e Young, 1975, p.192/194). Ainda que a própria idéia de

"subcultura" seja questionável, pela homogeneização que induz, é interessante salientar que entre a norma e a marginalidade não existia, segundo Matza, uma oposição frontal, mas uma zona de deriva:

"La deriva está a mitad de camino entre la libertad y el control. Se basa en una zona de la estructura social en la que el control se ha relajado (...) El delincuente está momentáneamente en un limbo entre el ámbito de lo tradicional y el de lo delictivo, y responde alternativamente a las exigencias de ambos, coqueteando ahora con uno, luego con el otro, pero postergando todo compromiso, eludiendo las decisiones. Así, oscila a la deriva entre el comportamiento delictivo y el tradicional" (id. p.196).

As formas de passagem a esta deriva não seriam facilmente predetermináveis estruturalmente:

"La deriva es un proceso gradual de movimiento, no percibido por el actor, en que la primera etapa puede ser accidental o impredecible desde el punto de vista de cualquier sistema teórico de referencia; el apartamiento del sendero delictivo puede ser igualmente accidental e impredecible" (id. p.197). (1)

Entre crime e não-crime, entre transgressão e lei, as fronteiras são imprecisas, atravessadas por uma multiplicidade de poros. O chamado desvio seria, em última instância, uma faixa de indescernibilidade, uma espécie de "deriva subterrânea" que socava e percorre o mundo normal. Da mesma maneira, entre homossexualidade e heterossexualidade também não há oposições irreduzíveis: tratar-

(1) Observações análogas faz Alba Zaluar (1985, p.153), a respeito dos bandidos da periferia carioca: "Na história trágica dos bandidos, não faltam os elementos indeterminados de circunstâncias imprevisíveis: o encontro casual com um bandido perverso a caminho do trabalho que provoca o passo inicial em direção ao 'condomínio do diabo', uma briga por causa de mulher, ou a prisão injusta e violenta num posto policial".

se-ia, como quer Kinsey (1972), ⁽²⁾ de um continuum, caracterizado antes por relações de contigüidade e diferenciação relativa, do que por contradições excludentes e taxativas. Isso não implica desconhecer a vigência de sucessivos limites e demarcações territoriais (tomando aqui a territorialidade no seu sentido mais abrangente, não meramente geográfico).

Um exemplo de como funciona esse mecanismo simultâneo de contigüidade e diferenciação encontra-se na mencionada co-existência, no seio das Bocas, entre populações características da "região moral" e famílias constituídas. ⁽³⁾ Já no plano dessas massas "marginais", as delimitações intraterritoriais são numerosas e sutis. Tratar-se-ia de uma "hiperterritorialização" fluente, em permanente movimento, onde as várias populações (prostitutas, homossexuais, michês, travestis etc.) distribuem e negociam seus trajetos de perambulação e seus "pedaços" de influência. ⁽⁴⁾ Entre essas massas perambulantes há um entrecruzamento mais intenso, assim como um reconhecimento especializado do circuito.

Pode-se distinguir, então, pelo menos duas grandes modalidades alternativas de "ocupação do espaço", que se colocam lado a

(2) Escreve Kinsey: "El mundo no está dividido en ovejas y machos cabríos. Nada es negro. Nada es blanco. La naturaleza, según un principio fundamental, pocas veces maneja categorías netamente definidas. Es el espíritu humano el que inventa categorías y se esfuerza por colocar los hechos en casilleros separados. El mundo viviente es un continuum en todos sus aspectos" (Kinsey, citado por Hocquenghem, 1974, p.14).

(3) Embora opondo a "identidade" do trabalhador a "bandidos e vagabundos", Zalluar (1985, p.132) nega que "a oposição entre eles seja rígida e absoluta, ou que exista no plano das relações sociais uma segregação claramente demarcada, separando-os completamente. Ao contrário, as relações entre trabalhadores e bandidos mostram-se muito mais complexas e ambíguas, tanto no plano da representação que a atividade criminosa tem para o trabalhador, como no plano das práticas efetivamente desenvolvidas".

(4) Esta multiplicidade transparece numa descrição "chula" da Praça da República, "onde proliferavam, azucrinavam, acampavam trombadinhas, pivetes, bandidos, bandidetes, marafoneria barata, engraxates, bicheiros, invertidos do amor e todo o resto do acompanhamento daquela fauna rica e pobre flora" (João Antônio, 1982, p.73).

lado nas Bocas: uma maneira fixa, familiar, sedentária; e outra maneira frouxa, não-familiar, promíscua, nômade.⁽⁵⁾

Sedentariidade e nomadismo denominariam antes pólos de tensão na circulação dos sujeitos, do que configurações personológicas globais. As tendências à nomadização entendem-se como "linhas de fuga ou de ruptura" que envolvem, atravessam e escondem os próprios sujeitos individuais.

Estas tensões de nomadização e sedentarização são, então, transindividuais: a posição do sujeito, numa leitura deste tipo, vai se medir pelo seu grau relativo de "desterritorialização" e "reterritorialização" num campo de forças social e libidinal.

Assim mesmo, o fenômeno de que muitos indivíduos possam participar simultaneamente, ainda que em diferentes graus de situações, de "modos de sociabilidade" nômades e sedentários, não deve ser considerado como uma exceção. No campo da prostituição viril e do homossexualismo masculino em geral, não é infreqüente que um sujeito mantenha uma vida heterossexual conjugal "oficial", enquanto participa, mais ou menos clandestinamente, dos rituais da perversão.

O fato de essas "ambigüidades" serem relativamente comuns, não as torna mais facilmente interpretáveis. Um dos impasses das teorias do desvio e da identidade reside, praticamente, na sua dificuldade em lidar com a "duplicidade estrutural" característica de muitos dos participantes do submundo "desviante". As discussões acirram-se em torno da noção de "desviante secreto" de Becker.⁽⁶⁾ Vimos já os problemas que acarreta a tentativa de definir a "identidade sócio-sexual" do michê (Introdução). Uma perspectiva de anã

(5) Deleuze e Guattari (1980) diferenciam o espaço nômade do espaço sedentário, "aberto" o primeiro e "fechado" o segundo: "L'espace sédentaire est strié, par des murs, des clôtures et des chemins entre les clôtures, tandis que l'espace nomade est lissé, seulement marqué par des 'traits' que s'effacent et se déplacent avec le trajet" (p.442). Ver também Duvignaud (1975).

(6) Taylor, Walton e Young (1975) assinalam a incoerência entre a noção de "des-

lise que tome o sujeito nem tanto como desviante com relação a uma norma social dominante, mas como "viajante" entre "pontos de ruptura" e "pontos de sutura", permitirá ler o campo social, como demanda Deleuze, não somente nos seus momentos de estruturação, mas também nas suas fugas e desestruturações. Diz Deleuze:

"En líneas generales, reconocemos a un marxista cuando dice que una sociedad se contradice, que una sociedad se define por sus contradicciones y particularmente por sus contradicciones de clase. Nosotros decimos más bien que en una sociedad todo huye, y que una sociedad se define precisamente por esas líneas de fuga que afectan a masas de cualquier naturaleza (...) Una sociedad, pero también un agenciamiento colectivo, se define en primer lugar por sus máximas de desterritorialización, por sus flujos de desterritorialización" (Deleuze e Parnet, 1980, p.154).

. O NOMADISMO URBANO

A natureza da diferença entre sedentariiedade e nomadismo é política e histórica. Na constituição da cidade capitalista, a errance (ou seja, o perambular de massas erráticas, sem ocupação fixa, pelas ruas da cidade) vai ser estigmatizada e combatida: procurava-se fixar e recluir as populações nômades. Este dispositivo de sedentarização desenvolve-se em diferentes planos. Stebler e Watier (1978) mostram como, no decorrer do Século XIX, a errance spatial converte-se em errance social, separando os proletários ("primitivos nômades", comentam Deleuze e Guattari) dos lumpens:

... viante secreto" e a explicação da "desviação" "en función de las reacciones que provoca": "Si la desviación depende de la reacción pública, cómo puede haber un desviado secreto?" Trata-se de uma crítica à teoria da rotulação, que considera determinante a "acusação de desvio" para a "carreira desviante" (p.165/166).

"Au XIX^{ème} siècle, les villes ouvrières se constituent contre le nomadisme, c'est-à-dire tentent de réaliser une fixation d'abord spatial, de la 'colonne mobile de la peste'. Peu à peu, cette fixation devient sociale et, parallèlement, le nomadisme est exprimé lui aussi en catégories sociales, psychologiques ou médicales" (p.101).

Tanto Donzelot (1980) quanto Ariés (1981) descrevem o processo de erradicação do nomadismo na França do Século XIX, quando da constituição de família nuclear no seio do proletariado desterritorializado. Tratar-se-ia não apenas de controlar a circulação territorial dessas massas, mas também de disciplinalizar o próprio corpo. (7) Deleuze e Guattari condensam:

"Fixer, sédentariser la force de travail, régler le mouvement du flux de travail, lui assigner des canaux et conduits, faire des corporations au sens d'organisme, et, pour le rest, faire appel à une main-d'oeuvre forcée, recrutée sur les lieux (corvées) ou chez les indigents (ateliers de charité) - ce fut toujours une des affaires principales de l'Etat, qui se proposait à la fois de vaincre un vagabondage de bande, et un nomadisme de corps" (Deleuze e Guattari, 1980, p.456).

Porém, alguns traços desse nomadismo policiado e psiquiatrizado sobreviveriam na vida noturna das cidades. Stebler e Watier perguntam-se:

"Les noctambules en leurs dérives sont-ils les derniers nomades, cotoyeurs des vagabonds du sexe, de la drogue et

(7) Para Murard e Zylberman (1976) este processo seria "plus que un modelage somatique, plus qu'un dressage moral (une 'moralisation'), une eugénique de la force de travail" (p.17), no contexto da conversão do espaço urbano - "catégorie du mouvement, de l'échange" em meio urbano - "catégorie de la sédentarité, de l'intimité" (p.23). Para uma visão deste processo em São Paulo (de 1890 a 1936), ver Rolnik, Raquel (1981).

des illégalismes obscurs tramés dans la nuit?" (1978, p.101)

Para sobreviver no espaço urbano, as populações nômades recorreriam às formas de organização e sociabilidade sui generis, diferenciadas da ordem sedentária dominante, mas em cujos interstícios emaranham suas redes relacionais mais ou menos frouxas e instáveis, "retrabalhando" os valores da sociedade mais ampla, mas mantendo certa exterioridade ou estranhamento a respeito deles (Caiafa, 1985, p.93). As redes de organização e distribuição territorial dos mendigos (Stoffels, 1977) são um exemplo deste modo de sociabilidade nômade.

Deleuze e Guattari diferenciam uma "mundaneidade" nômade, referida ao mundo, de uma "socialidade" sedentária. O nômade erigiria a banda, a matilha (meute) como modalidade de grupalização, enquanto que a família seria a organização sedentária paradigmática. Como no caso dos gaminos de Bogotá pesquisados por Mounier (1978), nas bandas nômades funcionam mecanismos - análogos aos que conjuram o aparecimento de estado nas sociedades primitivas (Clastes, 1979) - que inibem a consolidação de um poder estável.

Outro traço interessante das ganguês nômades, presente nos gaminos, é a sua rotatividade. Mounier nota que os grupos de gaminos aparecem e desaparecem das ruas, dispersando-se intempestivamente, mas um fluxo de ingressantes também arbitrário mantém mais ou menos constante a presença numérica dos "moleques de rua". Isto revela outra característica das bandas nômades, presente nas gangues informais de michês de rua, que é a sua instabilidade e sua rápida dissolução e reagrupação. Aliás, essa condição de transitoriedade era já entrevista por Matza, como própria da deriva do delinqüente juvenil. A respeito da prostituição masculina, já Henning (1978) salientara a condição errática dos "garçons de passe", que possuem "mille visages et mille noms":

"Je possède mille visages et mille noms. Je ne suis personne et je ne suis nulle part. Je suis moi je suis vous.

Je suis ici la devant derrière, j'entre et je sors. Je suis partout et nulle part" (p.13).

e estão em permanente movimento:

"Ils vagabondaient, dans ce que le grac nomme joliment un 'hypocosmos'. Un ciel souterrain. Quelque chose, peut-être, de moins divin que dans les livres de Genêt, mais que le troublait autant. Une vie de petites bandes, un milieu de débrouillardises, de souteneurs, de lacrymos et de tendresses" (p.53).

. A "Reterritorialização Perversa"

As populações do meio homossexual participam, de modo relativo, de formas de sociabilidade sui generis que estamos denominando "nômade". Esses traços de nomadismo reconhecem-se em diferentes planos.

Em primeiro lugar, as massas noturnas do gueto homossexual estabelecem módulos de agrupação diferenciados segundo posições ocupadas no "código-território". Desenvolvendo uma sugestão de Guattari (1981), pode-se distinguir pelo menos dois grandes modelos: as gangues de michês (agrupamentos informais, transitórios e de alta rotatividade, baseados sobretudo na localidade) e as capelas (ou "igrejinhas") de "bichas", do tipo dos "grupos de homossexuais passivos" de Barbosa da Silva, espécie de "família homossexual alargada" (Pollak, 1983, p.62/63).

De outro lado, o sistema de comunicação orientado para a prática de relações sexuais sob condições variáveis, tem também um modo de instanciamento que poder-se-ia chamar de nômade: a "paquera" ou deriva (Hocquenghem, 1980).

A "territorialidade homossexual" trabalha capturando os

fluxos libidinais nomadizados a respeito da sexualidade "normal" e reterritorializando os sujeitos na adscrição e paradigmas psicológicos e comportamentais. Porém, os códigos destas "territorialidades" são frouxos e instáveis se comparados com os códigos sexuais dominantes, participando de uma "segmentação" mais flexível.

Entendida como modalidade de "sexo-não-oficial" (Molina, 1985), a prática da homossexualidade masculina costuma implicar não apenas uma escapada, uma fuga dos padrões da normalidade sexual tradicional, mas também a inscrição do sujeito que deriva, sua captura nas redes dos sistemas de recodificação e distribuição do "gueto gay".

A "territorialidade homossexual" teria, então, um duplo funcionamento. De um lado, constituiria um ponto de fuga para os sujeitos que saem (ou são expulsos) de outros marcos sociais mais rigidamente "familiarizados"; isto é, uma tensão de desterritorialização. De outra parte, a inscrição do sujeito no "código-território" vai configurar um movimento de "reterritorialização", onde o desejo, inicialmente "liberado" da fortaleza familiar, vai ser reciclado na "desordem organizada" (Bataille) da "territorialidade perversa".

Esta reinscrição do sujeito desejante num outro código, desta vez "perverso", não é meramente simbólica, mas literal: produção de marcas no corpo, tipificação da indumentária, modelizações de tiques e trejeitos, serialização de moldes gestuais e sexuais, seleção e valorização da própria prática sexual etc. Reconhecer essa reciclagem característica da territorialidade homossexual não implica necessariamente passar a conceber o "submundo marginal" como uma espécie de "cópia invertida" ("o avesso do avesso") do mundo normal - como propõe, por exemplo, Barbosa (1984).

É certo que esse efeito de espelhamento está facilitado por certa "paródia" ou até "imitação" dos padrões heterossexuais, perceptível nos romances de Genet. Mas estes fenômenos configura-

riam, mais do que uma cópia dos modelos oficiais, um "simulacro" (Abraham, 1983).⁽⁸⁾

A "territorialidade perversa" do gueto homossexual constituiria um modo de "reterritorialização" do "desejo homossexual", usando aqui a ambígua nomenclatura de Hocquenghem (1974). Hocquenghem diferencia o "desejo homossexual" - que seria "un recorte arbitrario en un flujo ininterrumpido y polívoco" (p.12) - da "homossexualidade", entendida como "categoria psicopolicial" historicamente fabricada, "... recorte abstracto del deseo que permite regentear incluso a los que se escapan; (...) someterse a la ley que está fuera de la ley" (p.13).

Nos processos de "reterritorialização relativa" imperaria uma "segmentariedade" flexível, diferenciada da territorialidade "molar", totalizante, de segmentações duras e binárias, ainda que não necessariamente oposta nem contraditória - aquela: tratar-se-ia de uma zona de "transdução".⁽⁹⁾

A diferença entre ambos planos manifesta-se no próprio

(8) Isso pode se aplicar à "identificação" do homossexual com a mulher. Deleuze e Guattari (1980) distinguem dois aspectos deste "efeminamento". De um lado, ele pode implicar uma subsunção ao triângulo edípiano, funcionando como um dos seus polos (o feminino). Mas pode ser também a passagem para um "devir-mulher": "... devenir-femme n'est pas imiter cette entité (a mulher enquanto presa numa 'máquina dual' que a opõe ao homem), ni même se transformer en elle. On ne négligera pourtant pas l'importance de l'imitation, ou de moments d'imitation, chez certains homosexuels mâles; encore moins, la prodigieuse tentative de transformation réelle chez certains travestis" (p.358).

(9) Por "transdutor" o Aurélio define "qualquer dispositivo capaz de transformar um tipo de sinal em outro tipo, com o objetivo de transformar uma forma de energia em outra, possibilitar o controle de um processo ou fenômeno..." etc. Por transdução Deleuze entende o "trabalho de tradução" - de conversão e captura, de recuperação e monetarização - dos fluxos moleculares (desejantes) para os "centros do poder" locais: "adaptadores, conversores que não estão numa posição simétrica ao que eles neutralizam, mas se apoiam numa zona de potência onde se dispõem os mecanismos de retardamento dos fluxos e numa zona de impotência onde os fluxos acionam seu exercício de constantemente escapar a esses mecanismos, mergulhando numa região de negociação entre essas forças (Caiafa, 1985, p.221).

código de classificação e nomenclatura. Na "retórica do universo heterossexual" (parafraseando a M. C. da Cunha) proceder-se-ia por oposições binárias do tipo: homem/mulher, pai/filho, patrão/empregado. Ao passar para o campo homossexual, essas binarizações tornam-se, de certo modo, paródicas - perdem o suporte biológico das diferenças anatômicas. Se no chamado "modelo popular" o papel da "bicha" segue textualmente ao da mulher (ao extremo de que "a bicha é a sola do sapato do bofe"), isso não tira a relação sexual entre dois homens certo caráter "transgressivo"; transgressividade que pode explodir às vezes em violência e morte (como em El lugar sin límites, romance de Donoso, 1977).

Assim mesmo, a transgressão costuma ser um elemento constitutivo da consumação do desejo (homo)sexual - condição de clandestinidade relativa, de penumbra, de secreto, que rodeia também as práticas de outras perversões.

Porém, esse conteúdo transgressivo não é inerente à relação homossexual entre si, mas próprio de certa circunstância histórico-social onde a homossexualidade vai ser definida, codificada e "reprimida". A emergência pública da homossexualidade - que passou, em vinte anos, da clandestinidade à tolerância "repressiva" (Marcuse) -, aponta explicitamente na direção de retirar a conduta homossexual do cone de marginalização que ainda a cobre parcialmente. Não obstante, cabe salientar que esta "revelação" da "condição homossexual", não se limita a "desvelar" os comportamentos tradicionalmente interditos, mas procede - como mostra Pollak - a uma recodificação e reclassificação dos sujeitos e dos seus encontros, em nome de uma "afirmação da identidade homossexual" que acaba agindo como um dispositivo de modelização das populações homossexuais.

Como vimos, na "Introdução ao Gueto", no caso específico do Brasil os efeitos da "gay liberation" não passam tanto por uma dominação homogeneizante da nova padronização gay, quanto por uma espécie de "choque de códigos", que se exprime numa complexificação, proliferação e confusão das retóricas classificatórias, ou seja, no nível da sinalização que orienta as circulações e as tro-

cas entre os sujeitos.

Esta proliferação de retóricas classificatórias - expressa no Quadro de Nomenclaturas - vai ter diversas consequências nas práticas concretas. De um lado, amplia as redes de captura classificatória, multiplicando as possibilidades de inscrição, que já não ficam restritas a "ativo/passivo", mas admitem uma diversidade de combinatórias (McRae, 1985). Isto favorece também o ingresso de mais aderentes ao círculo das prestações homossexuais - que é, finalmente, o objetivo de todo o sistema. Simultaneamente, essa hipercodificação "enrarece", por assim dizer, as condições do mercado: ao aumentar a massa de circulação, aumenta também a seletividade da escolha; e os mecanismos de seleção (onde pesa a atribuição de valor erótico ao próprio corpo e ao corpo do outro) aperfeiçoam-se e "filtram" mais minuciosamente os requisitos de abordagem, aceitação ou recusa de um eventual parceiro.

A conjunção dessas circunstâncias contribui para explicar o fato de que as redes de relacionamento homossexuais tendam a aparecer como "frouxas" e "instáveis" com relação aos padrões da conjugalidade heterossexual clássica.

O gueto gay, na sua versão brasileira, configura-se então como uma instância de "reterritorialização". Sinteticamente, um modo de circulação e conexão sexual que caracterizamos como "nômade" - cujo paradigma é o trottoir -, combina-se com operações de codificação específicas, que dizem respeito à articulação de um "código-território". Numa primeira instância, os modos de classificação e distribuição das populações do meio homossexual (cujo deslocamento depende também de intervenções diretas do poder policial, mudanças no plano do saber social etc.) apareceriam como dispositivos de poder locais (Deleuze e Parnet, 1980, p.154).

Esses dispositivos procuram "capturar" as "fugas desejantes", traduzindo-as em termos operatórios de intercâmbio. Mas a modalidade factual de conexão entre os sujeitos que derivam, continua sendo ela mesma nômade: preponderância do acaso, expectativa de

aventura ("acontecer na rua"), prática da promiscuidade, tendência à orgia, frequência de relações impessoais e anônimas.

. A Deriva Homossexual

Há um modo de circulação característico dos sujeitos envolvidos nas transações do meio homossexual: a "paquera", ou deriva. Trata-se de pessoas que saem à rua a procura de um contato sexual, ou simplesmente "vão para o centro para ver se pinta algo", toda uma massa que "se nomadiza" e recupera um uso antigo, arcaico da rua. A rua, "microcosmos da modernidade" (Levebvre, 1978), torna-se algo mais do que mero lugar de trânsito direcionado ou de fascinação espetacular perante a proliferação consumista: e, também um espaço de circulação desejante (a "errance sexuelle" de Maffesoli, 1985).

Certa expectativa de aventura erótica escandiria per se a marcha - indiferente e automatizada - da multidão nas megalópoles contemporâneas. Benjamin, na sua análise do soneto "A une Passant", de Baudelaire, assina como o olhar do flâneur "captura" (singulariza, investe) o objeto - furtivo - do seu desejo; na instantaneidade dessa apressada paixão - o sexo separa-se do eros.⁽¹⁰⁾ Partindo das sugestões de Benjamin poder-se-ia, aliás, esboçar alguma analogia entre o flanar da boemia e a deriva das homossexualidades. Explorar as possibilidades sensuais do fluxo das massas urbanas não é, por sinal, exclusivo de prostitutas e "entendidos". Pelo contrário, a "pegação" homossexual (Guimarães, 1984) constitui uma versão particular de uma prática muito mais institucionalizada e conhecida: o trottoir da prostituição feminina, cuja di-

(10) Diz Benjamin: "O que contrai convulsivamente o corpo - 'crispé comme un extravagant' é dito na poesia - não é a felicidade de quem é invadido pelo eros em todos os recantos do seu ser; mas antes um quê de perturbação sexual que pode surpreender o solitário" (1980, p.39).

fusão em São Paulo, a partir do fechamento dos bordéis e do fim da zona confinada, vimos no primeiro Capítulo. No entanto, a sedução da paquera pode se associar a formas mais tradicionais de "flirteo" erótico, como os namoros de província descritos por Thales de Azevedo (1975) ou os rituais de aproximação erótica dos "amours paysannes" pesquisados por Flandrin, "ritual amoroso del campo que sobrevive en el ligue homosexual" (Bruckner e Finkielkraut, 1979, p.523).

A "paquera" homossexual constitui, no fundamental, uma estratégia de procura de parceiro sexual, adaptada às condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais. Esta necessidade de salvaguardar certo segredo vai ter um papel decisivo, segundo Pollak, na determinação das características dos modos de conexão inter-homossexual: "isolamento do ato sexual no tempo e no espaço, a limitação a um mínimo dos ritos de preparação do ato sexual, a dissolução da relação imediatamente após o ato, o desenvolvimento de um sistema de comunicação que permite esta minimização dos investimentos, enquanto maximiza os rendimentos orgásticos" (Pollak, 1983, p.53). Coincidentemente, Foucault vê a origem do cruising no fato de a homossexualidade estar "desterrada" na cultura ocidental, que impõe "la repentina decisión de ir al asunto, la rapidez con que se consuman las relaciones homosexuales..." (1985, p.29).

A "paquera" (dragage, cruising, yiro etc.) consiste numa perambulação, mais ou menos prolongada, pelas áreas da cidade tendentes a serem transitadas por homens dispostos ao prazer e às diversões. O argentino Túlio Carella oferece, no seu romance Orgia, uma crônica pormenorizada e autobiográfica de seus "itinerários desejanter" pela Recife da década de 60:

"Que fazer até a noite? (Lúcio, o protagonista) passcia, olha, toma café, continua passeando. Pára, vendo um ajuntamento: é um vendedor ambulante. Sente-se olhado: é um rapaz de aspecto atlético. Pouco depois, é um rapaz afogado que lhe oferece seu corpo. Em seguida, um mulato se

aproxima dele e se roca, pretendendo excitá-lo. E mais distante há um homem que o olha com uma profundidade que Lúcio jamais vira antes. E outro, mais outro, e outro. Lúcio acha que suas roupas despertam a atenção, mas está um pouco alarmado com esses olhares cobiçosos que o desnudam" (Carella, 1968, p.45).

O sujeito que paquera se desliza entre a multidão, e capta - sexualizando-os - os incidentes aparentemente anódinos ou insignificantes do espetáculo da rua:

"Caminha. Um escultor que lhe oferece uma peça de barro cru. Um menino, a quem compra cigarros, tenta vender-lhe um isqueiro por um preço exorbitante. Uma mulher lhe pede esmola. Um velho mostra-lhe bilhetes de loteria. Um homem fardado sorri para ele. Pára, olhando o ambulante, rodeado por uma pequena multidão, instalando-se no espaço entre um automóvel e o último espectador. Mas fica imprensado para dar lugar a um negro que também quer olhar. O automóvel recua e empurra o negro que se adere às costas de Lúcio com um corpo quente (...). Soldados e fuzileiros passam lentamente, como de propósito, para serem detidos mais facilmente" (id. p.76).

No ato de se lançar à deriva, à "paquera", à vadiagem, parece estar implícita certa disponibilidade para o novo, o inesperado, a aventura. Um michê entrevistado chama essa disponibilidade de "acontecer na rua":

"Se o michê virar marido de bicha, passa a morar com bicha, é uma situação em que a pessoa morre, não existe mais aventura, fluidez, a coisa de sair, aí não se sabe o que vai acontecer. Mas se você morar com bicha, já sabe o que vai acontecer no dia a dia, não vai ter nada novo, uma aventura, nada. Então isso assusta. O que os michês querem mais é viver, acontecer na rua (...). Essa é a vida como ela deveria ser, não devia ter nada marcado, ho-

rários de trabalho, nada. Na rua flui muito mais, acontecem coisas que a gente não iria imaginar, você se expõe" (Patrício, 35).

Essa predisposição à aventura, esse "acontecer na rua", pode conduzir o sujeito que deriva a situações diferentes da sua intenção original. No relato que transcrevemos, um michê encontra-se com um outro que estava "bem vestido e com grana", e:

"... Eu comecei a puxar conversa, 'convida uma pinguinha', o cara muito delicado, com essa delicadeza masculina, nada bicha, fomos num bar e pediu conhaque. Depois continuamos bebendo na rua... De pronto, quando passávamos pela porta de uma boate, o cara entrou numas de provocativo e arrebentou um luminoso com um pontapé". (A história continua com uma briga com os "leões de chácara" da boate) (Francis).

Nesse relato, a vontade de nomadização parece confluir com certo "desejo de transgressão", antecipando a problemática de violência que trataremos em particular posteriormente.

Porém, a predisposição à aventura é compensada por uma certa "organização do acaso". A perambulação não é exatamente caótica. Pelo contrário, o "ritual de preparação" (Guimarães, 1984) se organiza racionalmente, incluindo microdispositivos de seleção de eventual parceiro, verdadeiras regras de cálculo que procuram tanto medir o grau de desejabilidade quanto a eventual periculosidade do candidato. Também Pollak chama a atenção para esta previsão da aventura:

"O engate homossexual traduz uma procura de eficácia e de economia, comportando, ao mesmo tempo, a maximização do 'rendimento' quantitativamente expresso (em número de parceiros e de orgasmos) e a minimização do 'custo' (perda de tempo e risco de recusa das propostas)" (1983, p. 65).

O cálculo já está contido no sistema de olhares recíprocos que constituem o primeiro sinal de comunicação. Hooker (1973) percebe, num bar de São Francisco, o funcionamento desta complexa estrutura de olhares:

"Se se reparar com muito cuidado e souber-se o que reparar num bar 'alegre', observar-se-á que alguns indivíduos estão claramente comunicando-se uns com outros sem trocar palavras, simplesmente através da troca de olhares - mas não a espécie de olhar de relance que ordinariamente se dá entre homens. Os homossexuais dizem que se um outro homem encontra o olhar e o mantém, sabe-se imediatamente que é um deles" (p.87). (11)

Pode-se comparar esse olhar desejante àquele que atravessa transversalmente a multidão baudelaireana, que Benjamin (1980) assimila ao "de uma fera que se põe a salvo do perigo enquanto olha ao redor em busca da presa". O michê, como a prostituta, "... passeia o seu olhar pelo horizonte como o animal predador, a mesma instabilidade, a mesma distração indolente, mas também, por vezes, a mesma atenção inopinada" (p.54).

Michês e "entendidos" gabam-se de reconhecer um outro homossexual por uma simples troca de olhares. Esse olhar, carregado de desejo, não é apenas sedutor, mas também paranóico. Uma bicha entrevistada refere-se assim à maneira de olhar do "michê arquetípico":

"É um olhar sedutor que deixa a gente aberta. Nesse olhar eles tornam-se ariscos e misteriosos, tem que haver um

(11) Um etnógrafo do "ambiente" homossexual da área da baía de São Francisco dá uma imagem irônica deste jogo de olhares num bar gay: "Antes de la hora de cerrar todos los parroquianos parecen estar buscando por la habitación una lente de contacto extraviada que flotara a la altura de los ojos." (Bell e Weinberg, 1978, p.311).

lance de mistério e provocação, que represente uma ameaça benigna, um perigo benigno; tem perigo mas a gente sabe que não é muito."

Haveria, então, na "paquera" homossexual, dois grandes blocos constitutivos. De um lado, um desejo sexual aberto, profuso, que remete à ordem do acaso. De outro lado, esse desejo não é indiscriminado, mas agencia, para se consumir, com complexo sistema de cálculo dos valores que se atribuem àquele que é captado pelo olhar desejante, incluindo tanto expectativas sexuais quanto riscos de periculosidade. Assim, a "máquina de draga" (Hocquenghem, 1974: "todo es siempre posible en todos los momentos, ... los órganos se buscan y se enlazan sin conocer la ley de la disjunción exclusiva", p. 93) é também uma "máquina de cálculo", um mecanismo de atribuição de valor. (12)

O "passeio esquizo" do homossexual e do michê circula permanentemente entre esses dois pólos: desejo e interesse, acaso e cálculo. Na prática da deriva, um e outro tornam-se frequentemente indiscerníveis. Esta "indecibilidade" aparece na experiência de um michê iniciante:

"Dando voltas pelo centro fui parar no Largo do Arouche, local que ainda não conhecia. Aí vi essa confusão toda de bichas e travestis. Um travesti veio me encarar, mas nesse momento pintou um argentino com andar de gato, vestido

(12) Blachford (1981) fala da "objectification" implícita no cruising: "People in these situation will be no attracted by some one unless they are attracted by some external feature that fulfils some sexual fantasy". A ênfase é colocada em "surface and cosmetic characteristics", seguindo critérios de seleção como "appearance, dress, manner and body build". Assim, o parceiro "is only a means for impersonal, purely sexual end" (p.191). Se, de um lado, esta sexual objectification não se diferencia da característica dos encontros casuais heterossexuais, ela pode também ser vista como uma oposição aos valores da cultura dominante, que exaltam o amor e as relações monogâmicas orientadas para a reprodução. Blachford remete a Foucault, que "argues that public sex, anonymous sauna orgias etc., decentre sex, desubjective us as sexed beings, and therefore they are radical or challenging of the society." (p.198)

todo de preto, que me fascinou. Ele contou-me como que era o negócio, ele mesmo era michê, e me levou para os jardins da Biblioteca (Avenida São Luiz). 'Vai pintar uma lança para vos', falou-me em português. Eu não estava interessado nas bichas, mas no argentino. Mas ele fez negócio com uma maricona e fiquei sozinho. Voltei no outro dia, para ver se achava ele. Aos poucos, fui virando mais experiente, eu mesmo comecei a pegar mariconas por grana" (Francis).

A saída à rua de F. não estava predeterminada mais do que por uma vaga vontade de aventura. O encontro com o argentino acende o desejo de uma transação sexual fora dos padrões do mercado. Mas esta disposição desejante é submetida às regras de cálculo do meio. Assim, o argentino abandona F. levado por um interesse econômico. O próprio F. acaba imitando esse comportamento.

Na paquera dos homossexuais parece haver certa instabilidade de base, que corrói o negócio todo. Hocquenghem (1980) insta a ver esta aparente instabilidade não como um fenômeno negativo, nem como uma manifestação de carência ou de falta a respeito de relações estáveis, que seriam - supõe-se - universalmente desejadas. Pelo contrário, haveria certa afirmatividade na "máquina de draga":

"A sexualidade bicha, os encontros nos parques e jardins, as boates, as praias (...) tudo isso não é um substituto, uma busca desesperada que objetiva preencher um vazio. Não somos instáveis, mas móveis. Não temos vontade de lançar âncora. Vamos derivar por aí afora" (p.101).

No "agenciamento maquínico" dos membros ("imperiosas localizações de um desejo que se impõe: isto quer aquilo, isto se encaixa naquilo", id.), os outros não são vistos como "identidades pessoais", mas apenas como possibilidade de um contato parcial, de órgão a órgão. O corpo é parcelado, certas partes são "separadas" do conjunto. No caso dos michês, o objeto destacado é sobretudo o pênis. Narra Carella:

"... um mulato junta-se a ele (Lúcio), para conquistá-lo lanca mão do meio primitivo de apalpar o sexo" (1980, p.76).

. A Estratégia da Paquera

A atividade da paquera costuma implicar certos rituais prévios de preparação. Um elemento importante é a roupa. No caso dos michês, certos detalhes devem ser cuidados, tanto para facilitar a identificação por parte do eventual cliente, quanto para evitar serem confundidos com "bichas". Os michês mais experientes recomendam o uso de tênis e não de sapatos ou mocassins, jeans preferentemente desbotados (incluindo às vezes a colocação de uma calça por cima de outra, para aparentar "pernas de jogador de futebol"), chegando até a colocação de apósitos sob a braguilha para ressaltar a protuberância genital, verdadeiro fetiche do negócio:

"Tem um negócio de colocar papel ou gaze na cueca para simular um pinto mais grande, mas não funciona muito não, as bichas podem acabar sabendo e é pior. Agora, o michê tem que mostrar que é o que tem. Eu tenho uma roupa especial: calça branca, bem justa, que deixa o pinto bem marcado. O michê fica se tocando o pênis, isso é bem clássico e dá bom resultado, assim fica mais fácil para as bichas identificá-lo" (Genildo).

Outro michê fornece algumas instruções básicas:

"Você vê o cara, vai e pede um cigarro, aí começa o papo. Nunca ande muito rápido, mão no bolso, gestos bem masculinos, nada de ficar mexendo a mão enquanto fala, que isso é coisa de bicha. O cabelo nunca bem penteado, para dar uma impressão de tosco, de bruto. De preferência, o michê nunca usa óculos..." (Luiz).

Uma vez iniciada a conversa, convém seguir certas regras:

"Sempre mentir o nome. Se meu nome é João, então por que ser João se posso ser Walter, ou Wagner ou então Washington. Quanto mais floreada a coisa para cativar o cliente, melhor" (id).

O contato oral, do ponto de vista do prostituto, deve ser o mais breve possível. Caso contrário, o cliente pode perder a fascinação instantânea:

"Pessoas que verbalizam muito, que tem muita conversa, quer dizer que não vai dar certo. Tem muitos que começam: o que você faz, quantos anos você tem, donde você é. Aí é sinal de que pode não acontecer nada. A pessoa quando vê, sente tesão, fica apaixonada na hora sem possibilidade de raciocinar. Agora quando o cara verbaliza, raciocina, aí eu caio fora de antemão" (Paulo).

Pelo contrário, para os clientes, trata-se de prolongar a paquera o mais possível como uma medida de segurança:

"Nunca tem que pagar um michê sem bater um papo antes. Por isso eu prefiro ir a pé, e não de carro. Se você faz entrar o cara no carro ou no apartamento (ainda que os hotéis também não são seguros, os funcionários podem te ajudar ou não), depois como você faz para mandar ele embora se pinta sacanagem? Então, como medida de precaução, tem de se prolongar o papo o mais possível. Se você consegue ter uma boa conversa com o cara, vai ser mais difícil para ele te agredir" (Leonardo).

Em se tratando de dois desconhecidos que vão estabelecer relações marcadas por uma extrema desigualdade e diferenciação, a abordagem inicial entre michê e cliente constitui um jogo de força e sedução, onde sinais mínimos vão ser estudados e valorizados, para formar uma imagem das intenções, status e encantos do outro. Al-

gumas transcrições de paqueras mostram como os clientes levam em conta esses detalhes:

"O hufe era moreno, alto, másculo, até que estava vestido decentemente. Mas carregava uma sacola com roupa. Isso pode querer dizer que ele não tinha onde passar a noite, ou de que acabaria pedindo mais dinheiro para viajar a alguma outra cidade, como efetivamente aconteceu."

"Ele dava umas de office-boy, até tinha uma pasta na mão. Mas logo suspeitei que mentia, pois tinha a camisa rasgada e os tênis caindo aos pedaços, e dei o fora."

"Vi que o cara lançava olhares de desejo para os travestis que desmunhecavam na Praça da República, e achei que ele estaria com tesão mesmo. Não foi grande coisa, mas pediu muito pouco dinheiro".

Na "paquera" motorizada, a marca do carro é altamente valorizada. Em ocasiões, alguns michês podem até deixar de lado interesses econômicos pelo prazer de se exibir num carro de luxo:

"Embora o carro não determine muito a posição social do cliente, para muitos michês determina. A marca quanto mais valorizada, melhor, eles pensam que vão obter mais grana. Mas isso é uma fantasia da cabeça deles. Tem muito a fissura pelo carro, por estar andando. É importante para ele, fica valorizado perante os outros michês, se estiver num grupo e para um Del Rey ou um Monza. Assim ele se destaca. Os michês preferem pessoal de carro. E os clientes, mesmo não tendo condições econômicas, fazem até questão de adquirir um carro para conquistar michês. Alguns destes são tão fissurados pelo carro que podem transar independentemente da grana, tão importante é o status do cliente" (Péricles).

Nesta variante de abordagem, o diálogo entre prostituto e

cliente costuma ser mínimo. Geralmente, os michês se apostam na calçada. Os carros vão passando lentamente. Uma sutil troca de olhares indica quando o michê deve se aproximar do motorista. Concertam-se rapidamente algumas condições da transação e, se o cliente ficar interessado, o prostituto sobe imediatamente no carro. Embora a operação implique maiores riscos para o cliente, em compensação seu anonimato fica mais protegido. Mas também para o boy o fato de subir num carro pode ser arriscado, já que perde o controle da situação.

"Gacei um cara de carro. A gente combinou a grana. Ele falou que tinha uma casa em Santo Amaro. No final, não tinha casa nenhuma, ele encostou perto da represa de Guaraquiranga, e a gente transou dentro do carro. Só que depois ele não queria me pagar o prometido. Fiquei muito putado, era um dia que eu não tinha almoçado e o dinheiro dele ia dar para mim comer. Eu tinha 15, 16 anos e o cara era bem forte. Mas fiquei com tanta raiva que peguei uma chave de ferro que tinha no carro, e quebrei o vidro. O cara ficou apavorado, acabou pagando de mais" (Graciliano).

Assim, uma regra básica do cálculo implícito na paquera diz respeito à periculosidade do eventual contato.

Por outra parte, a medida que desce o status social do prostituto, diminuem também suas perspectivas de conseguir clientes motorizados. A tendência do michê do Ipiranga, por exemplo, é caminhar, ficar "zoando por aí", a procura do freguês.

As perambulações costumam ser extenuantes: oito, dez, até doze horas contínuas para os michês mais profissionalizados, que dependem da prostituição para o seu sustento.

Nesses longos percursos ("eles costumam sair 8 a 10 horas da noite da toca e voltam pela manhã, lá pelas 10 ou 11 horas, que é a hora em que o Val Improvesso fecha, nos finais de semana", narra

um "entendido"), os michês estabelecem formas elementares de sociabilidade, já que, entre transação e transação, acabam passando boa parte do dia juntos, em pequenas gangues.

A consistência destas gangues (como vimos no Capítulo III) é extremamente frouxa:

"Eles se dão bem entre si, inclusive trocando clientes. Ou pode acontecer de um estar numa situação ruim e o outro arrumar um cliente para ele. Há certo companheirismo embora possa se desfazer a troco de nada. É um tipo de solidariedade, num outro nível do que a gente imagina a amizade. A amizade entre michês não tem afeto, visita em casa, interesse pelo outro, nada disso. É compartilhar o pedaço e o ponto. Se o outro desaparece um mês, caiu em cana, aí pouco importa, esquecem; mas se pinta de novo aparece outra vez esse tipo de amizade, naquele pique" (Péricles).

A base destes agrupamentos instáveis é antes territorial do que afetiva - do tipo das amizades entre "entendidos". Eles satisfazem a necessidade de manter boas relações de vizinhança e de contar com certos pontos de apoio, fundamentais para aqueles que fazem da rua seu local de existência. Também as vantagens de dispor de "refúgios" onde recorrer de vez em quando, levam os michês a manter relações mais dilatadas com alguns homossexuais, aos que chamam de "bicha de retaguarda".

Por motivos do mesmo tipo, os michês costumam preferir ir ao apartamento do cliente, mais do que consumir a transação num hotel:

"Os clientes mais amadurecidos, mais conscientes, levam o michê para um hotel. Mas os michês preferem ir em casa, transar no apartamento do cliente. Porque há maior liberdade, pode tomar uns vinhos, até dormir. No hotel, a coisa vai ser mais limitada, sexo e pronto. Indo na residên

cia, os michês têm possibilidade de um dia ele chegar, estar sem serviço, bater na porta, voltar" (Péricles).

. APÊNDICE

. "Pegação" no Cinema

Existem cinemas de "pegação" - onde assistem massas de homens mais ou menos proclives a manter relações homossexuais - que são usados como campo de operação pelos michês. Um destes cinemas, talvez o mais tradicional, encobre, sob o pretencioso nome de Palácio do Cinema, um prédio antigo, ruinoso, vestígio da época em que a Avenida Rio Branco conservava certa aura chique, logo confiscada pela crescente lumpenização. O Palácio do Cinema reúne um público dos estratos mais baixos da sociedade. Sua frequência é majoritariamente negra; seus espectadores, pedreiros, soldados, operários não-especializados, bichas proletárias, malandros, adolescentes de periferia etc. O baixo preço do ingresso favorece esta distribuição social.

O cinema funciona à maneira antiga, isto é, não como mero espetáculo passivo, mas como centro de reunião social, onde se desenvolve uma ativa sociabilidade, que não se restringe às relações de amizade, mas abrange também contatos diretamente sexuais, na escuridão das poltronas ou nos banheiros do cinema, divididos entre travestis (que controlam as privadas) e michês (que perambulam em torno dos mictórios). A própria disposição arquitetônica do local favorece o fluxo constante de espectadores da sala do andar térreo à sala do primeiro andar e vice-versa, licença contemplada no preço do ingresso.

Transcreve-se o depoimento de um frequentador:

"O Palácio do Cinema é uma coisa bem marginal, bem barra pesada, o pessoal fuma maconha, cocaína, os clientes são bandidos, caras que entram e saem da cadeia, inclusive com papel de liberdade condicional. A polícia aparece de

vez em quando, dá batida, leva a droga. Tem travestis, michês bem perigosos, um matou não sei onde, outro roubou sei lá o quê. Inclusive o código de comportamento é mais bem pesado. Garoto é garoto e não pode desmunhecar. Bandido é bandido mesmo e ele tem que comer. Há algumas putas, mas sobretudo travestis que vão faturando, ou às vezes pagando para transar com alguém. Tudo muito determinado. É um cinema muito louco ao nível de comportamento. São duas salas, as platéias viram, na platéia tem um mexendo ou até transando com o outro. De pronto um cara que está sentado na frente chama o de trás de 'filho da puta' e alguém responde: 'Seu veado, vou te comer', e começa aquele berreiro, todos querendo se soltar. Tem muita bicha negra, o público é muito negro. A linguagem é diferente, falam uma outra língua, gíria de malandro e de candomblé, muito nagô misturado" (Graciliano).

O tipo de atos sexuais que se praticam dentro do cinema têm a marca da fugacidade e da "parcialidade" própria da deriva homossexual. Contatos na penumbra, entre homens que às vezes sequer se vêem as caras, roçam "casuais" de membros na massa que se amontoa nas últimas fileiras da sala, penetrações apressadas nas toaletes diminutas e fedorentas, num espaço bulicoso, que cheira a suor masculino.

Os contatos estabelecidos dentro do cinema não precisam consumar-se no local. Os parceiros podem se retirar juntos e realizar o ato sexual num local mais privado. À medida que sobe o status social do cinema, é mais provável que os contatos entre michês e cliente não fiquem restritos ao mero ato sexual, mas que originem programas mais "românticos":

"No Art-Palácio o nível social é baixo, mas não tão baixo quanto no Palácio do Cinema. Nesses cinemas pobres é só transa: encontra-se alguém, fala-se em dinheiro, vai-se para o hotel (quando a transa não é no cinema mesmo) e pronto. No cinema Olido, por exemplo, as transas acen-

tecem mais romanticamente. Os caras convidavam um jantar, jantávamos, depois íamos transar. Pagava sim, mas ficava uma coisa menos materialista, menos no nível de mercadorias" (Graciliano).

. "Pegação" de Mictório

O mictório ocupa o lugar mais baixo na categorização dos locais de engate homossexual. É, junto com as saunas, o mais diretamente sexual, o menos "amoroso"; mas é também o mais perigoso, pois está sujeito a esporádicas irrupções policiais. José Luís de Toledo (1980) dá uma visão poetizada das possibilidades eróticas dos mictórios:

"Um espetáculo indescritível, só vendo mesmo. Os prazeres nesses lugares podem ser vários, comprometedores ou não. Podemos adotar, conforme o astral, só a via voyeurística. Também podemos assistir, tocar, ser tocados, chupados, chupar, gozar, ser esportados; ou laçar e icar alguém para paragens mais tranquilas" (p.5).

No meio dessa profusão de fricções e masturbações exibicionistas, a abordagem não é porém indiscriminada, mas exige certo ritual de olhares e apalpações. Os michês, como o resto dos habituês, ficam se exibindo nos mictórios. Um "entendido" narra esta experiência:

"Um sujeito preto, muito alto e corpulento, estava esgrimindo seu gigantesco pênis ereto no mictório da Praça da República. Num dos cantos tinha uma bicha branca fazendo o mesmo e o olhando. Eu chego perto do negro e olho indissimuladamente, enquanto me disponho a mijar. A ereção dele não era muito firme, mas o tamanho impressionava. Acaricio-o superficialmente e ele roca minha bunda. Susurra-me que quer ir numa das privadas. Mas fica parado

junto ao guarda. A "caixinha" está vazia e eu suspeito que possa haver algum acordo. Saio, ele vem logo. Na rua pergunto-lhe:

- Qual a tua?
- Faço programa.
- A quanto?
- Sei lá, eu não cobro muito. Imagina que num lugar destes não frequentam milionários. Não dá para ir para um hotel logo?

Mas ele tinha tanta pressa por ir para um hotel, que eu achei que poderia ser perigoso, e dei o fora."

Os michês de mictório têm o status mais baixo na escala social do negôcio. Um michê carioca, que começou "trabalhando" nos banheiros da Central do Rio, vive como uma ascensão social o fato de ter passado a circular no gueto da Cinelândia:

"Eu tinha 14, 15 anos. Entrei para mijar no banheiro da Central, e uma bicha viu e falou: 'Agora é que estão chegando os de pinto grande'. Convidou um refrigerante, depois ofereceu-me grana para transar com ele e sua mulher e eu aceitei. Aí descobri como que era o negôcio. Ia sempre no banheiro da Central e procurava perceber quem que estava interessado no meu pinto. Aí pintou uma onda da blitz da polícia, e acabei indo para Cinelândia, que já é um nível menos baixo, onde dá para fazer amizades mais interessantes" (Genildo).

Mas o fato de ser uma prática sexual fortemente "despersonalizada", desenvolvendo num rigoroso silêncio, não impede que certas formas de sociabilidade se desenvolvam em torno da exibição masturbatória nos mictórios públicos. Diz uma reportagem de Lampião sobre o sexo nos banheiros da estação Central do Brasil (R.J.):

"Ficar amigo, membro da confraria, é quase uma obrigação

nos banheiros da Central. Os frequentadores do Porno-Shop tropical fazem questão de se relacionar e há um certo esprit des corps. Há sempre os que ficam do lado de fora do subsolo, próximo ao café, a velar pela segurança e dar o alarme ao primeiro sinal de presença da Polícia Ferroviária, fardada ou não (...) Mas não é só nisso que se caracteriza a Confraria da Punheta. Seja no hall do subsolo ou mesmo dentro do banheiro - na "sala de estar" - há sempre tempo para um bate-papo ameno, para um cigarro, para um tititi" (Pinheiro, Lampião, ano 3, nº 31, dezembro de 1980, p.6).

2 - DEVIR, CARREIRA OU TRAJETÓRIA

A própria prática da prostituição viril implica uma deriva "horizontal", microterritorial, através da qual o sujeito vai deslocando-se pelos pontos ou redes do negócio. Mas há um outro tipo de deriva, que poderíamos chamar de "vertical", histórica, que diz respeito aos próprios deslocamentos existenciais dos envolvidos no tráfico.

A sociologia do desvio elaborou a noção de "carreira desviante", que se desencadeia a partir da "acusação de desvio". Desde o próprio campo de desvio, foi criticada a dificuldade de delinear "secuencias o etapas fijas, através de las cuales deben pasar las personas al avanzar desde una desviación menos grave a otra más grave" (Lemert, citado por Taylor, Walton e Young, 1975, p.174). Como assinala Matza, há certa imprevisibilidade nos mecanismos que levam os sujeitos a ingressar na sociabilidade desviada e, também, a sair dela.

De uma perspectiva bastante diferente, Deleuze e Guattari (1980) falam de "devires", que seriam, muito resumidamente, processos de desterritorialização dos sujeitos que saem de identidades personológicas familiares, institucionais etc., rígidas, para entrar em "linhas de fuga" da ordem social. Os homossexualismos masculinos representariam pontos privilegiados de "ruptura" (Guattari, 1981, p.36).

Ainda que próximos dessa perspectiva, preferimos encarar essas "viagens" dos sujeitos pelas fronteiras da ordem social sob a denominação - etnograficamente mais neutra - de "trajetórias" (Velho, 1981). Apresentamos algumas histórias de vida tomadas em campo, que podem constituir uma espécie de trajetórias modelares dos sujeitos envolvidos no negócio do michê.

No entanto, esses modelos não pretendem ser "representativos" no sentido estatístico, mas apenas indicativos de algumas

tensões que percorrem e agitam o emaranhado de redes relacionais.

. Histórias de Vida

Caso 1: Francis

Francis é paulistano. Prostituiu-se desde os 14 anos. Tem 23 anos no momento das entrevistas. É um rapaz forte, com ligeira tendência a engordar. Seu rosto não é precisamente bonito, mas participa de certo encanto tosco. Sua expressão é habitualmente cínica. Tem um ligeiro defeito nos lábios, que lhe outorga certo biás de sensualidade. Afardeia de uma macheza provocativa no andar, veste-se intencionalmente mal com um leve toque punk, calças jeans sujas, zipper roto. Costuma levantar a camiseta até a altura dos mamilos para mostrar o dorso. Porém, seu aspecto não é precisamente miserável, já que suas roupas, ainda que gastas, são de certa qualidade. Há até certa elegância desleixada - que ele chama de "delicadeza masculina". Racialmente, é uma mistura de índio e branco, mãe mestiça e pai branco, mas passa por branco segundo as regras cromáticas do meio.

História Familiar

F. é filho bastardo de uma família numerosa. A mãe teve cinco filhos com um parceiro que o abandonou, e logo tem uma breve aventura com um rapaz, donde nasce F. A mãe é uma anciã de 64 anos, paralítica, que convive com um homem negro bastante mais jovem do que ela (mais ou menos 50 anos), alcoólatra. Quando das primeiras entrevistas, F. ocupa um quarto na casa da família, que depois perde.

Primeira Fuga

A família de F. é extremamente pobre. F. foge de casa pela primeira vez aos 12 anos. Acaba dormindo no porto de Santos, entre malandros, vagabundos, menores fugidos como ele. Aí, marinheiros estrangeiros, alguns velhos e fortes, transavam com os garotos e às vezes retribuíam com alguns cruzeiros. Mas F. tinha medo, e refugiou-se numa guarida de vagabundos. Mas um dia aparece a polícia e ameaça recluí-lo na FEBEM. F. consegue escapar e procura proteção entre os Hare-Krishna. É sustentado por um casal de americanos ricos, mas muito rígidos e moralistas, que pretendem impor-lhe normas (não fumar, não beber: F. embebedava-se desde os 12 anos). Aí foge de novo e retorna ao lar familiar.

Primeiras Experiências Homossexuais

F. é um rapaz inteligente. Ingressa no Colegial, onde encurta-se com uns professores homossexuais. No apartamento deles, participa em orgias, onde também intervinham mulheres. Nessas festas circulava álcool e maconha. Das reuniões participavam majoritariamente adolescentes. No final, o dono do apartamento costumava convidar algum dos meninos para dormir com ele. Nesses episódios F. começou a sentir desejos sexuais por outros garotos da sua idade, houve carícias, jogos eróticos, mas sem penetração. A chegada da polícia - que suspeitava de reuniões políticas - acabou com o antro. Foram todos presos. Na cadeia F. viu pela primeira vez um travesti - que confundiu com uma mulher - que estava sendo torturado. A cena impressionou-o vivamente.

O Negócio

Passeando casualmente pelo largo do Aronche, F. conhece um michê argentino, que o inicia no negócio (ver depoimento p. 1).

A partir daí, começa a se prostituir sistematicamente.

Faz o gênero "michê-macho". Nos primeiros anos, tem bastante sucesso nos pontos (caça preferentemente na Avenida São Luiz). Mas, a medida que "envelhece", vê-se obrigado a recorrer a métodos mais expeditivos de sobrevivência:

"Quando a gente passa dos 20 anos, vai ficando feio, muito álcool, muita droga, uma vida de merda. Aí os caras ligam menos para a gente. Então, eu fui virando cada vez mais malandro, recorrendo cada vez mais a ardis, fazendo sujeira. A gente, quando não tem sucesso, passa horas a fio no ponto, zoando pela cidade sem conseguir porra nenhuma, vai ficando com mais ódio, mais vontade de destruir, de espancar, de roubar. Assim que quando a gente pega uma maricona, se vinga nela da desgraça."

Sucessivas "vinganças" vão fazendo F. ingressar em roteiros mais delinqüenciais. Via de regra, suas "malandragens" não ultrapassam os limites relacionais do gueto homossexual, consistindo em furtos e espancamentos a clientes "desconhecidos". Simultaneamente, F. desenvolve outras estratégias de sobrevivência com o que ele chama de "bichas de retaguarda":

"Há dias que o michê não tem sucesso ou está simplesmente cansado ou deprimido, com vontade de ser bem tratado (a vida da gente é muito dura, muito solitária, nada sentimental) e então convém ter alguma bicha amiga que convide um jantar, onde a gente possa passar a noite, transar de vez em quando, que empreste um trocado ou pague umas cervejas, um pouco de vida social. A estas bichas a gente não pode cobrar diretamente, tira a grana de um outro jeito. Aliás, elas podem te levar a outros locais, festas, onde pode se fazer algum programa sem precisar ficar na rua. Nestes casos não dá para ser muito duro. No entanto, bicha que é pega na rua, dá para sacanagem mesmo."

Esses contatos satisfariam uma outra demanda de F., que

é a de ter certo diálogo "cultural". As primeiras experiências de E. - suas transas com professores "malucos" - foram muito marcantes. Ele se gaba de não ser um "michê burro" como a maioria, de ter "certo papo". Escreve poemas e cita alguns escritores "marginais", como Artaud, Genet, os surrealistas, Piva, Fernando Pessoa etc. Isso desemboca numa certa ideologia discursiva "anarco-lúmpen", que, paradoxalmente, legitima as confiscações aos clientes em nome do combate à "carentice", e exalta o machismo, desprezando as bichas e as mulheres. Porém, essa exaltação parece ligada à sua própria sustentação profissional, já que, como ele mesmo diz: "se o michê virar bicha, está perdido, ninguém mais liga para ele".

E acrescenta:

"Olha, a esta altura das coisas, eu não posso negar que sou entendido, viu? Mas isso não quer dizer que seja bicha não. Eu gosto mesmo de transar com mulher, sobretudo com lésbicas. Mas relação com mulher é muita história, elas querem fazer casal, ficam com ciúme, cobrando, não dá. Duas, três vezes, e nunca mais."

O nomadismo libidinal de E. - que não quer ou não pode se "fixar" sentimentalmente - se satisfaz na orgia:

"O melhor é quando pinta orgia, com uma mulher e uma bicha, ou um garoto. Numa, a bicha comia a mulher e eu comia a bicha. Outra vez, eu estava transando com uma mina e pintou um garoto de 16 anos no quarto. Eu convidei ele para participar, a mulher no início não gostou, falou que não era mercadoria para ser ofertada, mas acabamos transando os três."

Também os programas "conjuntos" - dois michês e dois clientes - abrem a porta para que o vínculo libidinal entre os próprios michês, da gangue, geralmente contido por razões de macheza, se expresse:

"Eu já estava com minha bicha, já de pau duro, mas saltei da cama e fui dormir com o Alemão (o outro michê do programa). As bichas não entendiam, perguntavam: 'são caso?' Eu perguntei para o Alemão: 'somos caso?' E falei: 'não somos caso, não, somos amigos, mas vamos dormir juntos, falou?' As bichas não gostaram, mas nada podiam fazer porque nós éramos mais fortes e podíamos arrebentar elas."

Estes relacionamentos levam, porém, a marca da fugacidade, característica deste modo nômade de sexualidade. O nomadismo exprime-se nem só sexualmente, mas também espacialmente. F. abandona periodicamente o lar familiar - onde é rejeitado por "marginal" - e se instala em moradias transitórias. Uma vez consegue realizar uma fantasia comum entre os michês: empreende uma viagem "no trecho" (isto é, de carona e à maneira dos vagabundos) com um outro michê para se prostituírem em Porto Alegre, prontos para "explorar alguma bicha rica" e guiados por um explícito desejo de aventura. Conta F.:

"Pintaram mil transas, mil histórias. E. (o outro michê) assaltou uma mariconna na viagem. Tentamos nos instalar na casa de uma outra, mas ela nos mandou embora. Lá passamos uns dias na casa de uns traficantes, mas podia pintar a polícia e saímos. Namorei com uma garota uruguaia que ficou apaixonada, mas o E. ficou muito ciumento. Na volta senti vontade de matá-lo: era no meio do mato e ninguém ia ficar sabendo."

Os viajantes, após dois meses, retornam a São Paulo, mais miseráveis do que tinham saído, e separam-se, para não mais se ver.

Aos 23 anos, F. sente-se num "impasse":

"Ou viro marginal barra-pesada, ou estudo alguma coisa, sei lá, a michetagem já não está dando mais. Não tenho saco de ficar fazendo cara de bobo para esses velhos

idiotas. É o pior que agora os moleques começam me procurar. Tem um, de 15 anos, que está doido por mim, me procura sempre. É virar pederasta também não dá."

Caso 2: Américo

Américo é pernambucano. Transa homossexualmente desde os 15 anos, mas só vai se prostituir sistematicamente a partir dos 16. Tem 20 anos no momento das entrevistas. É um rapaz baixo, magro, "moreno claro" (ele se diz filho de espanhol. Não é convencionalmente bonito, mas faz um gênero "boyzinho" simpático e tem um olhar pícaro que chama a atenção. Gosta de caprichar no vestir, luzindo roupas baratas mas limpas, que ele mesmo passa a ferro na pensão onde mora provisoriamente.

História Familiar

Américo é filho de uma família de classe média de Recife. A mãe é professora, mas não trabalha atualmente. Está desquitada do pai de A., a quem ele se refere obscuramente.

A. é uma espécie de "ovelha desgarrada" de uma família prolífica. Desde muito jovem frequenta os ambientes homossexuais de Recife, levado por colegas e professores do Colégio. A regra imperante no meio impõe relações menores/adultos. A. a transgredir brevemente, iniciando um romance com um garoto de sua mesma idade que provoca certo estupor na turma.

Aos 15 anos A. vai de férias a Salvador e decide ficar "estudando". Conseguir, após ásperas disputas, que a mãe lhe financie parcamente sua sobrevivência. Em Salvador passa por várias situações de convivência com gays adultos que o sustentam ou "ajudam", mas não é estritamente um prostituto. Participa ativamente da vida gay local, sendo habituê dos bares e boates. Porém, continua mantendo seu papel de "boyzinho", diferenciando-se claramente das "bichas".

O Negócio

Em 1981 se transfere ao Rio de Janeiro, onde começa uma vida de prostituição mais profissional. Diferentemente de outros prostitutas, não recusa manter relacionamentos mais prolongados com seus clientes. Assim, um candidato eleitoral da direita passa a sustentá-lo, e instala A. num apartamento, em troca do qual ele deve participar da campanha eleitoral (1982). A partir daí, A. se politiza, considera-se fascista e participa, terminada a campanha, de um grupo falangista. Sua obsessão é acabar com os cárceres, matando os marginais. Faz questão de se diferenciar dos michês "que roubam". Porém, confessa ter participado pelo menos em dois episódios de extorsão de clientes ricos e casados - supostos policiais irrompiam no hotel onde se consumava a relação, "achavam" drogas e ameaçavam deter o cliente. A. obtinha polpidos lucros dessas chantagens.

Habitualmente prostitui-se na rua. Prefere isso porque desse jeito pode selecionar o cliente e transar só com que gosta. Trabalhou também "a domicílio" - telefona a uma agência informal que lhe indica fregueses - e também num "club-bordel", que dispõe de um elenco de boys para os sócios. Mas deixou esse tipo de prostituição porque tinha obrigação de transar com todos; às vezes, participava em extenuantes orgias com homens e mulheres, que o deixava exaurido e deprimido. Não havia como recusar os convites e acompanhamentos a bares e boates, drogas, álcool, saídas permanentes. Chega um momento que precisa esforçar-se para funcionar sexualmente. Na última dessas saídas, passou depois dez dias sem conseguir "trabalhar" na rua.

A. não gosta de ser chamado de michê; prefere apresentar-se como "boy". Também acha desagradável a pergunta aberta pelo preço; ele prefere que os clientes falem assim: "Está precisando de algum dinheiro?" Como é simpático e falante, confia-se da generosidade do cliente. Porém, está preocupado porque acha que já não obtém prazer nenhum do ato sexual, tem perdido o tesão.

Em 1984 viaja a São Paulo, onde se prostitui diariamente no circuito São Luiz/Marquês de Itu. Mas não se dá bem com o ambiente paulistano e ameaça voltar para o Rio. No final do ano, some dos pontos que frequentara.

Caso 5: Graciliano

Graciliano é paulistano. Nasceu e mora atualmente na periferia (Santo Amaro). Tem 23 anos no momento das entrevistas. Prostituiu-se sistematicamente entre 1977 e 1980, ano em que entrou em contato com o pessoal do Grupo Somos e assumiu-se como gay. Sua história é interessante porque mostra uma deriva entre as diferentes tipologias de prostituição e homossexualismo. Atualmente trabalha como escriturário numa empresa de contabilidade. Veste "normalmente" durante o dia, mas nas suas saídas ao gueto se permite algumas extravagâncias "bichas", como paletós de couro com correntes metálicas à moda punk.

História Familiar

Graciliano é o maior de uma família operária de três filhos. Mora atualmente com a família. Suas saídas do lar parental foram sempre breves. Ele diz ter um relacionamento razoável com os pais, aos quais comunicou sua escolha homossexual. Porém, nunca falou na casa das suas experiências como prostituto.

O Processo

A manifestação do desejo de G. pelos homens adultos é precoce.

"Já quando tinha 5 ou 6 anos, um amigo do meu pai vinha nos finais de semana à casa e eu sentia muita atração por ele. Ele abraçava-me de uma maneira diferente, eu

sentia, ele também, me colocava no colo, meu corpo entre suas pernas, ninguém sacava nada. A gente nunca chegou a transar explicitamente, mas poderia ter pintado."

Aos 14 anos, G., trabalhando como office-boy, começa a frequentar o centro da cidade e a relacionar-se sexualmente com homens adultos. No início as transas não eram interesseiras. Mas ele não demora em descobrir as vantagens econômicas do assunto:

"Eu tinha 15 anos, transava com uma pessoa muito mais velha do que eu, e descobri que ele tinha dinheiro para pagar as horas de prazer que passava comigo. Não tínhamos falado em grana, mas depois das primeiras transas ele colocou umas notas no meu bolso. Aí descobri uma fonte de renda, que combinava o útil ao agradável. Eu gostava de transar com ele, e também precisava de dinheiro."

Uma vez desempregado, G. começa a sistematizar sua prostituição. No primeiro momento, não fazia um gênero definido. Era, simplesmente, "garoto":

"É um processo. Quando você começa, você é garoto. Não está impregnado do comportamento, dos padrões desse mundo. Você é uma coisa cavilosa que os caras curtem muito. Depois desse processo de garoto, a gente passa para um estágio que eu diria de profissional, é muito mais deslocado, sabe quem tem dinheiro, quem não tem, levar um papo, aparentar o que o cara estiver procurando, tirar vantagem ou dinheiro de alguém. Como a moda era ser mais machinho, os clientes o que mais pediam era isso, eu me orientei para esse gênero."

Depois de uma experiência traumática - onde é praticamente estuprado por um cliente - G. começa a perder seus preconceitos e temores a respeito da passividade, resultando-lhe indiferente qualquer postura sexual. Embora esse liberalismo não seja assumido no momento do contrato prévio à relação:

"Geralmente os caras perguntam: 'o que você faz?' Você tem que ser hábil para não perder o cliente. De cara tem que falar que só come. Mas se o cara estiver interessado, ele vai dar um jeitinho de conversar mais, de ampliar o jogo, para deixar aberta a possibilidade de você ser passivo com ele."

Paulatinamente, G. vai preferindo esse tipo de relações. Muda de ponto, de clientela, de gênero. Da Avenida São Luiz desloca-se a um ponto vespertino, na Galeria do Cinema Olido. Das "bichas idosas" (chegou a transar com um cara de 68 anos), passa a explorar as "mariconas" mais gays. Enturma-se, aliás, num grupinho de "bichas-baby" que se juntavam diariamente. Ele já se considerava homossexual, mas tirava proveito da discriminação contra a velhice imperante no meio. Até que abandona a prostituição:

"Em 1980 passei de 'michê gay' a 'gay militante'. Este seria um ganho de consciência homossexual. Agora eu acho que é uma agressão o fato do michê ser o tempo inteiro másculo, o travesti ser o tempo inteiro mulher, é só falta de consciência da homossexualidade. O michê é um extremo, nem tanto pelo fato de cobrar, mas porque ressalta o tempo todo a imagem de másculo. E o travesti ressaltando a feminilidade é um outro extremo. A consciência é não chegar nesses extremos."

Tudo isso seria um "processo":

"O garoto seria uma iniciação, e a partir daí vem o michê mais padronizado, mais macho. Ele vai avançando no nível da consciência, até chegar a esse gay entendido que é mais aberto. Ainda que possa continuar cobrando, ser um 'michê gay'. O fato de cobrar não faz diferença. É que as possibilidades sexuais vão se alargando."

Caso 4: Genildo

Genildo é carioca e está passando "uns tempos" em São Paulo; mora habitualmente no Rio de Janeiro, onde diz ter mulher e um filho de dois anos. Tem 25 anos no momento dos contatos. Prostitui-se desde os 14 anos e continua fazendo-o apesar de sua vida familiar. É alto, forte e corpulento. Sua pele é bem escura. Seu rosto, um pouco gasto, dá para perceber imediatamente que não é nada "jovem" (para as categorias do mercado). Não é precisamente lindo; seu rosto tem traços de dureza tosca, atenuados por certa "delicadeza masculina" no sorriso, nos gestos, no modo de vestir. No momento do encontro, na Avenida Vieira de Carvalho, ele vestia uma camiseta "francesa, presente de um amigo professor". Numa sacola às costas levava um agasalho e outras roupas, como quem se dispõe a uma iminente viagem ou não tem onde dormir.

G. faz o gênero "macho mesmo" e diferencia-se com desprezo do "michê tanto faz": "Michê mesmo só fica macho, negro e de pinto bem grande", se autopromociona com orgulho. É, dos casos até aqui apresentados, o mais "clássico" - e talvez também o mais popular.

História Familiar

G. é filho de uma prolífica família favelada. Seus contatos com a família tornam-se difusos a partir dos 14 anos, até desaparecer. Diferentemente de outros casos, que mantêm algum tipo de contato familiar, G. integra-se completamente ao nomadismo marginal e passa a morar "na rua", com esporádicas residências em casas de clientes, hotéis, pensões etc., e também "bicos" passageiros.

O Negócio

O ingresso de G. à prostituição coincide com a sua iniciação homossexual. Entra casualmente no banheiro da Central do

Rio e um homem, surpreso perante o tamanho do seu pinto, lhe oferece dinheiro para transar com ele e sua mulher. G. diz ter aceito o convite porque tinha "mulher no meio". Rapidamente libera-se desse escrúpulo e durante uns dois anos repete o jogo periodicamente no banheiro da Central. Mas os clientes eram pobres, pagavam-lhe muito pouco e obrigavam-lhe a longas peregrinações por sórdidos quatinhos da periferia. Assim aproveitou uma blitz policial no banheiro para se deslocar à Cinelândia, onde conheceu clientes mais generosos e até duradouros.

Durante anos fez prostituição de rua na Cinelândia, era conhecido e os clientes voltavam para procurá-lo. No final das contas, G. acaba desenvolvendo certas "amizades particulares" com seus "protetores". É graças a relacionamentos desse tipo que G. teria salvo de cair nas redes da delinqüência.

"Se o carinha que começa a fazer michê não conhece bichas boas, legais, que orientem ele, que dêem uma ajuda nem só econômica, mas amizade, conselho, proteção - que o carinha saiba que pode contar com eles -, então é fácil ele partir para o crime ..."

E cita casos de amigos que começaram sua trajetória criminosa assaltando homossexuais. G. dá uma interpretação social da predisposição predatória dos michês:

"Tem um contraste social muito forte. Transar com bicha pobre tipo Central não dá, não é negócio para o carinha ir tão longe por uma mixaria, então às vezes ele acaba roubando a bicha aí mesmo. O roubo pode ser premeditado, na rua, no banheiro, na casa da bicha. Mas é assim: o michê vem da favela, pega essas bichas na Cinelândia ou na Alaska que levam ele nuns apartamentos superluxuosos, um luxo como ele nunca viu, muita grana mesmo, o carinha fica fascinado. Aí um dia a bicha cansa dele e fala: 'não me telefone mais, não estou mais a fim, vou viajar'. E o carinha pensa: 'não é possível, eu não vou voltar à mi-

séria', e descarrega na bicha, rouba ela ou fica com vontade de roubar qualquer outra que apareça. Outra vez ele não vai esperar a bicha dar o fora; antes disso, vai partir para a violência."

A prostituição configura, para G., uma estratégia de sobrevivência, intermediária entre o trabalho - inacessível - e a criminalidade, tentadora e perigosa. Mantendo certa "honestidade profissional", pode-se continuar no "negócio" fora do disputado circuito da rua.

"Fiquei na rua até os 25 anos, às vezes trabalhando, em geral não. Agora não estou na idade de curtir a Cinelândia, onde todo mundo me conhece. Só vou para conseguir garotinhos para um cliente muito velho, que não tem condições de ficar paquerando, agridem ele. Mas tenho uma agenda volumosa, onde posso recorrer quando estou precisando de grana."

Observações

Há um primeiro movimento de saída da constelação familiar (que seria típica dos adolescentes em geral). Esta saída coincide com o ingresso à adolescência e às experiências homossexuais "não-infantis". Ela pode assumir diferentes formas, que vão desde "micromigrações" intra-urbanas, mantendo o convívio com o núcleo familiar, até fugas deliberadas do lar com eventuais retornos, passando por desterritorializações migratórias.

Posteriormente, passa-se por certo "ritual de iniciação" aos códigos e territorialidades das "cidades da noite", por usar a expressão de Rechy. Esta iniciação tem alguma coisa de acaso, de imprevisível. As noções que os adolescentes têm das "mundaneidades" onde acabam, em diferentes modalidades, se integrando, parecem ser

vagas e imprecisas. Esta indefinição liminar ("eu estava adole-scendo", explica Graciliano) não é privativa da prostituição viril, mas quaisquer outras formas de inscrição no meio homossexual ou das várias variantes da marginalia em geral atravessam processos parecidos. Um entendido de 20 anos relata assim suas primeiras incursões no gueto:

"Quando comecei a trabalhar na cidade (15/14 anos) eu nem sabia como que era esse negócio de transar com homens. A rádio, a família já falavam de travesti, prostituição, marginalidade. Eu imaginava que teria que pagar para transar com alguém e que seria caro demais. Mas logo conheci as boates e comecei fazer casos. Aí me assustei. Na minha cabeça imaginava que seria um prazer puro. Mas não, as bichas são burríssimas, criam seus padrões, rotulam, você tem que ser algo dentro dessa classificação."

A desterritorialização relativa (no sentido de que os sujeitos não perdem suas vinculações com o universo normal e familiar in toto) vai suceder então uma reterritorialização também relativa, isto é, o sujeito vai ser rotulado, rotular-se e rotular os outros em se guiando pelos códigos instrumentais do "universo perverso".

Esta inscrição perversa não parece ser fixa nem total, mas segmenta o sujeito ligando-o à sociedade "paralela" do mercado homossexual, sem que ele perca necessariamente sua possibilidade de circulação no mercado da normalidade. Esta "duplicidade estrutural" (da qual já falamos) torna difícil analisar as trajetórias dos prostitutas em termos de "constituição de identidade". Como vemos, essa "constituição de identidade" só se verifica explicitamente no caso de Graciliano, que acaba se "assumindo" militantemente como "gay". A própria trajetória de Graciliano mostra, aliás, como o mesmo sujeito pode derivar por sucessivas rotulações e representações - deriva personológica que vai se corresponder com derivas mi

erretoriais ao longo dos vários pontos e localizações da rede relacional. Mas, se Graciliano passa de "garoto" a "michê macho", logo a "michê gay" e finalmente a "gay não-michê", outros sujeitos podem seguir trajetórias diferentes. Assim, Américo, começa como "boy" para depois se prostituir sem perder sua representação máscula. Se a prostituição de Graciliano pode ser interpretada como um longo "ritual de passagem" às configurações personológicas do homossexualismo adulto, nos outros casos ela não vai implicar necessariamente a "assunção" de uma identidade homossexual no sentido "moderno".

Pelo contrário, a conservação - intencionalmente teatralizada - do estereótipo hipermásculo - que responde às demandas do mercado -, funciona como um dissuasivo à assunção. Esta recusa não impede - mas veicula - a participação nas transações, onde o michê másculo vai ocupar uma espécie de "pólo desejante".

No ingresso ao mercado da prostituição intervêm uma multiplicidade de fatores. O econômico costuma aparecer manifestamente como determinante: a miséria e o desemprego crônico de vastas massas, particularmente grave entre os jovens, criam "condições objetivas" para que a prostituição seja encarada como uma "estratégia de sobrevivência" e legitimada pelos seus praticantes enquanto tal. Porém, a explicação estritamente econômica se revela insuficiente já no próprio plano empírico (não abrange casos como o de Américo, que sai de uma formação familiar de classe média para entrar numa verdadeira voragem de marginalização). Pode-se aceitar, no entanto, que a miséria derivada da deserção ou expulsão dos circuitos oficiais da família e do trabalho assalariado, funciona como um ponto de partida ou desencadeante propiciatório de certas "linhas de fuga" que poderiam eventualmente precipitar-se por outros interstícios da ordem social. Essa linha de fuga é, no caso da prostituição dos garotos, literalmente desejante, já que vai operar diretamente sobre a venda de prazeres corporais. Mas esse impulso de subversão das sociabilidades dominantes, esse "desejo

de saída" presente também em outras marginalidades, vai ser, num movimento quase simultâneo, recuperado e reinvertido nos circuitos do negócio pelo menos num duplo sentido: de um lado, na adscrição categorial (que é, porém, instável e dúbia); de outro, na circunversão das intensidades libidinais no circuito das trocas econômicas (Lyotard, 1979).

A despeito dessas "recapturas", a deriva do michê continua sendo topologicamente nômade. Este nomadismo não é somente econômico e territorial, mas também sexual: o sujeito passa de corpo em corpo sem se fixar, numa promiscuidade sucessiva que não recusa a orgia. Nesse sentido, é interessante enfocar os itinerários da prostituição viril não apenas como resultantes de uma impossibilidade de acesso aos paradigmas da normalidade, mas também na afirmatividade de uma recusa fatal.

Essa recusa à disciplina do trabalho e à lógica da ordem pode assumir formas diretamente delinqüenciais. As diversas formas de confiscação - roubo, chantagem etc. - são costumeiramente legitimadas como parte da "estratégia de sobrevivência" da prostituição. O recurso à ação direta pode transbordar os interesses estritamente financeiros, para desencadear surtos de violência e de morte. A "linha de fuga", diriam Deleuze e Guattari, se precipita numa "paixão de abolição" (1980, p.281).

Esta "estratégia de sobrevivência" implica certa micropolítica, expressa em enunciados discursivos que legitimam e "explicam" a prática. Assim, os próprios prostitutas constroem uma interpretação "social" de sua atividade, que concebem como uma "situação criada" (Genildo) à qual se veem arrastados como alternativa única à delinqüência e à miséria. Os elementos deste discurso estão exprimidos esparsamente, mas configuram certo "enunciado coletivo" do negócio. Assim, a prostituição e suas depredações asso-

ciadas são tidas como uma espécie de compensação das diferenças de classe. A "exploração" do cliente homossexual justifica-se em virtude da própria demanda erótica do mercado e como uma forma de "tirar vantagem" da dificuldade dos clientes em conseguir parceiros "não-remunerados" que reúnam as condições eróticas dos prostitutas (sobretudo idade, macheza etc.). Ainda nos casos dos michês que abandonam a postura hiper máscula, há uma disposição explícita em aproveitar a "carência" sexual dos homossexuais mais idosos.

A dimensão micropolítica explicita-se na configuração "microfacista", que aparece literalmente no fascismo militante de Américo e, de maneira mais oblíqua, no "lumpen-anarquismo" de Francis. Apesar das diferentes fundamentações, em ambos discursos o michê considera-se como agente de uma expiação: o homossexual deve pagar sua culpa, já pelo fato de ser "burguês", como por estar insinuando uma subversão dos valores sexuais da ordem tradicional, que estes michês, ainda "desterritorializados", se obstinam paradoxalmente por representar, como correlato discursivo da sua exacerbção gestual machista.

Comenta um "entendido":

"Os michês, via de regra, são extravagantemente moralistas, pelo menos no discurso, fazem questão de sê-lo, embora na prática não sejam. Discriminam pessoas velhas, falam só de comer mulheres, coisas que fogem do que eles fazem mesmo. Falam da bicha da forma mais preconceituosa possível, denegrindo a imagem. Com o cliente faz jeito de bonzinho, mas na turma faz questão de denegrir a transa que teve, sempre se colocando numas de machão, muito forte" (Péricles).

CAPÍTULO V - AS TRANSAS

"Entonces todas las cosas que le hice, en la tarde de sol menguante, azul, con el punzón. Le abrí un canal de doble labio en la pierna izquierda hasta que el hueso despreciable y atorrante quedó al desnudo. Era un hueso blanco como todos los demás, pero sus huesos no eran huesos semejantes. Le rebané la mano y vi otro hueso, crispados los nódulos-falanges aferrados, clavados en el barro, mientras Esteban agonizaba a punto de gozar."

OSVALDO LAMBORGHINI, "El Niño Proletario"
(1973, p.66)

O DISPOSITIVO LIBIDINAL

Execução de um ritual, mas também pôr em ação de um código:⁽¹⁾ na maquinação da prostituição viril, esfumada a lei social, o ritual dos corpos que se roçam, se experimentam, se entrelaçam nas penumbras de uma marginalidade semiclandestina (onde a anomia veicula "linhas de fuga"), se mescla com certa proliferação de códigos (uma "hipersegmentação", no dizer de Durkheim) que não apenas tenta classificar categorialmente os sujeitos que se encontram, mas também prescrevem e ritmam a sucessão dos contatos, "projetam", por assim dizer, o devir dos acontecimentos.

O caráter não somente prescritivo e proscritivo, mas também preditivo, dos enunciados classificatórios foi sublinhado por Maria Manuela Carneiro da Cunha; segundo ela, na "retórica classificatória" do universo homossexual ve-se mais claramente como "a atuação ... não precede a classificação, mas antes deriva dela" (1974).

Este privilégio da designação sobre a mecânica dos corpos não chega a velar, porém, o reconhecimento de certa especificidade das "técnicas corporais" (Mauss) - entendidas como "as maneiras como os homens, sociedade por sociedade (...), sabem servir-se de seus corpos" (1974a, p.211): tratar-se-ia de "montagens fisio-psico-biológicas" (id., p.231) que conformariam, no dizer de Mariza Corrêa (1980), certa "gramática corporal feita de signos, gestos, vestes, de toda uma gama de elementos não-verbais diferenciados conforme a pertinência do sujeito que os utiliza a um sexo, a um grupo ou a uma classe social", que vão configurar "um território de pequenas percepções".

(1) Baudrillard (1979) - que diferencia entre a ordem da lei (transcendente, mas atualmente "difratada" numa multiplicidade de códigos proliferantes) e o signo ritual (imaneente, regido por "regras de jogo") - sugere alguma analogia entre a manipulação contemporânea dos signos do código, flutuantes, e os signos rituais. A prostituição viril pode se configurar como um dos casos em que o ritual se confunde com o código.

Se estabelecerá então certa tensão entre o nível dos atos e o nível das designações. Em vez de procurar a relação causal entre um e outro nível, em última instância indiscernível, Deleuze e Guattari instam a outorgar certa autonomia relativa a cada um desses planos, discutindo a correspondência entre o plano da expressão (os enunciados: "agenciamentos coletivos de enunciação") e o plano do conteúdo (as ações e paixões dos corpos).⁽²⁾

A independência relativa das duas formas, de expressão e de conteúdo, não desmente sua interação: "les expressions ou les exprimés vont s'insérer dans les contenus non pas pour les représenter, mais pour les anticiper; les rétrograder, les ralentir ou les précipiter, les détacher ou les réunir, les découper autrement". O conteúdo e a expressão (os atos e os enunciados) se entrelaçam, configurando na sua articulação um agenciamento:

"L'indépendance de la forme d'expression ne fonde aucun parallélisme entre les deux, aucune représentation non plus de l'un à l'autre, mais au contraire un morcellement des deux, une manière dont les expressions s'insèrent dans les contenus, dont on saute sans cesse d'un registre à l'autre, dont les signes travaillent les choses elles-mêmes, en même temps que les choses s'étendent ou se déploient à travers les signes". Dessa forma, "un agencement d'enonciation ne parle pas 'des' choses, mais parle à même les états des choses ou les états de contenu".

Por outra parte, um agenciamento maquínico dos corpos remete "à un état précis de mélange de corps dans une société, comprenant toutes les attractions et répulsions, les sympathies et les an-

(2) Se o agenciamento maquínico dos corpos concerne às "mélanges des corps" (dando à palavra corps seu sentido mais largo, isto é, todo "contenu formé"), o agenciamento coletivo de enunciação corresponde ao nível dos "actes incorporelles (qui sont 'l'exprimé' des énoncés)". Assim, "la forme d'expression sera constituée par l'enchaînement des exprimés, comme la forme de contenu par la trame des corps" (Deleuze e Guattari, 1980, p.111).

tipathies, les altérations, les alliages, les pénétrations et expansions qui affectent les corps de toute sortes les unes par rapport aux autres". No campo das práticas sexuais, se configura um caso de articulação entre o nível dos corpos e o nível dos enunciados: um "regime sexual" que regra "les mélanges des corps obligatoires, nécessaires ou permis" (id., p.114).

Agenciamentos coletivos de enunciação, agenciamentos maquínicos dos corpos: a ordem das categorias, do jurídico, se inscreve diretamente na "gramática dos corpos". Talvez o erro dos taxinomistas "entomólogos" seja sua falta de radicalidade. A disciplina dos códigos se implanta numa disciplina, também, dos corpos.

Nesse sentido, reconhecer a autonomia relativa de ambos planos implica, de um lado, diferenciar as práticas das representações (as "objetivações" de Paul Veyne, 1982) que as obliteram, sem desconhecer sua condição de "dispositivo energético": se as "intensidades" - como quer Lyotarde - não podem nunca ser fechadas no "espacio sala-escena" da "câmara representativa", esta câmara constitui ela mesma um dispositivo energético (libidinal), que tratar-se-ia de desmontar "para describir la implantación, la sedentarización de los influjos ... describir la ocupación del cubo (de la representación) a partir de la banda libidinal" (Lyotard, 1979, p.13).

Por outra parte, distinguir o plano dos corpos do plano das enunciações, no nível da "relação sexual", permite abrir-se tanto à molecularidade das intensidades quanto à microscopia das codificações, sem esmagar as singularidades na sujeição à ordem molar da representação.

O campo da prostituição não poderia ser reduzido a uma representação na medida da ordem, já que a trama da prostituição, mesmo abrangendo "toutes les formes de connivences et d'exclusions hiérarchiques, racistes, sexistes", remete a uma rede de relações complexas entre os corpos, cuja natureza "est à l'opposé de l'ordre cristallisé, des conventions, institutions, constitutions de toutes échelles et qui brouille les imageries sociales, les 'represent-

tations' que les gens normaux projettent sur un universe different, des fonctionnements qui leur échappent" (Belladonna e Querrien, 1977, p.181).

Haveria então um nível microscópico da prostituição que pouco teria a ver com as categorizações sócio-sexuais da lei, do Estado, uma diversidade completamente anárquica dos funcionamentos no real, que não age necessariamente no sentido das circulações oficiais e das codificações sensoriais impostas como dominantes: "singularités d'états 'exitants'" (id., p.183) que trabalham e roem as codificações miméticas. O escândalo da prostituição ("brouillage" de códigos sexuais, racistas, classistas etc.) repousaria sobre "la multiplicité de fuits potentialles qu'elle camoufle". Calafetação, acolchoamento, "dissimulação" (Lyotard, 1979, p.64) das energias pulsionais, que é necessário "... pour la formation permanente et le rodage des corps à l'economie sexuelle capitaliste" (Belladonna, 1977, p.81).

Essa "dissimulação" dos "signos intensivos" - que dizem respeito à energética pulsional - sob os "signos inteligentes" (ou "comunicativos") - que respondem à ordem do conceito -, opera, no episódio da prostituição, sob a forma de uma "circunversão". O dispositivo da prostituição orientaria, segundo Lyotard, a canalização das "pulsões perversas" para o corpo social dos intercâmbios; seu objetivo seria "circunvertir pulsiones parciales en el circulo del negocio y del cuerpo total" (ou seja, institucional).⁽³⁾

Tratar-se-ia então de decifrar o enigma desta conversão: "como la yuxtaposición imposible de singularidades intensas de lugar al control y al registro" (p.30) - ou seja, em termos de De-

(3) Bruckner e Finkielkraut (1979) exprimem uma idéia similar: "La escena prostitutiva es el lugar de realización de las pulsiones parciales cuya expresión continúa estando más o menos reprobada socialmente. Sin embargo, sólo hace surgir esas manifestaciones del deseo llamadas 'anormales' para poder neutralizarlas mejor" (p.119). Dessa maneira, "la prostitución opera la conversión permanente de la fuerza libidinal en intensidades medias. Todas las anomalías necesitarán doblegarse en la gran ley de la 'igualdad pulsional', atenuarse y apagarse en el circuito fijo del intercambio y la comparabilidad" (p.125).

leuze , como uma máquina de sobrecodificação, da ordem da enunciação, se agencia com certo estado intensivo dos corpos.

Lyotard fala de uma "sintaxis de la piel": a pele, território de circulação e fluxo das intensidades, "piel libidinal como estela de las intensidades", se torna superfície de inscrição e registro. Haveria algo como a "moeda libidinal" de Klossowsky, a libido em qualidade de monetarizável. A conversão das intensidades libidinais em signos monetários, instaura um "intercambio fraudulento", já que "los signos empleados para forjar el simulacro traicionan y disfrazan la intensidad inane". Simultaneamente, esse simulacro desvelaria certa "duplicidade de los signos", funcionando ao mesmo tempo como "signo vano pasional" e como "signo intercambiable racional" (p.93).

A prostituição constituiria um dos dispositivos pelo qual o gozo (de intensidades impossíveis, irrecuperáveis) se circunverte na intercambialidade generalizada da ordem social do capital. Assim "la diversión de la energía libidinal en el goce perverso se integra por el pago, que trae consigo una parte del circuito de los intercambios": conexão das intensidades no circuito dos intercâmbios onde as intensidades e as emoções são "negociadas al precio de la calle" (p.20).

O DISCRETO ENCANTO DA SODOMIA (4)

"Toda la homosexualidad está tocada
por el erotismo anal"

Hocquenghem

Os sistemas de enunciados classificatórios não limitar-se-iam a "dar sentido" (ou seja, a significar) as práticas dos corpos, mas os talhariam, inscrever-se-iam como um profundo corte (o "tajo"

(4) Tomamos o título de um artigo (inédito) de Oscar Cesarotto.

Iamborghiano, e não apenas a "tatuaje" de Sarduy) na mesma ordem e sucessão dos contatos corporais. Os sistemas classificatórios da homossexualidade masculina enunciam e prescrevem certa "gramática dos corpos". Quando se passa de um sistema classificatório "popular e hierárquico" a um outro "moderno e igualitário", a transformação não se opera somente no plano simbólico, mas nas próprias "mêlanges" dos corpos físicos. Carrier (1976) dá um exemplo etnográfico desta dupla inscrição (no plano dos códigos retóricos e no plano dos atos sexuais, isso tudo atravessado por diferenças sociais mais gerais) quando compara o privilégio da penetração anal entre os jotos e os mayates mexicanos,⁽⁵⁾ com o predomínio da fruição mútua e a felação entre os homossexuais americanos de classe média (Carrier, 1977). Os mexicanos - e também os norte-americanos de classe baixa - não considerariam realizado o ato sexual se este não culminar com a ejaculação por intercursos anal.

Esta predileção pelo intercursos anal - típica do machismo latino-americano (Lacey, 1979), modo local do chamado "sistema mediterrâneo" estudado por Pitt Rivers (1979) - se corresponde com a vigência de um sistema classificatório que classifica os participantes em relações sexuais intermasculinas como ativo e passivo, conforme seu papel de insertor e insertado no coito anal. A atuação no coito sustenta, segundo este modelo, relações de poder hierárquico, onde o ativo é supostamente superior ao passivo.

Como mostra Fry (1982), a vigência deste sistema é combatida por outro modelo alternativo, conforme o qual os homens classificam-se-ão em homossexuais ou heterossexuais segundo sua escolha de objeto sexual, e já não mais em ativos e passivos pela sua performance na relação concreta. Este segundo modelo (gay/gay) impõe também certas diretrizes no que diz respeito aos entrelaçamentos dos corpos. O papel definidor do coito anal vai ser questionado, seja mediante a incorporação de outras técnicas corporais, como carícias,

(5) Mayate designa simultaneamente prostituto e ativo. Os ativos não são considerados homossexuais (Carrier, 1976, p.111/116). Ver também Lennox, David - Gay life in Macho México - Christopher Street (1977).

rocares, felações mútuas etc., seja pelo recursos à penetração alternada (Mc Rae, 1985).

Apesar de suas diferenciações, o pivô de ambos os sistemas parece continuar residindo no ânus como zona erógena, a contrapelo até da freqüência estatística de relações anais. Afirma Hocquenghem: "Toda homosexualidad está ligada al ano, incluso si, como nos lo enseñan las caras estadísticas de Kinsey, la relación anal significa la excepción aún entre los homosexuales" (1974, p.65).

Esta identificação entre homossexualidade e coito anal (segundo Hocquenghem, "los homosexuales son los únicos que hacen un uso libidinal constante del ano") repousa historicamente na própria constituição da espécie homossexual. A categoria de sodomita (e, por extensão, a de homossexual) constitui-se ela mesma em torno à transgressão de um tabu - ou, melhor, da realização de um ato registrado enquanto transgressão em certo "regime de signos", que dispõe determinada organização do organismo, onde os órgãos vão ser atrelados a funções hierárquicas preestabelecidas (a boca para comer, o ânus para defecar etc.).

Se a sodomia ocupa um lugar central nos intercursos homossexuais masculinos, esta centralidade revela com mais nitidez seu eixo de rotação quando nos trasladamos ao circuito da prostituição viril - onde as intensidades libidinais se conectam diretamente com os valores (e os preços) socialmente circulantes.

No negócio do michê, o privilégio do coito anal é denotado por vários índices. No plano imediato do contrato sexual, esta sobrevaloração se traduz em termos diretamente monetários (em algumas de suas equações mais grosseiras, até o tamanho do pênis é esgrimido como argumento para encarecer a retribuição do prostituto).⁽⁶⁾ Nesse sentido, a penetração anal constitui um dos atos sexuais mais prezados (apreciação traduzida no pagamento), tendendo a ser mais valo-

(6) Outras vezes a tarifa remete a poses determinadas como mostra esta nota apresentada por um jovem michê francês:

...

rizado (mais "caro") do que outros atos sexuais, tidos por secundários e consequentemente mais "baratos", tais como a felação ou a masturbação passivas.

Esta predileção pela sodomia pode ser até mais imaginária do que real (infelizmente, não há dados estatísticos). Esta difusa preferência não pode se generalizar a qualquer meio. Assim, diferentemente dos mayates mexicanos, os prostitutas norte-americanos pesquisados por Riess (1965) restringiam sua participação na transação homossexual ao papel de passivos de felator, e rejeitavam qualquer aproximação mais estreita dos corpos (com particular reprovação pelas carícias e os beijos na boca,⁽⁷⁾ descontando a sacralidade do ânus).

O intercuro anal não só parece predominante na área de tráfico homossexual do centro de São Paulo (e talvez do Brasil em geral, como sugere Hocquenghem, 1981), mas se converte num elemento definidor do sentido da relação, na hora da tarifa. O papel dominan-

.....		JOSEPH (MCU)	
SERVICES D'AMOUR EN TOUS GENRES			17.5.61
Facture par Duke			2 dol. 25
1	en cul (jambes autor du cou)		2 dol.
1	en cul (normal)		2 dol.
1	queue (jutant)		2 dol.
	1 répétition		2 dol.
	2 répétition		2 dol.
	3 répétition		2 dol.
	4 répétition (sec)		1 dol.

.....
(continua; o cálculo final dá 15,07 dol.). (De C. Dukhaz, Vice-Versa, reproduzida por Schérer e Hocquenghem, 1977, p.229):

- (7) Gaspar (1984) sugere que a proscrição da boca como zona erógena seria um ato simbólico comum à prostituição em geral (tanto feminina quanto masculina), que buscaria resguardar a identidade do prostituído. Mas esses tabus parecem em verdade constitutivos do padrão de intercambio homossexual "hierárquico". Assim, entre o macho e Manuela, a bicha caricata de El Lugar sin Límites de Donoso (1977), não há necessariamente uma relação de prostituição. Mas o macho se enfurece quando Manuela tenta beijá-lo na boca e acaba matando-a. O valor do beijo na boca é mostrado, inversamente, em El Beso de la Mujer Araña, de Puig (1976), onde ele é a prenda máxima de amor entre a bicha e o militante.

te do macho ativo, no sistema "hierárquico" de homossexualidade popular, se traduz em termos de intercâmbio econômico, porque, como regra prescritiva o passivo é quem paga e o ativo é quem recebe. Nesta prescrição poder-se-ia ver uma diferença básica com a prostituição feminina, onde acontece exatamente o contrário: o passivo é quem cobra e o ativo é quem paga. No entanto, deve insistir-se na especificidade do circuito: a mesma regra (o ativo como fornecedor de favores sexuais a um cliente passivo) perde rigidez, não somente nas trocas que "transgridem", no fato dos corpos, seu próprio código de enunciação/anunciação (já que quem acaba sendo sexualmente passivo, se mostra inicialmente como ativo mais ou menos "virginal", para dobrar seu preço na hora da "viração"), mas também em outros sistemas vizinhos de prostituição masculina, como a exercida por "michês-bichas" e travestis. Note-se porém que, neste último caso, a hipervalorização do papel do insertor parece manter paradoxalmente sua vigência, já que - segundo se comenta no meio - os travestis cobrariam mais por desempenhar o papel de penetradores no coito anal, sendo esse o seu serviço mais demandado pelos clientes (Perlongher, 1985b).

O acréscimo do preço atribuído à penetração sustenta-se também na crença de que a prática exclusiva do papel ativo em transações sexuais com outros homens não atribuiria automaticamente a seu executante o estigma de "bicha", mas que sua masculinidade (e por conseguinte, sua disponibilidade para a normalidade heterossexual) encontrar-se-ia resguardada graças a essa precaução, crença expressada sob a forma de mitologia do "duplo macho" (Moscato, 1985b).

Por via das dúvidas, no caso do prostituto viril, o risco de descrédito para sua masculinidade é "pago" - à maneira de um resguardo - na operação de compra-venda. Por outra parte, quando o michê-másculo acaba "dando", a perda da sua virilidade deve-se compensar com um aumento no preço.

(8) DaMatta (1983b) mostra a vigência dessa concepção nos quadrinhos cróticos de Carlos Zéfiro.

Além de operar como definidora da distribuição dos papéis na cerimônia relacional, o privilégio concedido pelos michês, a sodomia ativa efetua também a função de "ocultar" (ou "dissimular") os desejos presumivelmente homossexuais, que deslizar-se-iam, no plano das intensidades libidinais, a despeito dos enunciados que as renegam - dissimulação constitutiva, ao mesmo tempo, de um vetor de intensificação dessas trocas libidinais. É, como vemos, não apenas a performance factual no ato sexual concreto, mas a representação máscula que o prostituto sustenta, o que é valorizado.

Esta representação é, também, um dispositivo energético, que faz circular diferenças intensivas. Sartre registra essas diferenças de superfícies intensivas no nível dos órgãos: "La misma turgencia que siente el macho como el enderezamiento agresivo de su músculo, la sentirá Genet como la apertura de una flor" (1967, p.94). Diferença de intensidade que monta um arsenal de símbolos, alegorias, posturas, gestos (o "detalhe falso" de El Balcón, Genet, 1975), onde ressalta a marmoriedade do macho: "Impenetrable y duro, pesado, tenso, rocoso, el Mac será definido por su rigidez. Su cuerpo, estirado hacia arriba por los músculos, parece un sexo entesado por el deseo de horadar, de perforar, de romper, que se alza hacia el cielo con la aspereza súbitamente malvada de un campanario que rompe una nube de tinta" (Sartre, 1967, p.122).

Entre masculinidade e penetração se entretece assim um inter-relacionamento aparentemente inextricável. Mas a força da representação pode primar sobre a realidade dos contatos, circunstância assinalada assim por um michê: "Eu sou macho até dando".

A renegação, a escamoteação, a elusão do conteúdo homossexual das pulsões libidinais "fluentes" no negócio da prostituição viril, parece constitutivo da prática. Não se trata de um mero jogo de espelhos invertidos, mas as transições entre a hipervalorização de uma virilidade convencional que proscree discursivamente o ânus como zona erógena (no plano da expressão), e o envolvimento em relações homossexuais cujo eixo gira, em torno, precisamente, da sensi-

bilidade anal (no plano do conteúdo), são "transduções" lentas e tortuosas. Dessa tortuosidade de claro-escuro, de falsas poses, de simulacros e paixões subterrâneas, contraditórias, encontradas ("Stilitano era uma bicha que se odiava a si mesma", descobre inquieto Genet em Journal de Voleur (1977, p.66), pode provir, em alguma medida, o halo de sordidez que parece impregnar a prostituição viril "de rua" - soturnidade de uma penumbra artificiosa e sobrecarregada.

Porém, o efeito sórdido não merece ser atribuído inteiramente ao obscurecimento do "desejo homossexual" (Hocquenghem) preferido pelos michês - suposta elisão que é em verdade desencadeante de uma proliferação de alusões e toques. Este jogo de 'sedução histórica' em torno das "compuertas del ano" (Lamborghini, 1973), parece corresponder - para apesarar a pesadez dos véus - a certa atração pela margem, própria do meio prostitucional onde estas práticas se envolvem.

Hocquenghem chama a atenção para a "ligação histórica" entre homossexualidade e delinquência: detecta "as secretas cumplicidades dos pederastas com relação aos cafajestes que os agridem", mas adverte que "essa cumplicidade não é redutível ao medo ou à admiração masoquista, e sim devido à história e à concepção do homossexualismo como delinquência" (1980, p.117).⁽⁹⁾

A contigüidade entre prostituição masculina e delinquência tem sido reiteradamente mencionada (por exemplo, Karpman, 1974). "Homossexualidade, roubo e traição são os temas deste livro", inicia Urrutia seu prólogo ao Journal du Voleur, de Genet (1980), em cujo decorrer a prostituição costuma ser uma ocasião para o assalto e a agressão violenta das vítimas, que pode chegar - como em Nossa Senhora das Flores - ao assassinato.

A tentação do crime e do sangue não apenas ronda os prostitutos, mas também os clientes. Hocquenghem transcreve a reação de um

(9) Bataille, baseado nas estatísticas de Kinsey, deduz uma maior "exuberância animal" do meio criminoso, em contraste com a baixa frequência orgástica dos trabalhadores, atribuindo essa distinção a uma oposição gozo/trabalho (1979, p.220).

gordo cliente ammeirado quando lhe informam que o rapaz com que vai transar acaba de assassinar um outro homossexual: "Eu não sou ciumento". No meio homossexual paulistano, esta tentação pelo abismo costuma aparecer sob a forma de um "gosto pelo perigo", que conduz a alguns pederastas, se não a certo gozo "masoquista",⁽¹⁰⁾ a uma intensificação mortífera das pulsões investidas na transação, condensada na equação terror/gozo ("Paciencia, culo y terror nunca me faltaron", anota Lamborghini, 1973).

Apesar das similitudes com a maquinação masoquista - em ambas se poderia reconhecer modalidades de produção de um "corpo sem órgãos" (Deleuze e Guattari, 1980) - do pólo terror-goço que funciona como intensificador libidinal no dispositivo da prostituição viril, os amantes do risco, no circuito do michê, não explicitam (nem enunciam num contrato detalhado e escrito) um desejo manifesto de dor (ainda que sim, por vezes, de humilhação),⁽¹¹⁾ mas amiúde o desencadeamento de uma situação de terror real é visto como uma catástrofe que acontece a contrapelo das tentativas "conscientes" de evitá-la - produto acaso de uma "maquinação inconsciente" ou de uma dilatação descontrolada dos limites de risco. A via de acesso ao pesadelo é muitas vezes anal:

(10) Os limites entre o desejo do perigo e a procura da morte são sutis e truculentos. Em *Paradiso*, Foción, o homossexual do relato, leva a seu quarto um adolescente ruivo a quem já vira roubando um vendedor de escovas. Quanto o ruivo ameaça matá-lo com uma faca, Foción lhe mostra "el círculo negro que se había trazado, con la tetilla izquierda como centro", e fala:
- "Tú dices que hoy era el día que tú habías escogido para matar a alguien, pero da la casualidad que hoy es el día que yo había escogido para matarme. Ya tú ves que tenía trazado este círculo negro para que no pudiera equivocarme en el blanco escogido (...). La única alegría me la has dado tú al final de esta noche, sé que hay alguien dispuesto a complacerme, que está dispuesto a matarme. Al fin he encontrado a alguien dispuesto a hacer algo por mí, que me dispensa de un trabajo banal, que está dispuesto a matarme" (Lezama Lima, 1968, p.593).

(11) Ao entrevistar um casal masoquista do Rio de Janeiro, constatei a distância entre certa imagem de domesticidade banal que transmitiam, apesar dos instrumentos de tortura pendurados nas paredes (um deles era motoqueiro e o outro médico), e o verdadeiro terror de muitas aventuras com desconhecidos nos "buracos quentes" da cidade.

"Esse ponto de dar ou não é ponto de eclosão da violência. Às vezes tem situações em que o michê já vai com a intenção só de roubar. Mas outras vezes o michê está indo mesmo para transar, se prostituir, chegando na cama dá um rolo sexual, de culpa, ele entra numa espécie de surto psicótico, fica maluco, começa a quebrar tudo, pode até matar o freguês" (Um cliente).

A gênese da explosão pode derivar das próprias condições prévias do contrato, da simulação viril que o michê forja:

"A situação clássica é a seguinte: sempre o michê diz que só come. Mas muitas vezes o diz só no pedaço, porque não pode falar de outro jeito, se ele falar que dá, aí o cliente pode atravessar a rua e contar para os outros michês. Então ele diz: 'Eu só como'. Daí que às vezes chegam no hotel e o cliente pretende comer ou beijar, botar o dedo no cu, botar o pinto entre as pernas do rapaz ... Ele pode viver isso como uma ofensa, uma ferida, e reagir..."

O fantasma da violência e da morte ronda também os avatares do negócio. "Matei para roubar", é uma justificativa frequentemente esgrimida pelos michês perante a justiça. Em muitos casos - como mostra Aguinaldo Silva (1978, p.5), a respeito do midnight-cowboy Aníval Fonseca, que matou seu cliente arguindo "falta de pagamento" - esta excusa revela sua precariedade, revelando um temor mais profundo de perder a heterossexualidade, ou de ser possuído analmente (como argumentou o adolescente Pelosi, matador de Pasolini em 1975).⁽¹²⁾

(12) Na sua recriação (literária) da morte de Pasolini, Dominique Fernández (1985) salienta o desejo sacrificial da vítima: "Servira de brinquedo sangrento para o ardor homicida de um rapaz imberbe. Expiara, justamente com minhas faltas, as faltas de toda a humanidade" (p.158). Pasolini haveria "provocado" o rapaz, tentando possuí-lo. Sobre a conflitividade do coito anal na prostituição masculina, ver também o comentário de Fernández (1982) a um artigo de Sartre sobre a morte do cineasta.

No seu limite, a irrupção da violência desvela um lado "sacrificial" do ritual prostitutivo. Em episódios desta natureza os michês fazem uso do lugar social de bode expiatório, genericamente atribuído aos homossexuais, mostrando assim sua disponibilidade a se converterem em agentes terroristas de uma lei às custas de cuja transgressão vivem. De todas maneiras não é necessário ser um prostituto para exercer esses desmandos, ancorados num preconceito social vastamente difundido. E carregar demais as tintas a respeito da violência dos amores marginais, pode não configurar mais que um disfarce desse preconceito. Nem tão vítima nem tão carrasco: "el hustler o buscón - observa Wainwright Churchill, 1969 - no es por lo general una persona depravada. Puede que cometa uno que otro delito insignificante o que 'afane' (robe) a su cliente, pero de ordinario se sujeta a ciertas reglas de conducta que constituyen el reglamento de sus actividades comerciales".

Apesar de certos arrebatos de terrorismo sexual, o certo é que os rapazes de rua, independentemente de seu grau de profissionalismo, parecem sempre prontos para encarar um homossexual e exigir uma paga. Nesta fantasia - que não necessariamente se satisfaz - pode-se ler a adscrição do homossexualismo ao lugar da despesa, da suntuosidade, do luxo. A homossexualidade não produz nem reproduz nada: por consequência, um homossexual "deve ser rico".⁽¹³⁾ Em algum lugar do imaginário social, a homossexualidade é sempre uma festa: despesa de sêmen, esbanjamento de dinheiro, esbanjamento de fluxos libidinais econômicos. E nestas festas o que se paga é o imposto: o whisky que se derrama a mancheias na cobertura, a nota enrolada no travesseiro - estilo prostituta tímida da década de 20 - ou até o isqueiro furtado num descuido, alcançam, justamente, para pagar o preço da culpa. Absolvição pelo dinheiro na qual o pagador também lava, aos olhos do pagado, sua culpa: indulgência que a Reforma não chegou a desterrar.

(13) Um michê justifica a diferença entre pagar uma mulher e ser pagado por uma bicha: "A diferença é econômica, mulher tá precisando, bicha não. Um cara que não é bicha sempre tem alguma coisa para manter: família, mulher, filho. No entanto a bicha é sozinha, quando compra uma calça é só uma calça, para o homem são três calças. A bicha pobre nunca é tão pobre quanto o boy pobre" (Genildo).

Uma complexa dinâmica culpa castigo parece entrar em movimento nestes incidentes guignolescos. Não somente culpa do prostituto com relação à emergência de seu próprio desejo homossexual contido, mas culpa também do cliente homossexual que o levaria ora a submeter-se às imposições despóticas do seu parceiro masculino, ora a deixar-se levar por certo cego impulso de abismo a situações cujo desenlace macabro era até previsível. Situações onde o desejo parece desafiar a própria morte, e que aparecem recorrentemente: "Presentia que o cara não tinha boas intenções, mas não pude resistir, e me deixei levar a um canto obscuro e solitário, onde ele me assaltou", conta um cliente atribulado.

Algumas Técnicas Corporais

Se entre as prostitutas femininas estudadas por Gaspar a indiferença erótica - no sentido de evitação do prazer orgástico - é esgrimida como um recurso para manter a "distância afetiva" do cliente, esta distância resulta, no plano meramente físico, mais difícil de manter quando se trata da prostituição viril. A rigidez a que alude Sartre se expressa na obrigatoriedade da ereção - requisito demandado tanto no papel do insertor anal quanto no de passivo de felator.

Como conseguir a ereção quando se trata de relações com parceiros explicitamente não-desejados?

"É muito difícil michê brochar. Ele já está habituado. Uma vez que entrou no negócio, ele se excita pelo dinheiro e só. Assim, por 5 000 ele só deixa chupar o pau. Por 10 000 ele come o cliente. Por 15 000 já faz uma pose mais fantasiosa, beija, abraça. O cliente vai subindo o preço e aí o michê vai fazendo coisas mais fantasiosas. Por 20 000, já dá. Isso é o mais caro".

A preocupação não residiria somente no fato de obter uma ereção - que seria quase que automática, parte da mecânica do ofício, ligação direta ("inconsciente"?) entre a intensidade desejante e os segmentos monetários -, mas também na progressiva insensibilização do prazer que um uso "indiferenciado" do sexo acabaria acarretando:

"Depois de um tempo (dois, três anos) a gente acaba não sentindo mais nada. Fica de pau duro sem problemas, mas quando estou a fim de transar alguém que eu curto, também não sinto nada. Isso deprime muito".

Mas o que acontece quando o negócio efetivamente não funciona? Podem suceder basicamente duas coisas:

a) que o contrato se anule:

"Conheci um carinha preto, bem bofe, na Praça da República, que me pediu uma grana. Fui procurar lá em casa e fomos para um hotel, mas aí o rapaz impressionou-se porque eu tenho muitos pelos no corpo, e não conseguia a ereção. Aí eu fui embora sem pagar nada. Ele protestou mas não muito, até que aceitou o fato";

b) que o michê "vire":

"É muito mais fácil dar, você não precisa ter ereção, de outro modo precisa ter uma ereção firme. Ser passivo é muito mais simples, a transa acaba logo. Normalmente já está estabelecido quem vai ser o que. Mas chega a hora e o michê - que ia ser ativo - funciona como passivo. Isso dá muita confusão na cabeça do cliente, ele pagou por uma coisa, a mercadoria era para funcionar assim e assim, e está funcionando de um outro modo".

Em geral, os clientes acabam aceitando a situação - ou conformando-se com outras fricções. O veterano P. nega o fato de que os michês - como propagandisticamente alegam - "dêem sem vontade":

"No momento da transa, ninguém é bicha, nem michê, é o que está sendo naquela hora. Ninguém vai dar se não tiver vontade de dar, é impossível, dói pra burro. Tem que ter um

mínimo de vontade. Então é mentira dizer que o michê deu e ele não sentiu nada, é mentira. Mas ele não pode dizer isso para ele mesmo e não pode falar que gosta, porque se ele falasse não seria michê - ele está se vendendo para sentir".

De todas maneiras, a intensidade gozosa desse sentimento deve ser dissimulada perante o cliente, já que:

"Se o cliente percebe que o michê está sentindo, acha que está tendo uma atração, o cliente diz: 'Como é que é, ele está sentindo prazer, não era para ele ter prazer, eu é eu tenho que ter prazer, eu estou pagando ele para ele não ter prazer nenhum mas para me dar prazer', e fala para o garoto: 'Se você está tendo prazer, então os dois estamos tendo prazer. E eu não tenho que pagar. Já está pago, o prazer está pago pelo prazer'."

O michê tem que ter cuidado de não se precipitar pela pendente orgiástica; o código é taxativo:

"Michê que gosta é bicha. Michê não pode gostar".

Apesar dos liberalismos "off the record" (como reconhece um interessado, "michê é entendido mesmo, ainda que ele não possa reconhecer isso perante os outros, e às vezes nem sequer perante si mesmo"), dar - ou seja, desempenhar como passivo sexual, com o consequente estigma (Missé, 1979) que acarreta, e que os prostitutas preferem depositar nos seus clientes - configura um problema muito delicado, tema de múltiplas apreciações.

"Há um mito. Todo mundo acha que a maioria dos michês, 80% ou 90% são ativos. Isso é completamente furado. É tipo metade, eu diria que se um cara teve seis vezes relações sexuais, três foi passivo e três ativo, o mesmo cara."

Outro michê discorda:

"Mito é o contrário, de que todos os michês dão, ou de que todos os travestis comem. Eu dou só se estou a fim, falou? Mas se pintar algum cara com esse papo furado: 'você os michês fala que só comem e no final todos acabam dando', aí é que eu parto para a violência."

Mais contemporizador, um entrevistado explica:

"Tradicionalmente existe um medo muito grande à questão de dar. Realmente é uma mitologia muito larga. Há uma questão de formação das pessoas. Eu por exemplo tenho minhas restrições, meus bloqueios, com relação a atuar passivamente. Mas entre michês tem o princípio de não dar, e quando dão ninguém deles pode saber, falar para os outros. Na turma eles nem sabem, nem procuram se inteirar que tipo de transa o outro michê fez. Agora, entre quatro paredes, só você e o cliente contam. Eles partem do pressuposto de que qualquer coisa pode acontecer lá dentro, contanto que ninguém saiba, que não se torne pública a forma de transar. Na realidade, em grande parte dos michês, há um desejo de dar, de atuar passivamente, mas o bloqueio é muito forte. Muitos deles, apesar de dar, são machistas; porém, chega na cama e cai de quatro, quando é alguém que eles gostam. Outros caem de boca."⁽¹⁴⁾

Essa espécie de "passividade oculta" dos michês se conecta também com o desejo dos clientes pederastas:

(14) Cair de boca: Expressão que denomina a felação ativa. Chupar seria o mais desprestigiante dos atos passíveis de serem cometidos por um michê masculino. No entanto, a felação passiva enaltece a virilidade, e costuma operar como uma introdução à transa "completa": "Você pensa numa outra coisa, foge desse momento, aí o cliente começa a te chupar e você se excita".

"Como o pessoal é garoto, no cara mais velho pinta o desejo de transar mais ativa do que passivamente: eles adoram comer bunda de garoto. Mas os miches não aceitam isso e aproveitam para cobrar mais caro: 'eu quero te comer, para dar eu cobro mais caro', dizem os michês machos."

Isto obriga os michês a uma dupla dissimulação:

- do desejo homossexual, com relação ao cliente;
- dos detalhes non sanctos da transação, com relação aos outros prostitutas:

"Eles não compartilham dos detalhes da relação sexual. Mesmo que ele fizer, se não afirmar, OK. Faz sempre questão de representar a coisa. Que isso seja bem feito, senão ele vai dançando: 'Fulano agora está dando', dizem os outros. Aí ele perde o prestígio entre o grupo, tratam de 'chupão', 'boy mãezinha'. Perde pontos gradativamente para o suposto grupo."

O michê mais profissionalizado deve desenvolver uma atividade sexual intensa. Uma das técnicas para manter a excitação ao longo de uma sucessão de parceiros (até 5 ou 6 por noite), consiste em evitar a ejaculação. O mecanismo é delicado, pois alguns clientes exigem o orgasmo do prostituto:

"Eles querem que a gente chegue ao fim da relação, que a gente goze dentro deles, eu é uma coisa que quase nunca faço. Mas os caras insistem porque isso representa que você foi junto com eles até o fim. Existem muitos deles que se sentem feios, indesejáveis, querem sentir que alguém gostou deles, ou que foram capazes de provocar o gozo do outro."

As técnicas de evitação (e simulação) do orgasmo são diversas. A maioria o finge com grande exalações e espaventos. Alguns chegam até a urinar no ânus do parceiro.

Conforme essa lógica, os michês costumam ser tolerantes para certos "desvios" da clientela: voyeurismo, pseudonecrofilia (o rapaz se deita num ataúde e o cliente masturba-se à sua volta), ejaculação precoce...

"O cara tinha ejaculação precoce, encostava e gozava. O cara gozou cinco vezes e eu não gozei nenhuma vez. Mal encostava nele, ele gozava. Para mim foi até bom, de repente eu não gozei e dava para transar outra vez, estava guardando o sêmen para distribuir por aí" (Graciliano).

As técnicas de evitação da ejaculação reconhecem um limite: "Quando o cliente quer que você goze na cara dele, aí não tem escapatória".

. AS RELAÇÕES "HORIZONTAIS"

Michê/Michê

Deveraux (1975) aponta o caráter homossexual do vínculo que enlaça os homens primitivos no dispositivo de troca de mulheres. No imaginário da prostituição viril, os michês aparecem representados como machos (isto é, não-homossexuais) que intercambiam clientes bichas. O sistema apresenta-se, idealmente, como exogâmico.

Haveria, no entanto, uma circulação também horizontal das intensidades libidinais que envolveria os próprios michês. Assim, o michê deslocaria sobre o corpo do cliente os desejos dirigidos a outro michê igual a ele, mas vedados na sua manifestação. Esse mecanismo de deslocamento libidinal seria freqüente nas perversões, envolvendo também objetos heterossexuais. Freud observa que "supuestos invertidos no eran nada insensibles a los encantos femininos, sino que transportaban directamente a un objeto masculino la excitación producida por una mujer" (Freud, 1974, p.776). Entre os prostitutas, esta translação libidinal pode ser vivida como uma "curtição":

"Os michês se curtem muito entre eles. Falam que o negócio é mulher, mas se curtem entre eles, essa questão de transa entre homens, saca, se curtem mesmo" (Pêricles).

Esta atração tenuemente contida explode às vezes sob a forma de paixões turbulentas, que aparecem como disruptivas, à margem da regulamentação que rege as trocas michê-cliente. Em compensação, exigem uma clandestinidade quase que absoluta. Estas relações parecem ter algo de particularmente fascinante para os próprios michês, ligado talvez ao comportamento "passivo" de quem se apresenta publicamente como "ativo". Mas esses romances intermásculos costumam ser instáveis, sujeitos a crises de ciúmes e podem ser coroados por traições perversas. Assim, o garoto Luiz se apaixona por um outro michê, Zé Carlos, ex-presidiário de aparência hiper máscula que se entrega sexualmente a ele. Mas ambos disputam a consequência de uma troca (de maconha por roupas) e acabam brigando aos socos na rua.

Alguns destes relacionamentos entre michês se realizam por instância do próprio cliente, cujo gozo é ver transar dois 'boyzinhos':

"Tinha um cliente que nos pagava, a mim e ao outro michê, para que nos acariciássemos na frente dele, e ele masturbava-se. Depois, eu e o outro carinha acabávamos indo dormir juntos."

Também, Damata (1975) relata o relacionamento de um michê velho com dois michês jovens, aos quais protegia e possuía analmente.

. Michê/Malandro

A simulação viril do michê pode-se desmanchar quando se

encontra com alguém "mais viril" do que ele. (15) Neste caso, Lucymar conhece um "malandro da Boca". Depois de "puxar fumo", ambos se dirigem à pensão do malandro, moreno, barbudo e com muitos pelos pelo corpo. Luiz, apesar de ceder aos desejos do malandro, se sente vigiado por olhos paranóicos:

"Ele já acomodado na cama só de cueca onde escondia seu volume bastante avantajado, pediu-me para ficar a vontade. Antes de tirar minha roupa estávamos mais íntimos, mas o espírito mortal nos olhava pelas frestas de cima do quarto: eram vários olhos. Diante de tanta expectativa, não conseguia levantar meu pau. Ele com o seu que talvez pelo tamanho encostava quase no seu pulmão atrapalhando até um pouco sua respiração de tanto volume que ali se acumulava. Ele começou a ser irônico. Beijava e mordida, sua barba gélida ao contato do meu rosto. Me disse: 'Você tem que dar seu cu para vagabundo e não para cuzão' ... Ele já me chupando todo o corpo em lambadas frenéticas e quentes, superexcitado (...). Depois de ter-me penetrado 25 cm abaixo do meu limite de sacrifício carnal (em função da desilusão de viver sob ditadura de terceiros) onde eu mesmo escolhi minha hora, e ela nem sequer chegou, mas que sorriu em falso e olhou pelo buraco do piso do quarto de cima, isto olhou..." (Depoimento escrito por Luiz).

. Relações com Mulheres

Também pode acontecer que os michês tenham relações com mulheres, seja ou não por dinheiro. Na área da prostituição de rua

(15) Esta diferença em grau de virilidade se associa às práticas homossexuais nas prisões, onde os reclusos mais atraentes são transformados em esposas (boys) dos mais poderosos - mantendo porém sua superioridade com respeito ao homossexual que não é "feito na marra", isto é, que é já manifestamente homossexual ao ingressar na cadeia (Ramalho, 1979). Nos cárceres argentinos (onde os "invertidos" são recolhidos a um pavilhão especial) esse ambivalente boy responde ao nome de garrote: macho para as "maricas", mas sodomizado pelos homens dos pavilhões "normais".

que estudamos, a incidência da clientela feminina é insignificante (o mesmo não acontece nas áreas de alta prostituição - como o Ibirapuera, onde não é incomum ver madames em seu carros de luxo à procura de boyzinhos, ou na prostituição masculina "fechada", de casas de massagens e serviços a domicílio). A mulher, porém, não deixa de estar presente, de um modo não precisamente físico, no negócio. Assim, "quando o michê não gosta da bicha, come ela pensando em mulher" (Ademir). Porém, a heterossexualidade parece ser invocada muito mais vezes do que efetivamente praticada.

Entre os michês do centro de São Paulo, essa heterossexualidade é meramente mitológica, ou tem alguma realidade? Responde Péricles:

"Acho que não é só mitologia. Tem uma certa porcentagem de michês, aproximadamente uns 10% ou 20% que realmente tem uma transa regular com mulher ou são casados. Tem até michês casados que vão fazer ponto, a esposa está grávida e fica lá esperando. Mas são poucos. A maior parte dos michês faz questão de afirmar sua masculinidade dizendo que transa com mulheres, quando na realidade não transa. No papo a fluência é sempre mulheres, eles estão aí na batalha pelo homem, pelo cliente, mas o papo que está rolando é: 'ó que gostosa', se passa uma mulher. Eles têm até que fazer esforço, porque se pintar uma mulher no pedaço - é raro, mas às vezes acontece - pega mal para um michê masculino não sair com ela."

Certo tipo de mulheres - prostitutas de fim de noite, meninhas malucas que transam por prazer - rondam os ambientes de michês, usufruindo da demagógica virilidade daqueles. Mas estes relacionamentos costumam ter a marca da fugacidade, já que:

"Elas têm que ser rápidas, sabem que não vão conseguir transar mais do que uma vez ou duas, porque mulher não é o forte do michê. É uma questão de hábito."

Mignon, um mac de Nossa Senhora das Flores, sente na própria carne a força desse hábito quando inicia relações com uma mulher madura que ...

"Ficou louca por ele. Mas ela apareceu tarde demais. As formas redondas e a feminilidade macia não agiam mais sobre Mignon, agora acostumado ao contato de uma vara dura. Ao lado da mulher, ele permaneceu inerte. O abismo o atemorizava. De qualquer maneira, fez um esforço para superar o nojo e unir-se à mulher, a fim de obter dela dinheiro. Demonstrou estar galantemente ansioso. Mas chegou um dia quando, não podendo mais, confessou que amava um ... homem. A senhora sentiu-se ultrajada e pronunciou a palavra veado. Mignon deu-lhe uma bofetada e partiu" (Genet, 1983, p.141).

Não obstante, as mulheres insistem:

"Elas procuram essa transa porque sabem que os michês são caras transados, podem amar mais por completo, se soltar na cama. Embora muitas mulheres comecem a se apegar ao michê, a recíproca não é verdadeira: para ele, é geralmente uma transa esporádica e sem consequência. Aí pintam ciúmes por parte dela, medo ao compromisso por parte dele, e a coisa se dilui."

Também se registram, embora infreqüentemente, relacionamentos mais prolongados entre travestis e michês - entre os quais vige, em geral, um código de respeito recíproco. O denominador desses romances parece ser o interesse mútuo:

"Em geral, o travesti é pobre, o michê sabe que não pode tirar dinheiro dele. Mas muitas vezes o travesti tem apartamento no centro da cidade, enquanto que o michê mora longe, na periferia. São encontros de fim de noite, aí fazem um contrato: o travesti deixa o michê dormir, morar na sua casa. Aí transam e às vezes pinta o amor. Cada um na sua, sem ciúmes. Um protege o outro" (Genildo).

Michês-malandros podem atuar como cafetões de prostitutas. Em verdade, a distância entre michê e cafetão é relativamente tênue - se se superar a barreira da diferença do objeto sexual. Um filme alemão, "Mulher em Fogo" (exibido em São Paulo em 1984) mostra o tormentoso romance entre uma prostituta e um michê de luxo; ambos compartilham uma casa-bordel. Mas o prostituto acaba preferindo os encantos de seu velho amante milionário.

AMOR E COMÉRCIO

"Amor com amor se paga". A banalidade do refrão alude a uma intercambialidade (neste caso entre amores) mediada por um pagamento. A relação amor/comércio remete assim a uma troca dinheiro/desejo - segmentos econômicos por intensidades libidinais. Se tomarmos ao pé da letra a frase inicial, veremos que a emergência do amor entre ambas as partes envolvidas na troca, equivale a uma igualação dos termos da relação. Mas, por outro lado, haveria uma maneira de conseguir essa "anulación de las intensidades en el cero de los intercambios" (Lyotard, 1979) por outras vias que não as amorosas: recorrendo à retribuição do gozo em quantidades constantes e sonantes de dinheiro - tal o caso da prostituição.

Entre o negócio da prostituição aberta e declarada, e o relacionamento sexual onde o que conta são as satisfações sentimentais e afetivas, há todo um difuso campo de tensões e superposições, ligações que podem se considerar inscritas num contínuo de intercambialidades desejo/dinheiro (Schéerer e Hocquenghem, 1977). O complexo de interações que se convencionou chamar de "sentimento amoroso" apresentar-se-ia como um momento desse contínuum - um momento de neutralização e de equiparamento dos desequilíbrios sócio-sexuais entre os sujeitos da relação, onde os corpos - enquanto "moeda vivente" - se igualam (Finkielkraut e Bruckner, 1979, p.125).

Sendo ambas contratuais, a relação propriamente amorosa e a relação de prostituição compartilham de uma qualidade comum, que é a de se agenciar diretamente sobre os corpos, no nível do desejo.

Essas relações de troca levarão, então, a marca dos impulsos que processam - isto é, em se agenciando diretamente no nível das pulsões libidinais estarão sujeitas à imprevisibilidade dos arrancos passionais e à molecularidade das sensações. Assim, esta troca amorosa-sexual articular-se-á num dispositivo específico, o dispositivo de sexualidade.

Tendo em conta a especificidade do nível da sexualidade, pode-se focar a tensão "amor/prostituição" na rede de relações próprias da prostituição viril no "gueto gay" do centro paulistano. Tentar-se-á ver como a possibilidade do "amor homossexual" - ou seja, de um relacionamento sistemático com um outro homem, fundado em interações afetivas e não em permutas econômicas - aparece no discurso instrumental da prostituição viril. Percebe-se de imediato que ambas as motivações - a sentimental e a econômica - aparecerão inextricavelmente ligadas. A título experimental, pode-se focalizar as oscilações e tensões entre ambos enunciados paradigmáticos - que designam campos de experiência - através de observações de campo.

. A Conjugalidade como ameaça: O "Marido de Bicha"

Alves de Almeida, no seu recente trabalho sobre Michê, detecta em alguns prostitutas "certo romantismo"; "o desejo de vários deles de encontrar um 'príncipe encantado' (como acontece na prostituição feminina) que os 'tire daquela vida' " (Alves de Almeida, 1984, p.50).

Esse sonho desborda as fronteiras nacionais: tínhamos recolhido fantasias similares na nossa pesquisa sobre "taxi-boys" (prostitutos) argentinos (Perlongher, 1981a). Mas elas parecem tão fre-

qñentes quanto difícil sua concretização. Esse "príncipe encantado", de fato, chega muito raramente. Isso não quer dizer que os rapazes de rua não recebam, de vez em quando, ofertas conjugais de seus parceiros homossexuais. Mas, ao invés do dourado devir, uma outra perspectiva se apresenta como imediata e horrorosa: "virar marido de bicha".

Propomos duas vias de acesso para esse pavor:

a) Elogio da Aventura

Primeiro, esse medo liga-se com uma característica do negócio: a circunstancialidade, o momentâneo, o "programa de uma noite".

"Meus clientes - exprime um michê de 16 anos - são sempre ocasionais, isto é, porque eles procuram alguém descartável." (Waldir)

Além do mais, há um permanente elogio do nomadismo, da imprevisibilidade, da aventura - conjugado com certo "desejo de transgressão", intermediário entre a perversão e a delinqüência, e muitas vezes com uma rejeição manifesta à integração no modo de vida "careta" (sobretudo, uma recusa ao trabalho assalariado, típica da nossa malandragem).

Um michê se queixa da clausura a que a bicha submete o rapaz:

"Quando o michê passa a morar (casa) com bicha, aí fica estranho. Ele quase não pode mais sair, tem que ficar a disposição da bicha. E a rua chama, a aventura, a variedade. Não é fácil achar bichas que entendam isso" (Genildo).

b) Virar Bicha

O fato de "morar com bicha" pode acentuar as possibilidades de contágio; para continuar se diferenciando, o michê deve, se-

gundo F., "ficar cada vez mais duro, mais masculino...". E conta uma situação:

"Às vezes a gente acha numa boate, como o Val Improvísso, algum boyzinho que está esbanjando dinheiro, bem vestido, até com carro. É evidente que ele está morando com bicha. Então, para mostrar que ele continua sendo homem, ele gasta quanto puder, explora mesmo. Ele tem que ser cada vez mais durão. Se virar afeminado, pode até perder o emprego, ou seja, que a bicha lhe dê o fora" (Francis).

Deve se manter a distância entre o prostituto e o cliente, entre quem paga e quem é pago. Mas acontece que as situações de convívio conjugal acabam às vezes confundindo os limites. E se aviva o fantasma de um momento perigoso: a bicha acha que não tem mais por que pagar.

O infatigável Patrício viu-se, por um excesso de profissionalidade, envolvido numa dessas armadilhas:

"A gente tem que captar o desejo do cliente e realizá-lo, é um trabalho sobre o corpo, fazer o corpo. Eu conheci um coroa que não conseguia ereção, então eu caprichei (acho que até demais) e ele conseguiu gozar. Logo houve todo um papo, do que ele sentia, a gente acabou morando juntos. Claro que eu sentia prazer: mas como ele percebeu isso, achava que não tinha mais o que pagar, imagina! Então a coisa acabou não dando certo, foi uma situação muito tensa. Aí o que pinta é a violência. Por isso quando a gente sabe desses casos que o michê assassinou a bicha, muitas vezes era um boy que morava com o cliente, quando dá a briga solta toda a violência do macho".

A conjugalidade parece, além de desaconselhável, arriscada:

Recapitulando sobre a captura conjugal, ela é vivida como um perigo porque:

- implica uma ameaça da individualização, no sentido de assunção de uma "identidade" homossexual, que se territorializa no nível do "ser". Tradicionalmente, o michê poderia virar bicha; agora pode também virar gay. Nesse sentido, o negócio do michê tem algo de passagem limiar, de modo de iniciação à homossexualidade adulta;
- mas a vida da territorialidade homossexual é também a via de acesso à inserção numa ordem social estabelecida, pautada desde o trabalho. Este aspecto não passa despercebido para os estrategistas do social. Assim, uma pesquisa alemã sobre prostitutas reclusas num instituto de triagem em Hamburgo, recomendava a descriminação da prostituição masculina, arguindo que ela permitia "una fixation affective (besoin d'échanges de la part d'un partenaire social, aussi bien de la part de l'homossexual cliente que du jeune)". Nessa medida, "le renforcement des pulsiones homosexuelles lorsqu'elles conduisent à une agrégation au milieu homosexuel a une influence favorable" (Schmidt-Relenberg/Krner/Pieper, 1975, citado por Scherer e Hocquenghem, 1977, p.217).

. O Tio

O discurso sentimental da prostituição viril é, contrariamente ao considerado por Barthes, um discurso anti-amoroso. A repulsa do amor é já esgrimida por alguns clientes. Assim, o dentista homossexual de "A Desforra":

"Em matéria de amor, só acreditava no prazer comprado, isto é, no garoto que topava exclusivamente por dinheiro, ou vantagens altas, que sabia tirar partido da situação (...); nada de 'eu te amo' ou coisa parecida; garoto que se apaixonava não servia, era bicha em potencial" (Dama-ta, 1975, p.142).

Os michês-mesmos são taxativos na sua condenação do amor:

"A única paixão do michê é a bicha dizer para ele: vou ficar só com você e compartilhar tudo quanto eu tenho. Só".⁽¹⁶⁾

Em ocasiões, se trata de fingir um amor que não se sente para manter os privilégios da conjugalidade:

"Eu fiz um tipo que não era michê dito michê, eu não dizia: 'quero tanto', mas eu era michê, não dizia abertamente mas era. Passei dois anos (76/77) morando com um cara. Mas eu não gostava do cara, não estava com ele por nenhuma razão afetiva, só estava pelo dinheiro, pelo sustento" (Patrício).

No entanto, este discurso mercantilista, interesseiro, faz uma exceção para os amigos, para os "caras legais". Assim,

"O que pode pintar não é paixão, amor, essas são pieguices bestas; o que pode dar é uma amizade, uma amizade muito particular, como a que eu tenho com um professor. É claro que ele sempre vai me dar alguns trocados, ainda que não transe todas as vezes, mas esse dinheiro é para cobrir as diferença de classe, de renda" (Genildo).

Este esquema de relacionamento não pode ser facilmente assimilado ao modelo conjugal clássico. O próprio michê sugere pensar essas "amizades particulares" como uma espécie de relação "tio-sobrinho":

(16) Os michês gays parecem mais contemporizadores. Assistimos a uma discussão entre um michê gay jovem (17 anos) e um michê velho (de 23 anos). O primeiro exprimia seu desejo de achar "um caso"; o segundo rebatia, arguindo: "O que a gente tem que procurar é mesmo grana, surrupiar e roubar quanto puder".

"Já passei dois anos de caso com uma bicha que era muito legal. Ele não permitia que eu transasse com homens, mas com mulheres ele queria que eu transasse - até me dava dinheiro para pagar prostituta ou curtir com namorada, porque achava que homem que não transa com mulher deixa de ser homem. O tio era pai de santo de um grupo espírita, e eu ajudava ele no culto. A gente transava numa boa e ele me pagava. Eu podia até apresentar namorada para ele, que ele era muito delicado e discreto. Eu era para ele o filho que ele não podia ter, mas não era filho mesmo não, era mais bem como uma espécie de sobrinho" (Idem).

As características destas relações amorosas "tio/sobrinho" seriam, simplificadamente:

- seguir as pautas gerais das relações circunstanciais michê/cliente, no que diz respeito às oposições de idade, de classe, de gênero;
- nelas o afeto (que dista de ser romântico) não parece como destruturante - como acontecia na temida situação de "marido de bicha" -, mas como alicergador das relações econômicas, legíveis como uma dação, que se mantém entre o "tio" e o "sobrinho".

Essa ligação afetiva entre sujeitos socialmente desiguais - que chamaremos "verticais" - se diferencia de outras relações que se pode denominar "horizontais" (do michê com a namorada, com um outro michê ou com um travesti).

Nos restringiremos, então, às relações classicamente pederásticas (clássicas também por referência à cultura clássica). Como se sabe, as relações entre o efebo e o adulto constituíam o protótipo de amor entre os gregos. Essas relações, observa Marrou, não eram apenas sexuais:

"El vínculo amoroso va acompañado (...) de una labor formativa por um lado, de una etapa de maduración por otro (...); y es ejercido libremente, a través de la frecuentación cotidiana, el contacto y el ejemplo, la conversación, la vi-

vida común, la iniciación progresiva del más joven en las actividades sociales del mayor: el club, la gimnasia, el banquete". Assim, condensa Marrou (1976, p.36), "la paideia se realiza en la paiderasteia."

Já foi deslizada num outro texto (Perlongher, 1981b) esta sugestão: a pederastia, que depois derivaria em pedagogia, poderia talvez iluminar uma espécie de "relação fundante" da sexualidade ocidental; o negócio de michê seria passível de ser pensada como uma maneira em que essa conexão pederástica se consuma, nas peculiares condições de troca capitalista.

Contemporaneamente, Schérer e Hocquenghem (1979) colocam uma interpretação próxima: "El niño - afirman - está hecho para ser raptado" (p.9). Nesse "raptado" - que tem algo de fuga -, o garoto, soterrado sob as redes familiares e escolares, realiza-se como sujeito, numa relação diferente - não-hierárquica - perante o adulto. As instituições do "sistema de infância" procederiam como se defendessem permanentemente ao garoto, ao adolescente, da ameaça de um rapto que sempre está por perpetrar-se. É a figura do sedutor adulto fustiga os paraísos familiares; é a figura do tio, do amigo da família, do vizinho, com o que o menino estabelecerá uma relação afetiva não-prescritiva, mas eletiva.⁽¹⁷⁾

Epílogo

Antes do que demonstrar, podem-se sugerir algumas colocações particulares instigantes para os antropólogos - como é essa

(17) Poder-se-ia ler nesta singular versão contemporânea do avunculado, uma expressão do paradigma do tio, cuja centralidade nas relações do parentesco primitivas é salientada por Lévi-Strauss. Não obstante, cabe ressaltar que o tio levi-straussiano não rompe - como queria Malinowsky na sua fracusada polémica com os freudianos - com a triangularidade edipiana.

singular versão dos avunculado que aparece nos "casos" dos michês com os "tios". Apontemos, sem pretensão generalizadora, que esse tio acontece de ser tia - concomitantemente, o termo tia denomina, na gíria do gueto homossexual, a "bicha velha".

Nas suas relações com as tias, nossos michês rejeitam com ênfase a ameaça conjugal, o "virar marido de bicha"; têm, no entanto, certa tolerância por relações afetivas e sexuais prolongadas, não precisamente maritais, onde as diferenças de idade, de classe, de gênero, continuam vigentes e reguladas pelo pagamento.

O material colhido que temos tentado apresentar na sua singularidade factual, apontando antes a entrever certa configuração relacional do que a uma improvável demonstração estatística -, não permite pensar a relação entre amor e comércio, no caso da prostituição viril, de uma maneira romântica. Para a dita concepção o amor surgiria como uma salvação pelo outro, que retiraria o sujeito do sórdido circuito das trocas mercantis, para ancorá-lo a uma espiritualidade etérea e desinteressada. Vemos que, na verdade, esse amor paradigmático costuma não "dar certo"; a pressão individualizadora, tendente à "assunção" da homossexualidade, que acarreta por vezes sua prática, pode propiciar eclosões desestruturantes que desencadeiam a macheza (o "microfascismo") do michê. As relações que "dão certo" são, aparentemente, aquelas em que as condições da troca - que configuram uma imiscção inextricável entre amor e comércio, entre desejo e dinheiro - são mantidas - e viabilizadas frouxamente, afetuosamente, sob a forma de uma dáção pederástica.

Deixamos, enfim, uma sugestão em aberto: o paradigma que ilumina essas relações não poderia ser concebido através da conjugali-
dade edipiana - que repousa, conforme a psicanálise, numa identificação do sujeito com as figuras parentais pai/mãe. As relações afetivas entre rapazes "pobres" e pederastas "ricos" poderiam talvez ser melhor pensadas desde o fantasma do tio, que ronda e socava o triângulo familiar.

CAPÍTULO VI - O CONTRATO

Considerado por Barthes como "o modelo do bom contrato" - "já que o corpo aí intervém diretamente (1977, p.66), pelo contrato da prostituição passaria uma operação de atribuição de valor ao corpo próprio e ao corpo do outro que estaria, como quer Leo Scheer (1979), "a la racine du rituel de toute valeur". Atribuição de valor que configura, em verdade, uma "operação fraudulenta", sorte de confiscação/expropriação do corpo, destinado a o fazer ingressar na ordem dos intercâmbios sociais - ou seja, a dispor as condições de seu lançamento e circulação em certo "modelo de tráfico" imposto "sadeanamente", de fora do sujeito.

Esta operação de expropriação/confiscação dos corpos revelaria, no dispositivo da prostituição, um dos seus mecanismos básicos, que é o fato de estatuir equivalências entre o nível das intensidades pulsionais e os segmentos monetários. Assim, o contrato da prostituição "postula de entrada una equivalencia entre una pequeña suma y un pequeño pedazo de cuerpo, especie de precio fijo oficialmente establecido, basado en la subida de precios, la inflación, el paro, variable según las categorías sociales, la edad, la raza, los barrios" (Bruckner e Finkeilkraut, 1979, p.133). Mas esta equivalência inicial não seria instaurada mais que para desdobrar-se numa "microfísica do detalhe", uma "multitud de contratos derivados que versarán sobre las ventajas suplementarias", conforme uma "preocupación por la rentabilidad del detalle en que no sólo ca da miembro, sino también el más ínfimo movimiento se monetiza" (id.).

Caberia então diferenciar, por um lado, um plano do macrocódigo "binário" - que aludiria às grandes clivagens sociais: idade, gênero, classe, raça etc., procedendo por oposições exclusivas; e, por outro lado, um plano do microcódigo "infinitesimal", que trabalharia captando as singularidades moleculares do desejo e o gozo dos sujeitos, de modo de retraduzi-las (rebatê-las) sobre o equivalente monetário geral (o capital). Nesse sentido, o dispositivo da prostituição pode ser visto como uma espécie de "máquina de captura" dos fluxos libidinais, aos quais sequestra ("expropria", "confisca", na terminologia de Scheer) e reduz a "intensidades mē-

dias". O contrato conformar-se-ia como a expressão jurídica dessa conversão, que envolveria certa "mélange" dos corpos.

Não obstante, as micromobilizações pulsionais que entram em jogo no dispositivo da prostituição, não deixam de manter certo grau de heteronomia, de "indecibilidade", com relação à tradução jurídico-monetária que o contrato estipula. ⁽¹⁾ As margens de "indecibilidade" parecem crescer à medida que o grau de institucionalização da prática venal diminui. No caso, a prostituição viril de rua se apresenta como fracamente institucionalizada (em comparação, por exemplo, com a prostituição heterossexual feminina, em que boa parte das contribuições teóricas citadas se inspiram), ocupando um lugar esfumado, intermediário entre a sujeição axiomática às regras do código, e certo nomadismo pseudolibertino que borbulha nos recovecos das "cidades da noite".

Entre prostituto e cliente se estabelece então uma espécie bastante singular de contrato, cujas fronteiras com o ritual tornam-se difusas (adverte Schérer, 1978, p.66) quando a pedofilia entra em questão. Caberia, talvez, recorrer aqui a Mauss (1974b) quando postula a "subjacência" em alguns fenômenos contemporâneos de formas de "prestações totais de tipo agonístico". Ainda que a moeda (ausente nas trocas primitivas) seja constitutiva dos contratos da prostituição, há, como demanda Mauss, uma ausência do mercador: o próprio corpo vale como mercadoria. Tratar-se-á então de explorar, na análise de alguns desses contratos, as formas e mecanismos de atribuição de valor ao corpo próprio e ao corpo do outro.

O acordo que convencionalmente se estipula entre prostituto e cliente rege as condições da transação: serviços sexuais a se-

(1) Escrevem Belladonna e Querrien (1977): "La texture conventionnelle du contrat est toujours déplacée, déformée, bouleversée et coulée dans une matière vivante qui l'alimente en fait, un processus de vie, toute une dimension passionnelle" (p.181). Este nível microscópico abre, no dizer de Lyotard, uma "politique des incommensurables", trabalhando com séries infinitamente variadas do mundo passional que comportam infinitesimais diferenças (citado por Schérer, 1978, p.26).

rem prestados, incluindo a especificação das áreas erógenas em jogo (por exemplo, evitação da boca ou do ânus); local da consumação (hotel, apartamento, rua); condições monetárias e extramonetárias (pagamento, convites, presentes, local para o michê dormir etc.) da retribuição.

Essas combinações costumam ser total ou parcialmente estipuladas com anterioridade ao ato sexual; certas circunstâncias podem ficar indeterminadas, mascaradas ou implícitas. O fato de que este contrato não seja, como o do masoquismo (Deleuze, 1979), escrito, não diminui sua importância, nem o torna meramente metafórico. Os pontos obscuros do contrato podem ser fonte de ulteriores conflitos, propiciando o desencadeamento da violência por parte do prostituto.

O primeiro problema que coloca uma análise do contrato da prostituição viril, diz respeito à própria distribuição dos papéis de vendedor (prostituto) e comprador (cliente) - que não poderá recorrer, como no caso da prostituição heterossexual feminina, ao critério anatômico de diferenciação dos corpos.

Severo Sarduy, na descrição de uma sauna-bordel, imprecisamente situada na Catalunha, dá um exemplo dessa distribuição das partes:

"Se asoman por la rendija, empujan, engreídos y fanfarrones, la puerta: la trusa mugrienta o la toalla ya levantadas por la erección. Cuánto me das? Cuánto me das? Y después de zalamelés y regateos, a la entrada siguiente, a lo largo del pasillo color mostaza y del mediodía lluvioso (...). Cuánto me das? Alzando hasta lo risible la cifra ante los senectos - vejez, para ellos, es lo venéreo y mórbido -, o ante esos perversos exigentes cuyos divertimientos ignoran y confunden, quizá por un espejismo lingüístico con las venidas y otros vejámenes, que ejecutan indiferentes o mecánicos, ajenos, brechtianos casi (...) antes de correr, como ganados por una lepra fulminante, a

La ducha más cercana, siempre helada, intermitente cuando no a secas, por reformas de estructura o penuria laboral" (Sarduy, 1982).

Entre as brumas do bordel barroco executa-se um frenético intercâmbio, cujo estribilho - Cuánto me das? Cuánto me das? - marca o ritmo das trocas. O mercado dos corpos suarentos distribui os atores em duas séries: uma de compradores ou clientes - dotados dos atributos da senilidade, da perversão, da morbidez -; outra série de vendedores, ofertantes ou prostitutos, jovens que realizam friamente a tarefa que a insinuante protuberância anuncia: "penurias laborales".

Voltando ao nosso campo, como se distribuem os lugares da relação? Quais são os atributos que intervêm, precisamente, na concessão de um valor ou outro? Para responder essa questão, os atributos que entram em jogo - que são valorizados - na operação da prostituição viril, podem se agrupar - a título experimental - em várias séries:

- Série de idade: mais jovem/menos jovem.
- Série de classe: mais rico/menos rico (que remete à circulação do dinheiro).
- Série de gênero: mais masculino/menos masculino, que remete também ao desempenho sexual dos parceiros.

Estas séries - às quais se acrescenta uma quarta "oculta": raça - remetem a grandes oposições binárias que informam e sobreco-dificam (Deleuze e Parnet, 1980) o socius global. A partir da distribuição dos parceiros nas casinhas deste "macrocódigo", uma multiplicidade de microinterações intercorporais vão também ser sujeitas à regra da conversão monetária. Pelos interstícios desta hipercodificação, no entanto, circulam fluxos libidinais, articulados ainda que dificilmente reduzíveis aos segmentos molares, que tornam o quadro geral instável e escorregadio.

Haveria uma espécie de "sexualização das diferenças".

Aliás, essas diferenças podem-se compensar entre si, dependendo de cada relacionamento singular. Assim, na determinação de um encontro, alguma das séries poderá eventualmente prevalecer sobre a outra, dando lugar a múltiplas combinatórias que configuram um código "aberto", espécie de retículo das disposições desejantes.

Essas séries ⁽²⁾ podem ser pensadas como uma espécie de condensador das tensões relacionais colocadas em jogo no negócio, de cujo choque vão resultar as atribuições de valor e as distribuições das partes do contrato. Assim como se procedeu - na análise das nomenclaturas classificatórias (Capítulo III) - a uma distribuição dessas nomenclaturas com base nesses tensores, tentar-se-á agora um levantamento mais "figural" - isto é, não apenas classificatório - das tensões relacionais, a partir das narrações dos protagonistas. Esta agrupação também condensa - ou resume - assuntos colocados ao longo da exposição.

. SÉRIE DE IDADE

"Não há michê velho como há puta velha", lamenta-se F., um rapaz de 25 anos que já se considera velho para o ofício. A idade clássica de exercício da profissão oscila entre os 15 e os 25 anos. Os clientes são geralmente homossexuais (efeminados ou não) de mais de 30 anos.

Esta diferença de idade coloca em jogo a paixão pederástica. O amor sexual entre os adultos e os meninos - veja-se a análise de Schérer e Hocquenghem (1979), que postulam uma teoria da

(2) A idéia de "série" se inspira na abordagem das "combinatórias passionais" de Fourier feita por Schérer (1978). Essas combinatórias são seriais enquanto não interessam a um único par, agindo por contigüidade e transição. Assim, "à la série extensive parcourant les individus, correspond le parcours de la série intensive le long de la gamme des excitations et des plaisirs" (p.68).

pederastia: o amor à criança como um pivô cultural em torno do qual giram as relações sociais - parece ser uma constante da sexualidade ocidental, desde os antigos gregos até hoje. ⁽³⁾ O desejo do pedófilo pela criança exprime, segundo Schérer, "la refuse d'une installation définitive dans l'achèvement de l'état adulte, la sensibilité à un attrait dont universalité historique et ethnologique n'est pas niable dans d'autres cultures que la nôtre, et qui, chez nous, bien que fortement condamné et refoulé, peut être généralement compris" (1979, p.91). A concreção desse desejo se choca com fortes interditos sociais, ⁽⁴⁾ que Alhonte (1981) caracteriza como "ageism" (etarismo?), ou seja, a discriminação dos encontros sexuais segundo a idade cronológica dos parceiros. A força dessa lei - na qual Freud interpretou o arcaísmo do incesto - delimita uma perversão particular, que não se distingue nem por uma atitude especial a respeito do objeto nem pela sua condição "parcial", mas por certo status social e jurídico do objeto.

A minoria econômica e sexual dos rapazes os coloca em desvantagem perante os adultos; suas relações sexuais com eles podem revestir, episodicamente ou não, a forma de prostituição (Schérer e Hocquenghem, 1977). Desejo e dinheiro confundem-se; o dinheiro vai funcionar não meramente como signo de conversão monetária; mas também enquanto fluxo, intensificador e veiculizador das atrações

(3) Já Sócrates, em O Banquete, acusava seu amante Alcibiades de querer trocar o cobre da beleza pelo ouro da sabedoria. Segundo Lyotard, para os gregos, a verdadeira prostituição passava pela consumação do coito heterossexual com suas legítimas esposas: "Lejos de reservar su semen a la matriz hembra y así pues a la propagación de la especie, lo cual no será nada más que el precio a pagar para constituir la ciudad de jóvenes gentes a educar, armar, introducir y anular en el círculo homosexual (...) Curiosamente, dan vuelta a los términos de um dispositivo que uno podría creer natural: cuando se acuestan con sus mujeres es cuando se prostituyen" (1979, p.180/181).

(4) No caso do Brasil, ainda que o intercuro sexual com menores de 18 anos configura ainda (até a sanção definitiva do Novo Código Penal, que diminui a 16 anos a idade do "livre consentimento") o delito de "corrupção", esta penalidade parece se aplicar bastante raramente, não fazendo parte das paranóias habituais do gueto.

pulsionais. Em muitos casos, em se tratando de rapazes muito jovens que fazem suas primeiras incursões no "mundo da noite", a prostituição pode constituir uma espécie de "rito de passagem" à sexualidade adulta. Saído da constelação familiar, o adolescente torna-se quase imediatamente objeto de uma cobiça sexual que o demanda e retribui. Essa relativa "facilidade" da prostituição soluciona, de passagem, problemas materiais concretos, derivados tanto do abandono social quanto da marginalização do menor característica da nossa sociedade.

No campo concreto da prostituição viril, a idade perfila-se como um critério classificatório. Diz um michê "ocasional" de 16 anos:

"Meus clientes são em geral coroas. Coroa é um cara de 42 anos. Às vezes têm caras de 30 que parecem de 45. Eu transei até com caras de 45 anos, mas que não parecem ruins (...?) Ruins pelo aspecto ou pela idade. A primeira vez que eu transei eu tinha 14 anos e o cara 46. Agora tem um japonês de 30 anos, mas que parece de 50, que me persegue, mas eu me recuso."

A recusa a transar com clientes idosos expressa uma discriminação estendida ao mercado homossexual em seu conjunto (Weeks, 1983), em consequência da qual os mais velhos não têm às vezes outra alternativa que o pagamento para se satisfazerem (Guimarães, 1977, p.125). Simultaneamente, essa discriminação aumenta o preço passível de ser cobrado pelo prostituto.

Nesse sentido, discriminar os clientes segundo a idade adquire um mais-valor imediato, e constitui um ponto de honra na carreira dos michês. Como a medida que os michês vão envelhecendo, a idade dos clientes vai baixando, os mais jovens encontram-se com os mais velhos na pirâmide do negócio:

"Quando eu era mais novo, transava com caras mais velhos. Cheguei a transar com um cara de 68 anos. Era muito malu-

co o tesão dele por mim. Ele estava pagando, mas eu sentia prazer de estar com ele, mas negava o prazer. Na medida que fui avançando na idade, a dos clientes foi baixando. É que transar com cara muito velho, é motivo de gozação, está mal visto no meio."

Também os clientes costumam ser exigentes no que diz respeito à idade dos prostitutos:

"A idade está supervalorizada. Inclusive têm clientes que antes de falar com o michê perguntam a idade. Alguns michês costumam mentir, quando estão 'passados'. O cliente pergunta e se o menino falar 16, 17 anos, aí eles topam na hora, já perguntam quanto você cobra e pagam. Agora, se você diz 20 anos, eles acham que você está passado: é um menino que já transou muito, um cara muito andado. Eles preferem os garotos mais jovens porque acham que têm menos transas. Algo assim como sair com uma garota virgem" (Graciliano).

Quanto mais jovens forem os clientes, mais poderá baixar o preço. Um dos sinais do "devir homossexual" é, precisamente, a tendência a transar "de graça" com parceiros mais jovens. Uma vez que o michê "virar gay", passará geralmente a se integrar aos ditames do meio, rejeitando a transação com idosos. Vimos já - nas "Histórias de Vida" - o caso de Francis, um michê velho horrorizado pela perspectiva de "virar pederasta".

Um michê profissional indica uma diferença notória entre o tipo de clientes que abordam a um michê "jovem" (até 20 anos) e a um michê "velho" (mais de 20 anos):

"Quando a gente é mais jovem, te pegam essas bichas loucas, atrevidas, que chegam desmunhocando e bricando. Isso porque eles têm mais confiança, acham que se o cara é novinho não vai roubar ou agredir elas. Mas quando você fica mais velho, pintam caras mais duros e então você tem

que ficar mais duro mesmo. Esses caras não chegam desmuhhecando, te chamam dissimuladamente do carro, paranóicos, sérios..."

Como regra geral, os michês costumam deixar a profissão por volta dos 25 anos. Porém, há também exceções: um michê "velho" (de 35 anos) explica porque é excepcional encontrar prostitutas ma-
duros:

"A grande maioria das bichas procura michês jovens. Mas o michê velho pode também ter sua clientela. O que acontece é que se a gente ficar muito tempo no pedaço, na vida, corre o risco de acabar se abichando, isto é, vai se contagiando dos gestos, das maneiras de falar, dos gostos até dos clientes - sobretudo no plano cultural, artístico, vai aprendendo coisas que antes nem imaginava. Então, se você quer seguir no negócio tem que ser muito atento, cuidar os gestos, se corrigir, porque se virar bicha quando descobrir já é tarde."

Este temor de "virar bicha" remete ao ponto da masculinidade, de que trataremos mais adiante.

. SÉRIE DE CLASSE

A área de campo é freqüentada por prostitutas de origem social baixa ou muito baixa - quando não "outsiders". Como regra geral, o nível social dos clientes é leve ou marcadamente superior ao dos prostitutas. A predisposição dos rapazes pobres a se prostituírem remete a determinantes sócio-econômicos. A miséria é freqüentemente argüida como justificativa da prostituição. Um michê "profissional" é concludente:

"Entre roubar ou passar fome, fazer michê é uma boa saída para o garoto pobre."

Do ponto de vista do michê, que é o que o leva a se prostituir?

"No começo é o dinheiro, depois dá a maior confusão. No princípio, foi necessidade de dinheiro, agora eu poderia intelectualizar, mas eu parto do princípio de que a coisa é por dinheiro: eu saio à rua, eu sou gostoso e estou precisando de dinheiro, uma coisa puxa a outra."

Mas é preciso ser cuidadoso com as análises economicistas ou de classe. O pretexto, muito comum entre os michês:

"Eu faço isto por necessidade, não por vício"

constitui-se numa justificativa da atividade, que serve também para não explicitar o desejo homossexual. Esse funcionamento do dinheiro como pretexto faz, por outro lado, de sua falta uma necessidade. Assim:

"Depois de um tempo dá para perceber o seguinte: é certo que eu saio porque estou duro, mas também é certo que quando eu junto algum dinheiro gasto tudo rapidamente, para me ver na necessidade de sair novamente à rua. Saber que estou fazendo michê por necessidade me dá segurança, me excita..."

Um "entendido" de 20 anos é taxativo:

"O dinheiro funciona só como desculpa. O que o michê quer fazer é sexo mesmo, não dinheiro. Mas eles não podem dizer que gostam mesmo de transar bicha. Se eles assumirem, então eles são homossexuais; e eles não podem suportar isso. Aliás, a bicha não paga de jeito nenhum. Porque o michê tem que seguir sendo machão para ser o modelo que a bicha procura."

A preocupação obsessiva pela masculinidade seria, segundo

Walter Miller, própria das classes baixas:

"... La preocupación poco menos que compulsiva del joven de clase baja por su 'masculinidad' proviene de un tipo de formación de reacción compulsiva. Hay una preocupación con la homosexualidad que corre como un hilo de comunicación a través de la clase más baja - puesta de manifiesto en la práctica de satirizar y a veces vejar físicamente a los homosexuales, y en el desdén por toda demostración de blandura, así como el empleo del termino vernáculo en lugar de 'homosexual' como despectivo (Miller, 1958, citado por Riess, 1965).

Modernamente, Bourdieu interpreta esta preocupação com a manutenção de um protótipo rígido de masculinidade, presente nas classes operárias francesas, como um mecanismo de autodefesa perante a cultura burguesa. A recusa do efeminamento - perceptível na repulsão aos "pedés", obedece a que: "... la soumission à des exigences perçues comme à la fois féminines et bourgeoises apparaît en quelque sorte comme l'indice d'un double reniement de la virilité"; ao mesmo tempo, "l'opposition entre les classes populaires et la classe dominante s'organise par analogie avec l'opposition entre le masculin et le féminin" (La Distinction, 1980, p.444/445).

Do ângulo dos pederastas, a miséria facilita a obtenção dos favores sexuais dos jovens pobres. Assim responde o escritor homossexual William Burroughs (1982), à pergunta de um jornalista sobre como é o sexo em Tânger: "Muito simples, todos os garotos são pobres". Conforme sugere Guimarães (1984), haveria, entre os parceiros desiguais, "uma relação de dominação que a pegação tende a encobrir".

A facilidade da exploração - na qual emerge certo "colonialismo sexual" - se conjuga com um desejo de atravessar as barreiras de classe. Entre os clientes, manifestar-se-ia certo "tesão pela miséria":

"Fazendo michô, eu me perguntava: por que esses caras sentem tesão por mim e me levavam ao apartamento deles? Sabiam que eu era um garoto pobre, que ia curtir os luxos que eles tinham. Daí uma coisa muito estranha, esse tesão pela miséria. Mas da mesma maneira que os michês não assumem seu tesão pelos velhos, a bicha rica não vai assumir que gosta de transar com pobres" (Graciliano).

Um entrevistado, no entanto, assume esse tesão:

"É uma 'opção preferencial pelos pobres', como diz a Igreja. Um movimento que leva a gente a sair de um bairro de classe média e ir paquerar na última das periferias. Um desejo de sair da classe social" (Waldemar).

Esse desejo de sair da classe de origem, mas pela via de ascensão social, é explícito entre os michês. Para alguns deles, aliás, a "michetagem" constituiria uma forma quase única de acceder aos paraísos consumistas das classes abstratas, dos quais estão socialmente excluídos.

O "cruzamento de classes" peculiar da prostituição viril ⁽⁵⁾ já era registrado nos meios homossexuais da Inglaterra de 1900.

Weeks (1981) reconhece a fascinação dos homossexuais de alta classe média pelos rudes parceiros de classe baixa, ligada à procura de uma masculinidade "autêntica". "The desire for a relationship across classe lines (...) interacted with a desire for a relationship with a 'man', a 'real man', a heterosexual", tido também por um "animal man" (p.121).

(5) O prostituto viril ocuparia um lugar "interclasses", "fissures de la hiérarchie sociale" (Duvignaud, 1975, p.31). Essa peculiaridade denota-se também no nível sócio-linguístico; assim, numa análise do discurso de um marginal urbano expressões de gíria se mesclam com enunciados da língua culta (e até psicanalíticos). Ver Souza, Pedro: "Variantes linguísticas e modo de enunciação no discurso de um marginal urbano", Trabalho de Curso, PUC-SP, xerox, 1984.

. SÉRIE DE RAÇA

As dificuldades de abordar a questão racial - geralmente subjugada ou mascarada sob determinantes de classe - foram já explicitadas (Capítulo III: "A Variável Cor"); procede-se agora a um rápido resumo. No Brasil, a menção do "animal man" parece rememorar quase que imediatamente à imagem do garanhão negro. A representação do homem negro como supermacho transpassa as "figuras" imaginárias do gueto. Esta "hipervirilidade" co-existe, segundo observa Hocquenghem (1981), com certa "hiperfeminilidade" atribuída ao travesti negro.

No mercado sexual do gueto, o peso dos valores eróticos atribuídos à cor do parceiro pode agir contraditoriamente, tanto na forma de uma paixão preferencial pelos rapazes negros (cujos cultores são apodados de "chocolate queen" no slang gay americano, ver Soares, 1979), ⁽⁶⁾ quanto na rejeição explícita a relacionar-se com garotos não-brancos: "pegava qualquer um, menos negros e japoneses", explícita Justo, um cliente entrevistado.

Como regra geral, os michês morenos parecem dispor de um mercado próprio. Daí que - como expressa um deles - "pode demorar mais na caça, mas sai ganhando no preço". O custo dessa hipervalorização é alto: o michê negro deve ser realmente "muito bonito" para se impor no "pedaco", até o ponto de alguns deles se gabarem de ser "manequins". No entanto, o modelo de michê "imaginariamente" predominante, na representação da maior parte dos entrevistados, é branco e preferentemente gaúcho (loiro, de olhos azuis). Nas derivas

(6) A fascinação pelos negros atinge conotações poéticas em Orgia, de Túlio Carella, para quem eles "têm crânios espelhantes, cor de aço lustroso, são lascivos e cruéis. O ar afrodisíaco que chega do mar faz com que fiquem ternos e sanguinários"; "... pelas veias dos negros não corre sangue, mas luz do sol, a substância vital dos trópicos". (Carella, 1968).

territoriais dos michês, Porto Alegre é assimilado ao predomínio dos rapazes brancos, enquanto no Rio de Janeiro seria dominado pelos garotos negros e mulatos.

O racismo velado denota-se também em certa tendência ao "branqueamento" dos envolvidos no meio: assim, um mestiço ou moreno claro pode ser considerado, na escala cromática do circuito, como branco. Como vimos na etnografia, o racismo intensifica-se quando se trata do cliente negro, bastante discriminado pelos prostitutos.

Por outra parte, a relação miséria/negritude se evidencia no progressivo obscurecimento dos oficiantes à medida que se desce na escala social do negócio. Assim, as áreas de "baixa prostituição" (Ipiranga, Praça da República) são mais frequentadas por michês negros, enquanto que no estrato médio (São Luiz) a presença branca é mais expressiva.

. SÉRIE DO GÊNERO

Já na origem da noção médico-policial de homossexualidade há uma espécie de clivagem fundante, que se exprime nas categorias de passivo/ativo; bicha/macho; "invertido subjetivo/invertido objetivo" (Ferenczi). Isso remete à mesma constituição do dispositivo da sexualidade - processo no qual aparece "debajo del libertino, el perverso" (Foucault).

Na Paris do Século XVIII pintada por Michel Rey (1982), os participantes nas cerimônias de iniciação dos "novos sodomitas" tendiam a se efeminar. Esta tendência à constituição de uma figura "feminina" reclama um objeto sexual "masculino". Já Ullrichs, um dos criadores do moderno conceito de homossexualismo, distinguia entre "o Mannling, que seria totalmente masculino em aparência e em personalidade, o Weibling, que seria o efeminado, e o Zwischenurning, que seria um tipo intermediário" (Fry, 1982, p.97).

O personagem do "homossexual viril" fora já retratado, na literatura brasileira, por Adolfo Caminha em Bom Crioulo (1983).⁽⁷⁾ Jorge Amado narra, em Capitães da Areia (1979), os vicissitudes dos romances entre ativos e passivos, que culminam com a expulsão destes últimos graças à intervenção do padre.

Mais proximamente, Luiz Mott, na sua "Tipologia dos homossexuais da cidade de Salvador, Bahia" (1982), inclui os michês dentro da categoria mais abrangente de "bofes" (machos), a qual teria outras duas subcategorias: "bofes eventuais" e "gigolôs de travestis". Diz Mott: "No fundo, os michês são a categoria mais complexada e neurótica entre todas as demais, pois recusam admitir que gostam de transar com homens, limitando sua vida sexual à genitalidade" (Mott, 1982, p.16). A importância do "gênero" na distribuição categorial e sexual já foi mostrada (sobretudo nos Capítulos III e IV).

Da parte dos michês, o pretexto de "eu cobro para não passar por bicha", abundantemente esgrimido, não é tão simples quanto parece. Por um lado, o dinheiro é o pretexto para aproximar-se à beira da "bichicie" (literalmente, "encostar-se"). Por outro lado, o dinheiro obrigará os michês a manter a aparência masculina,⁽⁸⁾ porque é em boa parte isso - junto com a juventude - o que os clientes procuram, por isso que eles pagam.

(7) No romance aparece também certa tendência à sedentarização das relações mais "flutuantes" do homossexualismo norinho: Bom Crioulo tira a Alexis do navio onde ambos trabalham e o instala numa pensão, as intrigas de cuja madura proprietária desencadeiam a tragédia. Para uma análise, ver Fry, (1982c).

(8) As diferenças de gênero costumam se expressar no nível gestual. Tripp (1977) distingue os movimentos masculinos ("Un paso masculino... es recto, enérgico y contiene unos movimientos grandes y cortados, que se oponen a los movimientos suaves, dudosos y pequeños... La tirantez y la falta de flexibilidad impregnan no sólo la actividad de los músculos y articulaciones, sino también las posturas psicológicas del hombre") dos movimentos femininos, caracterizados pelo curvilíneo, "una flexibilidad fluida de las articulaciones ... abundancia de animaciones pequeñas y no potentes del cuerpo, la voz y de la conducta gestual", diferenciando quatro tipos básicos de efeminamento no meio homossexual norte-americano: Nelly (Mariquita), Swish (Ramalazo), Blasé (Los gestos de reina) y Camp. (p.193/212). CA Tripp, *La Cuestión Homosexual*, Madrid. IEDAF, 1977 (trad. R. Cassaletta).

Essa demanda de hipermasculinidade não se detém no sexual, nem no gestual; instaura toda uma "personologia":

"O michê é muito fechado, não pode ter uma abertura. Se for educado, sorridente, as bichas acham que ele é bicha. Ele deve se isolar. Tem que ser sempre macho. É escravizado pelo comportamento. Quanto mais masculino, melhor. Não pode conversar, nem brincar, senão não gostam dele. Deve ser cinza, carrancudo, bruto, malcriado - ou gozador, do tipo malandro. Se ele não for assim, a bicha não aceita. Ele não pode ser amigo, senão inimigo, explorador. Se homem não ofende, então ele é bicha."

Este controle de masculinidade é também exercido pelos próprios michês; diz um deles:

"A exteriorização é algo muito cuidadoso. De tanto estar em contato com bichas, começa-se a falar igual, vai ficando mais sensível. Daí o risco dessa coisa fora, dessa afetação fora, toma-se cuidado para isso não acontecer, para ficar masculinizado. É uma coisa consciente - mesmo no ato físico. O michê dá, e necessariamente se torna bicha fechativa - mas sabemos que isto não é assim, pode dar e continuar homem. Tem um dito aí: 'eu sou macho até dando'. Mas deixar de ser homem é uma das coisas que mais se tem medo. Entre michês mesmo tem fofocas; dizem: 'Fulano está cada vez mais moça, está usando roupas de bichinha'. Os outros michês acabam isolando esse cara."

A masculinidade como valor social - ou, antes, sua paródia, sua impostura - estaria colocada a venda no negócio do michê. Num texto anterior, sobre a prostituição masculina na Argentina, exprimíamos esta idéia assim:

"El muchacho cobraría al hecho de rebajarse a la homosexualidad-exorcizada, maldita - cuando está socialmente investido del oficio de penetrador de hembras, sin nella

en ese digno sacerdocio. El cliente pagaría por extraer de la cadena de la sexualidad procreadora un garañón entrenado para la reproducción, que desviaría sobre su cuerpo la potencia de su estirpe" (Perlongher, 1981b, p.69).

. A VIOLÊNCIA DO CONTRATO

No complicado mecanismo da prostituição viril, oposições binárias que atravessam o socius global - de idade, classe, raça, gênero - são "atualizadas"; as diferenças sociais se sexualizam. Nas séries do negócio, pode-se perceber como uma multiplicidade de coordenadas sociais se põem em movimento para a produção de um gozo sexual e sua conversão monetária. Resulta difícil falar em determinantes causais; as relações entre rapazes prostitutas e clientes adultos aparecem antes como o resultado - sempre provisório - de uma combinatória de vários fatores, tanto da ordem molar - que diz respeito às segregações hierárquicas entre os parceiros - quanto molecular - no nível das sensações intensivas que se mobilizam no encontro dos corpos.

Todo esse dispositivo funcionaria transparentemente, se não estivesse lambuzado pela paixão. "No se puede repetir todos los días algo que uno cree un simple juego amoroso sin acabar tomándolo en serio" (Genet, 1979). Assim, o contrato que se estabelece entre o prostituto e o seu cliente parece funcionar como se estivesse permanentemente a ponto de ser transgredido. Os clientes se ufanam de "não pagar" ou "comer" o michê. Os michês, por sua parte:

"... são os principais responsáveis pela violência e extorsões sofridas pelas bichas, roubam, sarrupiam-lhes dinheiro, relógio e jóias, fazem chantagem, agridem as mariconas, matam. A quase totalidade dos 43 homossexuais assassinados no Brasil nos últimos dois anos foram vítimas de michês" (Mott, 1982).

A violência ou o roubo não necessariamente desencadeiam-se, mas existem como possibilidades contantes. Como reconhece um prostituto:

"Em geral, o michê se puder, vai ganhar ou roubar algo."

A aura de periculosidade que rodeia o negócio do michê, gerada já desde a literatura "marginal" (sobretudo Genet), e reforçada pelo discurso policial, costuma concretizar-se com violência.

Essa violência seria constitutiva do paradigma de masculinidade, no sistema de oposições binárias macho/bicha (ativo/passivo, forte/fraco etc.). Como um dos atributos mais valorizados é precisamente essa dureza/masculinidade, pode se inferir que a ameaça de violência na qual ela repousa é inerente à transação, isto é: está incluída no que o cliente pederasta paga para chegar a um jovem macho.

Além do mais, essa violência é desejada. Segundo um michê, "a bichã deseja ser estuprada". O cliente consente: "o que a bicha deseja é sentir-se como uma mulher estuprada".

Haveria um duplo movimento:

- por um lado, uma teatralização - impostação que às vezes beira o caricatural - da masculinidade; esta faz parte da "estética" do mercado;
- simultaneamente a essa inflação paródica do estereótipo viril, os sujeitos "despersonalizam-se", ⁽⁹⁾ num processo similar à "apatia" sadiana (ver Klossowsky, 1970).

(9) Maffesoli (1985) reconhece, na "errância sexual contemporânea", uma "fragmentação de si mesmo", diluição do eu que, no episódio da prostituição, com binar-se-ia com uma "necessidade de simulacro" (p.119).

"Eu não existo, michê não existe como pessoa, só existe como fantasia do cliente. Eu jamais estou sendo eu, estou sendo o personagem que o cara quer que eu seja. O que eu faço é captar o que ele quer e representar esse personagem. Existe uma tática para isso, é ficar frio, mentalmente branco, sem pensar em nada, aí você vai pegando o que ele quer..."

Um cliente concorda com o michê:

"/
"... quando eu estou pagando um michê, não estou pagando uma pessoa, estou pagando uma fantasia. Por isso é que eu pago, para viver uma fantasia".

Ligado a essa glacialidade, a esse "estranhamento quase brechteano", diria Sarduy, haveria um sentimento de "desprezo" (segundo o michê), de "ódio mútuo" (um cliente). Diz este:

"É uma transa de poder. Eu tenho o dinheiro, ele precisa do dinheiro, então ele faz o que eu quiser. Há um prazer sádico nisso de dominar alguém. Claro que ele pode se rebelar, pode achar a bicha muito despódica e reagir." (10)

Esse "reagir" assume formas violentas. Às vezes o estouro sobrevém quando as efusões libidinais do cliente ultrapassam os limites tolerados pelo michê. Um cliente narra o incidente que viveu:

(10) A preocupação com o poder impregna os discursos do gueto. Afirma um michê: "Este negócio do michê é todo uma paródia, um teatro. Supõe-se que é o michê quem tem o poder, o pinto, que impõe as regras, mas cuidado, aí quem tem grana é que manda, decide se vai ou não vai com você, toma a decisão final. Uma vez que aceitou transar, o michê pode roubar ou não, mas até aí o poder é da bicha". Augrás (1985) sugere que essa obsessão pelo poder seria mais relevante que o desejo. No entanto, essa questão remete, no plano teórico, à discussão Deleuze/Foucault (in *Microfísica do Poder*, Foucault, 1979, p.76/77). Conforme Deleuze e Guattari (1980, p.175), os agenciamentos não seriam de poder, mas de desejo - o desejo sendo "agenciado" e o poder como uma dimensão estratificada do agenciamento.

"O michê era um garotinho, estávamos nos acariciando, eu fui pegando as bundas dele e de repente enfiei meu dedo no seu cu. O cara saltou como uma fera, de pronto quebrou uma cadeira na minha cabeça. Saiu fugindo tão nervoso que deixou seus tênis aqui, para sair do prédio quebrou os vidros da porta..."

Na medida em que a violência está sempre presente, os clientes tomam infinitas precauções para evitar serem roubados ou agredidos. (11) Alguns chamam isso de "desconfiômetro" - uma série de pequenos detalhes que permitem perceber quando o michê é perigoso ou tem más intenções.

Observamos que esse ritual paranóico, nessa perambulação compulsiva própria da deriva, todo esse trabalho preliminar, parece inseparável do gozo sexual em si, ou talvez acabe sendo até mais importante do que este.

O mecanismo de produção desse gozo percorre caminhos bastante afastados da imagem arcádica do prazer para consumir-se. Mas o interessante é precisamente esse percurso do desejo. No negócio da "prostituição dos rapazes" o desejo parece percorrer (agenciar) todas as séries: as séries de idade, as séries de classe, as séries de raça e as séries de gênero. Inventa, exacerba, finge, simula as diferenças entre os parceiros, as exalta - e joga permanentemente com sua dissolução, com sua confusão, entre a paixão e a morte. (12)

(11) Nota Guimarães na sua pesquisa sobre "entendidos" cariocas: "Quanto à questão da violência, monta-se um 'esquema de segurança', que permite reduzir os riscos físicos e materiais da transação, transformando-a numa relação de força e poder. O assalto e o roubo, mesmo infreqüentes, são experiências comuns a todos. Fazem parte deste esquema: dizer ao michê que mora com outro colega, insinuar que ele está no quarto, que tem guarda-costas, deixar a carteira no banheiro, não revelar dados pessoais sobre trabalho, família etc." (1977, p.110)

(12) Para dar uma arqueologia antropológica da íntima relação entre sexo e morte, já abordada entre outros por Sade e Bataille, ver Maffesoli (1985, p.92 a 96).

Mas não se deveria esquecer um detalhe importante. Tudo o que está se procurando aqui é a produção de uma ereção, de uma penetração, de uma ejaculação. Todos esses complexos artifícios são, em verdade, artimanhas às quais o gozo recorre para realizar. Este negócio do michê é um negócio do desejo.

O NEGÓCIO DO DESEJO

O nômade - comentam Deleuze e Guattari - estabelece localizações, mas não pára de circular, de derivar. O interessante desta deriva, no negócio do michê, é que ela é literalmente desejante, isto é, está guiada pelo desejo de realização de um ato sexual, ainda que em troca de um pagamento ou de algum usufruto "simbólico" (por exemplo, o gozo do status que sentem alguns prostitutas por passear num carro de luxo). Por outra parte, na paqueta de 'entendidos' e michês, esta procura de compradores e vendedores de sexo percorre itinerários urbanos, territorialidades materiais; as circunvoluções desejantes são estampadas no plano real da paisagem urbana em movimento. Elas usam, em verdade, circuitos moleculares que atravessam a massa de transeuntes - um aparelho de captura do olhar que singulariza um sujeito desejante na multidão, separando-o fugazmente da fileira de rostos facsimilizados e anônimos. O olhar de relance da prostituta, do 'entendido', do michê - os "sistemas de comunicação" de que fala Pollak - sexualiza e acende a multidão anódina, com um movimento que víamos na narração de Carella; por um lado, se abrem "pontos de fuga" libidinais, mas, por outro lado, a prostituição procede a uma reconversão econômica desse fluxo desejante. Isto é, o fluxo desejante seria capturado pela "máquina de calcular" que atribui valores aos corpos (que são desejados enquanto "objetos parciais" e não como totalidades personológicas), remetendo-os a um "equivalente geral", ao mesmo tempo econômico e categorial.

De alguma maneira, o preço da prostituição no campo homossexual pode ser pensado como a expressão de uma diferença de valor basicamente categorial, isto é, essas diferenças de valor sexual entre os corpos remetem a um sistema de nomenclaturas, estas pela sua vez proliferantes. No gueto paulistano, esse sistema de nomenclaturas não é homogêneo, mas está "fraturado" pelo choque e imiscção de dois sistemas globais de classificação: um arcaico, hierárquico, popular (bicha/macho) e o outro moderno, igualitário, pequeno-burguês (gay/gay). Configura-se assim uma massa instável de referências "identificatórias", um campo de forças atravessado por tensões, por vetores de circulação que buscam orientar o sujeito no emaranhado dos corpos. Esses tensores - de atribuição de valor e de distribuição no código categorial - seriam basicamente três: Gênero, Classe, Idade,

e mais um "oculto": Raça. A operação da prostituição constituiria centralmente uma tradução dessas tensões de distribuição "desejante" ao plano diretamente econômico. Os michês operariam nessa zona de tradutibilidade, remetendo as intensidades libidinais a quantidades monetárias. Para tornar possível esta operação, os sujeitos que intercambiam prestações (homo)sexuais devem estar ocupando certas "posições desejantes" no campo de valores eróticos do território (o gueto) onde esse encontro se consuma.

Os modelos de atribuição de valor imperantes na sociabilidade nômade do gueto expressam diferenças intensivas que dizem respeito diretamente ao plano do desejo. Assim, a tensão adulto/jovem exprimirá em termos categoriais uma relação de desejabilidade do adulto pelo jovem, ou vice-versa. O mesmo pode se dizer da tensão de gênero: neste caso, uma afirmação artificiosa da diferença parodia os rituais da heterossexualidade, que funcionam, pela sua vez, como modelo desejante geral do socius, como "regime sexual" dominante. Pode-se pensar que o modelo de circulação dos corpos na homossexualidade explora e desenvolve "valores subterrâneos" (Matza) da sociedade "normal". A tensão de classe, pela sua parte, reforça a imagem histórica do homossexualismo como transgressão das barreiras de classe, que fica mais evidente no episódio da prostituição: o relacionamento entre um homossexual adulto e "rico", e um rapaz pobre, tosco e viril.

Noutros termos, os agenciamentos do desejo seriam diretamente sociais, transindividuais, intersubjetivos. O desejo não ficaria restrito ao individual subjetivado, mas percorreria tensões de força que atravessam diretamente o campo social. Simultaneamente, essa "fuga libidinal" que fende as barreiras de classe, gênero, idade, raça etc., vai ser "reterritorializada" num duplo sentido: de um lado, uma captura do sujeito pelo código, como condição do seu desejo; para poder se expressar enquanto sujeito desejante, deverá circular e ingressar nas condições do mercado sexual, onde atribuirá e lhe será atribuído certo valor situacional, reinterpretável em cada encontro - o que o torna altamente mutável, sem que essa mutabilidade deixe de ser uma circulação entre as diversas casinhas do código econô-

mico-sexual. De outro lado, no negócio da prostituição em particular, a reterritorialização categorial vai dar lugar a uma circunversão explicitamente monetária.

Este dispositivo de reterritorialização tem uma dupla vertente: controla, mas também veicula o encontro sexual. O gozo em si aparece como resultante de uma operação econômico-sexual. As diferenças de intensidade (o plano do conteúdo) são vertidas a uma escala de qualificação (o plano da expressão) que age diretamente sobre o corpo e suas sensações. Essa escala de qualificação, que está na base do negócio todo, pode-se assentar numa multiplicidade de índices, que incluem alternativamente habilidades técnicas, atributos corporais, aspecto, beleza etc., e uma infinidade de peculiaridades que, em última instância, entram nas tensões de distribuição das diferenças desejantes.

No território da perversão, os movimentos de desterritorialização a reterritorialização são relativos. Há permanentemente mobilizações nos dois sentidos. Assim, desterritorialização a respeito da ordem familiar e do bairro, mas reterritorializações no circuito do mercado sexual; desterritorialização na abertura do corpo à perversão, mas reterritorialização na interdição do ânus e da boca etc. A partir desta fluidez de base, o sistema é altamente instável. De alguma maneira, a proliferação, complexificação, especialização e "localismo" das nomenclaturas classificatórias, podem estar dando conta dessa dificuldade de "organizar a desordem" ou "sistematizar o acaso".

O negócio do michê apresenta-se como um paradoxo: por um lado, põe em movimento uma fuga desejante que enlaça os corpos (uniões de órgãos, mais que conjugalizações personalizadas). Pelo outro lado, uma diversidade de dispositivos se instauram para controlar, canalizar, veicular essa eclosão desejante, de modo de evitar, esmagar ou neutralizar os perigos da fuga. Perigos estes que podem aparecer sob diversas formas: perigo de morte ou de violência corrido pelo cliente, perigo de paixão ou efeminamento vivido pelo prostituto etc.

Este duplo aspecto da prostituição viril - fuga libidinal, por um lado; proliferação de dispositivos de controle, pelo outro - aparece também nas tentativas de "organizar o acaso" presentes na própria deriva territorial. Assim, a "máquina de paquera" torna-se uma "máquina de cálculo", que opera através de detalhes infinitesimais: na maneira de olhar, caminhar, vestir, falar etc., os "entendidos" (e seus amantes pagos) vão escrutar uma multiplicidade de indícios, que preanunciam o devir de aventura. Esta não deixa de ser, de todos modos, altamente imprevisível. Está disposta a si mesma como acaso. Se trata, no final das contas, de apostar sobre o acaso, sobre o abismo, sobre o limite. Nesse gosto pelo risco - índice de des-territorialização de desmanchamento - parece residir o encanto do negócio.

Espécie de fato social total - na acepção de Mauss (1974b), que Maffesoli (1985, p.108) estende a todas as manifestações "orgiásticas" de "perversidade polimorfa" espalhadas pelo corpo social, sem deixar de constituir, pela sua vez, o "segredo" suporte do seu funcionamento: "circulação de orgia pelo corpo social, como princípio e garantia de socialidade" (id., p.11) -, a prostituição viril suporta também ser pensada do ponto de vista da troca, enquanto estrutura de prestação de serviços sexuais. Os interditos que pesam sobre o negócio (referidos à venalidade, à homossexualidade e à pederastia, Sché-ner e Hocquenghem, 1977) poder-se-iam associar com o tabu do incesto, que opera como modelo de interdito sexual (Bataille, 1979). Em ambas as situações, por dissimiles que elas sejam, o interdito revela seu caráter "positivo", enquanto operador ("incitador") de circulações de corpos e bens e agenciador de comunicações. (13)

(13) O interdito sexual não apenas agiria no sentido positivo ao ordenar as trocas e designar os parceiros, mas erotizaria o objeto mesmo da proibição. Diz Bataille (1979; p.296): "El objeto del interdicto, no fue revelado a la codicia por el hecho mismo del interdicto? Al ser el interdicto de naturaleza sexual, subrayó según la apariencia, el valor sexual de su objeto. O, más bien, le dio un valor erótico a ese objeto". No negócio do michê, os estigmas que pesam sobre a homossexualidade, a prostituição, a pederastia, viram pelo avesso sua dimensão excludente e negativa: revelam-se como operadores de intensidade libidinal.

Mas a "natureza erótica do vínculo" que se estabelece entre os parceiros impediria que os contratos amorosos fossem tomados apenas como uma "expressão particular da teoria da circulação de bens e signos", como faz Lévi-Stratuss, sendo preciso abordá-los "por aquilo que os distingue dos outros sistemas de comunicação", sugere Octávio Paz (1977, p.94/95) na sua crítica à perspectiva estruturalista. Assim, considerar que o contrato amoroso é meramente "uma relação entre signos que designam nomes (classes e linhagens) e valores (prestações)",⁽¹⁴⁾ implicaria deixar de lado a dialética própria dos signos passionais ("dom e possessão, desejo e gasto vital") que transcendem e desbordam a comunicação.

No campo da prostituição viril esta cautela teórica se revela pertinente se se pensa, por exemplo, no caráter permanentemente frágil do contrato - entendido este como a ordenação de um sistema de prestação entre prostituto e cliente -, que parece 'feito para ser transgredido'. No seu limite, o desencadeamento da violência está de alguma maneira previsto (e fantasiado) em certa "paixão pelo risco" que emaranha os labirintos do negócio e ronda os discursos dos protagonistas. Paixão esta que, paradoxalmente, ocorreria paralela a outra, que vai se superpor àquela: o que Baudriillard (1981, p.97) denomina "paixão pelo código". Assim, nova duplicidade: ao mes-

(14) Lotringer (1981) critica uma concepção similar, conforme à qual o sexo seria apenas comunicação: "It is no sex, it is communication that is communicated through sexuality" (p.293), que reduziria a reverberação das sensações intensivas a um mero código simbólico de intercâmbio "interpessoal". No entanto, não seria um princípio de comunicação o que prevaleceria nos relacionamentos da prostituição, mas um impulso de despesa, de voluptuosidade, de gasto exuberante, que instauraria, aliás, para se desenvolver fora dos interditos sociais (que fundamentam a "humanidade"), um mundo de degradação e ruínas: "La prostitución, el vocabulario ordinario y todos los vínculos del erotismo y de la infamia contribuyen a hacer del mundo de la voluptuosidad un mundo de degradación y de ruina (...) Queremos siempre estar seguros de la inutilidad, del carácter ruinoso de nuestro gasto" (Bataille, 1979, p.236). Essa impulsão de perda assimilaria a prostituição ao potlatch e à pilhagem do nômade: "Un jeu de consommation somptuaire si proche de cette destruction que la nature pratique elle même qu'on le dirait son prolongement. (...) La 'potlatch' que il fait de la mort et du gaspillage n'on aucune finalité, aucune fonction. Il exalte à la fois la rareté, le périssable et la jouissance" (Duvignaud, 1975, p.22).

mo tempo que o esbanjamento exuberante do excesso impediria a redução do vínculo erótico a uma mera relação entre signos "comunicativos", o erótico é também o território de uma intensa, proliferante codificação, que aponta a uma "estereotípiã geral dos modelos de beleza, regra absoluta em questão de rosto e corpo" (a "máquina de rosto" do Mille Plateaux), mediante a generalização do valor da troca. O erótico apareceria assim sendo "a reinscrição do erógeno num sistema homogêneo de signos (gestos, movimentos, emblemas)", de modo a constituir uma "heráldica do corpo" (Baudrillard, 1981, p.100).

Ainda reconhecendo a persistência de certo "desejo de perda" (lapsos de vontade ausentes das análises sócio-econômicas, onde reinaria uma "racionalidade indefetível", p.268), no global a tradução ao equivalente geral se imporia ao desejo, que passaria a funcionar como "desejo de código", donde - deduz Baudrillard, p.269 - "o desejo não tem vocação para se realizar na liberdade, mas na regra, não na transparência de um conteúdo de valor, mas na opacidade do código de valor". Aliás, este mecanismo de captura desejante sustentaria a ordem social: "É com este investimento da regra pelo desejo que a ordem social se encontra ligada" (id., p.274).

A prostituição viril - particularmente "marginal", afundada nos "paraísos artificiais" do vício, do crime, da perversão, seria talvez um desses fenômenos onde um desmesurado impulso de perda - uma "linha de fuga" emaranhada em certa "paixão de abolição" - onde a destruição do outro é um correlato da própria autodestruição do ego (como diz Bataille, 1979, a respeito de Sade) -, enredar-se-ia quase que inextricavelmente com uma codificação proliferante e difusa, que tenta traduzir as mínimas intensidades do encontro dos corpos (vestidos com suas tatuagens "simbólicas", talhados com a disciplina da ordem) ao equivalente geral da segmentação monetária - do capital.

Neste segundo mecanismo o funcionamento "desejante" de uma multiplicidade de práticas sociais se coloca em questão. O desejo, lançado à circulação através do dinheiro (pensado aqui como fluxo de intensificação, e não somente como signo "racional"), carrega, para se excitar, oposições sociais que fraturam profundamente (historicamente) o corpo social.

O Negócio do Michê desenvolve-se num território ambíguo, nas margens do corpo social, a cavalo entre o desejo e a morte, entre a interrupção passional e a submissão ao sistema de regras e preços do mercado. A periculosidade da profissão de prostituto reside em que está sempre se jogando a compra-venda com valores demasiadamente carregados - sujeitos ao deslizamento de uma carícia sobre a pele. Dos distúrbios e perambulações desse percurso (feito de sensações libidinosas) pode proceder, precisamente, o desencadeamento de certa pulsão mortífera que ronda o negócio. No entanto, essa tensão terror/gozo não se efetua, à maneira do ritual masoquista de produção "dolorífera" de um "corpo sem órgãos" de pura intensidade (Deleuze e Guattari, 1980), num salão reservado, mas executa suas cerimônias (por vezes patéticas) no próprio plano da circulação social. Os indivíduos fazem ingressar seus corpos sobretatuados, maquiados (maquete de uma representação teatralizada e grotesca, de um simulacro que parodia, atualizando sua virtualidade, os rituais da normalidade) num "código-território" de regras preexistentes.

Tratar-se-ia então de uma maquinaria que funciona socialmente, articulando séries (ou fluxos) corporais e monetários - de um agenciamento, no dizer de Deleuze e Guattari, onde uma máquina de sobrecodificação (da ordem jurídica dos enunciados e as regras) vai agir diretamente no plano da "mélange" dos corpos, das intensidades corporais. Um agenciamento é uma conexão de fluxos: fluxos de dinheiro e desejo, de paixão e de morte, de corpos clientes (homossexuais marginalizados pela idade e pelo estigma), de corpos prostituídos (adolescentes minoritarizados pela juventude e pela miséria).

Agenciamento específico, singular, onde o desejo - enquanto "engeneering" de fluxos moleculares - põe em movimento um dispositivo social, a prostituição viril participa de uma dupla condição: é simultaneamente produção desejan-te e produção de bens - já que o corpo é tomado como mercadoria, reintroduzindo assim as pulsões perversas que "escapam" pelos poros ou "pontos de fuga" do socius na ordem do capital.

É interessante notar como esse "agenciamento desejante" procede introduzindo no mercado dos corpos um valor socialmente hipervalorizado: a masculinidade (a lei do falo da dominação masculina). Os jovens corpos masculinos (o prezado bem dos adolescentes) são colocados a venda no mercado homossexual. Movimento paradoxal do capital:

"El capital confunde todo; libidiniza los dineros, monetariza las pasiones (...). Al soltar los flujos de la producción, al volcar indiscriminadamente todos los bienes - cualquiera que ellos sean - al mercado, el capital socava, incluso a pesar (en contra?) de sí mismo, los viejos cánones prohibicionistas de que hace uso para sustentar su dominio. Por imperio de la ley de la ganancia, del principio de rendimiento marcusiano, los varones lanzan sus sexos - reservados en principio sólo para la heterosexualidad - al mercado de la prostitución homosexual; pero no venden su alma; ya que su apego a los paradigmas de la normalidad les permite-o eso es, al menor, lo que se cree - alquilar sólo sus 'cuerpos' (Perlongher, 1981b, p.71).

A virilidade - e nem tanto a virilidade quanto sua impostação, sua caricatura - desvela seu valor de troca. O dinheiro, fetichizando-a, a resguarda, in extremis, de anulá-la no círculo vicioso das paixões perversas.

Esta valorização parece (ou melhor, pretende) dissipar, reduzindo-as a "intensidades médias", - mas somente com o efeito de torná-las bens intercambiáveis, de integrá-las no circuito mercantil e suas leis da oferta e da procura - as paixões cuja eclosão é contabilizada.

Dissimulação, simulacro: o macho deve manter sua (im)postura viril, não somente como parte da sua própria maquinação perversa, mas também como exigência do mercado. O negócio do michê é também o episódio de uma atualização do "desejo de submissão" (La Boétie): o desejo do macho. Este macho é encarnado por um adolescente

valente: o socialmente mais fraco carrega, contabilizando-os, os atributos mais fortes. Na sua marginalidade, a prostituição revela (ou condensa residualmente) uma operação que afeta o campo social global. O desejo do macho, explicitado neste circuito, permitiria iluminar obscuros entramados que dispõem a produção e reprodução, a recriação, de um modo de dominação sócio-sexual.

Por outra parte, a dominação atribuída ao jovem macho ver-se-ia de alguma maneira "compensada", no circuito da prostituição viril, pela dominação sócio-econômica concreta do cliente enquanto comprador e "tasador" de um adolescente geralmente desprovido de meios de subsistência, e relativamente "desterritorializado" a respeito da ordem da família e do trabalho. Este complicado jogo de dominações combinadas se expressa, entre outras coisas, no duplo sentido da confiscação predatória do cliente, que pode aparecer como um ato legítimo de sobrevivência, mas também como um castigo infligido pelo macho "normal" ao homossexual "desviante".

No dispositivo da prostituição atualizam-se, aliás, outras virtualidades sociais. Desejo da bicha pelo macho, mas também do adulto pelo jovem, do rico pelo pobre. Oposições que, sob diferentes formulações, atravessam o corpo social no seu conjunto, se articulam neste caso (e nisso reside seu interesse) diretamente no nível do desejo sexual. As sobrecodificações do socius são, elas próprias, desejadas.⁽¹⁵⁾ Mecanismos sociais que aparecem "do avesso", no seu lado desejante e turbulento.

(15) Isto diz respeito, para falar como Paul Veyne, às condições de atualização de uma disposição virtual. Veyne, propondo substituir uma "filosofia do objeto tomado como fim ou como causa, por uma filosofia da relação", vai considerar desejo "ao fato de que as pessoas se interessam pelos encadeamentos virtuais e os fazem funcionar (Veyne, 1982, p.166). Este desejo é "a coisa mais óbvia do mundo": "O desejo é o fato de que os mecanismos giram, de que os encadeamentos funcionam, de que as virtualidades (...) se realizam, preferentemente a não se realizarem: 'todo encadeamento exprime e realiza um desejo construindo o plano que o torna possível'", diz Veyne, citando a Deleuze, e acrescenta: "Esse desejo, como a cupiditas em Spinoza, é o princípio de todos os outros afetos. A afetividade, o corpo sabe mais do que a consciência". (id., p.197).

Virada pelo avesso, a estrutura - da ordem do molar - revela as intensidades moleculares que a alimentam e a trabalham; uma espécie de energética pulsional pondo em movimento o quadro topológico: "Para un buen organon explicativo, hacen falta dos cosas: una topología, es decir, el dibujo en general de lo que se quiera explicar en un espacio determinado, y por otra parte, la energética que circula en el grafo en cuestión, en cuyo caso ya no se tiene simplemente una representación estática de la explicación, sino que también se ve lo que circula y lo que sucede dinámicamente em dicho estado de cosas ... la topología y la energética a la vez" (Serres, 1981, p.48/49).

Uma "topologia" do negócio do michê procuraria então pôr em circulação os fluxos desejantes que animam o quadro social, sem esmagá-los na sujeição ao circo-teatro da representação, nicho da "câmara representativa" que encobre (e exclui) as práticas e as intensidades passionais. Uma energética do desejo no campo social deveria figurar nessa topologia projetada.

O limitado campo da prostituição viril - fascinação sociológica das formações marginais, já que nas bordas do corpo social podem desdobrar-se com clareza prístina mecanismos que no seu centro esfumam-se⁽¹⁶⁾ - permite vislumbrar certo estado singular de entrelaçamento onde códigos sociais e sensações corporais se agenciam, com o capital enquanto "equivalente geral" veiculando essas operações de transdução. Na sua singularidade - que está longe de ser insular - o negócio do michê manifesta uma modalidade de funcionamento do desejo no campo social, que seria passível de ser estendida a outros territórios e articulações, se, como querem Deleuze e Guattari, "existe el deseo, lo social y nada más".

(16) Como assinala Augras (1985), cabe focar os "grupos marginais" não como exemplos de patologia social, mas, ao contrário, como maquetes altamente representativas das contradições estruturais da sociedade global. Tais grupos expressariam mais cruamente os conflitos, as ambigüidades, os sistemas de valores e até mesmo os lidos da sociedade, que aparentemente os rejeita, enquanto os cria e alimenta"(p.107). Essa condição cumprir-se-ia ao tratar a prostituição viril sob a perspectiva do contrato, já que "a codificação do relacionamento interpessoal em termos de circulação do dinheiro, ou seja, a substituição das trocas afetivas e emocionais por um sistema abstrato de compra e venda, constitui precisamente uma das características da nossa sociedade". (id.)

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Frits & DULMERS, Robert
 (1982) "Op Straat" (Jongens-prostitutie in Amsterdam), in Vrij Nederland n^o 43, p.5, Amsterdam.
- ABRAHAM, Tomás
 (1985) "De una lógica del sentido a una lógica del deseo", Buenos Aires (xerox).
- ADÉ DUDU
 (1981) Negros e Homossexuais, Salvador (folheto)
- ALHONTE, Michel
 (1981) "Confronting ageism", in: Tsang (org.): The Age Taboo: Gay Male, Sexuality, Power and Consent. Boston, Alyson.
- ALMENDROS, Néstor e JIMENEZ LEAL, Orlando
 (1984) Conducta Impropia. Madrid, Playor.
- ALTHABE, Gérard
 (1978) "Ethnologie Urbaine: Problematique" (Notas de Curso), Paris (xerox; gentileza de Suely Kovess)
- ALTMAN, Denis
 (1980) "Down Rio Way", in Cristopher Street, april 1980, San Francisco.
- ALVES DE ALMEIDA, Sérgio
 (1984) Michê. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC-SP (mimeo)
- AMADO, Jorge
 (1979) Capitães da Areia. Rio de Janeiro, Récord.
- ANGELO, Assis
 (1985) "E o mundo está perdido", in Folha de S. Paulo, Suplemento "Mulher", 16/04/85. S. Paulo.

ARIES, Philippe

(1981) História Social da Família e da Criança. Rio de Janeiro, Zahar.

(1985) "Reflexões sobre a história da homossexualidade", in Sexualidades Ocidentais, Lisboa, Contexto.

AUGRAS, Monique

(1985) "Poder do desejo ou desejo do poder?", in Arquivos Brasileiros de Psicologia. vol. 37, nº 2, abril/junho, Rio de Janeiro (pp.106/109).

AUGRAS, Monique et alii

(1982) "O espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea", in Arquivos Brasileiros de Psicologia. vol. 34, nº 3, jul./set., Rio de Janeiro (pp.25/40).

AZEVEDO, Thales de

(1975) Namoro ã antiga. Salvador, Bahia.

BARBOSA, Gustavo

(1984) Grafitos de Banheiro. São Paulo, Brasiliense.

BARBOSA DA SILVA, José

(1959) "Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo", in Revista de Sociologia, vol. XXI, nº 4, out., São Paulo.

BAREL, Yves

(1982) La Marginalité Sociale. P.U.F., Paris.

BARTHES, Roland

(1977) "Elôgio Ambíguo do Contrato", in Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo, Cultrix (Trad.: L. Perrone-Moisés).

BATAILLE, George

(1979) El Erotismo. Barcelona, Tusquets (Trad. F. Vincens).

BAUDRILLARD, Jean .

(1979) "Ritual-Code-Lex", in Maffesoli e Bruston (org.): Violence et Transgression. Paris, Anthropos.

(1981) Para uma crítica da economia política do signo. Lisboa, Ed. 70 (Trad. A. Alves).

BECKER, Howard S.

(1971) Los Extraños. Sociología de la Desviación. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo (Trad. J. Tubert).

BEEL, Alan & WAINBERG, Martin

(1979) Homossexualidade. Informe de la Fundación Kinsey. Madrid, Debate (Trad. Aguilar/Torres).

BELLADONA, Judith

(1977) "La Prostitution", in Folles femmes de leur corps, Recherches nº 26, Fontenay-sous-Bois.

BELLADONA, Judith & QUERRIEN, Anne

(1977) "Proxenetisme, marges, somatisation: le désir de prostitution", in Belladonna, Folles femmes de leur corps, Recherches, nº 26, Fontenay-sous-Bois.

BENJAMIN, Walter

(1980) "Sobre alguns temas em Baudelaire", in Benjamin/Adorno/Horkheimer/Habermas, Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural.

BENOIST, Jean-Marie

(1981) "Facetas de la Identidad", in Lévi-Strauss (org.): La Identidad (Seminario). Barcelona, Petrel, 1981 (Trad. B. Dorriots).

BISSO, Patrício

(1984) "A Praça da Alegria", in Folha de S. Paulo, Suplemento "Ilustrada", 25/10/84, São Paulo.

BIVAR, Antonio

(1980) "O paraíso gay, São Paulo, é claro", in Revista Especial, fev., São Paulo.

BLACHFORD, Gregg

(1981) "Male dominance and the gay world", in Plummer (org.): The Making of the Modern Homosexual. London, Hutchinsons.

BORDIEU, Pierre

(1980) La Distinction. Paris, Seuil.

BRUCKNER, Pascal & FINKIELKRAUT, Alain

(1979) El Nuevo Desorden Amoroso. Barcelona, Anagrama (Trad. J. Jordá).

BURROUGHS, William

(1982) "Burroughs habla". Entrevista a V. Bockris, in Quimera nº 24, Barcelona.

CAIAFA, Janice

(1985) Movimento Punk nas Cidades. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CAMINHAS, Adolfo

(1985) Bom Crioulo. São Paulo, Ática.

CARDIN, Alberto

(1984) Guerreros, Chamanes y Travestis. Barcelona, Tusquets.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto

(1976) Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo, Pioneira.

CARELLA, Túlio

(1968) Orgia, Rio de Janeiro, José Álvaro Editor.

CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela

(1974) "Sobre definições 'sexuais' e classificações: a retórica do universo homossexual". Campinas (mimeo).

(1985) Negros, Estrangeiros. São Paulo, Brasiliense

CARRIER, Joseph

- (1976) "Cultural Factor Affecting Urbain Mexican Males Homosexual Behaviour", in Archives of Sexual Behaviour, vol. 5, nº 2, (pp.103/124).
- (1977) "Sex Role Preferences as an Explanatory Variable in Homosexual Behaviour", in Archives of Sexual Behaviour, vol. 6, nº1, pp.53/65.

CASTELLS, Manuel

- (1972) "El Centro Urbano", in Problemas de Investigación en Sociología Urbana. Buenos Aires, S. XXI.
- (1984) "Cultural Identity, Sexual liberation and Urban Structure: Gay Community in San Francisco", in The City and the Grassroots. Berkeley, University of California Press.

CERFI

- (1975) Genealogie du Capital I. Les équipements du pouvoir. Recherches nº 13, Fontenay-sous-Bois.

CHRYSÓSTOMO, Antonio

- (1978) "Os caubos, seus clientes...", in Lampião, ano 1, nº 1, maio, Rio de Janeiro.

CHURCHILL, Wainwright

- (1969) Comportamiento Homosexual entre Varones. México, Grijalbo (trad. G.G. Nicolau).

CLASTRES, Pierre

- (1979) A sociedade contra o Estado. Porto, Afrontamentos (trad. B. Frey).

CLINARD, Marshall

- (1975) Las Implicancias Teóricas de la "Anomie" y la Conducta Desviada. Textos Universitários 13, Buenos Aires, Paidós.

CLOSE, Roberta e outros (entrevistados)

(1981) "Os Travestis da Vida". Revista Close nº 6, jan., São Paulo.

COHEN CORDEIRO, Helena

(1980) O Centro da Metrópole Paulistana: Expansão Recente. São Paulo. Instituto de Geografia - USP (Série Teses e Monografias).

CORREIA, Mariza

(1980) "Cara, cor, corpo". Campinas (mimeo).

DAMATA, Gasparino

(1975) Os Solteirões. Rio de Janeiro, Pallas.

DA MATTA, Roberto

(1983a) Carnaval, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Zahar.

(1983b) "Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro", in Marinho (org.): A Arte Sacana de Carlos Zéfiro, Rio de Janeiro, Marco Zero.

DANTAS, Eduardo

(1979) "Uma Praça chamada República". Lampião, ano 2, nº 13, jan., Rio de Janeiro.

DELEUZE, Gilles

(1969) Sacher-Masoch y Sade. Córdoba (Arg.), Ed. Universitaria de Córdoba.

(1980) "A ascensão do social". Prólogo a Donzelot, Jacques: A Polícia das Famílias, Rio de Janeiro, Graal.

(1985) "Pensamento Nômade", in Escobar (org.): Por que Nietzsche? Rio de Janeiro, Achiamé.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix

(1974) El Antiedipo. Buenos Aires, Barral/Corregidor (trad. F. Monge).

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix

(1980) Mille Plateaux. Paris, Ed. de Minuit.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire

(1980) Diálogos. Valencia, Pre-Textos (Trad. J. Vázquez).

DAGHINI, Gairo

(1983) "Babel-Métropole", in Change International nº 1, Paris, aut.

DEVEREAUX, George

(1975) "Consideraciones Etnopsicoanalíticas sobre la noción de parentesco", in Etnopsicoanálisis Complementarista. Buenos Aires, Amorrortu (trad. F. Setano).

DONOSO, José

(1977) El Lugar sin Límites. Madrid, Sedmay.

DONZELOT, Jacques

(1976) "Uma Anti-Sociologia", in Capitalismo e Esquizofrenia. Dossier Antiédipo. Lisboa, Assírio & Alvim, p.153/184 (trad. J. A. Furtado)

(1980) A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro, Graal.

DOS SANTOS, Carlos Nelson F.

(1976) "Bichas e entendidos: a sauna como lugar de confronto." Rio de Janeiro (mimeo).

DREW, Dennis e DRAKE, Jonathan

(1969) Boys for Sale. New York. Brown Books Company.

DURHAM, Eunice

(1983) "Antropologia Hoje: Problemas e Perspectivas". Apresentação G. T. Cultura Popular e Ideologia Política da ANPOCS, Águas de São Pedro (versão preliminar, mimeo).

DURHAM, Eunice & CARDOSO, Ruth

(1973) "A investigação antropológica em áreas urbanas", in Revista de Cultura Vozes, vol. 67, nº 2.

DOVIGNAUD, Jean

(1975) "Esquisse pour le Nomade", in Nomades et Vagabonds. Cause Commune. 10/18. Paris, Union Générale d'Éditions.

ERDMAN, Regina Maria

(1981) Reis e Rainhas no Desterro. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (mimeo).

ECHAVARREN, Roberto

(1985) Animalaccio. Edicions del Mall, Barcelona.

ESTADO DE S. PAULO

01/04/80 "Polícia já tem planos para travestis."

EVANS PRITCHARD, Edward

(1978) Os Nuer. São Paulo, Perspectiva.

F.

(1984) "Summer 77", in O Corpo nº 6, São Paulo

FERNANDEZ, Dominique

(1982) "Ne Fait Pas le Proces de Pasolini" (Presentation), in Gai Pied nº 37, abril, Paris.

(1985) Pela mão do anjo. Rio de Janeiro, Rocco (trad. M. Calderaro).

FERNANDEZ, Juanjo

(1978) "Chaperos: Marginación en la Marginación, Revolución en la Revolución", in Ajo Blanco nº 30, Barcelona.

FOLHA DE S. PAULO

- 17.03.80 "Comerciantes apóiam rondas de Richetti."
 14.06.80 "Na Avenida São João passeata pede fim da violência."
 05.02.82 "Delegado investe contra travestis."
 09.02.82 "Mesas na calçada atraem os novos boêmios."

FOUCAULT, Michel

- (1976) Vigilar y Castigar. México, S. XXI (trad. A. C. del Camino).
 (1979) Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal (trad. R. Machado).
 (1982) História da Sexualidade I. A vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal.
 (1985) "Opción Sexual y Actos Sexuales". Entrevista a James O'Higgins, in Steiner & Boyer (org.): Homosexualidad, Literatura y Política. Madrid, Alianza (trad. Serratacô/Aguilar).

FONSECA, Guido

- (1982) História da Prostituição em São Paulo. São Paulo, Resenha Universitária.

FREITAS, Renan Springer de

- (1985) Bordel, Bordéis: Negociando Identidade. Dissertação de Mestrado, IUPERJ, Rio de Janeiro.

FREUD, Sigmund

- (1974) Una Teoría Sexual, in Obras Completas, vol. 1, pp.777/824. Buenos Aires (trad. L. L. Ballesteros).

FROTA NETO

- (1984) "Homossexualismo é treino militar para jovens neofascistas". Folha de S.Paulo, 01/12/84.

FRY, Peter

- (1982) "Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil", in Para Inglês Ver, Rio de Janeiro, Zahar (pp.87/115).
- (1982b) "Ser ou não ser homossexual, eis a questão", in Folha de S. Paulo, Suplemento "Folhetim", 10.01.82.
- (1982c) "Leônie, Pombinha, Amaro e Aleixo: Prostituição, Homossexualidade e Raça em Dois Romances Naturalistas", in Caminhos Cruzados (vários autores), São Paulo, Brasiliense.

GASPAR, Maria Dulce

- (1984) Garotas de Programa. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

GEERTZ, Clifford

- (1978) A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Zahar (trad. F. Wrobel).

GENET, Jean

- (1975) El Balcón. Buenos Aires, Losada.
- (1977) Diario del Ladrón. Barcelona, Planeta (trad. Gallego/Reverte).
- (1979) Querelle de Brest. Madrid, Debate (trad. F. S. Medeiros).
- (1980) Milagro de la Rosa. Madrid, Debate (trad. Gallego/Reverte).
- (1983) Nossa Senhora das Flores. Rio de Janeiro, Nova Fronteira (trad. N. Goldman).

GOFFMAN, Irving

- (1975) Estigma. Rio de Janeiro, Zahar.

COUVÊA, Mônica; RAMIRES, Luis; MASSI, Fernanda; MORAES, Eliana;
RUDGE, Mariana; HOMEM DE MELLO, Carmem

(1985) "Sob o Céu da Boca: Algumas imagens da violência". Relatório de Pesquisa, USP, São Paulo (mimeo).

GROSSMAN, Rosa L. de

(1985) "Os homis as preferem guci". O Corpo nº 6, fev., São Paulo.

GRUPO OUTRA COISA DE AÇÃO HOMOSSEXUALISTA

(1981) O Bandeirante Destemido. Guia Gay de São Paulo, São Paulo.

GUATTARI, Felix

(1981) A Revolução Molecular. São Paulo, Brasiliense.

(1986) "Impasse Pós-Moderno e Transição Pós-Mídia", in Folha de S. Paulo, Suplemento "Folhetim", 13.04.86.

GUERIN, Daniel

(1956) Kinsey y la Sexualidad. Buenos Aires, Leviatán (trad. A. Issacharoff).

GUIMARÃES, Carmem Dora

(1977) O Homossexual Visto por Entendidos. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro (mimeo).

(1984) "Casos e Acasos" Anais do IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Águas de São Pedro (folheto).

HENNIG, Jean-Luc

(1978) Les Garçons de Passe. Enquête sur la Prostitution Masculine. Paris, Libres Hallier.

(1985) "Trottoir au Masculine", in Gai Hebdo Pied nº 53, jan., Paris (p.35).

HERMANN, Lucila

- (1947) "Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: A Estrada do Café (1935)", in Revista do Arquivo Municipal, ano X, vol. XCIX, São Paulo.

HOCQUENGHEM, Guy.

- (1974) Homosexualidad y Sociedad Represiva. Buenos Aires, Granica (trad. K. Molinari).

- (1979) Race d'Ep! Paris, Ed. Livres Gallier.

- (1980) A Contestação Homossexual. São Paulo, Brasiliense (trad. C. M. MOURA).

- (1981) "Revolucionário é o travesti". Entrevista a Paulo Ottoni, in Lampião nº 37, abril, Rio de Janeiro.

HOFFMAN, Martin

- (1979) "Male Prostitute", in Levine (org.): Gay Men: The Sociology of Male Homosexuality. New York, Harpers & Row.

HOOKEE, Evelyn

- (1973) "Homossexuais Masculinos e seus 'mundos'", in Marmor (org.): A Inversão Sexual, Rio de Janeiro, Imago.

Revista INTERNACIONAL

- (1984) "Garotos de Vida Fácil", nº 14 A (Edição especial gay), pp.13/14.

JOÃO ANTÔNIO

- (1982) Dedo Duro. Rio de Janeiro, Récord.

KARPMAN, Benjamin

- (1974) Homosexualidad y Sociedad Carcelaria. Buenos Aires, Hormé.

KINSEY, A. et al

- (1972) O Comportamento Sexual do Homem. Lisboa, Meridiana.

KLEINBERR, Seymour

(1979) "Gay Macho: uma nova tragédia americana". In Lampião, ano 1, nº 8, Rio de Janeiro.

KLOSSOWSKY, Pierre

(1970) Sade, mi próximo. Buenos Aires, Sudamericana (trad. G. de Solá).

LACEY, E. A.

(1979) "Latin American: Myths and Realities", in Gay Sunshine nº 40/41, San Francisco.

LAFONT, Hubert

(1983) "Os Bandos de Jovens", in Sexualidades Ocidentais, Lisboa, Contexto.

LAMBORGHINI, Osvaldo

(1973) Sebregondi Retrocede. Buenos Aires, Noé.

LAMPIÃO

(dez. 1980) "Richetti volta às ruas". Ano 3, nº 31, Rio de Janeiro.

LAURITSEN, John & THORSTAD, David

(1977) Los Primeros Movimientos en Favor de los Derechos Homosexuales (1864/1935). Barcelona, Tusquets.

LEFEBVRE, Henri

(1978) "Introducción a la Psicología de la Vida Cotidiana", in De lo Rural a lo Urbano. Barcelona, Península.

LENNON, David

(1977) "Gay Life in Macho México", in Cristopher Street. Julho e Agosto.

LEVINE, Martin

(1979) "Gay ghetto", in Levine (org.): Gay Men: The Sociology of Male Homosexuality. New York, Harpers & Row.

LEZAMA LIMA, José

(1968) Paradiso. Buenos Aires, Ed. de la Flor.

LOBERT, Rose Marie

(1979) Dei Croquettes: uma resposta difícil de se perguntar. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UNICAMP (mimeo).

LYOTARD, Jean

(1979) Economía Libidinal. Madrid, Saltés (Trad. R. A. Alonso).

MADRAS, Judah

(1972) "El concepto de 'desorganización' social e individual", in Hauser (org.): La Investigación Social en las Zonas Urbanas (pp.191/205). Barcelona, Labor (trad. M. García).

MAFFESOLI, Michel

(1985) A Sombra de Dionísio. Contribuição a uma Sociologia da Orgia. Rio de Janeiro, Graal (trad. A. R. Trinta).

MAZZARIOL, Regina

(1976) Mal necessário: ensaio sobre o confinamento de prostitutas na cidade de Campinas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP (mimeo).

MARCUSE, Herbert

(1970) Eros y Civilización. Barcelona, Seix Barral (trad. J. G. Ponce).

MANTEGA, Guido

(1979) Sexo e Poder. São Paulo, Brasiliense.

MARSHALL, John

(1981) "Pansies, perverts and macho men: changing conceptions of male homosexuality", in Plummer (org.): The Making of the Modern Homosexual. London, Hutchinson.

MARROU, Henri-Irenés

- (1976) Historia de la Educación en la Antigüedad. Buenos Aires, EUDEBA (trad. J. Mayo).

MAUSS, Marcel

- (1974a) "As Técnicas Corporais", in Sociologia e Antropologia, vol. II, São Paulo, EPU-EDUSP.

- (1974b) "Ensaio sobre a dádiva" (no mesmo volume).

MC RAE, Edward

- (1985) "Em defesa do gueto". Novos Estudos CEBRAP, vol.2.1 (p.53/60). São Paulo.

- (1985) O Militante Homossexual no Brasil da "Abertura". Tese de Doutorado em Antropologia - USP. São Paulo.

MEIRA, Alvarar

- (1957) "O Trottoir na cidade de São Paulo". Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Serviço Social de S. Paulo, SP (mimeo).

MIELI, Mario

- (1979) Elementos de Crítica Homossexual. Barcelona, Anagrama.

MISSE, Michel

- (1979) O Estigma do Passivo Sexual. Rio de Janeiro, Achiamé-Sociedade.

MOLINA, Daniel

- (1985) "El Sexo no oficial", in El porteño. ano II, nº 42, Buenos Aires.

MORAES JOANIDES, Hiroito

- (1977) Boca do Lixo. São Paulo, Ed. Populares.

MOSCATO, Enzo

- (1976) "Spacca Napoli e Boca-culi", in La Política del Corpo, Fuori, Savelli, Roma.

MOTT, Luiz

- (1982) "Dez Viados em Questão: Tipologia dos Homossexuais da Cidade de Salvador, Bahia". Comunicação. 13ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. São Paulo (mimeo).

MOUNIER, Jacques

- (1978) Os Moleques de Bogotá. Rio de Janeiro, Difel.

MURARD, Lion & ZYBERMAN, Patrick

- (1976) Le Petit Travaille Infatigable. Recherches n° 25. Fontenay sous-Bois.

NOGUEIRA DE SÁ, Júnia

- (1985) "Desinformação sobre AIDS muda hábitos de paulistano". Folha de S.Paulo 04/08/85. 3ª Caderno, p.33.

OLIVEN, Ruben

- (1980) "Por uma antropologia em cidades brasileiras", in Velho, G. (org.): O Desafio Urbano. Rio de Janeiro, Zahar.

- (1985) A antropologia de grupos urbanos. Petrópolis, Vozes.

OTTONI, Paulo

- (1981) "A prostituição homossexual e o travesti". Campinas (mimeo)

PARK, Robert E.

- (1975) "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano", in Velho, O.G. (org.): O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar.

PASOLINI, Pier Paolo

- (1978) "Desbloqueando o Tabu", in Lampião. Ano 1, n° 5, Rio de Janeiro (trad.: C. Marques).

PAZ, Octavio

- (1977) Lévi-Strauss, ou o Jardim do Bisopo. São Paulo, Perspectiva (trad.: S. M. Santeiro).

PENTEADO, Darcy

(1980, maio) "Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matem e comam os travestis", in Lampião, ano 2, nº 24, Rio de Janeiro.

(1980, dez.) "Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti", in Lampião, ano 3, nº 31, Rio de Janeiro.

PEREIRMAN, Janice

(1977) O Mito da Marginalidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

PERLONGHER, Néstor

(1981a) "La incidencia del abandono familiar en la prostitución homosexual masculina", in Pérez Alvarez, Perlongher, Sal Llarguez: A Família Abandónica y sus Consecuencias. Buenos Aires, EUDEBA-CEA.

(1981b) "Prostitución Homosexual; El Negócio del Deseo", in Revista de Psicología de Tucumán, ano 2, nº 3/4, S. Miguel de Tucumán (Arg.).

(1985) "La Represión al Homosexual en la Argentina", in El Porteño, ano 2, nº 22, Buenos Aires.

(1985a) "AIDS", in Folha de S.Paulo, "Primeira Leitura", 20/07/85, São Paulo.

(1985b) "La Explosión de los Travestis", in El Porteño, ano 4, nº 44, Buenos Aires.

(1986) "O Desejo de Pê". Post-fácio a Mattoso, G.: Manual do Pedólatra Amador. São Paulo, Expressão.

PESSOA FERREIRA

(1984) "Morrem os últimos malandros e a violência passa a reinar na Boca". Folha de S.Paulo, 11/04/84.

PIEDELLE, M. e DELAUNDY, P.

- (1978) "Construction et choix d'objects en fonction des modalités de rapport au groupe observé". Notas de curso de Etnologia Urbana, Paris (Gentileza de Suely Kofes) (xerox).

PINHEIRO, Alceste

- (1980) "De ativos, passivos e reflexivos", in Lampião, ano 3, nº 31, Rio de Janeiro.

PITT RIVERS, Julian

- (1979) "Antropología del Honor, o Política de los Sexos". Barcelona, Grijalbo (trad. C. Manzano).

PIVA, Roberto

- (1963) Paranóias. São Paulo, Massão Ohno.

PLOEGMAKERS, Ruud e PERRUCHOT, Antonie

- (1981) "Brésil: La vie carioca", in Gay Pied nº 41, Paris.

PLUMMER, Kenneth

- (1981) "Homosexual categories: some research problems in labelling perspectives of homosexuality", in Plummer (org.): The Making of Modern Homosexual. London, Hutchinson.

- (1983) "O Tornar-se Gay: Identidades, Ciclos de Vida e Estilos de Vida no Mundo Homossexual Masculino", in Hart & Richardson (org.): Teoria e Prática do Homossexualismo, Rio de Janeiro, Zahar.

POLLAK, Michel

- (1983) "A homossexualidade masculina, ou: felicidade no ghetto?", in Sexualidades Ocidentais. Lisboa, Contexto (p.51/73).

PONTES, Heloísa

- (1983) "Práticas Feministas no Brasil Contemporâneo. Um Estudo de Caso: O S.O.S. Mulher". Projeto de Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, Campinas (xerox).

PRANDI, Reginaldo

- (1979) "Homossexualismo: duas teses acadêmicas", in Lampião, ano 1, nº 11, Rio de Janeiro.

PUIG, Manuel

- (1976) El Beso de la Mujer Araña. Barcelona, Seix Barral.

QUEROUILL

- (1978) "Melanges", in Masculinités. Recherches nº 35, Fontenay-sous-Bois.

QUIJANO, Aníbal

- (1975) "La Formación de un Universo Marginal en América Latina", in Castells, M. (org.): Imperialismo y Urbanización en América Latina, Barcelona, G. Gili.

- (1978) "Estrutura Urbana e Marginalidade Social", in Pereira, Luiz (org.): Populações Marginais. São Paulo, Duas Cidades.

RAMALHO, José

- (1979) Mundo do Crime. Rio de Janeiro, Graal.

RAVEN, Simon

- (1965) "El Prostituto en Londres", in Ruitenbeek (org.): La Homosexualidad en la Sociedad Moderna. Buenos Aires, Siglo XX.

RECHY, John

- (1964) As Cidades da Noite. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira (trad. S. T. de Castro).

- (1980) "Winston Leyland entrevista a John Rechy", in Leyland (org.): Sexualidade e Criação Literária. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

RELGIS, Eugène

- (1964) Historia Sexual de la Humanidad. Buenos Aires, Cenith.

REY, Michel

- (1982) "Le Mariage du Serrurier: Les rites d'initiation des sodomites au 18^e", in Gay Pied n^o 37, Paris.

RIESS, Albert J. Jr.

- (1965) "La Integración Social de los Felatores y sus Pasivos", in Ruitenbeek (org.): La Homosexualidad en la Sociedad Moderna, Buenos Aires, S. XX.

ROLNİK, Raquel

- (1981) Cada um no seu lugar! São Paulo, inícios da industrialização: Geografia do Poder. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, FAU-USP, São Paulo.

SARBUY, Severo

- (1974) "El Barroco y el Neobarroco", in América Latina en su Literatura, México, S. XXI.

(1974) Cobra. Buenos Aires, Sudamericana.

- (1982) "Baños", in Linden Lane Magazine. vol. I, n^o 3, Princeton. (USA).

SANT'ANNA, Maria Josefina

- (1984) "A Avenida Paulista no contexto da expansão do centro urbano de São Paulo". Comunicação no Grupo de Trabalho de Estudos Urbanos. ANPOCS. Águas de São Pedro (xerox).

SARTRE, Jean-Paul

- (1967) San Genet, Comediante y Mártir. Buenos Aires (trad. L. Echévarri).

SCHEER, Leo

- (1979) "Les Modeles de Trafic", in Bruston & Maffesoli (org.): Violence et Transgression. Paris, Anthropos.

SCHÉRER, René

(1978) Une Érotique Puérile. Paris, Galilée.

(1979) "A propos de la pedophilie", in Fous d'Infance. Recherches n° 37, Fontenay-sous-Bois.

SCHÉRER, René e HOCQUENGHEM, Guy

(1977) "Sur la Prostitution des Jeunes Garçons", in Recherches n° 26, Fontenay-sous-Bois.

(1979) Album Sistemático de la Infancia. Barcelona, Anagrama (trad. A. Cardin).

SCHMIDT-RELENBERG/KARNER/PIEPER

(1975) Strichjungen - Gespräche, zur Soziologie jugendlicher homosexuellen - Prostitution. Lucterhand, Darmstadt und Neuwied.

SERRES, Michel

(1981) "Discurso y Recorrido", in Lévi-Strauss: La Identidad. Seminario. Barcelona, Petrel (trad. B. Diorrots).

SILVA, Aguinaldo

(1978) "Anormal Assassinado em Copacabana". Lampião, ano 1, n° 6, Rio de Janeiro.

(1980) "Eles atendem pelo telefone". Lampião, ano 3, n° 30, Rio de Janeiro.

(1981) "Libélulas, Mariposas, Vampiros, Damas da Noite". Lampião, ano 3, n° 32, Rio de Janeiro.

SILVA, Armando Correa de

(1983) A metrópole ampliada e o bairro metropolitano. O Caso de São Paulo: o bairro da Consolação. Tese de Livre Docência. Departamento de Geografia, USP. São Paulo.

SOARES, John Victor

- (1979) "Black and Gay", in Levine (org.): Gay Men: The Sociology of Male Homosexuality. New York, Harpers & Row.

SOARES, Luiz Eduardo

- (1984) "Subjetividade Indeterminada, Ceticismo da Razão Sociológica e o Colapso da Identidade Social". Comunicação na 14ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Brasília (mimeo).

SOUZA, Pedro

- (1984) "Variantes Lingüísticas e Modo de Enunciação no Discurso de um Marginal Urbano". Trabalho de Curso. PUC, São Paulo (mimeo).

STEBLER, K. e WATIER, P.

- (1978) "De l'errance spatial a l'errance social". Espaces et Sociétés n° 24/27. Paris.

STOFFELS, Marie-Ghislaine

- (1977) Os Mendigos na Cidade de São Paulo. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

TAYLOR, Ian, WALTON, Paul e YOUNG, Jock

- (1975) La Nueva Criminología. Contribución a una Teoría de la Conducta Desviada. Buenos Aires, Amorrortu (trad. A. Crosa).

TOLEDO, José Luiz de

- (1980) "Cacando cirã no meio da cabunga". Lampião, ano 3, n° 26, Rio de Janeiro.

TREVISAN, João Silvério

- (1980 - julho) "A guerra santa do Dr. Richetti". Lampião, ano 3, n° 26, Rio de Janeiro.

- (1980 - nov.) "Uma casa que não era de Irene". Lampião, ano 3, n° 30, Rio de Janeiro.

TREVISAN, João Silvério

(1986) Devassos no Paraíso. São Paulo, Max Limonade.

TRIPP, C. A.

(1978) La Cuestión Homosexual. Madrid, EDAF (trad. R. Cassaletto).

TURNER, Victor

(1974) O Processo Ritual. Petrópolis, Vozes.

VAN GENNEP, Arnold

(1978) Os ritos de passagem. Petrópolis, Vozes (trad. M. Ferreira).

VEJA

28/07/80 "A moda dos prostitutas".

VELHO, Gilberto

(1975) A Utopia Urbana. Rio de Janeiro, Zahar.

(1981) Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar.

VELHO, Gilberto & MACHADO, Luiz Antonio

(1977) "A organização social do meio urbano". Anuário Antropológico - 1976. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

VEYNE, Paul

(1982) Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história. Brasília, Cadernos da UNB (trad. Balter/Kneipp).

(1983a) "A homossexualidade em Roma", in Sexualidades Ocidentais. Lisboa, Contexto.

(1983b) O Inventário das Diferenças. São Paulo, Brasiliense.

VIEIRA ARRUDA, Rinaldo

(1983) Pequenos Bandidos. São Paulo, Global.

VIOTTI, Manuel

(1957) Novo dicionário da gíria brasileira. Rio de Janeiro, Tupã.

VIRILIO, Paul

(1976) L'insecurité du territoire. Paris, Stock.

WEEKS, Jeffrey

(1981) "Inverts, Perverts and Mary-annes. Male Prostitute and the regulation of homosexuality in England in the nineteenth and the early twentieth centuries", in Jornal of Homosexuality. vol. 6 (1/2), São Francisco, The Haworth Press.

(1985) "Os problemas dos homossexuais mais velhos", in Hurl & Richardson (org.): Teoria e Prática da Homossexualidade. Rio de Janeiro, Zahar.

WEINBERG, George

(1973) El Homosexual y su Liberación. Buenos Aires, Granica (trad. M. Mastrogiácomo).

WELLMAN, Barry & LEIGHTON, Barry

(1981) "Reséau, quartier et communauté". Espaces et Societé nº 38/39. Paris.

WHYTE, W. T.

(1965) Street Corner Society. Chicago Press, Chicago.

WIRTH, Louis

(1975) "O Urbanismo como modo de vida", in Velho O. G. (org.): O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar.

(1969) "The Ghetto", in On Cities and Social Life. Selected Papers. Chicago Press, Chicago.

YOUNG, Allen

(1975) "Gay Gringo in Brazil", in Richmond & Noguera (org.): The Gay Liberation Book. São Francisco, Rampart Press.

SALUAR, Alba

(1985) A Máquina e a Revolta. São Paulo, Brasiliense.